



FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

PAULO EMÍLIO MATOS MARTINS

A REINVENÇÃO DO SERTÃO:

Organização social e poder na comunidade do Belo Monte

(Canudos, 1893 - 1897)

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação da
FGV/EAESP.

Área de Concentração: Organização, Recursos
Humanos e Planejamento como requisito para
obtenção de título de doutor em Administração.

Orientador: Paulo Roberto de Mendonça Motta

SÃO PAULO
1999



Fundação Getúlio Vargas
Escola de Administração
de Empresas de São Paulo
Biblioteca



1412/99



1199901412

Conferir

Escola de Administração de Empresas de São Paulo	
Data	Nº de Chamada
16.06	381.074.11
Tombo	M986r
1412/99	Tese e. 1

0026-96860

A REINVENÇÃO DO SERTÃO:
Organização social e poder na comunidade do Belo Monte
(Canudos, 1893 - 1897)

Banca examinadora

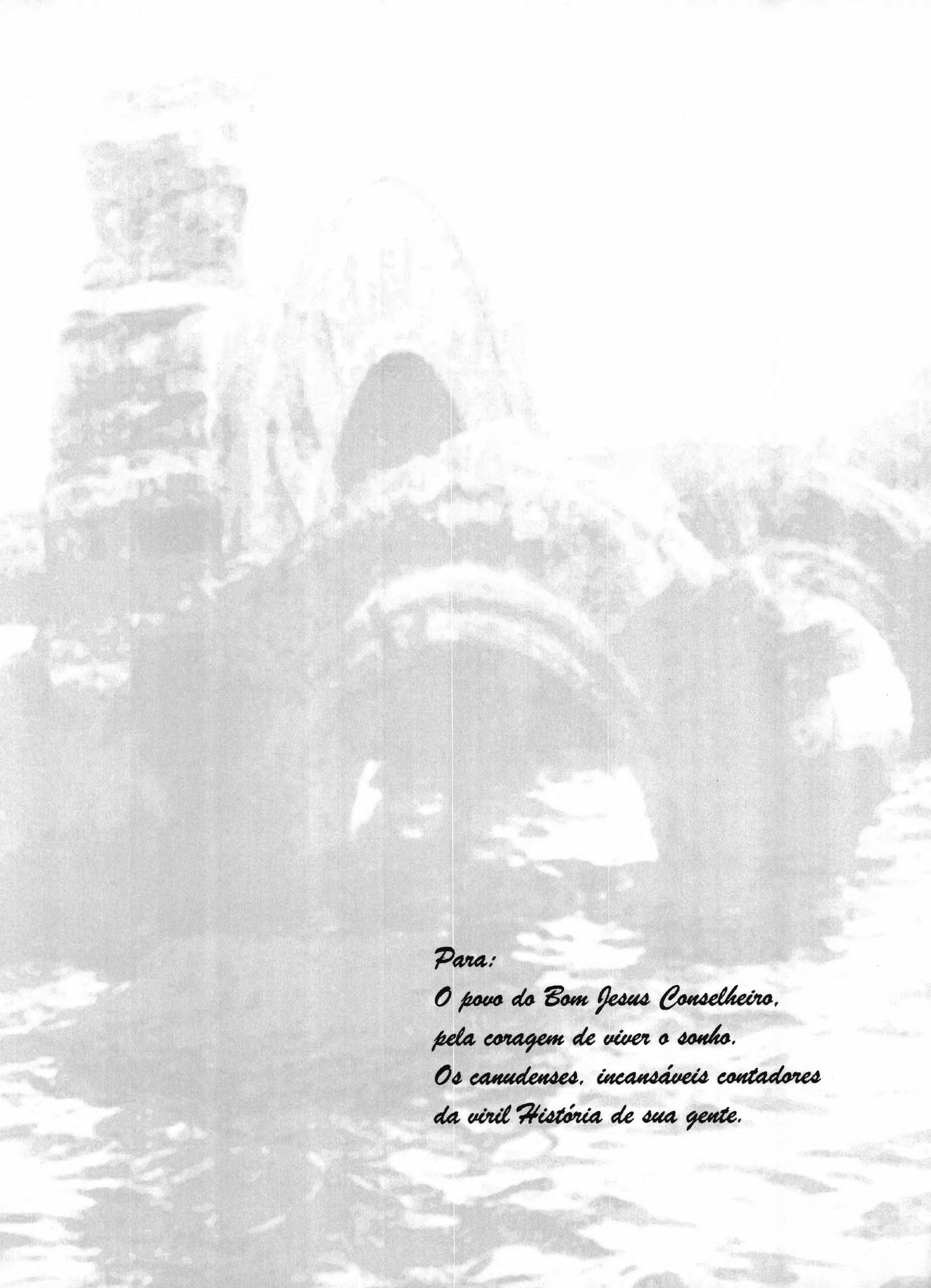
.....
Prof. Orientador: Paulo Roberto de Mendonça Motta

.....
Prof. Co-orientador: Carlos Osmar Bertero

.....
Prof. Alexandre Heinrich Otten

.....
Prof. Izidoro Blikstein

.....
Prof. José Carlos Barbieri



Para:

*O povo do Bom Jesus Conselheiro,
pela coragem de viver o sonho.*

*Os canudenses, incansáveis contadores
da viril História de sua gente.*

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

PAULO EMÍLIO MATOS MARTINS

A REINVENÇÃO DO SERTÃO:

Organização social e poder na comunidade do Belo Monte

(Canudos, 1893 - 1897)

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação da
FGV/EAESP.

Área de Concentração: Organização, Recursos
Humanos e Planejamento como requisito para
obtenção de título de doutor em Administração.

Orientador: Paulo Roberto de Mendonça Motta

SÃO PAULO
1999

MARTINS, Paulo Emílio Matos. A reinvenção do sertão: organização social e poder na comunidade do Belo Monte (Canudos, 1893 - 1897). São Paulo: EAESP/FGV, 1999. xii+267 p. (tese de doutoramento apresentada ao Curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV, Área de Concentração: Organização, Recursos Humanos e Planejamento).

Resumo: De junho de 1893 a outubro de 1897 a comunidade do Belo Monte (Canudos, BA, Brasil), sob a liderança de Antônio Conselheiro, experimentou um crescimento demográfico da ordem de 10 335 %, na mais árida região da caatinga baiana e resistiu, durante 10 meses, a um desproporcional esforço de guerra, imposto por quase metade (49,8 %) do efetivo do Exército brasileiro de então, apoiada por diversos batalhões das forças públicas dos Estados do Amazonas, Bahia, Pará e São Paulo, sob o comando de cinco oficiais gerais, a elite da oficialidade da força terrestre nacional e, ao final do conflito, do próprio ministro da guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt.

A partir do reconhecimento desse episódio como um fenômeno administrativo muito expressivo, ainda que de trágico destino, esta tese estuda os modelos de organização e de poder/autoridade que tornaram possível esse crescimento, o abastecimento e a defesa de Canudos em situação tão crítica.

Na perspectiva de uma leitura institucional do imaginário social sobre o acontecimento, este estudo propõe o modelo de análise denominado *Tetraedro Semiológico da Organizações*, e confronta os depoimentos colhidos entre descendentes dos sobreviventes da guerra com os relatos dos *cronistas-testemunhas*, estudiosos e os registros iconográficos, musicográficos e literário sobre o episódio.

Palavras-chaves: Administração Brasileira - Análise Institucional-Organizacional - Semiologia - Brasil: Antônio Conselheiro, Canudos, Movimentos Sociais.

SUMÁRIO

	Página
<u>Parte I</u>	
<u>A construção do sonho</u>	1
1 – O advento do Bom Jesus Conselheiro	2
1.1 – O Jordão do Profeta	2
1.2 – Genealogia do Patriarca	3
1.3 – O futuro príncipe dos mal-aventurados e seu Nilo	4
1.4 – Início da vida pública e casamento	7
1.5 – Liquidação dos negócios, novos ofícios, dissolução do lar e início da peregrinação	7
1.6 – <i>Velho Chico</i> : o Mar Vermelho tabaréu	9
2 – O líder empreendedor e seu projeto de reinvenção do Sertão	11
2.1 – Prédicas – lei mosaica da caatinga: a obra literária do Beato do Sertão	12
2.2 – Prisão, deportação e retorno do líder	21
2.3 – A obra arquitetônica do Construtor-Peregrino	21
2.4 – Belo Monte – Canaã da catinga: a obra do administrador do projeto de reinvenção do sertão	28
2.5 – O adeus do Bom Jesus Conselheiro	28
3 – A guerra da <i>acabação</i> do mundo	34
3.1 – Prelúdio de uma tragédia	35
3.2 – Uauá: primeiro ato	37
3.3 – Serra do Cambaio e Lagoa de Sangue: segundo ato	38
3.4 – Alto do Maio, Canudos e Angico: <i>intermezzo</i> -quase final	39
3.5 – Cocorobó, Angico, Pitombas, Trabubu, Macambiras, Umburanas e Alto da Favela: a <i>acabação</i> do mundo	40
<u>Parte II</u>	
<u>Canudos: um tema de Administração?</u>	44
4 – O que é Administração?	45
4.1 – Administração: mecanismos, organismos vivos ou fenômeno social?	50
4.2 – Resgatando a natureza social da Administração	51
4.3 – Em busca de um modelo histórico para a Análise Organizacional	53
4.4 – O <i>Tetraedro Semiológico das Organizações</i>	59

4.5 – <i>Capturando o referente</i> no universo organizacional	63
4.6 – A Análise Organizacional com o <i>Tetraedro Semiológico</i>	65
5 – Belo Monte: um fenômeno administrativo?	69
5.1 – O tamanho do Belo Monte	72
5.2 – Eficácia, eficiência e efetividade do projeto de mudança do <i>porá-porá-eyma</i>	79
5.3 – A imagem de Canudos	85

Parte III

Sobre a investigação 89

6 - As fontes documentais e os <i>cronistas-testemunhas</i>	90
6.1 - Fontes Primárias	95
6.1.1 – Documentos	95
6.1.2 – O relato dos <i>cronistas-testemunhas</i>	99
6.1.2.1 – Repórteres	101
6.1.2.2 – Combatentes	114
6.1.2.3 – Serviço Sanitário (do Exército)	118
6.1.2.4 – Religiosos	120
7 - A pesquisa de campo e os depoimentos dos sobreviventes e de seus descendentes	121
7.1 – Etapas da investigação	122
7.1.1 – Primeira etapa	124
7.1.2 – Segunda etapa	125
7.1.3 – Terceira etapa	126
7.1.4 – Quarta etapa	129
7.1.5 – Quinta etapa	131
7.1.6 – Sexta etapa	134
7.2 – O relato do depoimento dos sobreviventes	137
7.2.1 – A crônica revisionista	139
7.3 – Os descendentes dos sobreviventes depoentes	145
8- Canudos: iconografia, literatura, musicografia e <i>cyberspace</i>	147
8.1 – A iconografia de Canudos	148
8.2 – Canudos e a literatura	150
8.3 – Canudos na música popular	155
8.4 – O Belo Monte no <i>cyberspace</i>	158
9 - Os estudiosos-depoentes	164

Parte IV

<u>A reinvenção do sertão</u>	172
10 - Belo Monte: organização social e poder local	173
10.1 – A ideologia conselheirista	174
10.2 – O trabalho na comunidade do Belo Monte	176
10.3 – A organização social do projeto de reinvenção do <i>porá-porá-eyma</i>	183
10.4 – A captura dos referentes <i>organização de governo, poder e autoridade do Belo Monte</i>	190
10.5 – Divisão do trabalho, diferenciação horizontal e complexidade tecnológica na organização do projeto de reinvenção do sertão	201
10.6 – Quase-conclusões	202
<i>Abstract</i>	208
Bibliografia	209
Anexos	253

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é quase uma obra coletiva, tantas foram as adesões e simpatias que despertou. Sou grato a todos que se deixaram encantar pela saga do povo do Belo Monte e seu inextinguível grito de esperança. Sou especialmente devedor às seguintes instituições e pessoas:

- Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas - EAESP / FGV, pelo crescimento pessoal e os amigos que ficaram;
- Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas - EBAP / FGV,
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ,
- Universidade Federal Fluminense – UFF e
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES / PICD, pela oportunidade desta experiência;
- Núcleo Sertão da Universidade Federal da Bahia, pelo precioso acervo documental-bibliográfico e pela simpatia de seus administradores;
- Movimento Cultural Antônio Conselheiro – MAC, sonho de jovens conterrâneos do Bom Jesus que eu tive o privilégio de ver nascer;
- Família Powell: pela acolhida fraterna na velha Bahia e pelos inesquecíveis dias junto ao mar de Lauro de Freitas;
- Prof. Dr. José Calasans Brandão da Silva, mestre de inolvidáveis aulas peripatéticas que me abriram os portões do Belo Monte;
- Oleone Coelho Fontes, companheiro de tão bom *sertanejar*;
- Prof. José Seráfico da Silva de Assis Carvalho, também passageiro da esperança, que fez a rememoração do centenário de Canudos no Amazonas;
- Felipe Manoel Teixeira Gomes, amigo-irmão de uma vida, tantas vezes meu refúgio na Paulicéia;

- Prof. Dr. Paulo Roberto de Mendonça Motta, pela compreensão que tem da arte de administrar, pelo encorajamento para enfrentar este desafio e pela segura e liberal orientação;
- Prof. Dr. Carlos Osmar Bertero, pela co-orientação e pelo estímulo a esta pesquisa;
- Prof. Dr. Alexandre Heinrich Otten, pelo lúcido trabalho sobre o tema;
- Izidoro Blikstein: mestre que me introduziu nos “corredores isotópicos” e me indicou “óculos” para melhor ver essa coisa incerta que chamamos “realidade”;
- Prof. Dr. José Carlos Barbieri, mestre e pensador, também inquieto com o Brasil;
- Profa. Marilena Vianna, pela paciente e criteriosa revisão;
- Joansbel, livreiro e amigo que comigo levantou muita poeira e a quem devo a localização de duas preciosidades, as 1as. edições de: *Os Sertões*, com corrigenda, de próprio punho, do autor e *A Guerra de Canudos*, de Macedo Soares, com os mapas do coronel Siqueira Menezes e fotos da época;
- Enide e Emílio que, muito mais do que me conceder a aventura da viagem, me incentivaram a “desvendar espumas”;
- Maria de Nazaré e Orlando Bitar, mestres que me encantaram com a magia de educar;
- Adriana, Alexandre, Denise, Edgard, Gustavo, Márcio e Ricardo, que me fazem crer no futuro e,
especialmente:
- Carmen, Patricia, Bruna e Carolina, pelo tanto que renunciaram, pelo inestimável apoio na referência deste trabalho e

por também me fazerem acreditar no sonho.

PARA SEMPRE, OBRIGADO !

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é o resultado de 10 anos de pesquisa, de uma grande curiosidade, de um sonho acadêmico e do desejo de contribuir para o estudo da Administração com base na casuística brasileira.

Esse longo tempo de investigação, nas suas diversas etapas, é descrito detalhadamente, na Parte III, onde são listadas as pessoas e instituições contatadas e as localidades e os documentos estudados; a curiosidade tem origens mais remotas e me transporta à infância em Belém do Pará quando mamãe, entusiasta do grande épico brasileiro, me incentivava a ler sobre uma guerra estranha entre irmãos que se reconheciam “antes de tudo fortes”, enquanto falava de um distante parente, o coronel Julião Augusto da Serra Martins, combatente nas terras adustas da caatinga. Mais tarde, já adolescente e leitor de *Os Sertões*, busquei ávido conhecer melhor o papel do distinto soldado de Canudos que havia lutado contra os jagunços (para mim, do lado errado), cujo retrato engalanado vovó Eliza conservava em sua sala de visitas. Conhecedor, através do magnífico texto euclidiano, das peripécias do coronel Serra Martins na tomada do Cocorobó e no resgate dos comboios de abastecimento da tropa, confesso que experimentei um certo alívio ao saber que, ferido, o velho soldado fora retirado do teatro de operações muitos dias antes da vergonhosa degola.

O sonho acadêmico é apenas aqui esboçado: estudar Administração a partir dos erros e acertos de nossas organizações e da experiência administrativa e criatividade de nossa gente. Quem sabe (?) um dia veremos nas gôndolas de nossas livrarias textos analisando as lutas, o sucesso e os erros do barão de Mauá, dos cabanos, de Roberto Simonsen, da organização dos povos missioneiros, de Assis Chateaubriand, do Quilombo dos Palmares e tantos outros movimentos e personagens, lado a lado com os muito conhecidos depoimentos dos Moritas, Iacocas, etc. e suas histórias nas Sony, Chrysler...

Essa esperança embalou o sonho que, vencendo tantas dificuldades, fez este modesto trabalho.

Na intenção de lançar a pedra fundamental para a construção da disciplina Administração Brasileira é que esta tese se justifica.

Abrem-se as portas do Belo Monte. Boa Viagem!

Rio de Janeiro, 8 de março de 1999

ILUSTRAÇÕES¹

	Página
I – Desenhos / Figuras	
1 - Antônio Vicente Mendes Maciel: O Conselheiro – Genealogia	5
2 – Os caminhos de Antônio Conselheiro	30
3 – O Belo Monte visto pelos olhos e instrumentos dos engenheiros:	
3.A – Planta do Arraial de Canudos - levantamento do cel Siqueira Menezes	31
3.B – Vista de Canudos - desenho de Euclides da Cunha	32
4 – A Administração em 3 D	55
5 – O espaço tetradimensional da Administração	58
6 – O <i>Tetraedro Semiológico da Administração</i>	62
7 – A captura do referente do universo das organizações através do <i>Tetraedro Semiológico da Administração</i>	64
8 – <i>Canudos: 100 anos (homepage)</i> :	
8.A – Visitação ao <i>site</i> (acumulada)	162
8.B – Visitação ao <i>site</i> (no período)	162
9 - <i>Canudos: 100 anos (homepage)</i> :	
9.A – Página de abertura	163
9.B – Roteiro do <i>site</i>	163
10 – As cinco partes fundamentais da organização de Mintzberg (1983)	184
11 – A reinvenção do sertão (projeto de Antônio Conselheiro): Evolução da estrutura de organização	186
12 – Estrutura de organização do Belo Monte: 1 - Poder e autoridade (hierarquização) – provável configuração	188
13 - Estrutura de organização do Belo Monte: 2 – Divisão do trabalho (departamentalização) – provável configuração	189

II – Fotografias:

Arcos Abatidos (ruínas da igreja de Santo Antônio da 2ª Canudos emergindo das águas represadas do Vaza-Barris, 1995) - logomarca da mostra fotográfica *Canudos: Perdão!* ii

1 – Manuscritos de Antônio Conselheiro (códice 1):	
1.A – Folha de rosto	14
1.B – Volume com encadernação original	14
2 – Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (Chorrochó, antigo Capim Grosso, BA, 1995)	23
3 – Capela do Bom Jesus (Crisópolis, antigo Arraial do Bom Jesus, BA, 1995):	
3.A – Vista noturna da fachada principal e Cruzeiro (Festa do Bom Jesus)	24

¹ Os desenhos, fotos e quadros cujos créditos não são mencionados devem ser atribuídos ao autor deste trabalho.

3.B – Altar-mor (talha do mestre Manoel Faustino)	24
4 – Travessão do Cruzeiro da Praça das Igrejas do Belo Monte (Canudos, BA, 1995)	25
5 – Marco da fundação do Belo Monte (1893), Canudos, BA, 1995	33
6 – Canhão <i>Witworth 32 (A Matadeira)</i> , Monte Santo (BA), 1994	43

III – Quadros:

A - Cronograma das obras de Antônio Conselheiro	27
B - Administração: representações nucleares das definições	47
C - Variáveis e estudos organizacionais escolhidos	52
D - Variáveis, dimensões e sinergias do espaço organizacional	56
E - Classificação das variáveis escolhidas	72
F - Canudos em três jornais europeus	86
G - <i>Cronistas-testemunhas</i> – repórteres	101
H - <i>Cronistas-testemunhas</i> – combatentes	114
I - <i>Cronistas-testemunhas</i> – Serviço Sanitário do Exército	118
J - <i>Cronistas-testemunhas</i> – religiosos	120
K - A crônica revisionista	139
L - Visitação à <i>homepage Canudos 100 anos</i>	160

IV – Documentos Anexos:

- i - *Fac-símile* do batistério de Antônio Vicente Mendes Maciel
- ii - *As prisioneiras* (foto de Flávio de Barros, Belo Monte, outubro de 1897)
- iii - *Passaporte do Comité Patriótico da Bahia* (arquivo da família Santos, Canudos, BA):
 - iii.1 - Capa
 - iii.2 - Contracapa com foto de Lellis Piedade (Secretário do *Comitê*)
 - iii.3 - Texto
- iv - Habitação de Canudos (foto de Flávio de Barros, Canudos, outubro de 1897)
- v - Antônio Conselheiro (imagens de):
 - v.1 - Desenho publicado pela imprensa gaúcha (considerado pelos estudiosos como o mais fiel retrato do Bom Jesus Conselheiro). In: *Gazetinha*, Porto Alegre, 10 de outubro de 1897
 - v.2 - Retrato, com autógrafo, de Antônio Maciel (ambos, provavelmente, apócrifos) publicado por um periódico não identificado (documento I – 6 – 1 N° 74, 34 – 61, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos). Este desenho do líder sertanejo, possivelmente, teria sido inspirador da famosa e bem humorada crônica de Machado de Assis divulgada na sua coluna dominical, em 14 de fevereiro de 1897, na *Gazeta de Notícias*, onde o notável escritor inicia ironizando: “*Conheci ontem o que é celebridade...*” [referindo-se à divulgação de um suposto retrato de A. Conselheiro pela imprensa carioca].

v.3 - Fotografia do cadáver exumado e reconhecido oficialmente como sendo de Antônio Conselheiro, feita pelo fotógrafo expedicionário Flávio de Barros após a destruição completa do arraial, Canudos, 6 de outubro de 1897.

PARTE I

A CONSTRUÇÃO DO SONHO

*"O homem se humilha
se castram seu sonho
seu sonho é sua vida
e vida é trabalho
e sem o seu trabalho
um homem não tem honra
e sem a sua honra
se morre
se mata.
Não dá pra ser feliz!
Não dá pra ser feliz!"*

Gonzaguinha

1 - O ADVENTO DO BOM JESUS CONSELHEIRO

Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio dos Mares, Santo Antônio Aparecido, Santo Conselheiro, Bom Jesus Conselheiro, Senhor do Bonfim, Bom Jesus e, principalmente, Antônio Conselheiro¹, líder religioso dos sertões do Nordeste brasileiro do último quartel do século XIX, comerciante fracassado, mestre-escola sem diploma, “advogado dos pobres”² não bacharelado, arquiteto e construtor sem formação, beato malvisto pela Igreja, pregador sem púlpito, moralista cristão apaixonado, peregrino errante, administrador autodidata organizador e implementador de um projeto de comunidade autônoma na mais estéril região do semi-árido baiano, chefe de um povo que escolheu a morte à submissão a uma ordem social injusta, nasceu em 13 de março de 1830 nas terras da antiga Fazenda Santo Antônio do Boqueirão, que pertenceram ao capitão-mor Antônio Dias Ferreira, localizadas às margens do rio Ibu³, na Vila do Campo Maior de Quixeramobim, então Província do Ceará.

1.1 - O JORDÃO DO PROFETA

Ainda que muitos biógrafos, erroneamente, sugeriram o ano de 1828 como sendo o natalício de Antônio Maciel⁴ e outros, 1832, 1835 ou 1837⁵, a recente revelação da certidão

¹ Ver: CALASANS (1997D: 103).

² BENICIO (1899: 38).

³ Denominação tapuia original, hoje: Rio Banabuiú

⁴ Entre eles: BENICIO (op. cit.: 35); MONTENEGRO (1954: 10); DANTAS (1966: 9); MONIZ (1987: 15) etc.

⁵ MACEDO SOARES (1903: 415); NUNES, Favilla. *A Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1897, ap.: WOLSEY (1899: 50) e MILTON (1897: 8), respectivamente.

de seu batismo, realizado na Matriz de Santo Antônio de Quixeramobim no dia 22 de maio de 1830⁶ fixa, em definitivo, aquele ano como sendo o de nascimento do futuro Bom Jesus Conselheiro.

1.2– GENEALOGIA DO PATRIARCA

Assim como a data de nascimento, a genealogia do futuro beato (de seus pais para trás) é também registrada diferentemente por seus biógrafos. Manoel Benício, informado por João Brígido - companheiro de infância de Antônio Vicente em Quixeramobim -, conforme declara na *Prenoção* de sua já citada obra *O Rei dos Jagunços*⁷, afirma que Vicente Mendes Maciel, pai de Antônio Vicente Mendes Maciel, era filho bastardo do patriarca Miguel Carlos Maciel, assassinado pelos Araújo e Veras numa emboscada, juntamente com seu irmão Antônio Maciel, tio-avô de quem o futuro Conselheiro herdaria o prenome. Dessa mesma emboscada sobreviveria Miguel Carlos Filho que, mais tarde, também seria morto, assim como, ainda, uma de suas irmãs, pelos mesmos Araújo e Veras em uma luta de famílias que sangrou os sertões cearenses na primeira metade do século XIX. Em sua obra *Antônio Conselheiro*, Abelardo Montenegro⁸, amigo e colega de Pedro Wilson Mendes, este último, neto do fundador do império do Belo Monte, informante daquele autor e à memória do qual Montenegro dedica sua obra, basicamente confirma a genealogia apresentada por Manoel Benício. Já para Fernando Câmara⁹, quixeramobiense que se diz parente distante de Antônio Conselheiro, Vicente Maciel seria meio-irmão de Antônio Maciel, ambos filhos do patriarca Miguel Carlos, decorrendo daí ser Antônio Vicente sobrinho, e não sobrinho-neto como quer Benício, de seu patronímico. Para completar essa confusão, Manoel Marcílio Maciel, parente de Antônio Conselheiro, nascido e residente em Quixeramobim, declarou a este pesquisador que Antônio Conselheiro era neto de Antônio Carlos Maciel - pai de

⁶ Feita por PORDEUS, Ismael. *O Nordeste*, Fortaleza, 6 de julho de 1949. Ap.: CALASANS (1997D: 25). Ver *fac-símile* do documento *Anexo i*.

⁷ BENICIO (op. cit.: 17-21).

⁸ MONTENEGRO (op. cit.: 9-11).

⁹ CÂMARA (1993: 30-1).

Vicente e tio de Miguel Carlos. Conseqüentemente, este último seria primo em segundo grau do nosso Conselheiro e não avô, como querem Benício, Montenegro e Câmara.

Essas informações contraditórias sobre o beato-peregrino demonstram o quanto precisamos ainda aprofundar nossas investigações apesar da considerável quantidade de estudos sobre o tema. No Capítulo 8 desta tese voltamos a essa questão ao discorrer sobre as fontes desta pesquisa.

Quanto aos pais do futuro chefe do povo do Vaza-Barris, parece não haver qualquer discordância: Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu da união de Vicente Mendes Maciel, comerciante de Quixeramobim, com Maria Joaquina de Jesus (ou do Nascimento), também conhecida como Maria Chana, mais tarde (1834) Maria Maciel, por efeito do casamento com Vicente, em 31 de agosto de 1834 (*in articulo mortis*).

Na árvore genealógica (Figura 1) a seguir, é apresentada a versão que julgamos mais provável da genealogia da família Maciel com as dúvidas sobre a descendência de Antônio Conselheiro e a possível vinculação sangüínea do líder sertanejo com o lendário Diogo Álvares Correia – o Caramuru¹⁰.

1.3– O FUTURO PRÍNCIPE DOS MAL-AVENTURADOS E SEU NILO

Órfão de mãe aos quatro anos de idade, Antônio passaria os anos vernais de sua existência na terra natal, criado pela madrastra Francisca Maria Conceição, com quem seu pai se casara em segundas núpcias em 20 de fevereiro de 1836 e que lhe dera as filhas Dorotéia e Rufina - meio-irmãs de Antônio Vicente, Maria e Francisca, filhos da primeira união de Vicente Maciel.

¹⁰ Ver: MACEDO (1969: 73).

ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL

O CONSELHEIRO - GENEALOGIA

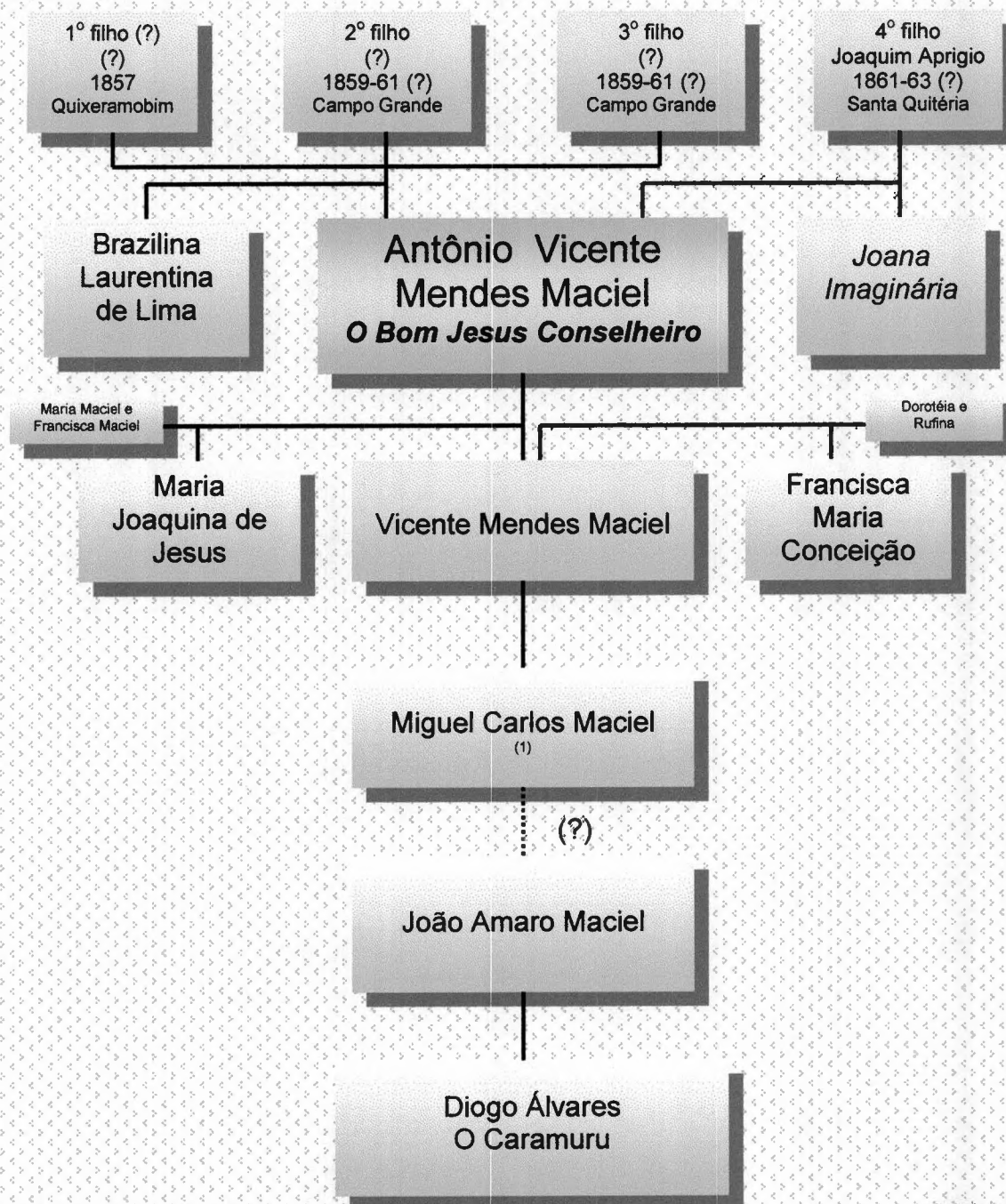


FIGURA 1

Paulo Egídio
7 jan. 99.

(1) Ou Antônio Carlos Maciel, irmão de Miguel Carlos? Ver p. 3 e 4.

De acordo com João Brígido dos Santos, o já referido companheiro de infância de Antônio Vicente em Quixeramobim:

Ao tempo em que conheci esse menino, o pai, já alguns anos, havia casado segunda vez e todos o tinham como uma vítima da madrasta, mulher de gênio mau, que não lhe poupava maus tratos.¹¹

Foi, assim, como enteado, que o pequeno Antônio conheceu a primeira dor, o infortúnio e a malquerência.

Em sua cidade natal Antônio Vicente frequentou as aulas de português, latim e francês do professor Manoel Antônio Ferreira Nobre, conforme desejo do pai analfabeto, que aspirava encaminhá-lo à carreira sacerdotal. Malgrado Conselheiro não tenha formalmente realizado esse desejo, escolheu fazer do seu destino a realização do sonho paterno.

É ainda João Brígido que nos conta:

Entre mim e Antônio conselheiro se deu um incidente em que íamos perecendo afogados. Certa tardinha, fugimos de casa e fomos tomar banho num furo, que a enchente do rio tinha cavado numa de suas margens. Estávamos a mergulhar, quando um rapagão peralta, de nome Cândido Sabóia, achou que era bom divertimento lançar sobre nós uma tarrafa, no momento em que nos viu mais conjuntados. Com o peso das chumbadas, ambos nos afundamos e, por um meu esforço supremo, pude voltar á tona d'água, mas já tendo ao pescoço Antônio Vicente, como ele então era conhecido. Quase afogado com ele agarrado ao meu pescoço, segunda vez fui ao fundo, reerguendo-me novamente, porque o malvado, assustando-se, levantara a sua tarrafa e correrá.¹²

O mesmo episódio acima é relatado pelos familiares e descendentes dos seguidores de Antônio Conselheiro em versão diferente, na qual o menino triste de Quixeramobim assume o papel de salvador dos quase afogados do Rio Ibu. Qualquer que seja, entretanto, a verdade, o fato é que o futuro patriarca do povo sagrado da caatinga¹³, salvo das águas do Rio Ibu, conheceu o Nilo de sua sinistra história.

¹¹ BRÍGIDO, 1917. In: CARVALHO (1969: 265).

¹² Ibidem.

¹³ Caatinga, do tupi: caá = mato + tinga = branco. Ap.: GREGÓRIO (1980: 229 e 275).

1.4 – INÍCIO DA VIDA PÚBLICA E CASAMENTO

Em 5 de abril de 1855, morre Vicente Maciel, assumindo Antônio Vicente a administração dos negócios paternos, seu passivo e a chefia da família. No ano seguinte (19 de março de 1856), falece a madrastra louca e, aos vinte e sete anos de idade, o jovem chefe da casa Maciel casa-se com sua prima Brazilina Laurentina de Lima “*que então contava com o frescor e desalinho dos 15 anos, criatura cheia de encantos e arrebatadora sedução. Verdadeiro mensageiro do cupido [...]*”¹⁴, às 20 horas do dia 7 de janeiro de 1857 no mesmo templo onde o futuro beato-peregrino havia recebido o primeiro sacramento da Igreja de Cristo.

Decorrido pouco mais de um ano do início da vida pública de Antônio Vicente como sucessor do pai no comércio local, em 3 de junho de 1856, o tabelião Francisco Antônio de Castro e Silva lavra a escritura de hipoteca da casa da rua Santo Antônio (herança de Vicente Maciel para a família) como garantia da dívida de dois contos de réis contraída pelo comerciante morto na compra de gêneros para seu armazém.

1.5 – LIQUIDAÇÃO DOS NEGÓCIOS, NOVOS OFÍCIOS, DISSOLUÇÃO DO LAR E INÍCIO DA PEREGRINAÇÃO

Montenegro conta que:

A 3 de setembro de 1857, Antônio e Brazilina vendiam ao coronel Antônio Rodrigues da Silva a casa de comércio e morada da família, sita à rua Santo Antônio¹⁵, com cinco portas de frente e com armação de loja e balcão, herança do pai e sogro, pela quantia de 2.223\$000.¹⁶

Com a alienação da casa de moradia e do negócio familiar, o futuro Conselheiro inicia uma fase nômade pelo sertão cearense atuando em diversos ofícios e localidades.

¹⁴ BENÍCIO (op. cit.: 36).

¹⁵ Hoje: Rua Cônego Aureliano Mota, nº 210 (nota deste pesquisador).

¹⁶ MONTENEGRO (op. cit.: 12).

Em 1858, exerce a profissão de mestre-escola na Fazenda Tigre, distante cerca de 8 léguas de Quixeramobim. De passagem por Tamboril, no ano seguinte, pede carta de recomendação ao tenente-coronel Joaquim José de Castro e trabalha como caixeiro dos negócios do major Domingos Carlos Sabóia em Campo Grande. Encerrados os negócios daquele comerciante, torna-se advogado provisionado no fórum local, redigindo petições em nome dos reclamantes junto á Justiça e atuando, no dizer de Manoel Benício, como “advogado dos pobres”. Demora-se naquele município, provavelmente, até o ano de 1861. Durante o período em que vivera em Campo Grande com Brazilina nascem-lhe dois filhos sobre os quais não se tem qualquer informação.¹⁷ No quinquênio seguinte (1861-1865), Antônio Vicente vive no triângulo, ao norte do Ceará, formado pelos municípios de Ipu, Santa Quitéria e Tamboril, onde volta a atuar como solicitador e requerente, desta feita no fórum de Ipu, e professor na Fazenda Santo Amaro, pertencente ao major José Gonçalves Veras, descendente da família que havia assassinado seus ancestrais. O autor de *O Rei dos Jagunços* assinala que, na sua passagem por Ipu, “começou a rabiscar no foro, deixando aí escritos registrados que o promotor de Tamboril e outros apreciaram”.¹⁸ Ainda em Ipu, Brazilina se torna amante de um policial ocorrendo a dissolução do lar dos Maciel. Na sua passagem por Santa Quitéria, onde teria residido durante dois anos, o futuro peregrino se torna amante de Joana Imaginária, santeira mística que lhe daria mais um filho: João Aprigio, possivelmente o quarto e último que o profeta geraria. Abandonando a amante, que não teria querido acompanhá-lo nas suas peregrinações, o nascente beato rumo em direção ao sul da Província e desaparece de seu torrão natal por volta do ano de 1873.

¹⁷ É muito curioso o mistério que cerca a descendência de Antônio Conselheiro e que só pode ser explicado pelo horror que a propaganda contra Canudos e seu demiurgo difundiu por todo o Brasil nos períodos pré (para explicar a intervenção militar) e pós-guerra (na tentativa de justificar os crimes perpetrados). Além de não se conhecer, sequer, o sexo dessa prole, certamente batizada e, portanto, registrada nos livros paroquiais locais, é até mesmo duvidosa a quantidade de filhos que Conselheiro teria tido com Brazilina, sua esposa. Manoel Benício, na página 37 de seu memorável *O Rei dos Jagunços*, diz, ao referir-se ao período em que Antônio Vicente, ainda residente em Quixeramobim, encerra o negócio da família: “liquidando com a própria massa, e ficando reduzido à dura pobreza, sem poder mover-se com facilidade, pois que já casado, era igualmente pai!” (op. cit.: 36-7, sublinha deste comentarista). O episódio referido (liquidação da casa comercial paterna) ocorreu em 3 de setembro de 1857 [conforme escritura de compra e venda do imóvel (ver: 1.5)]. Assim sendo, os filhos que Antônio e Brazilina teriam em Campo Grande, entre 1859 e 1861 seriam os segundo e terceiro do casal e não o primeiro e segundo como é comumente referido. [Ver: MACEDO (op. cit.: 121), por exemplo].

¹⁸ BENICIO (op. cit.: 38).

A cronologia dessa fase da vida de Antônio Maciel no Ceará e o registro de seu movimento errático pelos sertões fugindo do drama que desabara sobre sua família, lutando pela sobrevivência e dando os passos iniciais para seu ingresso na História como o chefe do movimento popular brasileiro de maior repercussão, embora quase sempre referenciados nas obras de Manuel Ximenes e João Brígido dos Santos - contemporâneos do futuro Conselheiro –, apresentam muitas lacunas e contradições. A Figura 2 (Capítulo 2) é uma tentativa de reconstituição dessa trajetória desde os sertões cearenses até a fundação do Belo Monte no coração do semi-árido baiano.

1.6 – *VELHO CHICO*: O MAR VERMELHO TABARÉU

Corria o ano de 1871: Antônio Maciel, com dificuldades financeiras, era citado como réu no fórum de Quixeramobim para pagamento da insignificante dívida de 168\$268 em uma ação decendiária e conseqüente embargo e penhora de bens, em querela intentada pelo credor José Nogueira de Amorim Garcia. Lavrou a sentença de penhora e embargo de bens do réu, em 29 de julho de 1871, o Juiz Municipal dos Termos Reunidos de Quixeramobim e Jaguaribe Mirim, dr. Antônio Pinto de Mendonça. Foi depositário particular nesse ato o tenente Antônio Augusto de Oliveira Castro¹⁹, sendo penhorados os seguintes bens: “*Duas éguas novas, dois potros de muda, um potrinho e uma potrinha, um novilhote e um bezerro, um relógio de prata desconcertado, uma corrente de ouro para o mesmo, [...], avaliados em 270\$000*”²⁰. Encerrava-se, assim, a década e meia em que Antônio Vicente tentara diferentes ofícios e negócios, gerara quatro (?) filhos em duas tentativas de união e conhecera o calor da paixão, a dor da traição, o sofrimento de seu povo sobrevivente das secas cíclicas, crianças sem escola e seus “clientes” demandadores de Justiça nos fóruns de Campo Grande e Ipu. Justiça viciada pela ordem autoritária dos coronéis do sertão.

O insucesso nos negócios, a incapacidade de honrar os compromissos legados pelo comércio paterno, a dissolução e abandono do lar, por certo, fizeram clamar forte em seus

¹⁹ Mais dois homônimos do futuro beato-peregrino, no vasto elenco de personagens de nome Antônio em sua funesta vida. Sobre essa curiosa revelação (cerca de cinquenta Antônio desempenharam destacados papéis na vida do chefe do povo do Vaza-Barris), ver: MARTINS (1995 e 1996A/E).

ouvidos as velhas aulas de catecismo da já distante infância em Quixeramobim. A figura do dr. Ibiapina - juiz de direito de sua cidade natal - que pelejava contra a corrupção na tentativa de promover a justiça em sua jurisdição e, posteriormente, do padre Ibiapina - construtor das *casas de caridade*, que levava às “vidas secas” dos mal-aventurados a presença fraterna, a promessa de uma outra vida, a esperança para continuar, um sentido para suas pobres existências.

Estava concluída a fase preparatória do beato. As penitências, os jejuns prolongados, a abstinência dos prazeres carnavais haviam caldeado o santo. As veredas do sertão se abriam como corredores de luz. O caminho era plano. O destino seria perseguido nos passos determinados do peregrino de cajado na mão e olhar distante.

O discurso eloqüente, o calor de suas denúncias, o afago de seus conselhos, a coerência de suas palavras e atitudes forjaram o poderoso chefe de frágil figura. A transformação se consumara. Na encarnação do santo do povo nascera o condutor e o líder que iria intentar o projeto de reinventar o sertão.

Com a liquidação do patrimônio e das dívidas herdados do pai, a ruptura do laço conjugal e o abandono da amante, Antônio Maciel parte para uma vida nômade que se estenderia por quase um quarto de século pelos sertões nordestinos, atravessando a região ocidental da então Província de Pernambuco, provavelmente, passando por Alagoas. Já se fazendo acompanhar de um pequeno número de seguidores, Santo Antônio dos Mares, como era então conhecido, adentra os territórios sergipano e baiano na travessia do Rio São Francisco, o mesmo Tio Chico dador de vida do estéril solo sertanejo, assim transformado no Mar Vermelho do povo tabaréu errante.

²⁰ MACEDO (1964: 114).

2 – O LÍDER EMPREENDEDOR E SEU PROJETO DE REINVENÇÃO DO SERTÃO

“Vou aonde me chamam os mal-aventurados.”¹

Antônio Conselheiro

Seria correto afirmar que Antônio Conselheiro desenvolveu e implementou um projeto comunitário alternativo para o sertão? Ou, parece mais razoável admitir, como sugere a tese de Nina Rodrigues amplamente difundida pelo gênio literário de Euclides da Cunha que, simplesmente, o chefe do povo do Belo Monte era um demente e que Canudos foi “*a civitas sinistra do erro, a urbs monstruosa de barro que se fazia a esmo, adoudadamente, como se tudo aquilo fosse construído, febrilmente, numa noite, por uma multidão de loucos...*”²?

A segunda hipótese foi brilhantemente analisada na dissertação de mestrado do professor Flávio José Simões Costa intitulada *Antônio Conselheiro, Louco?*³ Assim, não nos ocuparemos neste trabalho de discutir essa questão, até porque não somos competentes para tanto. Aceitamos a tese de Costa negando o diagnóstico rodrigueliano de que Antônio Vicente Mendes Maciel teria sido mais um caso de vesânia (delírio crônico de Magman, psicose sistemática progressiva de Garnier e paranóia primária)⁴:

Antônio Conselheiro não foi um anormal psíquico (aspecto psicológico) se analisada a estrutura de sua personalidade, relacionada com a realidade onde viveu, sofreu e se fez mártir. Seu comportamento, sua manifestação psíquica, sua personalidade ao fim da vida, integralmente compatível com o papel de místico, não são evidências de loucura mas, ao contrário, representam a expressão de

¹ Resposta dada pelo peregrino ao seu colega de infância João Brígido, em Fortaleza, 1887. Ap.: MACEDO (op. cit.: 60).

² CUNHA (1ª ed.: 1902; 1982: 123).

³ COSTA (1998).

⁴ RODRIGUES (publicado originalmente em 1 de novembro de 1897 na *Revista Brasileira*, Anno III, tomo XII, fasc. 69. 1939: 53).

*uma readaptação do esquema vivencial, surpreendentemente bem sucedida.*⁵

Na *Parte II* desta tese, *Canudos: um Tema de Administração?*, discutiremos a primeira questão: o Belo Monte como um projeto de comunidade sertaneja e seu propósito de reinventar o sertão rompendo com a ordem latifundiário-coronelistas. Por ora, sigamos percorrendo a trajetória do peregrino da caatinga e sua obra como pregador, construtor e chefe do povo.

2.1 – PRÉDICAS - LEI MOSAICA DA CAATINGA: A OBRA LITERÁRIA DO BEATO DO SERTÃO

Mesmo hoje, no limiar de uma nova era da História, quando a civilização industrial parece se exaurir, uma viagem aos sertões do Nordeste brasileiro é, em alguns aspectos, um retrocesso no tempo rumo ao medievo. De fato, apesar das antenas parabólicas, da telefonia celular e de toda a parafernália *tele-info-computrônica*⁶, sobrevive forte como dimensão central do mundo sertanejo o sagrado, ainda que em processo de adaptação à nova ordem de mercado. Se assim é nos nossos dias, há um século, quando Conselheiro revelou-se o mais transformador fenômeno de liderança que aquela região conheceu, seria natural supor que seu discurso não pudesse se suportar noutra temática que não a religiosa de cunho social. Assim, foi numa fé cristã-cabocla, resultante da religiosidade autoritária herdada do colonizador lusitano, justaposta à magia da afro-espiritualidade dos orixás trazidos pelo elemento negro escravizado e *temperada* no hedonismo telúrico dos povos aborígenes, que Antônio Conselheiro encontrou a matéria-prima para a oratória rústica que se tornaria a lei mosaica da caatinga do entrevales do Itapicuru e Vaza-Barris.

Produto cultural de uma gente que, fugida dos caçadores de braços (insumos energizadores da emergente economia litorânea) interiorizou-se sertão a dentro, desacelerando o girar dos ponteiros de seu relógio em relação ao fluir do tempo costeiro,

⁵ COSTA (op. cit.: 141).

⁶ A expressão foi cunhada por DREYFUSS (1998: 1) para denominar a nova onda revolucionária científico-técnica de base microeletrônica e seus produtos.

mais exposto e vulnerável ao *progresso* trazido pelas velas e vapores oriundos do norte industrializado e vetores atualizadores da nascente cultura pátria.

É precisamente esse fenômeno característico da formação do povo brasileiro que irá estabelecer a separação das sociedades sertaneja e litorânea que se confrontarão até o aniquilamento na guerra fratricida de 1896 – 1897.

Euclydes da Cunha, ao detectar e registrar de forma pioneira esses mundos em colisão, muito além de nos legar o grande épico da literatura pátria, iria fundar a nossa sociologia nas páginas do seu monumental *Os Sertões*.

É no pano de fundo do quadro aqui brevemente descrito que o discurso do líder peregrino vai se articular, numa interpretação tapuia da moral cristã ibérica, cristalizada nos sofrimentos e vicissitudes da gente do chão adusto do longínquo sertão.

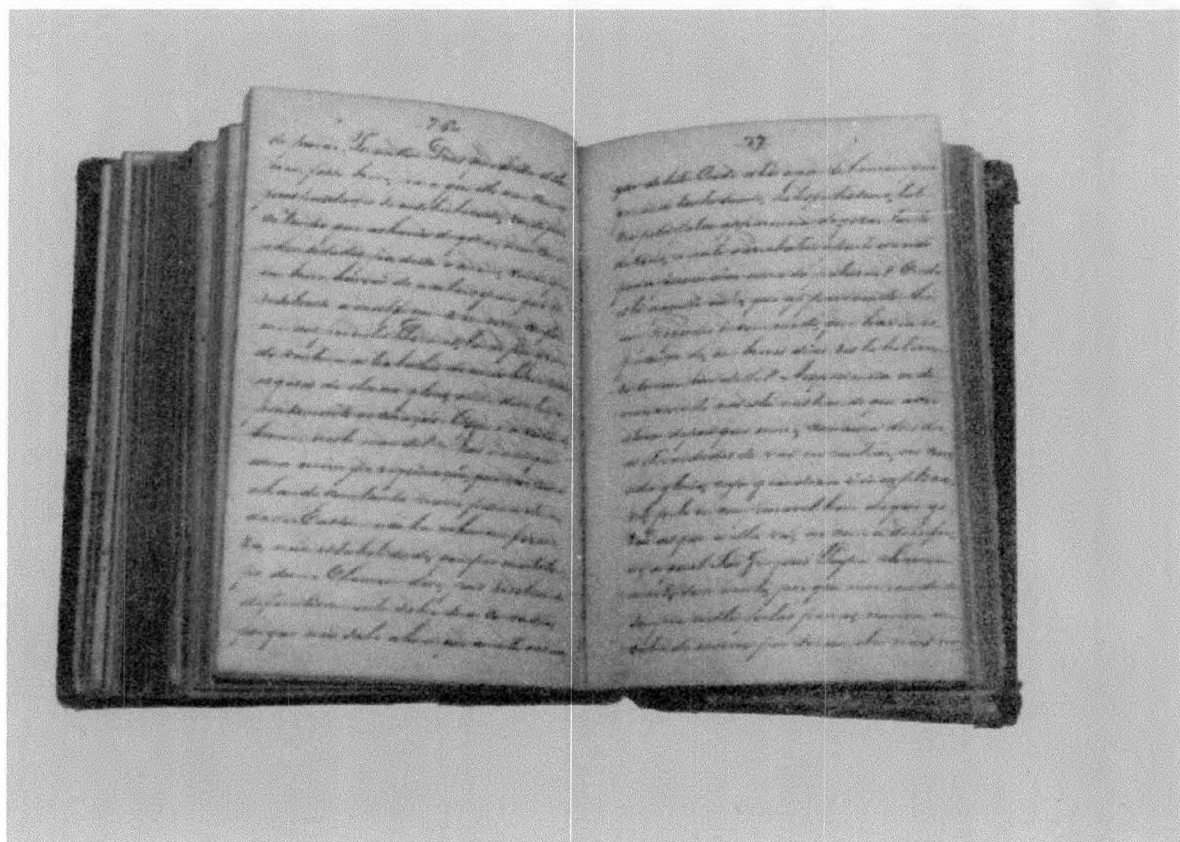
Da obra literária de Conselheiro, considerada autêntica, conhecemos dois livros manuscritos contendo suas prédicas; algumas petições dirigidas aos fóruns cearenses de Campo Grande e Ipu (carentes de levantamento e análise) e duas breves missivas (acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) versando sobre trivialidades do cotidiano do Belo Monte.

Concentremos pois, nossa atenção, nos documentos mais significativos do pensamento do chefe do povo do Vaza-Barris: suas prédicas.

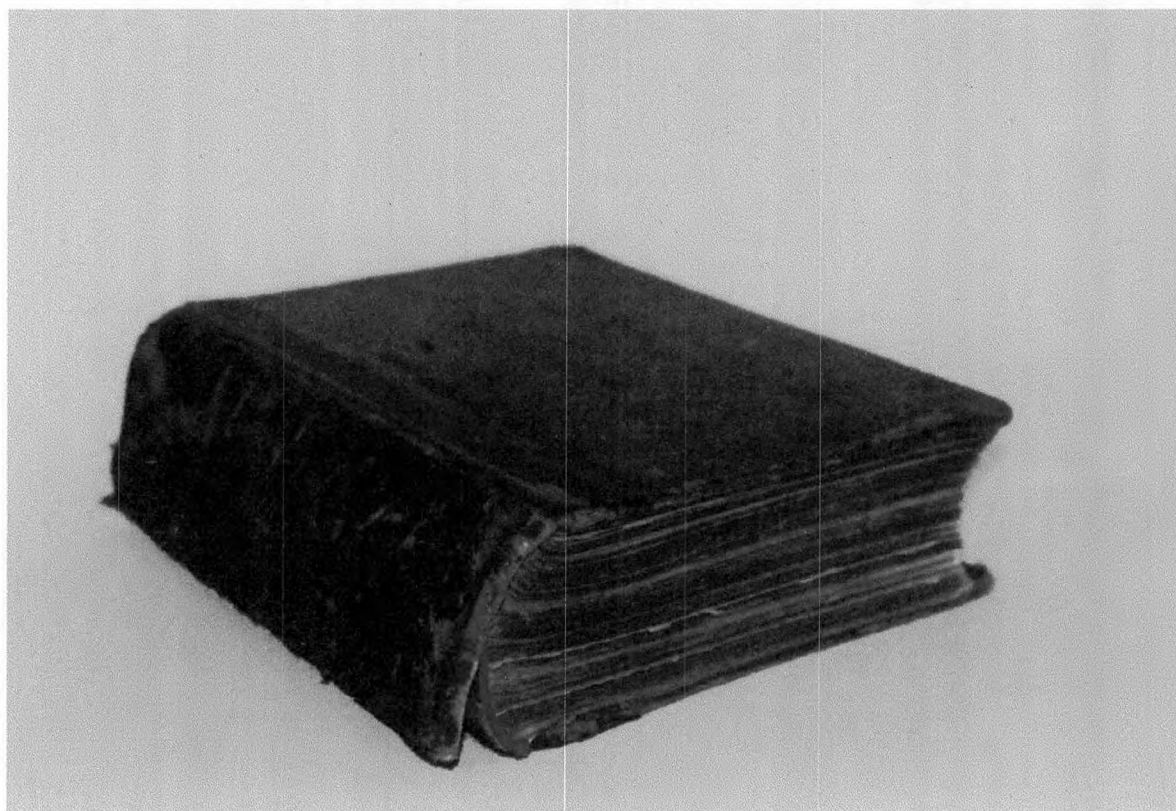
1º CÓDICE

(sem título)

Documento composto de dois manuscritos encadernados em um único volume; capas duras de couro, cor amarelo-esverdeado, lombada cor-de-vinho com inscrições douradas ilegíveis; dimensões aproximadas: 19,5 x 13,5 x 5,0 cm; peso: ~ 800 g; contendo 806 páginas (numeradas) manuscritas com letra inclinada à direita, de 19 linhas cada, no primeiro manuscrito, e 29 no segundo; papel sem pautas (Fotos 1.A e 1.B). Caligrafia elegante e perfeitamente legível; nenhuma rasura. Apenas duas correções feitas como notas de rodapé assinaladas com asteriscos. Foram destacadas três folhas (em branco), entre as de números 104 e 105.



MANUSCRITOS DE ANTÔNIO CONSELHEIRO - FOTO 1.A e 1.B



Conforme nota na folha de rosto da obra: “*Oferecido pelo brigada do 25 batalhão de infantaria Eugenio Carolino de Sayão Carvalho achado em Canudos no lugar chamado Santuario. as. Jornal de Noticias*”(sic). Encimando essa nota: “*Antonio Conselheiro infame bandido*”.

Raro documento que pertenceu aos arquivos e biblioteca do professor José Calasans Brandão da Silva, organizador e doador da coleção que leva seu nome (acervo do Núcleo Sertão do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia). Esse documento está assim subdividido:

1º Manuscrito:

(sem título)

O Santo Evangelho de Jesus Christo – Segundo S. Mattheus

Capítulos 1 a 28 (p. 1-118);

O Santo Evangelho de Jesus Christo – Segundo S. Marcos

Capítulos 1 a 16 (p. 119-95, 77 p.);

O Santo Evangelho de Jesus Christo – Segundo S. Lucas

Capítulos 1 a 24 (p. 196-318, 123 p.);

O Santo Evangelho de Jesus Christo – Segundo S. João

Capítulos 1 A 21 (p. 319-405, 87 p.);

Actos dos Apostolos

Capítulos 1 a 28 (p. 406-518, 113 p.);

Epistola de S. Paulo Apostolo aos Romanos

Capítulos 1 ao 12 (519-554, 36 p.).

(sic).

2º Manuscrito:

*Apontamentos dos Preceitos
da Divina Lei de Nosso Senhor
Jesus Christo, para a salvação
dos homens.*

Pelo Peregrino
Antonio Vicente Mendes Maciel.
No Povoado do
*Bello Monte, Provincia da
Bahia em 24 de maio de
1895.*
(sic)

1º Mandamento (até p. 18);
 2º Mandamento (até p. 31);
 3º Mandamento (até p. 45);
 4º Mandamento (até p. 62);
 5º Mandamento (até p. 74);
 6º Mandamento (até p. 85);
 7º Mandamento (até p. 95);
 8º Mandamento (até p. 107);
 9º Mandamento (até p. 114);
 10º Mandamento (até p. 121);
 Sobre a Cruz (até p. 133);
 Sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo (até p. 138);
 Sobre a Missa (até p. 142);
 Sobre a Justiça de Deus (até p. 145);
 Sobre a Fé (até p. 147);
 Sobre a paciência nos trabalhos (até p. 149);
 Sobre a Religião (até p. 152);
 Sobre a confissão (até p. 159);
 Sobre a obediência (até p. 162);
 Sobre o fim do homem (até p. 173);
 O Profeta Jonas (p. 178);
 Paciência de Job (até p. 184);
 Vocação de Moisés (até p. 187);
 As dez pragas do Egypto (até p. 189);
 Morte dos primogenitos, Cordeiro Paschoal, Sahida do Egypto
 (até p. 192);
 Passagem do Mar Vermelho (até p. 195);
 Codornizes, Maná e Água no Deserto (até p. 198);
 Os dez Mandamentos Aliança de Deus com Israel (até p. 202);
 O Bezerra de Ouro (até p. 205);
 Lus do Culto Divino (até p. 210);
 Derradeira admoestação de Moisés sua morte (até p. 213);
 Os Juizes (até p. 216);
 Construção e edificação do Templo de Salomão (até p. 220);
 O Diluvio (até p. 227);
 Reflexões (até p. 234);
 Textos (até p. 247);
 Sobre peccados dos homens (No Índice: Sobre o peccado de todos
 os homens) (até p. 250);
 Indice (até p. 252).
 (sic).

2º CÓDICE

(sem título)

Documento desaparecido. Felizmente, resta sua transcrição publicada por Ataliba Nogueira⁷ com 10 páginas *fac-similadas* do original.

Com data posterior à do documento anterior, esse manuscrito traz nas suas primeiras folhas a seguinte introdução:

*A presente obra mandou subscrever
o Peregrino.
Antônio Vicente Mendes Maciel
No Povoado do
Bello Monte, Provincia da
Bahia em 12 de janeiro de
1897. (sic)⁸*

à qual se seguem as anotações:

*No dia 5 de outubro de 1897, em que as tropas sob o comando do general Artur Oscar de Andrade Guimarães assenhorearam-se vitoriosa e decisivamente do arraial de Canudos, dando busca no lugar denominado Santuário em que morou o célebre Antônio Conselheiro, foi este livro encontrado, em uma velha caixa de madeira, por mim, que me achava como médico em comissão do governo estadual e que fiz parte da junta de peritos que no dia 6 exumou e reconheceu a identidade do cadáver do grande fanático. Submetido ao testemunho de muitos conselheiristas, este livro foi reconhecido ser o mesmo que, em vida, acompanhava nos últimos dias a Antônio Maciel – Conselheiro – Bahia, março de 1898
João Pondé⁹*

e:

*Este livro foi-me oferecido pelo meu amigo e companheiro de estudos João de Sousa Pondé, que no 6º ano médico partiu para Canudos como cirurgião da expedição militar Artur Oscar (1897). Passo-o a Euclides da Cunha na esperança de lhe informar alguma nota dos seus miríficos “Sertões”.
A. Peixoto¹⁰*

⁷ NOGUEIRA (1978: 47-190).

⁸ Idem: 48.

⁹ Idem: 51.

Sabe-se que, após a trágica morte do escritor fluminense, esses manuscritos foram parar em um *sebo* carioca de onde teriam sido adquiridos pelo poeta Aristeu Seixas (ex-presidente da Academia Paulista de Letras) que os cedeu a Ataliba Nogueira para publicação.

Notícia que corre entre os estudiosos do tema, conta que os descendentes daquele trovador paulista, não encontrando os referidos manuscritos nos arquivos do pai, imaginam que os mesmos tenham sido doados à Prefeitura de Monte Santo, fato esse não confirmado pelas autoridades locais daquele município baiano.

Em sua muito oportuna obra, Ataliba Nogueira nos brinda com as laudas: 1, 393, 421, 514, 568, 607, 608, 616, 624 e a anotada por Pondé, *fac-similadas* do documento original e apenas aos anexos de seu livro. Analisando essas laudas, constatamos as seguintes características comuns aos dois códices aqui referidos:

- 1- a regularidade da caligrafia, inclinada à direita, sua elegância e legibilidade;
- 2- o hábito do escriba de utilizar-se de papel sem pauta guardando a perfeita horizontalidade e paralelismo das linhas escritas;
- 3- a numeração das páginas na parte central superior de cada folha e,
- 4- rigorosamente, o mesmo número de linhas por lauda (no caso: 14, exclusive a de numeração).

Dessa preciosa e fiel transcrição publicada por Ataliba Nogueira, infere-se ainda que o manuscrito tem um total de 598 páginas¹¹.

A seguir apresentamos a subdivisão temática da obra:

Parte primeira

1. *Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação*
2. *Sentimento de Maria por causa da pobreza em que se achava por ocasião do nascimento de seu Divino Filho*

¹¹ Devemos a Alexandre Otten (1990: 203) a revelação de que “A paginação do manuscrito ostenta um erro. Da sua página 569 salta-se à página 600. Não há, porém, uma ruptura no discurso. Desse modo, o manuscrito segue até a página 628.” Essa curiosidade não foi percebida por Ataliba Nogueira (1978: 23): “O volume é encadernado e conta 628 páginas”. Entretanto, Otten indica ter esse manuscrito um total de 587 páginas (ibidem) quando, na verdade, o mesmo apresenta um pouco mais: 598 p. (569+29). Uma outra curiosidade desse fato reside no tema do capítulo em que Conselheiro erra na numeração de seus escritos. A falta ocorre, precisamente, quando o autor trata *Sobre a República*. Lembrar que o pregador-peregrino odiava esse regime, havendo mesmo o definido para o Barão de Jeremoabo como sendo “o partido do demônio, e que a palavra (RÉ)PÚBLICA o indicava.”(Ap.: JORNAL DE NOTICIA, 4 de março de 1897, destaques meus).

3. *Dor de Maria na circuncisão de seu Filho*
4. *Humilhação de Maria no mistério da apresentação*
5. *Dor de Maria na profecia de Simeão*
6. *Dor de Maria por ocasião de sua fugida para o Egito*
7. *Dor de Maria na morte dos inocentes*
8. *Desolação de Maria durante seu desterro do Egito*
9. *Aflicção de Maria na sua volta do Egito*
10. *Dor de Maria na perda de seu Filho no Templo*
11. *Sentimento de Maria na morte de seus pais*
12. *Dor de Maria durante a vida particular de Jesus em Nazaré*
13. *Sentimento de Maria quando seu Filho se retirou para o deserto*
14. *Dor de Maria por causa das injúrias proferidas contra seu Filho*
15. *Dor de Maria por ocasião da permissão que Jesus lhe pediu para suportar a morte*
16. *Dor de Maria na prisão de seu Filho*
17. *Dor de Maria na flagelação de seu Filho*
18. *Dor de Maria quando seu Filho foi apresentado por Pilatos ao povo*
19. *Dor de Maria encontrando seu Filho com a Cruz aos ombros*
20. *Dor de Maria na agonia de Jesus*
21. *Dor de Maria quando os soldados repartiram entre si os vestidos de seu Filho*
22. *Compaixão de Maria na sede de seu Filho pregado na Cruz*
23. *Dor de Maria na agonia de Jesus*
24. *Dor de Maria quando seu Filho lhe falou da Cruz*
25. *Martírio de Maria na morte de seu Filho*
26. *Dor de Maria quando o lado de seu Filho foi aberto com uma lança*
27. *Dor de Maria no descimento da Cruz e funeral do cadáver de seu Filho*
28. *Dor da Senhora em sua soledade*
29. *Maria, rainha dos mártires*

Parte Segunda

(os dez mandamentos da lei de Deus)

Primeiro Mandamento
Segundo Mandamento
Terceiro Mandamento
Quarto Mandamento
Quinto Mandamento
Sexto Mandamento
Sétimo Mandamento
Oitavo Mandamento
Nono Mandamento
Décimo Mandamento
Advertência Final

Parte Terceira

(Textos extraídos da Sagrada Escritura)

Parte Quarta

(Prédicas de circunstância e discursos)

Sobre a Cruz

Sobre a Missa

Sobre a confissão

Sobre as maravilhas de Jesus

Construção e edificação do templo de Salomão

*Sobre o recebimento da chave da igreja de Santo António,
padroeiro do Belo Monte*

Sobre a parábola do semeador

Sobre a República

*A companhia de Jesus - O casamento civil - A família imperial – A
libertação dos escravos*

Despedida

Não é objeto deste estudo a análise do discurso de Antônio Conselheiro, até mesmo porque, dos 95 capítulos que integram os dois documentos referidos, apenas 3 tratam de temas não religiosos, ainda que enfocados sob uma ótica cristã. Esses capítulos versam sobre o trabalho (1º Códice, 2º Manuscrito, Capítulo 16), o casamento civil, a família imperial e a libertação dos escravos, (2º Códice, *Sobre a República*) e a *Despedida* do peregrino (2º Códice, parte final).

Por outro lado, dispomos de uma análise criteriosa e profunda do discurso religioso do *profeta* na excelente tese de doutoramento: *Só Deus é grande – a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, de autoria do padre Alexandre Otten SVD, aceita pela Universidade Gregoriana de Roma no ano de 1987.¹²

Na *Parte IV – A Reinvenção do Sertão* – desta tese, enfocaremos o breve discurso político de Antônio Conselheiro.

¹² Ver op. cit.: 203-46.

2.2 – PRISÃO, DEPORTAÇÃO E RETORNO DO LÍDER

Em 1876, Conselheiro é feito prisioneiro na Vila de Itapicuru (BA) e enviado para a capital baiana de onde seria deportado para sua terra natal. Em Quixeramobim (CE), Antônio Maciel é liberto pela Justiça diante do fato de que sobre sua pessoa não se formalizara qualquer acusação.

Livre, Conselheiro reaparece nos sertões baianos em 1877, com o prestígio e a popularidade aumentados pelas notícias que circularam na sua ausência, das injustiças e violências que sofrera quando de sua prisão e deportação para o Ceará e, principalmente, segundo crença corrente, pela profética previsão que fizera da data de retorno à sua gente.

De 1877 até o ano de fundação do Belo Monte, Conselheiro retoma suas atividades de pregador e construtor, dando seqüência ao projeto, não concluído, de edificar igrejas, conforme promessa feita ao deixar sua terra natal.

2.3 – A OBRA ARQUITETÔNICA DO CONSTRUTOR-PEREGRINO

Em cuidadosa pesquisa publicada, *Antônio Conselheiro, Construtor de Igrejas e Cemitérios*¹³, o professor José Calasans levanta 20 dessas obras às quais Antonio Olavo¹⁴ acrescenta mais uma, conforme listagem aqui apresentada.

Naquele trabalho, Calasans destaca:

Honório Vilanova, uma das figuras de Canudos, revelou a Nertan Macedo que ouvira, por volta de 1873, no lugar denominado Urucu, Ceará, Antônio Conselheiro dizer que 'tinha uma promessa a cumprir: erguer vinte e cinco igrejas. Que não as construiria, contudo, em terras do Ceará'.¹⁵

Da investigação do mestre Calasans retiramos as seguintes obras que o penitente teria construído na sua peregrinação pelos sertões baianos e sergipanos:

¹³ CALASANS (1973).

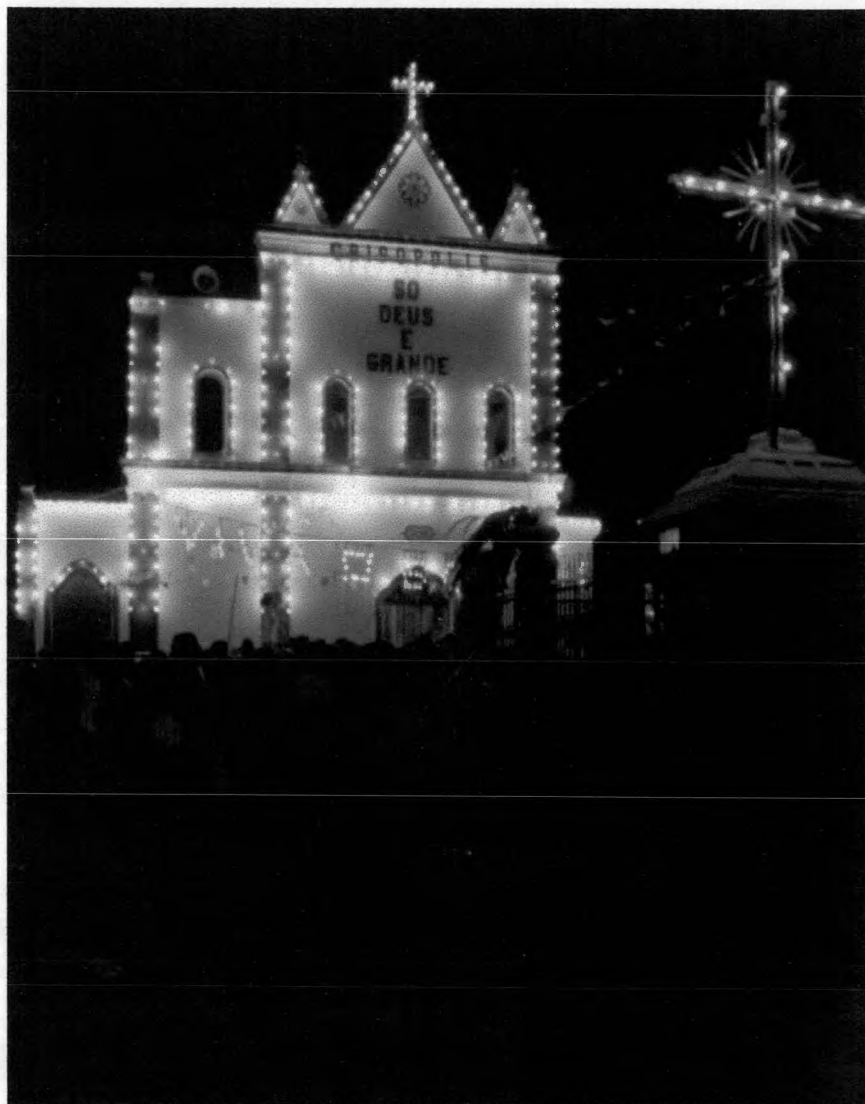
¹⁴ OLAVO (1989: 93).

¹⁵ CALASANS (Op. cit.: 69).

1. Igreja de Rainha dos Anjos em Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru de Cima (BA), 1874 – 1876;
2. Cemitério do Aporá (BA), 1875 (inacabado);
3. Cemitério de Itapicuru (BA), 1876 – 1877;
4. Capela de São João Batista (demolida em 1961), Mocambo, depois Nova Olinda, hoje Olindina (BA);
5. Igreja do Senhor do Bonfim (Foto 2), Chorrochó, antigo Capim Grosso (BA), mais imponente obra de Conselheiro, 1884-1885;
6. Capela do Bom Jesus (Fotos 3.A e 3.B), Arraial do Bom Jesus, atual Crisópolis. Provavelmente de 1886, abençoada em 1892 pelo cônego Agripino da Silva Borges e edificada em terras da fazenda Dendê de Cima, onde Conselheiro fundou o arraial do Bom Jesus (hoje município de Crisópolis) (BA);
7. Igreja de Manga, atual Beritinga (BA);
8. Cemitério de Entre Rios, 1887-1888 (BA);
9. Caminho da Santa Cruz (melhorias e restauro), Monte Santo (BA), 1892;
10. Cemitério da Ribeira do Pau Grande, hoje Ribeira do Amparo (BA), 1893;
11. Cemitério do Timbó, hoje Esplanada (BA);
12. Igreja de Sobral em Aporá (BA);
13. Igreja de Esplanada (BA);
14. Cemitério de Vila Cristina (SE), ex-Itabaianinha, hoje Cristianópolis, o registro de sua construção data de 1897;
15. Igreja de Campos (SE) (reforma);
16. Igreja de Natuba, depois Soure, hoje Nova Soure (BA), inacabada;
17. Igreja de Santo Antônio (completamente destruída na guerra) e Cruzeiro (Foto 4), Belo Monte, hoje Canudos, 1893;
18. Igreja do Bom Jesus, inacabada, Belo Monte, na área do atual município de Canudos (BA), 1896 –1897;
19. Cemitério do Belo Monte (BA), 1893.



IGREJA DO SENHOR DO BONFIM (CHORROCHÓ - BA) – MAIS IMPONENTE CONSTRUÇÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO – FOTO 2



CAPELA DO BOM JESUS (CRISÓPOLIS - BA) – ANTIGO ARRAIAL DO BOM JESUS, FUNDADO POR ANTÔNIO CONSELHEIRO – FOTOS 3.A e 3.B



TRAVESSÃO DO CRUZEIRO DA PRAÇA DAS IGREJAS - BELO MONTE/CANUDOS (BA) – RELÍQUIA REMANESCENTE DA GUERRA – FOTO 4

Da listagem relacionada por Calasans, excluímos a Igreja do Cumbe, no atual município de Euclides da Cunha, ante as evidências, reveladas pelo próprio relacionador da obra arquitetônico-sacra de Conselheiro, de que a mesma teria sido feita por outro conselheiro, este de nome Francisco.

Antônio Olavo, em suas primorosas *Memórias Fotográficas de Canudos*¹⁶, acrescenta à relação do professor Calasans a Capela de Campos, Santa Cruz (SE).

Na seqüência, apresentamos um resumo das informações sobre os locais e época de realização das obras acima mencionadas e a eventual concomitância de algumas delas. Este simples exercício de plotar em um cronograma (Quadro A) as obras do construtor-peregrino nos possibilita melhor visualizar seu esforço de coordenação de tantas construções em um espaço geográfico de, aproximadamente, 25 063 km²¹⁷, equivalentes a 1,14 da superfície do Estado de Sergipe.

Deixamos assim, a sugestão para utilização, em futuras pesquisas, das modernas técnicas de *network analysis* (análise de redes) da Pesquisa Operacional, que poderão melhor responder às muitas indagações propostas naquele cronograma, descartando os dados absurdos, resolvendo as inúmeras contradições que a bibliografia apresenta e oferecendo uma maior confiabilidade no levantamento da trajetória e obra do líder-empresendedor da caatinga.

A Figura 2, página 30, é uma tentativa de resgate dos caminhos de Antônio Conselheiro.

¹⁶ OLAVO (1989: 93).

¹⁷ A área aqui estimada é a compreendida pelo polígono formado pelas localidades de Capim Grosso (hoje Chorrochó), Vila Cristina (atual Cristianópolis), em Sergipe, Entre Rios, Manga (Beritingas) e Monte Santo, por onde o construtor-penitente espalhou suas obras sacras.

OBRA		SÉCULO XIX																									
EVENTO	LOCAL	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97		
IGREJA RAINHA DOS ANJOS (RESTAURAÇÃO)	ITAPICURU DE CIMA (BA)	■	■	■																							
CEMITÉRIO LOCAL (INACABADO)	APORÁ (BA)		■																								
PRISÃO E DEPORTAÇÃO DO LÍDER-CONSTRUTOR	ITAPICURU (BA)			■	■																						
CEMITÉRIO LOCAL	ITAPICURU (BA)				■																						
CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA	(NOVA OLINDA) OLINDINA (BA)									■																	
IGREJA DO SENHOR DO BONFIM	(CAPIM GROSSO) CHORROCHÓ (BA)				?(a)							■	■														
IGREJA DO BOM JESUS	(ITAPICURU DE CIMA) CRISÓPOLIS (BA)													■						† (b)							
IGREJA	(MANGA) BERITINGA (BA)					?	?	?	?		?							?	?	?							
CEMITÉRIO LOCAL	ENTRE RIOS (BA)														■	■											
CAMINHO DA SANTA CRUZ (REFORMA E MELHORIAS)	MONTE SANTO (BA)																				■						
CEMITÉRIO LOCAL	(RIBEIRA DO PAU GRANDE) RIBEIRA DO AMPARO (BA)					?	?	?	?		?							?	?	?							
CEMITÉRIO DO TIMBÓ	ESPLANADA (BA)					?	?	?	?		?							?	?	?							
IGREJA DO SOBRADO	APORÁ (BA)		?			?	?	?	?		?							?	?	?							
IGREJA LOCAL	ESPLANADA (BA)					?	?	?	?		?							?	?	?							
CEMITÉRIO LOCAL	(VILA CRISTINA) CRISTIANÓPOLIS (SE)					?	?	?	?		?							?	?	?							
IGREJA MATRIZ (REPAROS)	(CAMPOS) TOBIAS BARRETO (SE)					?	?	?	?		?							?	?	?							
CAPELA DA SANTA CRUZ (c)	(CAMPOS) TOBIAS BARRETO (SE)					?	?	?	?		?							?	?	?							
IGREJA MATRIZ (RESTAURAÇÃO INACABADA) (d)	(NATUBA) NOVA SOURE (BA)					?	?	?	?		?							?	?	?							
IGREJA DE SANTO ANTÔNIO	(BELO MONTE) CANUDOS (BA)																				■						
IGREJA DO BOM JESUS (INACABADA)	(BELO MONTE) CANUDOS (BA)																							■	■		
CEMITÉRIO LOCAL	(BELO MONTE) CANUDOS (BA)																				■						

CRONOGRAMA DAS OBRAS DE ANTÔNIO CONSELHEIRO - QUADRO A

Notas do cronograma das obras de Antônio Conselheiro:

(a) CUNHA (op. cit.: 112-3).

(b) Data declarada no frontão da edificação. Provavelmente ano de sua bênção. Ap.: CALASANS (op. cit.: 76).

(c) Revelação de Antonio Olavo que fotografou e divulgou esta pequena e graciosa obra do Bom Jesus. Ver: OLAVO (1989:93).

(d) A interrupção da obra de restauro do templo teria ocorrido em função de um desentendimento de Conselheiro com o vigário local. Ap. CUNHA (op. cit.: 120).

2.4 – BELO MONTE - CANAÃ DA CAATINGA: A OBRA DO ADMINISTRADOR DO PROJETO DE REINVENÇÃO DO SERTÃO

No início de junho de 1893, Antônio Vicente Mendes Maciel - o Conselheiro - e seus acompanhantes chegam e se estabelecem no povoado denominado Canudos, então pertencente ao território do município de Monte Santo, às margens do rio Vaza-Barris (Figuras 3.A e 3.B, páginas 31 e 32, respectivamente).

Com a edificação e a bênção, entre grandes festividades, da capela de Santo Antônio, iniciava-se a vida de um povoado que escreveu uma tão rica quanto sangrenta página da história dos movimentos sociais no Brasil (Foto 5).

Denominado por seu fundador de Belo Monte, o pequeno arraial iria reunir em pouco mais de quatro anos um dos maiores aglomerados humanos do Estado (cerca de 24 mil habitantes) numa das mais agreste e estéreis regiões dos sertões do nordeste do Estado da Bahia.

2.6 - O ADEUS DO BOM JESUS CONSELHEIRO

Antônio Conselheiro faleceu, conforme depoimento de sobreviventes da *guerra do fim do mundo*, em 22 de setembro de 1897, vitimado por uma *caminheira*¹⁸ segundo uns, por um ferimento provocado por estilhaço de granada, de acordo com outros; ou ainda, como sugere Edmundo Moniz, de um colapso cardíaco¹⁹ quando já se esfacelara entre os

¹⁸ Disenteria, para os jagunços.

¹⁹ MONIZ (1987: 238).

escombros de um povoado em chamas e o sacrifício de milhares de vidas, o sonho de reinventar o sertão ... A utopia de uma sociedade mais justa.

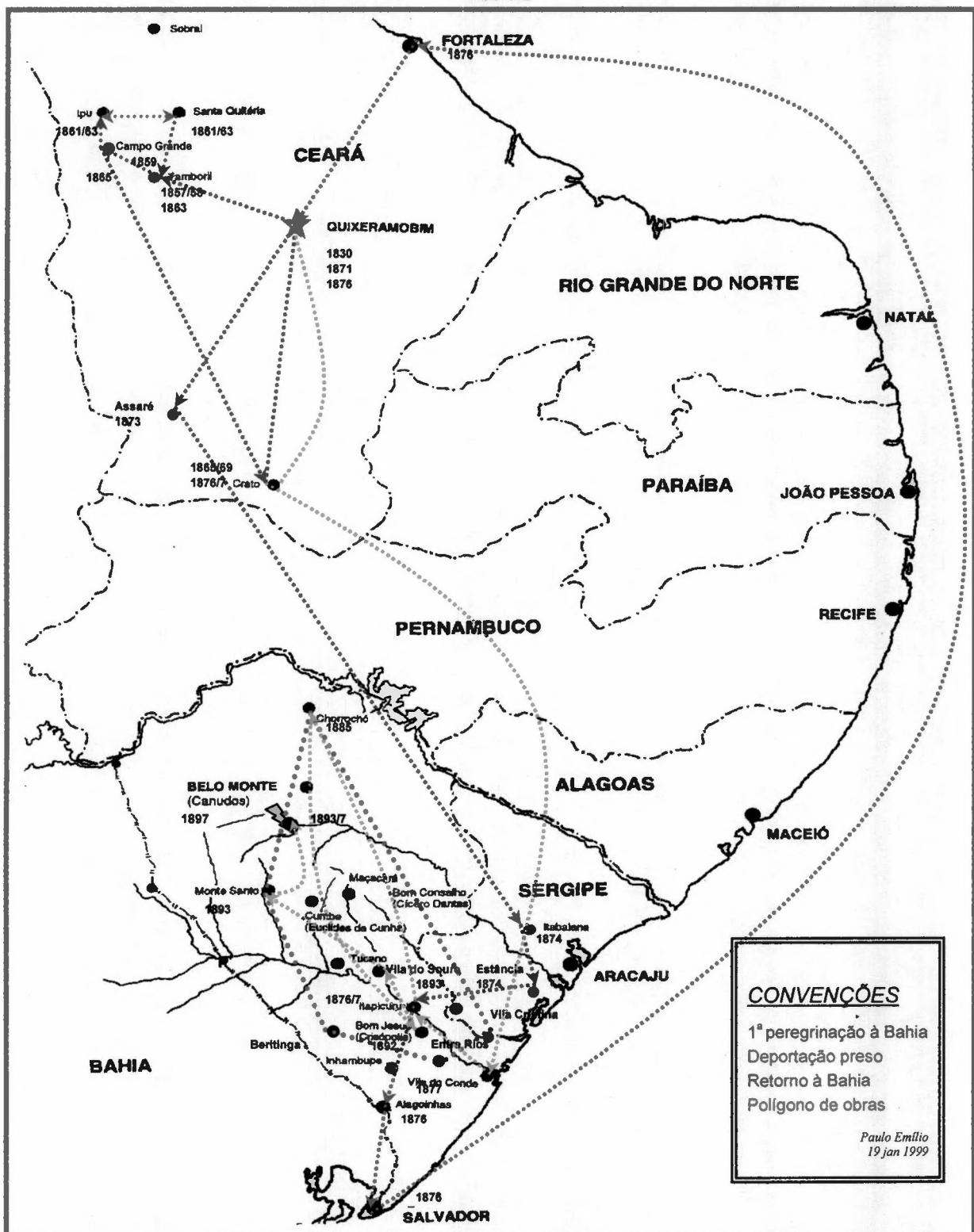
No santuário, sede do governo e residência do chefe do povo do Belo Monte, junto com seu cadáver, foi encontrada a prédica não pronunciada (de) *Despedida*:

*Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja.*²⁰

²⁰ CONSELHEIRO (1897: 628). In: NOGUEIRA (op. cit.: 182).

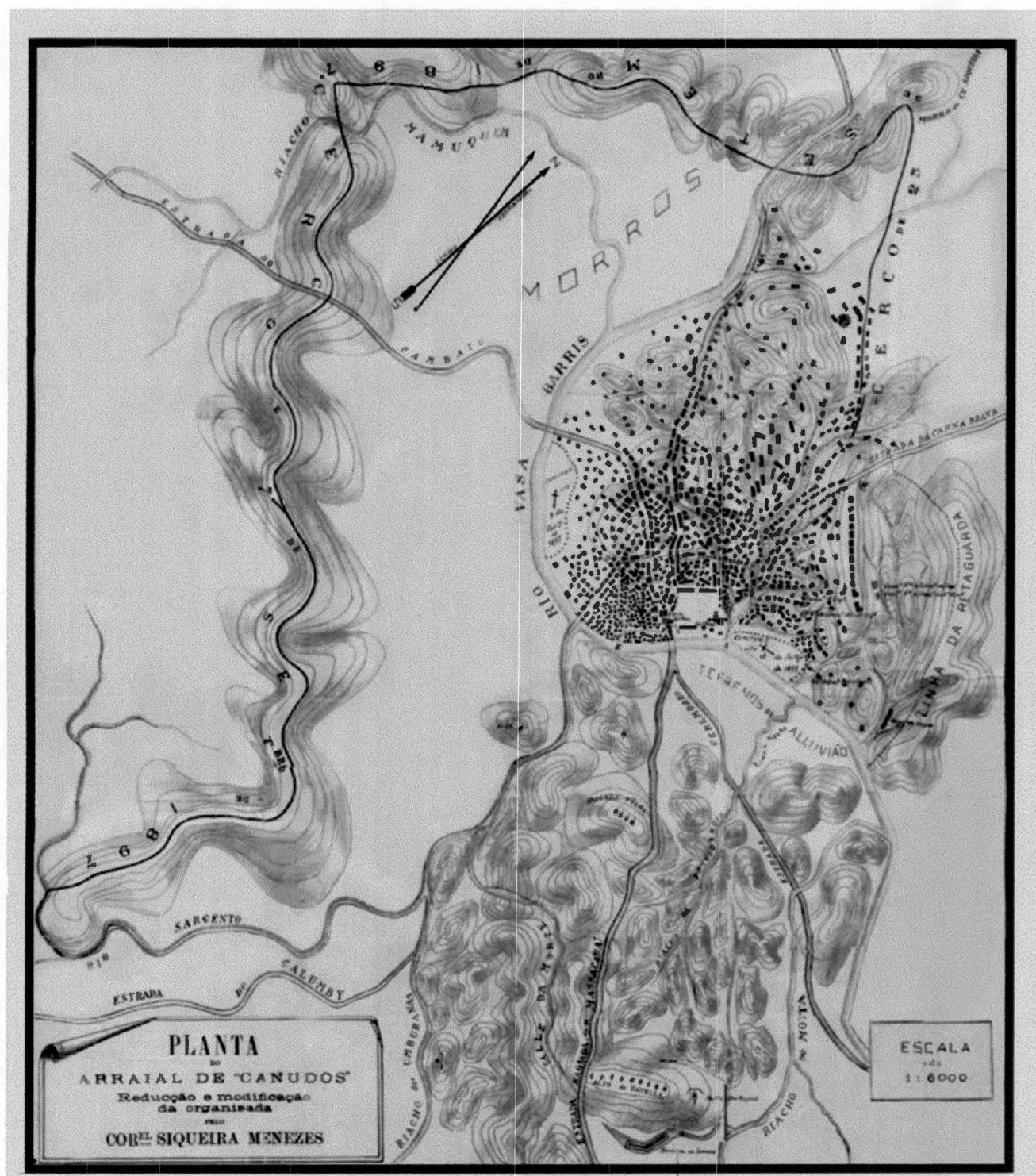
OS CAMINHOS DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

FIGURA 2



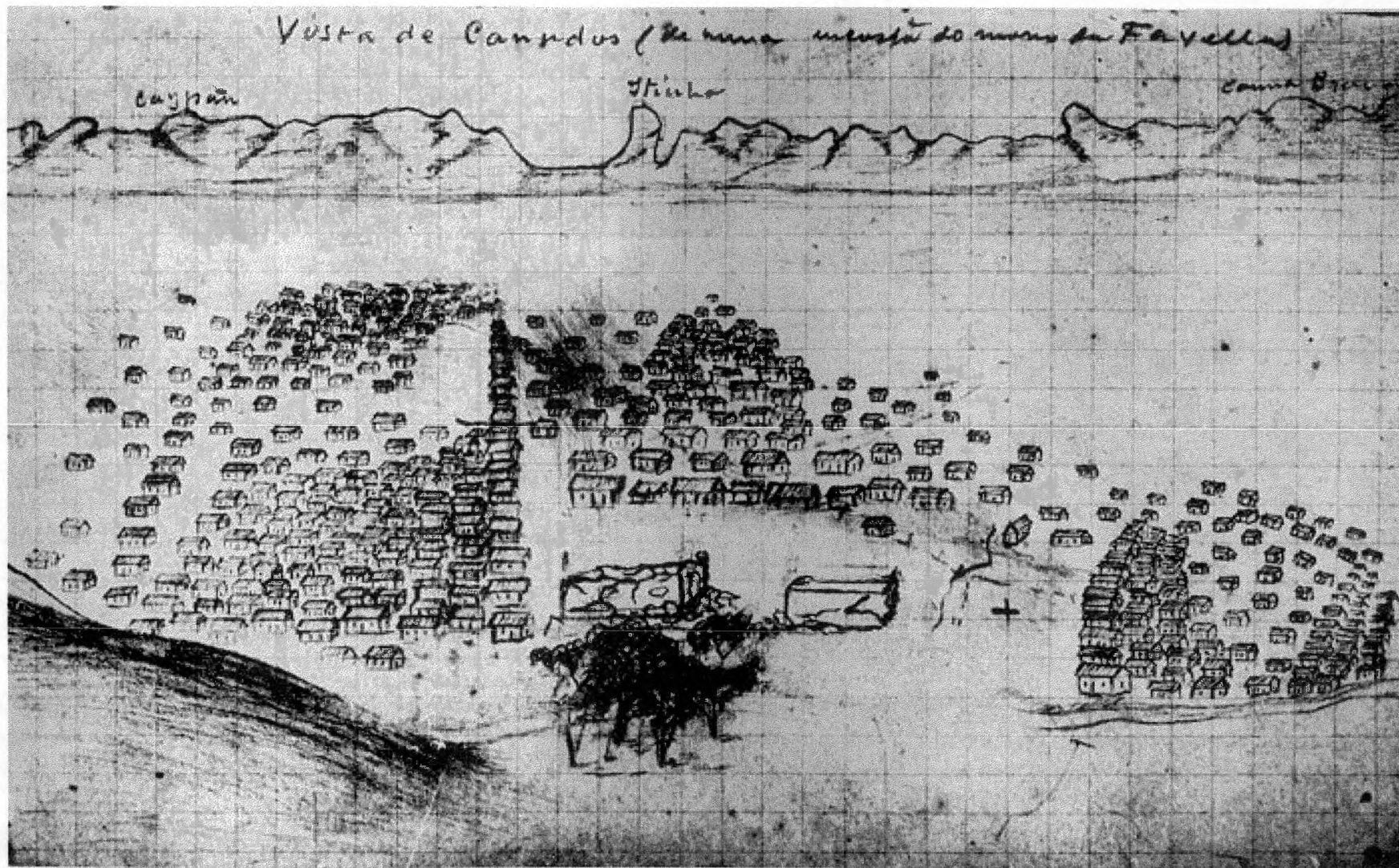
NOTA:

Manoel Benício (1899: 58-9), Abelardo Montenegro (1954: 25) e Nertan Macedo (1969: 57-61) falam de uma segunda viagem de Antônio Conselheiro ao Ceará, em 1887. Segundo Benício e Montenegro, após sua segunda prisão, esta, em Pernambuco.



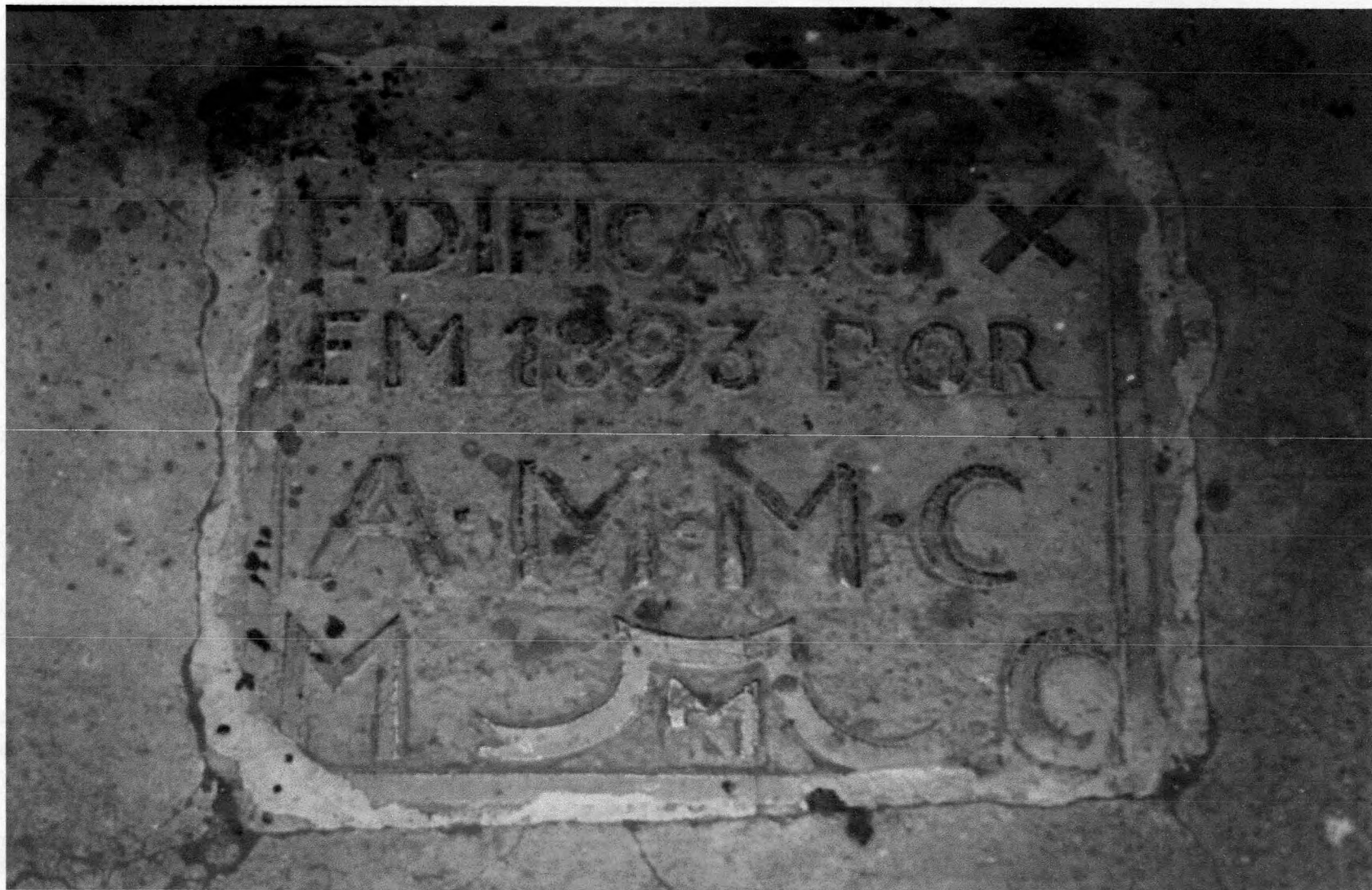
PLANTA DO ARRAIAL DE CANUDOS E CERCANIAS – LEVANTAMENTO REALIZADO PELO CORONEL-ENGENHEIRO SIQUEIRA MENEZES (1897)

FIGURA 3.A



VISTA DE CANUDOS DE UMA ENCOSTA DO MORRO DA FAVELA – DESENHO DE EUCLYDES DA CUNHA FEITO, PROVAVELMENTE, NO DIA 18 DE SETEMBRO DE 1897 (CONFORME NOTA EM SUA CADERNETA DE CAMPO).

FIGURA 3-B



MARCO DA FUNDAÇÃO DO BELO MONTE, 1893 (CANUDOS - BA) – FOTO 5

3 – A GUERRA DA ACABAÇÃO DO MUNDO¹

*“Só na guerra é que um home tem déreito de se trêdo [traidor] cos inimigos dêle,
proque na guerra o home non é home, é mais feróis que os bichos mais feróis;
as creaturas de Deus fica tudo espritado [tomadas pelos maus espíritos].
Mais porém, non sendo na guerra, um home non pode se trêdo nem cos inimigo dêle!”*

Manuel Ciriáco²

A República nascente conheceu um Brasil perplexo, bestializado³. Pessimismos de lado, a verdade é que para nós, cidadãos brasileiros, o ato proclamatório de Deodoro foi mais um golpe engendrado pelas elites com a exclusão da sociedade. Não vai aqui a intenção de defesa de um modelo monárquico arcaico, escravista e, também, fundado com outro golpe, este de um príncipe contra a Coroa de sua casa paterna.

O fato é que os versos-anátemas do Imperador banido:

*Oh doce Pátria
sonharei contigo
e entre visões de paz,
de luz, de glória,
sereno aguardarei
no meu jazigo
a justiça de Deus
na voz da História.*

¹ Conforme o professor Renato Ferraz, exclamação de Dona Ana de Mirandela (BA) - centenária sobrevivente da tragédia que sacrificou seu povo e regionalismo inspirador do título do romance do peruano Mario Vargas Llosa: *A Guerra do Fim do Mundo* (em depoimento a este autor).

² *Sic*: Manuel Ciriáco (jagunço combatente na Guerra de Canudos), 1950. Ap.: GARCIA (1965: 231).

³ A expressão *bestializado*, para se referir ao modo como o povo brasileiro viu a Proclamação da República, é de Aristides Lobo em carta publicada no jornal *Diário Popular*, São Paulo, 18 de novembro de 1889. Ap.: CARVALHO (1987: 9 e 165).

ecoariam pelos sertões, florestas e praias desse país-continente, por mais de um século, como uma maldição que parece ainda não haver se cumprido. É assim que de novembro de 1896 a outubro de 1897, no antigo município de Monte Santo, em plena região da caatinga baiana, o regime recém-instaurado enfrentaria um de seus mais dramáticos desafios: a Guerra de Canudos que deixou o saldo trágico de trinta mil vidas sacrificadas, centenas de mutilados e órfãos e um complexo de culpa que, ainda hoje, castiga a Nação.

A vastíssima literatura sobre esse episódio se concentra, principalmente, nos seus aspectos marciais. Essa tendência pode ser explicada pelo fato de que os primeiros cronistas que a reportaram, ou eram combatentes convocados para o esforço bélico (Siqueira Menezes, Cândido Mariano, Constantino Nery, Dantas Barreto e Macedo Soares), ou correspondentes de guerra com formação militar completa (Euclydes da Cunha) ou incompleta (Manoel Benício e Favilla Nunes).

Ainda que a questão castrense seja inseparável de qualquer análise organizacional que se proponha a estudar uma sociedade que viveu a quase totalidade de sua breve história resistindo a um desproporcional esforço de guerra, este trabalho não objetiva o aprofundamento das políticas, circunstâncias, estratégias, táticas, erros ou equívocos das forças em luta. Limitar-nos-emos, pois, neste capítulo, a rememorar a cronologia e os dados mais significativos do conflito para melhor situar o leitor no contexto histórico da organização estudada.

3.1 - PRELÚDIO DE UMA TRAGÉDIA

Corria o ano de 1882. D. Luís José dos Santos - arcebispo de Salvador - envia uma carta-circular ao clero conclamando-o a que impedisse as prédicas do Conselheiro e proibindo-o de manter entendimentos com o líder religioso sertanejo. Essa determinação não foi acatada por muitos padres que continuaram utilizando os préstimos do construtor-pregador e permitindo suas falas.

Dez anos após aquela proibição episcopal divulgam-se na imprensa as primeiras notícias do discurso anti-republicano do Conselheiro condenando o casamento civil, a separação da Igreja do Estado, a deposição do imperador D. Pedro II, o banimento da família imperial para a Europa e a cobrança de impostos nas feiras livres locais instituições essas advindas com novo regime.

Pouco antes da fundação do Belo Monte, um grupo de conselheiristas destrói avisos de notificação pública de cobrança de impostos na Vila de Soure. Atos de rebeldia, como esse, repetir-se-iam em outras localidades.

Em 26 de maio de 1893, na localidade de Masseté, município de Tucano, os seguidores de Cnselheiro travam combate com tropa baiana, constituída de 35 policiais comandada pelo tenente Virgílio de Almeida tendo saído vencedores desse primeiro embate. Diante das ameaças que se esboçavam, o governador do Estado, Rodrigues Lima, solicita ao Presidente da República, marechal Floriano Peixoto, ajuda federal para o enfrentamento do grupo rebelde. Tal solicitação foi prontamente atendida, tendo sido enviados 80 homens da guarnição de linha para Serrinha de onde partiriam em perseguição aos rebelados. Todavia, atendendo à decisão ulterior do Poder Executivo do Estado, em 9 de junho, esse destacamento militar foi chamado de volta a Salvador.

Ainda em resposta a pedido do governo do Estado, o arcebispo D. Jerônimo Tomé envia a Canudos, em abril de 1895, uma missão de frades capuchinhos chefiada pelo frei italiano, João Evangelista de Monte Marciano, com a incumbência de persuadir Conselheiro e seu grupo à dissolução da comunidade local. De volta a Salvador, aquele religioso escreve um detalhado relatório narrando a vida do arraial e as razões do fracasso da missão que chefiara. Esse documento, além de preciosa fonte primária sobre o cotidiano do povo do Vaza-Barris, é, também, um dos fatores determinantes da guerra que se seguiria. Nele, seu autor, descrente da viabilidade de dissuadir os conselheiristas da continuação de sua experiência comunitária, recomenda *“uma providência que restabeleça no povoado dos Canudos o prestígio da lei, as garantias do culto católico e os nossos foros de povo civilizado.”*⁴

O biênio que se seguiria à missão Monte Marciano iria escrever a história de uma das mais sangrentas lutas pátrias; de um extraordinário fenômeno de organização popular e resistência militar e de uma tragédia social perpetrada pelo anacronismo e a incúria de uma sociedade que, há mais de um século, paradoxalmente, se propõe republicana⁵ e latifundiária⁶.

⁴ MONTE MARCIANO (1895: 8).

⁵ Do latim *res publica* = coisa pública.

⁶ Relativo a latifúndio = grande domínio privado da aristocracia na Roma antiga.

3.2 – UAUÁ: PRIMEIRO ATO

Conselheiro concluía a edificação da igreja nova do Belo Monte, templo de proporções bem maiores do que a igrejinha abençoada em louvor a Santo Antônio – primeiro santuário construído na localidade pelo povo do Bom Jesus e já incapaz de atender à crescente demanda dos fiéis -, quando se espalhou em Juazeiro que Antônio Conselheiro enviaria àquela cidade uma caravana de jagunços com o objetivo de transportar a madeira comprada de um comerciante local, já paga, e não entregue ao adquirente. O dr. Arlindo Leoni - juiz de direito local e antigo desafeto do Conselheiro - transmite ao governador Luís Viana a notícia da suposta ameaça e pede reforços policiais para garantir a segurança do município. Em 6 de novembro de 1896, é enviada uma tropa de linha do Exército, comandada pelo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, com um efetivo de 113 praças, 3 oficiais, 1 médico e 2 guias locais⁷, em direção a Canudos. Após uma longa marcha de cerca de 31,5 léguas (207,9 km) pela caatinga, a tropa chega a Uauá em 19 do mesmo mês onde acantona. No alvorecer do dia 21, o destacamento é surpreendido por um grupo de cerca de 500 conselheiristas em procissão, entoando cânticos sacros, ladainhas e jaculatórias e portando a bandeira do Divino. O grupo é recebido a balas; trava-se então violento combate do qual resultaria grande número de baixas entre os canudenses (liderados por Quinquim Coiqui e precariamente armados) e a retirada das tropas oficiais - sem recursos para se fixar no local -, com 7 praças, 1 oficial e os 2 guias mortos. Findava o ano de 1896, iniciava-se a *Guerra do Fim do Mundo*.

No ano seguinte, os conselheiristas enfrentariam mais três expedições militares e uma expedição de reforço, com crescente número de combatentes e poder de fogo.

⁷ Os dados sobre comando, efetivo, armamento e combates das expedições militares constantes deste trabalho foram extraídos de FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (1986: 23-75).

3.3 – SERRA DO CAMBAIO E LAGOA DE SANGUE: SEGUNDO ATO

Em novembro do mesmo ano de 1896, ocorreria o segundo ato da epopéia dos sertões. Após desentendimentos entre o governador do Estado (Luís Viana) e o comandante do 3º Distrito Militar, sediado em Salvador (general Solon⁸), que resultaram no afastamento deste último da direção daquela unidade distrital da força federal e uma série de ordens e contra-ordens de movimentação de tropas da União e do destacamento policial do Estado a elas adjunto, em 12 de janeiro de 1897, parte de Monte Santo (BA) - mais importante base avançada das operações militares a partir de então - em direção à Canudos, uma coluna comandada pelo major Febrônio de Brito composta de 609 praças, 10 oficiais, 1 médico, 1 farmacêutico e 1 enfermeiro, armada de 2 canhões Krupp 7,5, 3 metralhadoras Nordenfelt e centenas de fuzis Mannlicher além de milhares de cartuchos e munição para os canhões.

O sertão estava assombrado. Desde 1888, quando o Imperador determinara o transporte do meteorito Bendegó - ícone sagrado dos tapuias caído na região- para a capital do Império, o sertanejo jamais presenciara tão eloqüente presença do poder central em suas terras secas... abandonadas(os) à própria sorte.

Do lado jagunço, destacar-se-iam entre os precariamente armados piquetes de defesa de Antônio Conselheiro os líderes: João Grande, Estevão, Pajeú e Lalau que ofereceram dois combates às tropas federais na sua progressão demandando Canudos. Em 18 de janeiro, após uma marcha de 14,5 léguas (95,7 km), trava-se o primeiro recontro entre os soldados de Febrônio e as milícias de Conselheiro nas trincheiras naturais da Serra do Cambaio. Às 7 horas da manhã do dia seguinte, a coluna invasora é surpreendida na sua progressão de Tabuleirinho a Canudos, na Lagoa do Cipó - a partir de então denominada de Lagoa de Sangue pelos violentos combates corporais que lá se travaram. Sem condições de sustentar fogo, o comandante Febrônio de Brito ordena a retirada da tropa para a base de Monte Santo, onde chega a 21 (ou 22 ?) do mesmo mês com um saldo de 10 praças mortos e muitos feridos.

⁸ Sogro de Euclides da Cunha - o poeta de *Os Sertões*.

3.4 - ALTO DO MAIO, CANUDOS E ANGICO: INTERMEZZO–QUASE FINAL

A prudente mas antes incogitável retirada da 2ª Expedição do teatro de operações sem sequer ter alcançado a cidadela-alvo iria ferir fortemente o brio das forças republicanas. Para revidar de tal desonra, é convocado o coronel Antônio Moreira César para a nova investida militar contra o arraial sagrado. Militar enérgico, de grande prestígio entre os florianistas, fora o chefe vitorioso nas lutas da Campanha Federalista em Santa Catarina de onde saiu com fama de temperamental e violento, recebendo, por isso, a alcunha de *corta-cabeça*.

À frente de um destacamento de cerca de 1 600 homens⁹, inclusive uma brigada de infantaria, um esquadrão de cavalaria; uma bateria de artilharia armada com seis peças, um corpo de saúde composto de 2 médicos, 2 engenheiros militares, 3 oficiais da Caixa Militar, 157 praças da Polícia Militar da Bahia e um comboio com farta munição, Moreira César parte de Monte Santo em direção a Canudos em 23 de fevereiro de 1897, passando pelo Cumbe (atual município de Euclides da Cunha), Fazenda Cajazeira, Serra Branca, Fazenda do Rosário, Rancho do Vigário para, finalmente, alcançar o Alto do Maio, nas cercanias do reduto conselheirista, em 3 de março, onde a tropa chega exausta, sedenta, faminta e em farrapos pela dura marcha através da caatinga e sob o ardente sol do sertão. Recebe ordens de atacar o arraial no mesmo instante, contrariamente ao plano traçado anteriormente pelo seu estado-maior, acatado pelo comandante e, surpreendentemente, modificado, ao arrepio da lógica e do bom senso.

Após breve bombardeio e assalto à cidadela jagunça, onde os expedicionários chegaram a alcançar as igrejas velha (de Santo Antônio) e nova (inacabada), incendiando algumas casas, a resistência se faz feroz e impenetrável. O coronel César decide ir então, pessoalmente, “*dar brio àquela gente*”¹⁰.

Ferido gravemente no único combate que o falastrão comandante e sua tropa ofereceriam aos conselheiristas, Moreira César agoniza e morre na madrugada de 4 de março (quarta-feira de cinzas), horas antes da debandada geral da tropa, com a perda de

⁹ Não é conhecido o efetivo exato da 3ª Expedição que incorporou ao Batalhão Moreira César parte dos combatentes da malograda Expedição Febrônio e da tropa da Força Pública baiana destacada para intervir no conflito.

¹⁰ Ap.: CUNHA (1ª ed. 1902. 1982: 231).

cerca de 500 homens (desaparecidos, mortos e/ou feridos) e o abandono no teatro de operações da quase totalidade do armamento e munição que iriam equipar os jagunços no enfrentamento do ato derradeiro de seu destino trágico.

Naquela mesma data, na Capital Federal, encerravam-se os bailes carnavalescos daquele ano que cantaram antecipadamente a fatal vitória do todo-poderoso *treme-terra* e sua tropa sobre os jagunços mal-armados de Antônio Conselheiro:

*Tremei, audaz Conselheiro,
ante o reforço potente
que vai tirar-te os Canudos,
vai destroçar tua gente.*

[...]

*Eia! Valentes! Brademos
Desde o monte até o val:
Morra! Morra! O Conselheiro
Viva! Viva! O Carnaval.¹¹*

3.5 – COCOROBÓ, ANGICO, PITOMBAS, TRABUBU, MACAMBIRAS, UMBURANAS E ALTO DA FAVELA: A ACABAÇÃO DO MUNDO

A fragorosa derrota da temerária coluna comandada pelo coronel César, a perda do armamento e munição, apropriados pelo inimigo, e as mortes do vice-comandante, coronel Pedro Nunes Tamarindo, e de seus auxiliares, capitães Salomão da Rocha e Vilarim e do engenheiro militar Alfredo Nascimento, repercutiriam bombasticamente por toda a República. Na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, além de distúrbios de rua, três jornais de tendência monarquista¹² foram depredados e o jornalista Gentil de Castro, assassinado. Na capital paulista, *O Comércio de São Paulo*, jornal de mesma linha, é tirado de circulação. A vergonha de um numeroso e bem municiado destacamento militar posto a correr pelos jagunços *brancos* e desarmados, liderados por um religioso *fanático*, deixa a nação em verdadeiro estado de histeria. Nesse clima, é organizada a quarta investida federal contra o reduto conselheirista, esta comandada pelo general-de-brigada Artur Oscar de

¹¹ Ap.: FONTES (1995: 350-1).

¹² *A Gazeta da Tarde*, *O Apóstolo* e *Liberdade*.

Andrada Guimarães, dividida em duas colunas que deveriam assaltar o arraial do Belo Monte: a partir de Queimadas, via Monte Santo (BA), 1ª Coluna, sob o comando do general João da Silva Barbosa e de Aracaju (SE), 2ª Coluna, sob o comando do general Cláudio do Amaral Savaget.

O epílogo da tragédia que sepultaria junto com o líder religioso e seus seguidores, na velha Canudos, o ideal de construção de uma sociedade inspirada nas comunidades fraternas do cristianismo rústico se estenderia por quase sete meses¹³ envolvendo 12 340 combatentes do Exército nacional¹⁴; batalhões de quatro polícias militares estaduais¹⁵; destacamentos das forças públicas do Espírito Santo e de Sergipe, agregados às tropas federais e, no seu ato final, uma expedição de reforço¹⁶ e um comboio de reabastecimento, além da presença no teatro de operações do próprio Ministro da Guerra, marechal Carlos Machado de Bittencourt que, da base de operações em Monte Santo, organizou e dirigiu a logística que levaria o Exército à vitória final, inaugurando, assim, na força terrestre brasileira, o Serviço de Intendência do qual se tornaria o patrono.

Como reforço ao armamento convencional, as forças federais contaram para a *delenda Canudos*¹⁷ com um canhão Witworth 32 (2 toneladas)¹⁸, que os jagunços apelidaram de *a matadeira* (Foto 6) e mais 18 canhões Krupp 7.5, transportados pela caatinga com grande sacrifício para destruir as igrejas-fortalezas de Antônio Conselheiro.

De junho a outubro de 1897, republicanos e sertanejos travariam inúmeros combates nas duas frentes de batalha, tendo sido interceptados diversos comboios de suprimento das tropas federais pelos jagunços conselheiristas o que levou a 4ª Expedição à sede, à fome, ao esgotamento da munição e quase à derrota.

¹³ Da nomeação do seu comandante-em-chefe (6 de março de 1897) à derrota final dos conselheiristas (5 de outubro do mesmo ano).

¹⁴ 49,8% do efetivo total do Exército brasileiro (24 761 homens) do ano de 1897.

¹⁵ Amazonas, Bahia, Pará e São Paulo.

¹⁶ A Brigada Girard, comandada pelo general Miguel Maria Girard, o qual deu baixa “por motivo de saúde”, afastando-se assim do comando da Expedição antes da mesma alcançar Canudos. Edmundo Moniz denomina a expedição reforço de 5ª Expedição. Ver, MONIZ (1987: 217-231).

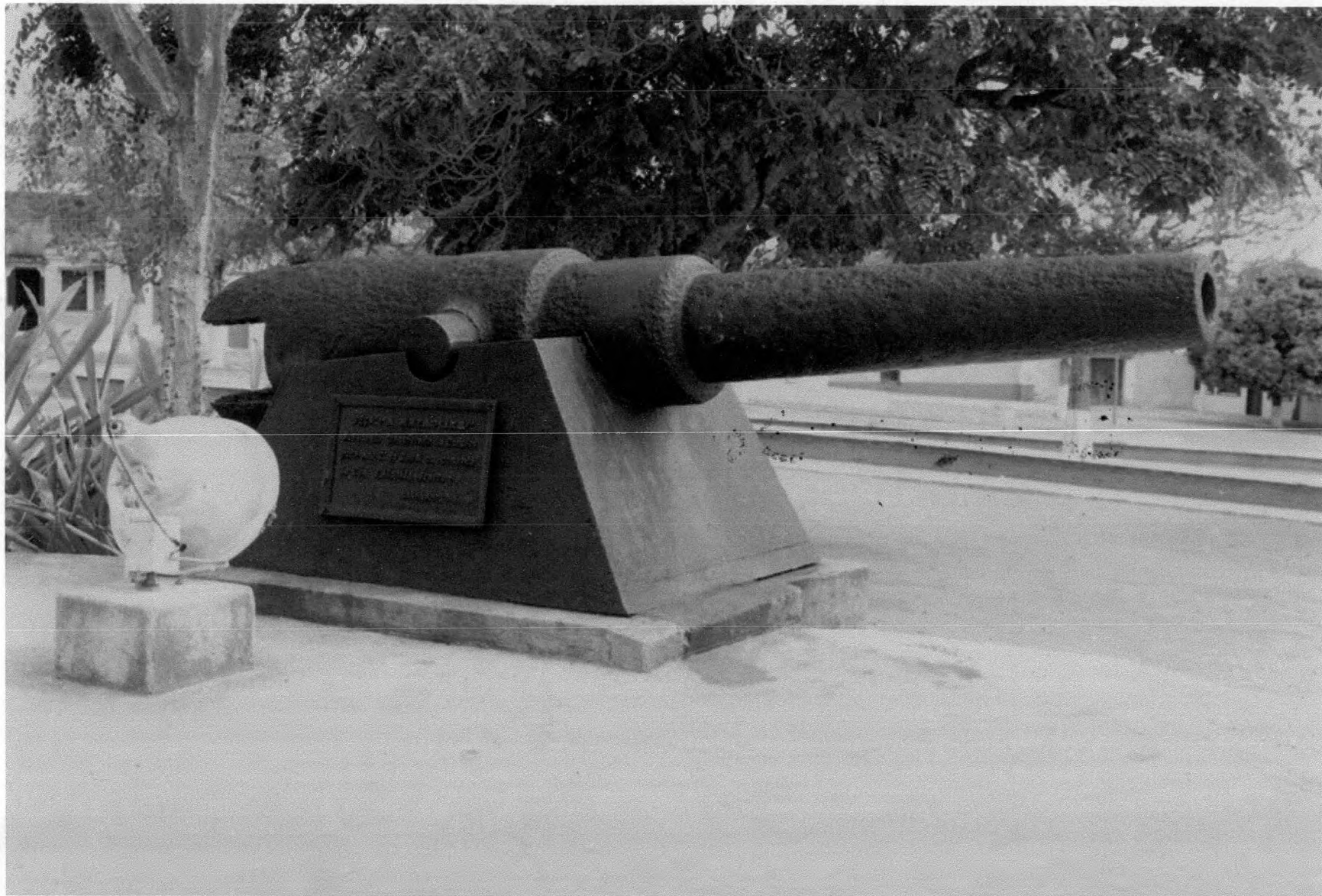
¹⁷ *Delenda Carthago* =- Cartago deve ser destruída. Alusão à destruição da cidade-estado do norte da África, pelos romanos comandados por Cipião, no II século antes de Cristo (Guerras Púnicas).

¹⁸ De acordo com o coronel Davis Ribeiro de Sena, as características da *matadeira* são as de um canhão de artilharia naval, possivelmente expropriado à Marinha pelo Exército durante a Revolta da Armada (Foto 6).

Para o poeta de *Os Sertões*, fechando o seu livro vingador:

*Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.*¹⁹

¹⁹ CUNHA (1ª ed. 1902. 1982: 407).



CANHÃO WITWORTH 32 – A MATADEIRA – (MONTE SANTO - BA) – PEÇA UTILIZADA PARA DESTRUIÇÃO DAS IGREJAS DO BELO MONTE – FOTO 6

PARTE II

CANUDOS: UM TEMA DE ADMINISTRAÇÃO?

*"- Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Cua aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldade neles exp'rimentas!"*

Luís de Camões
(*Os Lusíadas*, Canto Quarto, XCV)

4 - O QUE É ADMINISTRAÇÃO?

Nas línguas latinas, bem como em muitos outros idiomas modernos, cuja consolidação se faria sob a influência da cultura romana dominadora, o vocábulo ADMINISTRAÇÃO vem de *administrare* (*ad* = no sentido de + *ministrare* = submeter).

O vernáculo até hoje não dispõe de um dicionário do português medieval, “*nem mesmo de um simples índice do vocabulário desse período*”¹, conforme adverte o etimólogo Antônio Geraldo da Cunha: “*A lexicografia histórica portuguesa ainda se encontra numa fase de lamentável atraso. Comparados, então, com os da outras línguas de cultura, como o inglês e o alemão, o francês e o italiano – para só citar as mais conhecidas – , os nossos recursos para a datação dos milhares de vocábulos portugueses de diversa origem são, na realidade, muito parcos.*”² Feita a ressalva, aquele léxico nos informa que o mais remoto registro conhecido do verbete *administração* no idioma português data do século XIII, *mjstraçõ*, e que sua evolução assim se faria: *aministraçon* (século XIV); *mjnjstraçõ*, *aministraçom* (século XV) e *administração*³, a partir de então.

Quanto à semântica do vocábulo, o *Dicionário de Ciências Sociais* da Fundação Getúlio Vargas indica, genericamente, em texto de duas laudas e meia, que “*Administração é termo usado para certos casos especiais de ação em que uma coisa é servida por uma pessoa a outra; por exemplo, a administração de um sacramento, ou de um medicamento, ou da lei (ou justiça) [...]*”⁴ Seguem-se quatro outros sentidos atribuíveis ao termo, inclusive o de uso corrente, com comentários sobre seus empregos: 1 – em contextos sociais e políticos: atividades de gestão e direção (em sentido amplo) e, funções especiais de planejamento e supervisão em níveis mais elevados (em sentido restrito); 2 – o Governo

¹ CUNHA (1982: XIV).

² Ibidem.

³ Idem: 15.

⁴ FGV (1987: 22).

em exercício (*lato sensu*) ou o Poder Executivo (*stricto sensu*); 3 – a totalidade dos funcionários administrativos governamentais e, finalmente, seu uso corrente: 4 – “as atividades concernentes à ação cooperativa dentro de uma organização que se destina a atender a certos fins que não são forçosamente os dos participantes cooperadores e que é organizada hierarquicamente para essa finalidade, podendo não só desfrutar de autoridade, mas também estar sob autoridade.”⁵

Já no léxico especializado, *Dictionary of Business and Management* (Dicionário de Administração de Negócios e Gestão) encontramos:

Administration

(1) *general: designating those who determine purpose and policy in organization.*

(2) *business law: the management and settling of the estate of an intestate person under a commission from a proper authority.*

(3) *See also public administration.*⁶

E, no verbete indicado:

Public administration

(1) *general: the use of individuals in federal, state, or local government and the management of such agencies. In recent years, this includes other non-profit organizations (hospitals, welfare agencies, etc).*

(2) *government: the coordination of individual and group efforts to carry out public policy. It is a process encompassing innumerable skills, and it uses techniques that order the efforts of large numbers of people.*⁷

As definições acima se constroem com as 15 representações sociais nucleares comuns (assinaladas com um duplo X no Quadro A, que se segue) ou não (idem com um único X):

⁵ FGV (1987: 22).

⁶ “Administração

(1) geral: designação daqueles que determinam os propósitos e as políticas em uma organização.

(2) lei de negócios: a gestão e colocação em ordem da propriedade (pessoa jurídica), por parte da pessoa comissionada pela autoridade competente para tal.

(3) Veja também administração pública”. ROSEMBERG (1983: 14).

⁷ “Administração pública

(1) geral: o quadro de servidores das agências dos governos: federal, estaduais e locais e a gestão dessas agências. Mais recentemente, também, a gestão de outras organizações sem o propósito de lucro (hospitais, organizações para o bem-estar social, etc).

(2) governo: a coordenação das ações de pessoas e grupos na implementação das políticas públicas. Processo esse que encerra diversas habilidades e técnicas que ordenam os esforços de um grande número de pessoas”. (Idem: 403).

REPRESENTAÇÃO		DCS ⁸	DBM ⁹
DISCRIMINAÇÃO	CATEGORIA ¹⁰		
1 - Ação de uma pessoa sobre outra	H	X	X
2 - Ações cooperativas	A	X	
3 - Autoridade	H	X	X
4 - Coordenação	A		X
5 - Direção	A	X	
6 - Gestão	A	X	X
7 - Governo / Administração Pública	P/E	X	X
8 - Hierarquia	H	X	
9 - Objetivos / finalidades / propósitos / políticas	F	X	X
10 – Organização(ões) / ordenação	A/E	X	X
11 - Organizações sem propósito de lucro	E		X
12 – Planejamento	A	X	
13 - Poder Executivo (Ministérios e Presidência)	P/E	X	
14 - Quadro de servidores / funcionários	P	X	X
15 – Supervisão	A	X	

QUADRO B

⁸ *Dicionário de Ciências Sociais.*

⁹ *Dictionary of Business and Management.*

¹⁰ A = Ação / Função; E = Espaço; F = Fim / Objetivo; H = Hierarquia; P = Ator / Personalidade.

A teoria dos *núcleos centrais e sistemas periféricos* de uma representação social, que inspira a análise desenvolvida no Quadro A, é desenvolvida por ABRIC (1994) e se baseia nos trabalhos de DURKHEIN (1983) sobre a *consciência ou representações coletiva(s)*, denominadas *representações sociais* por MOSCOVICI (1978). De acordo com MÖLLER (1995):

O sistema central, ou seja, o núcleo central da representação, é constituído por um ou alguns elementos cognitivos, que conferem à representação o seu significado básico ou sua identidade – pela qual são influenciados os próprios sentidos das demais cognições – e a organizam globalmente. Por outro lado, os elementos do sistema periférico, ‘gerenciados’ pelo núcleo central, proporcionam a interface entre a representação do objeto e as condições concretas cotidianas que o envolvem. (p 41-2)

Analisando o quadro da página anterior concluímos:

- 1 – É possível conceber o ato de administrar a partir de cinco categorias básicas, constantes das definições utilizadas para o vocábulo, a saber: AÇÃO / FUNÇÃO (A) (representações: 2, 4, 5, 6, 10, 12 e 15); ESPAÇO / LOCUS (E) (representações: 7, 10, 11 e 13); FINALIDADE / OBJETIVO (F) (representação: 9); HIERARQUIA / CLASSIFICAÇÃO (dos atores) (H) (representações: 1, 3 e 8) e ATORES / PESSOAS (P) (representações: 7, 13 e 14).
- 2 – Há, pelo menos, uma representação comum às duas definições em cada categoria: A: (6 e 10); E: (7 e 10); F: (9); H: (1 e 3); P: (7 e 14). Em outras palavras, as definições se equivalem.
- 3 – Entre as representações que não se repetem nas duas definições temos: No DCS: ações cooperativas (2); direção (5), hierarquia (*stricto sensu*) (8), planejamento (12), Poder Executivo (Ministérios e Presidência) (13) e supervisão (15). No DBM: coordenação (4) e organizações sem propósito de lucro (11).

Da análise assim formulada podemos enunciar a seguinte definição preliminar:

ADMINISTRAÇÃO é um fenômeno de ação cooperativa (trabalho societário - envolve no mínimo dois atores/pessoas), em que um(ns) ator(es) têm ascendência hierárquica (autoridade) sobre o(s) outro(s); que se desenvolve nas organizações (espaço político: Estados nacionais, suas unidades-membros e agências; empresas e outras

organizações, com ou sem fins lucrativos) para alcançar missões, objetivos e/ou propósitos específicos. Esse fenômeno engloba as seguintes funções principais: planejamento, organização, direção (coordenação) e acompanhamento (controle).

Convém, ainda, destacar que:

- 1 – É freqüente a sinonímia no emprego dos verbetes: *administração*, *gestão* e *gerência*, sinonímia essa que é autorizada pelos principais léxicos do vernáculo como, por exemplo: Alpheu Tersariol (1971: 27), Aurélio Buarque de Almeida Ferreira (1975: 38), Jayme Séguier (1910: 19), etc. O professor Paulo Roberto Motta, ratificando o uso das três expressões como sinônimas, na língua portuguesa falada no Brasil, desenvolve, historia e discute o assunto no prefácio de seu trabalho: *A Ciência e a Arte de Ser Dirigente*¹¹.
- 2 – Enquanto a observação anterior é de natureza semântica, esta postula-se epistemológica e evoca duas propriedades inerentes à idéia de *administração*, a saber: a) o fato de se tratar (necessariamente) de uma ação cooperativa que se desenvolve num espaço hierarquizado, o que significa dizer, político, onde, em algum grau e sob qualquer forma, o fenômeno dominação se faz presente; b) a circunstância de que a organização desse espaço social estratificado e potencialmente conflituoso é justificada e se conforma pela perseguição de objetivos, supostamente comuns para alguns autores¹² e, mais prudentemente ditos específicos, para outros¹³.
- 3 – Em função do exposto em 2, o fenômeno administrativo é essencialmente um fato social e, como tal, singular, moral e histórico.

Não obstante seu caráter de fenômeno social e político, o pensamento sobre administração tem sido fortemente influenciado pelo positivismo de Frederick Winslow Taylor - seu fundador: A administração científica consiste em certa combinação de “conhecimentos coletados, analisados, agrupados e classificados, para efeito de leis e normas que constituem uma ciência [...]”¹⁴

A seguir refletiremos sobre esse fenômeno e suas propriedades esquecidas de singularidade, subjetividade e historicidade.

¹¹ MOTTA (1995: 15).

¹² NEWMAN (1969: 15), MAXIMIANO (1985: 21), etc.

¹³ ETZIONI (1980: 13), AKTOUF (1996: 25), etc.

¹⁴ TAYLOR (1966: 147), 1ª ed.:1911.

4.1 – ADMINISTRAÇÃO: MECANISMOS, ORGANISMOS VIVOS OU FENÔMENO SOCIAL?

A Teoria das Organizações, no ecletismo das abordagens com que estuda o fenômeno administrativo e seu *locus* de manifestação, vem desenhando uma verdadeira paleta multicolor de enfoques e metodologias emprestados das ciências sociológica, política, psicológica, antropológica, matemáticas e das tecnologias. Ora prevalecendo uma visão funcionalista do fenômeno, outras vezes um posicionamento de base crítico-epistemológico e, na variação desse espectro de cores e matizes, algumas teorizações de inspiração metafórica¹⁵ (como a sugerida no título desta parte), analógicas (*empresa quântica*),¹⁶ filosóficas (*organizações holísticas*)¹⁷ e, até mesmo, *místicas* (*planejamento organizacional numerológico, tarológico, etc.*).

Parece ser correto dizer que, a partir do manifesto determinismo da Administração Científica dos primeiros anos deste século, até os nossos dias, a evolução do pensamento sobre Administração tem-se feito partindo do particular para o geral, do simples para o complexo, do material para o simbólico do concreto para o abstrato. Assim, é lícito inferir desse processo que a construção teórica da disciplina Administração vem crescendo no método, se complexificando no referencial de análise e perdendo o legado original de estudo como fenômeno natural para assumir a condição plena de fato social, o que significa dizer, histórico.

Colocada a questão desse modo, ressurgem a antiga indagação seria a Administração uma ciência, uma técnica ou uma arte? Partilhamos a convicção de que essa disciplina é uma arte (do latim *artis* = conjunto de preceitos para a execução de qualquer coisa)¹⁸ que, como as demais, utiliza-se de técnicas as quais, por sua vez, se baseiam em conhecimentos científicos ou comuns.

¹⁵ Ver: MORGAN (1989).

¹⁶ Ver: NOBREGA (1996).

¹⁷ Ver: RIBEIRO (1990).

¹⁸ Para FERREIRA (1995: 64): Arte é: “1 – a capacidade que tem o homem de pôr em prática uma idéia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria. 2 – A utilização de tal capacidade, com vistas a um resultado que pode ser obtido por meios diferentes [...]”. Por outro lado, CUNHA (1982: 72) ao analisar a etimologia da palavra, destaca que a mesma originalmente expressa “engano”, “malícia”. A este propósito lembrar a característica fundamental das organizações: como *locus* de um fato político e, como tal, espaço potencialmente conflituoso, onde o jogo estratégico (sempre enganoso e malicioso) se desenrola.

4.2 – RESGATANDO A NATUREZA SOCIAL DA ADMINISTRAÇÃO

Se, por um lado, as interpretações semânticas do vocábulo Administração, aqui analisadas, se limitam à simples descrição do fenômeno como uma realidade dada, sem qualquer preocupação com a compreensão de sua dinâmica, por outro, a Teoria das Organizações, principalmente a partir da contribuição dos humanistas e estruturalistas (radicais) e das correntes do subjetivismo fenomenológico e hermenêutico¹⁹, vêm caminhando no sentido da libertação de seu viés funcionalista - legado da visão positivista de seus fundadores e da pretensa universalidade do fenômeno estudado.

O resgate do caráter social do fato administrativo e, por conseguinte, de sua característica central de fenômeno cultural e histórico, manifesta-se visivelmente nas teorias formuladas a partir dos anos pós-2ª Guerra.

Em oportuna investigação realizada em 1975, o professor Osmar Bertero lista 30 variáveis “*extraídas dos estudos que estão certamente, entre os mais expressivos, publicados [até então]*”,²⁰ classificando-as em: *variáveis estruturais, variáveis de processo e variáveis comuns (estrutura e processo)*. Entre as *variáveis estruturais* aquele pesquisador inclui “*origem e história*” (da organização), presente em um trabalho de autoria do grupo de Aston publicado nos anos 60. Embora esta dimensão das organizações apareça uma única vez num conjunto de 70 estudos pesquisados (~ 1,4%) envolvendo 129 organizações, cerca de 7 000 hospitais, mais de 400 repartições do governo federal norte-americano e 115 instituições de ensino superior dos Estados Unidos, totalizando mais de 7 600 organizações, é auspicioso que, pelo menos, o grupo astoniano tenha percebido a manifestação de tão importante dimensão do espaço organizacional. Por outro lado, o fato se torna muito mais significativo quando observamos as outras variáveis reveladas naquela pesquisa também em apenas um único estudo: *impessoalidade, propriedade e controle, recursos organizacionais, moral e, inacreditavelmente para uma sociedade fundada na lógica de mercado e na competição: lucratividade, produtividade e posição de mercado*. O Quadro C apresenta a tabulação resultante daquela investigação:

¹⁹ Ver: BURREL e MORGAN (1980).

²⁰ BERTERO (1975: 32).

VARIÁVEIS E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS ESCOLHIDOS²¹

VARIÁVEL	HALL (1983)	HALL / HAAS / JOHNSON (1987)	HEYDEBRAND (1973)	BLAU / SCHOENHERR (1971)	BLAU (1973)	ASTON (1963-68)	Nº DE ESTUDOS
1 – Hierarquia de autoridade	X	X		X			3
2 – Divisão do trabalho – especialização	X	X	X		X	X	5
3 – Regras e regulamentos	X	X					2
4 – Procedimentos	X	X					2
5 – Impessoalidade	X						1
6 – Diferenciação hierárquica - vertical	X			X	X		3
7 – Dispersão espacial – localização	X					X	2
8 – Formalização (ênfase na comunicação escrita.)		X		X		X	3
9 – Autonomia organizacional			X			X	2
10 – Complexidade - da estrutura de tarefas							0
11 – Diferenciação horizontal			X	X	X	X	4
12 – Tamanho			X	X	X	X	4
13 – Complexidade Tecnológica			X	X			2
14 – Profissionalização			X		X		2
15 – Burocratização	X	X	X	X	X	X	6
16 – Eficácia organizacional			X	X		X	3
17 – Padronização				X		X	2
18 – Adaptação ao ambiente – flexibilidade			X	X	X	X	4
19 – Formato organizacional				X		X	2
20 – Descentralização – delegação				X	X	X	3
21 – Centralização				X	X	X	3
22 – Propriedade e Controle						X	1
23 – Origem e história						X	1
24 – Tecnologia			X		X	X	3
25 – Recursos organizacionais						X	1
26 – Interdependência – autonomia- dependência.			X			X	2
27 – Lucratividade						X	1
28 – Produtividade						X	1
29 – Moral						X	1
30 – Posição de mercado						X	1
TOTAL	8	6	11	13	10	22	70

QUADRO C

²¹ BERTERO (1975: 32). Destaque e totalizações meus.

4.3 - EM BUSCA DE UM MODELO HISTÓRICO PARA A ANÁLISE ORGANIZACIONAL

A Análise Organizacional clássica, mais frequentemente denominada Organização e Métodos (O & M) ou ainda Organização, Sistemas e Métodos, como herança característica da teorização dos “engenheiros das organizações”,²² seus seguidores e contestadores preocupados principalmente com a eficiência econômica das empresas e demais unidades sociais onde o trabalho societariado se desenvolve, faz uma leitura bastante precária do fenômeno-objeto de seus estudos, reduzindo, por via de regra, o espaço organizacional às dimensões: 1) material - edifícios, máquinas, estoques, etc.; 2) humana - vista como formada por seres motivados, exclusivamente, por compensações pecuniárias; 3) tecnológica – englobando os processos, técnicas, sistemas operacionais etc.; e 4) estrutural-hierárquica – que é a dimensão política daquele espaço, envolvendo a lógica de repartição do poder na organização, sua departamentalização, a tomada de decisão, etc.

Tendo em consideração que as dimensões tecnológica e estrutural são de natureza lógico-formal, é possível representar o espaço assim concebido com apenas três dimensões,²³ reunindo a primeira (material) à parte física da terceira (tecnológica) e renomeando-a dimensão *tecnológica* (T) (“*hardware*”); denominando a segunda (humana) de dimensão *biológica*²⁴ (B) (“*peopleware*”); e, finalmente, juntando a quarta (estrutural-hierárquica) à parte não-material da terceira e chamando-a *racional-lógica* (L) (“*software*”).

²² Ver: WARLICH (1977).

²³ Em trabalho pioneiro sobre a necessidade de desenvolvimento de “*uma sociologia especial da administração*” o professor GUERREIRO RAMOS (1983: 1-35), 1ª ed.: 1966, antevendo “*o fato administrativo como aspecto particular da realidade social*” já distinguia três ordens nos seus elementos constituintes, os quais denominava: *aestruturais* (morfologia material do fenômeno), *estruturais* ou *configurativos* (internos: estrutura organizacional etc. e externos: a sociedade global, etc.) e *estruturantes* (decisões).

²⁴ Categorização esta que se justifica plenamente se considerarmos o fato de que, nas organizações produtivas dos regimes escravistas e de servidão, nos processos tradicionais que se utilizam da tração animal e, o que é tão pavoroso quanto verdadeiro, em muitas organizações contemporâneas onde o papel humano é meramente o de força motriz animadora da produção, a dimensão biológica, desempenhada por seres dotados ou não da razão, nivela essas duas categorias de seres vivos através do aproveitamento exclusivo de suas propriedades comuns.

As três dimensões do modelo assim construído (os vértices do triângulo representativo do espaço organizacional) e suas sinergias (os lados do mesmo polígono) – Figura 4 - podem conter, sem dificuldade, as variáveis reveladas no trabalho referido do professor Bertero, exceto a de número 23 – *Origem e História* -, a qual só de modo arbitrário seria incluída em qualquer das dimensões ou sinergias daquele modelo. Vejamos como (Quadro D):

A administração em 3 D:

As organizações como estruturas estáticas

**Dimensões do espaço
organizacional:**

Bi = Dimensão Biológica, Viva ou
Humana (*peopleware*)

Ti = Dimensão Material ou
Tecnológica (*hardware*)

Li = Dimensão Lógica, Estrutural-
estruturante, Política ou de
Processos (*software*)

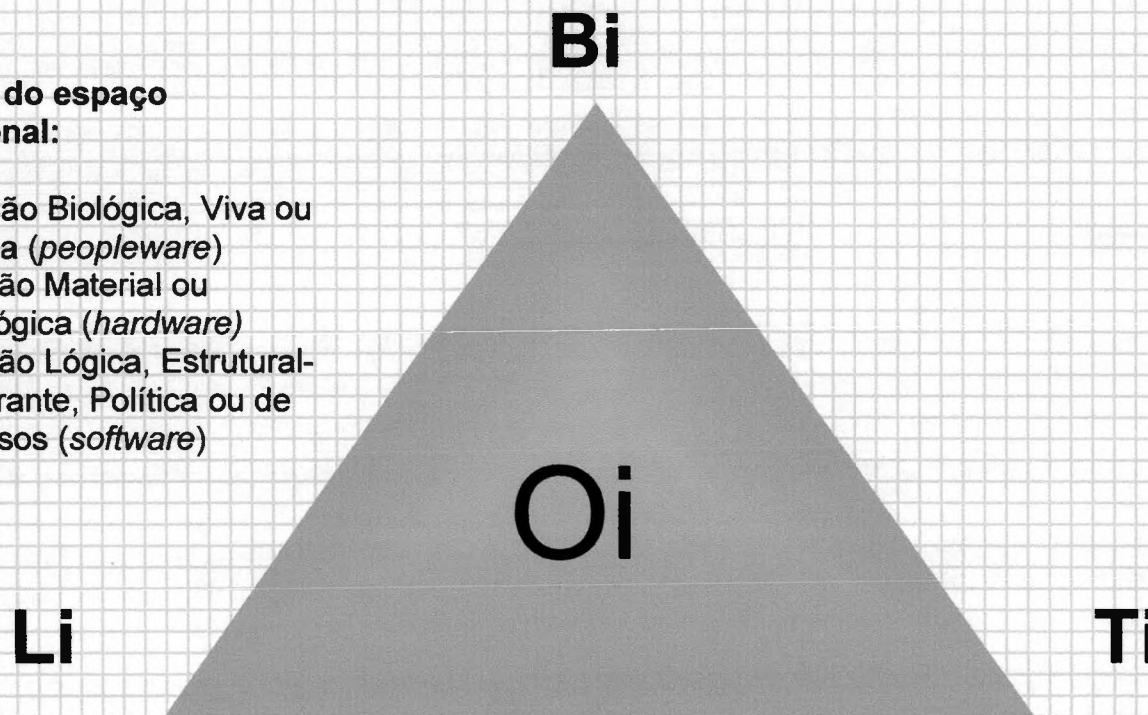


FIGURA 4

Paulo Emilio
7 jan 99

VARIÁVEIS, DIMENSÕES E SINERGIAS DO ESPAÇO ORGANIZACIONAL
QUADRO D

VARIÁVEIS	DIMENSÕES ^(*) ORGANIZACIONAIS			SINERGIAS DAS ^(*) DIMENSÕES			
	B	L	T	C 3:2 ^(**)			C 3:3 ^(**)
				B-L	B-T	L-T	B-L-T
1 – Hierarquia de autoridade				X			
2 – Divisão do trabalho – especialização				X			
3 – Regras e regulamentos		X					
4 – Procedimentos		X					
5 – Impessoalidade				X			
6 – Diferenciação hierárquica - vertical		X					
7 – Dispersão espacial – localização						X	
8 – Formalização (ênfase na comunicação escrita)				X			
9 – Autonomia organizacional		X					
10 – Complexidade - da estrutura de tarefas		X					
11 – Diferenciação horizontal		X					
12 – Tamanho							X
13 – Complexidade Tecnológica						X	
14 – Profissionalização				X			
15 – Burocratização		X					
16 – Eficácia organizacional							X
17 – Padronização		X					
18 – Adaptação ao ambiente – flexibilidade							X
19 – Formato organizacional		X					
20 – Descentralização – delegação		X					
21 – Centralização		X					
22 – Propriedade e Controle							X
23 – Origem e história							
24 – Tecnologia			X				
25 – Recursos organizacionais							X
26 – Interdependência – autonomia– dependência.		X					
27 – Lucratividade							X
28 – Produtividade							X
29 – Moral	X						
30 – Posição de mercado							X

(*) Dominantes.

(**) Combinações de 3 elementos 2 a 2 e 3 a 3, respectivamente.

Por outro lado, essas três dimensões de análise do espaço organizacional, sem o concurso da dimensão tempo, reduzem o universo de ocorrência do fenômeno administrativo à abstração de universo geométrico, o que importa dizer, às propriedades homológica²⁵, e de penetrabilidade²⁶. Ora, como sabemos, essas propriedades são tão refutáveis no universo físico quanto o são no mundo das organizações. Assim como o espaço material, o organizacional também se define, no mínimo, com quatro dimensões, havendo, portanto, que acrescentar às dimensões acima a também abstrata hipótese de um tempo que flui incessantemente (Figura 5). No espaço assim redefinido as organizações podem ser representadas pela notação:

$$O_i t = (B_i, T_i, L_i) t, \text{ onde: } t \text{ e } i = 0 \rightarrow \infty$$

Fazendo $t = t'$, teremos:

$$O_i t' = (B_i, T_i, L_i) t' \neq O_i t$$

E, variando $i = j$, vem:

$$O_j t = (B_j, T_j, L_j) t \neq O_i t \neq O_i t'$$

Do exposto se conclui que, no universo das organizações, como no mundo físico, cada ente só é homólogo a si próprio num determinado instante. Dito de outro modo, cada organização em um dado tempo é uma singularidade e pode ser descrita pelos “valores”²⁷ que assumem suas dimensões básicas naquele tempo.

Portanto, com a introdução da variável tempo ao universo tridimensional das organizações recuperam-se as propriedades de singularidade e “impenetrabilidade” de seus entes constituintes e, ainda, sugere-se uma certa “vinculação” entre as configurações que esses possam assumir em diferentes momentos de suas vidas. Esta “vinculação”, que na física se descreve com uma lei positiva, reguladora da passagem de um estado a outro, nas ciências sociais se denomina História. Por outro lado, se as leis das ciências da natureza têm o poder de predição dos estados futuros e de descrição precisa do passado dos entes estudados, a História pode, apenas, iluminar o porvir, explicar melhor o que ficou para trás e revelar a dinâmica dessa “vinculação” entre os momentos de um sistema social, enriquecendo, assim, a compreensão do fenômeno estudado.

²⁵ Em que coexistem entes semelhantes. Por exemplo: 2 círculos de raio x , três icosaedros regulares de aresta y , etc.

²⁶ A possibilidade de 2 ou mais entes ocuparem, ao mesmo tempo, o mesmo lugar no espaço.

²⁷ Nos sentidos quantitativo e qualitativo.

O espaço tetradimensional da administração: as organizações-máquinas

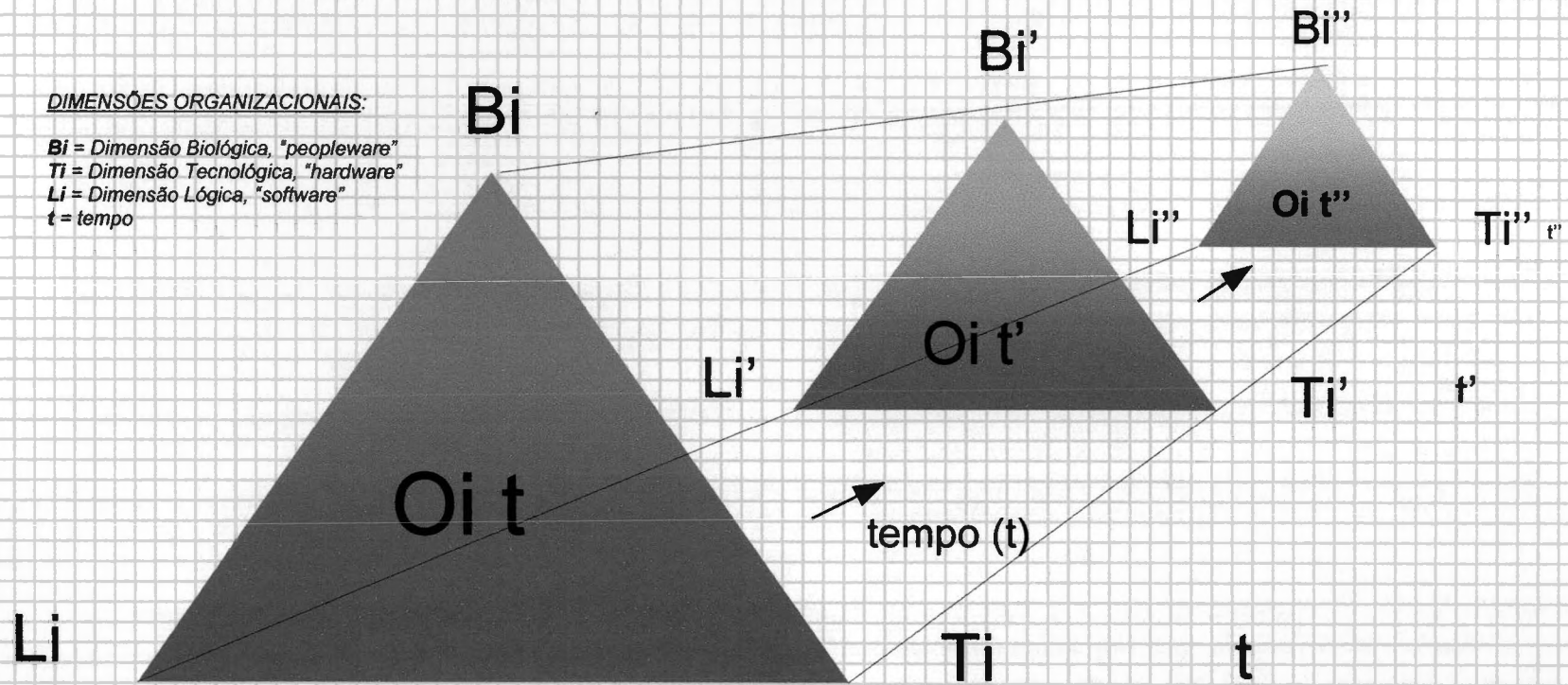
DIMENSÕES ORGANIZACIONAIS:

Bi = Dimensão Biológica, "peopleware"

Ti = Dimensão Tecnológica, "hardware"

Li = Dimensão Lógica, "software"

t = tempo



*Como o rio do filósofo, a organização
nunca retoma a mesma configuração.*

FIGURA 5

Paulo Emilio
7 jan 99

A reflexão assim formulada, sem a pretensão de ser demonstrativa, busca o resgate da historicidade imanente ao ato administrativo como fato social, o que a teoria clássica das organizações, com sua formulação original “*mecânico-fatalista*”²⁸ certamente sub-relevou.

4.4 – O TETRAEDRO SEMIOLÓGICO DAS ORGANIZAÇÕES

Como vimos, a leitura feita pela análise administrativa tradicional interpreta as organizações como conjunturas estáticas. Ainda que essa análise possa ser muito útil como roteiro preliminar de estudo, limita-se à descrição do espaço analisado sem auxiliar muito na compreensão dos processos, estruturas, comportamentos, produtos e/ou serviços da organização no nível institucional de análise.

É importante destacar que no mundo em que a racionalidade econômico-instrumental preside a lógica de uma civilização fundada nas leis do mercado, essa visão das organizações não só tem-se revelado eficiente, como também tem contribuído para a manutenção desse modelo de organização social. O sucesso inegável e a difusão por todo o planeta do movimento taylorista-fordista do início do século, aumentando fantasticamente a eficiência dos sistemas produtivos, reduzindo seus custos, massificando a produção industrial e transformando as relações sociais, são demonstrações inequívocas da correção dessa assertiva.

Por outro lado, se contemplamos o universo com um enfoque dialético, fácil é perceber que as contradições do sistema assim descrito parece já terem de há muito se explicitado, estando a humanidade neste final de milênio, consciente ou inconscientemente, vivendo a superação de mais uma era histórica na frenética busca da síntese que virá definir os cânones de um novo e nascente amanhã.

Deixando de lado essa hipótese, muitas vezes vista como romântica e/ou determinista, o caminho alternativo parece ser a paradoxal crença na quiescência da dinâmica social e no igual determinismo do *fim da História*.

Ao refutarmos, peremptoriamente, a abordagem das organizações como máquinas engenhadas exclusivamente para operação segundo o modelo físico de maximização da relação *output/input* com base na 2ª lei da Termodinâmica, também descartamos as

²⁸ Lúcida representação formulada pelo saudoso professor Ramon Garcia em suas aulas no Programa de Doutorado da EAESP/FGV.

modelagens reducionistas das teorias da Administração e buscamos um modelo mais complexo para interpretação da também complexa realidade organizacional.

Ainda que seja sensato reconhecer que as organizações são, também, coisas [representadas pela dimensão *tecnológico* (T) no modelo descrito] e que essa dimensão é perfeitamente programável e tem seu desempenho previsível, o triângulo que as representa contém dois outros vértices os quais, como vimos, definem as dimensões *biológica* (B) - cujo comportamento não é predizível - e (L) *lógico-racional*, que é um produto cultural da dimensão (B) e que se orienta para a regulação dos espaços físico e social em que se insere. Este último vértice, sendo de natureza ideativa, representa os arranjos políticos com os quais se intenta eternamente ordenar o poder que (ad)ministra o trabalho coletivo. Também se incluem nesta dimensão os esquemas lógicos de arranjo do mundo físico e de predição do comportamento humano ideal na organização. Essa variável não-material, verdadeiramente transformadora de seu *habitat*, engenha os sistemas de aproveitamento da “diferença de potencial” que gera o fluxo informacional-energético-material dinamizador do mundo da administração.

A reflexão assim feita torna as modelagens do espaço administrativo baseadas nas 3 ou 4 dimensões tradicionais, extremamente pobres. Quiçá, mesmo, esse espaço reclame um modelo de ordem superior para melhor explicação de seu objeto de estudo.

A contribuição recente dos etnólogos das organizações, vendo a administração como fenômeno cultural e as organizações como subculturas do universo social maior no qual se inserem, e a teoria semiológica, buscando a decifração dos signos gerados por aquela subculturas, parece ser de grande valia para a lapidação final do modelo que buscamos. De fato, ao olharmos as organizações e o fato administrativo que as anima, como manifestação social e, portanto, cultural, duas circunstâncias ressaltam aos nossos olhos: 1^a) a constatação da singularidade do evento administrativo o que quer dizer sua não-universalidade; 2^a) o seu caráter histórico como memória das experiências sociais ancestrais. Somos, assim, conduzidos ao universo do simbólico das organizações uma vez que toda produção cultural é também produtora de signos, e à Semiótica, que intenta explicar a sempre desafiadora significação e leitura da realidade.

Com o auxílio daquelas ciências, o triângulo organizacional ganha um centro de gravidade. Este novo ponto, o qual denominamos (C) - baricentro (nos sentidos físico e

metafórico) do espaço (B T L) - é o lugar da dimensão cultural do sistema social da organização e, portanto, o domínio da dimensão do simbólico daquele universo.

Se interceptarmos ortogonalmente o plano definido pelos vértices (B) (T) e (L) com o triângulo semiótico de Ogden e Richards (R S I),²⁹ fazendo coincidir o centro de gravidade (C) do primeiro polígono com o vértice (S) – o SIGNIFICANTE ou signo - do triângulo semiológico e um dos vértices B, T, L (dimensões do espaço organizacional) com o ponto (R) - REFERENTE ou coisa extralingüística - do trilátero semiológico, resultará dessa interseção o tetraedro que tem por quarto vértice o ponto (I) - SIGNIFICADO (referência ou idéia) do polígono de Ogden e Richards.

A Figura 6 ilustra a construção do modelo de análise organizacional-institucional assim definido, o qual denominamos *Tetraedro Semiológico das Organizações*.

Na perspectiva de resgate da dimensão simbólico-cultural na leitura do fenômeno administrativo, recuperamos também sua dimensão histórica. No modelo assim construído, a variável de número 23 (origem e história) da pesquisa de Bertero, antevista nos idos anos 60 pelos investigadores de Aston, ganha, enfim, seu espaço na análise organizacional.

²⁹ Para melhor elucidação dos modelos e teorias da Semiótica ver o excelente livro de Izidoro Blikstein: *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*, texto introdutório, escrito de forma didática e ilustrado com gravuras de Magritte e excertos de clássicos literários.

O tetraedro semiológico da administração: as organizações-culturas

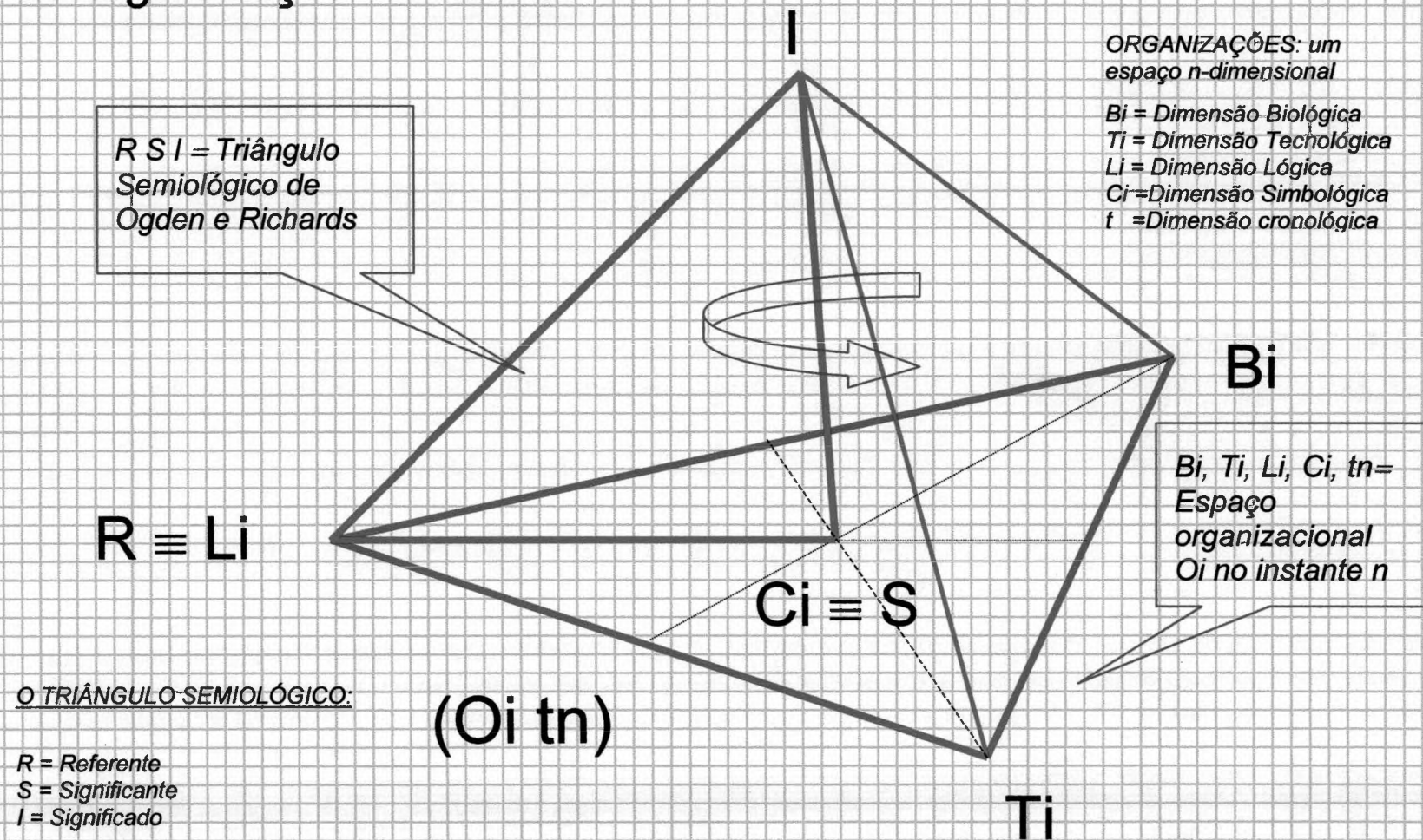


FIGURA 6

Paulo Emílio
7 jan 99

4.5 – CAPTURANDO O REFERENTE³⁰ NO UNIVERSO ORGANIZACIONAL

Em seu inteligente *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*, Blikstein destaca:

Lingüistas e semiólogos deveriam alargar a sua metodologia de análise, voltando-se [...] também para o lado direito [na Figura 6, esquerdo] do triângulo de Ogden e Richards – em que se coloca o referente – e explorando o mecanismo pelo qual a percepção/cognição transforma o “real” em referente. O triângulo passaria a ter uma configuração semiológica mais abrangente; a realidade se transforma em referente, por meio da percepção/cognição (conforme Greimas) ou da interpretação humana (segundo Coseriu), e o referente será obrigatoriamente incluído na relação triádica.³¹

Desenvolvendo essa idéia, o autor organiza um esquema didático representativo do modo como a captura do referente “modela” a realidade. A Figura 7, a seguir, associando o *Tetraedro Semiológico das Organizações* com o citado esquema didático daquele semiólogo, intenta ilustrar como: “‘não é a língua que recorta a realidade’”, como afirma o clichê; ela não recorta a realidade propriamente, mas o referente ou ... a realidade ‘fabricada’”.³²

Em reforço dessa idéia Blikstein ressalta sua ancestralidade ao destacar:

Na realidade, esse perfil epistemológico da linguagem não é tão novo assim e pode ser resgatado nas entrelinhas de textos bem representativos da história do pensamento lingüístico. Assim é que uma releitura, por exemplo, das reflexões socráticas acerca da relação entre nomes e coisas vai revelar que a noção de realidade ‘fabricada’ já estava implícita na concepção platônica de linguagem; basta lembrar uma passagem do célebre Crátilo, de Platão, em que Sócrates define o nome:

‘O nome é, assim, um instrumento para instruir e discernir a realidade...’³³

³⁰ A expressão *a captura do referente* intitula o capítulo VII da obra BLIKSTEIN (1990).

³¹ BLIKSTEIN (op. cit.: 46-7).

³² Idem: 47.

³³ Ibidem.

A captura do referente do universo das organizações através do Tetraedro Semiológico da Administração

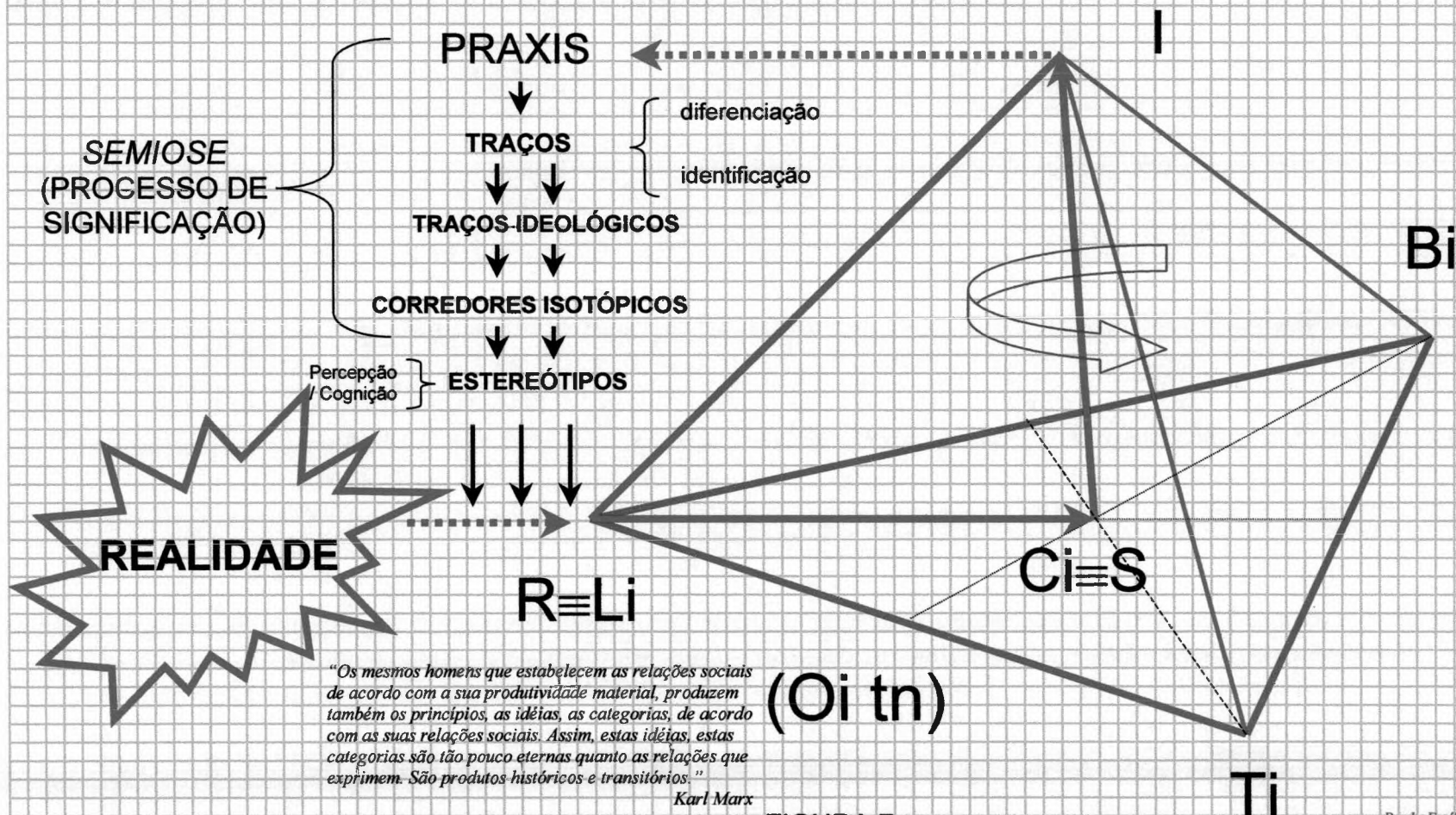


FIGURA 7

Paulo Emilio
16 jan 99

4.6 – A ANÁLISE ORGANIZACIONAL COM O *TETRAEDRO SEMIOLÓGICO*

De acordo com a premissa básica do modelo proposto, as variáveis de qualquer dimensão de uma organização (Oi) em um tempo (t) assumem “valores” singulares. Assim, ainda que se possa falar em cenários comuns para manifestação das dimensões organizacionais de um mesmo universo (A), cada organização desse conjunto pode apresentar comportamento singular dentro do padrão geral. Dito de outro modo, a não universalidade de comportamento das variáveis organizacionais torna sem sentido qualquer análise desfocada de sua contextualização.

Desse modo, e tão-somente à guisa de ilustração, a seguir, roteirizamos uma aplicação do modelo em questão sem analisar, entretanto, a variável em foco:

Das 30 variáveis reveladas na pesquisa do professor Bertero (1975: 32-3), apenas uma, a de número 15 – BUROCRATIZAÇÃO – consta de todos os seis estudos nos quais aquele teórico se baseia. Tomemos pois essa variável (consensual) do espaço onde se desenrola o fenômeno administrativo, a qual o autor de *Influências Sociológicas em Teoria Organizacional* classifica como *estrutural* e analisemo-la de acordo com o modelo tetraédrico-semiológico:

Inicialmente cumpre perguntar: a que vértice do triângulo organizacional essa variável pertence? De acordo com a definição daquele modelo, o seu ponto (L) representa a dimensão lógica do espaço onde ocorre o fato administrativo e, obviamente, a este vértice pertence a variável BUROCRATIZAÇÃO³⁴. Fazendo-o coincidir com o *referente* (*objeto extralingüístico* do polígono de Ogden e Richards), o seu *significante* (*nome*, no dizer de Ullmann) se situa entre os produtos culturais do sistema social estudado e, portanto, pertence à dimensão do simbólico, ponto (C) - centro de gravidade do espaço organizacional -, local onde, historicamente se elaboram os signos do sistema social da organização. No vértice superior do mesmo tetraedro, temos o ponto (I) – *referência* (para Ogden e Richards), *sentido* (para Ullmann), *significado* ou *conceito* (para Baldinger) e *unidade cultural* (para Eco)³⁵ - que contém a leitura coletiva e acordada que aquele sistema social faz do significante BUROCRATIZAÇÃO.

³⁴ Ver: Quadro D, p. 56.

³⁵ Ver: BLIKSTEIN (op. cit.).

Resumindo: na nossa ilustração, o REFERENTE (R) = variável BUROCRATIZAÇÃO (prática, extralingüística); o SIGNIFICANTE (S) = BUROCRATIZAÇÃO (nome, signo) e o SIGNIFICADO (I) = “BUROCRATIZAÇÃO” (“valor” social historicamente construído e coletivamente acordado dessa prática).

Conforme acentua Guiraud: *“Teoricamente, a eficácia da comunicação postula que a cada significado corresponda um significante e apenas um, e, inversamente, que cada significado não se exprima senão por um único significante. Tal é o caso das línguas científicas, dos sistemas de sinalização e, de um modo geral, dos códigos lógicos.”*³⁶E, acrescentamos, não é o caso das linguagens políticas. A própria variável em análise nos oferece uma oportunidade excepcional de explorar um pouco mais esta questão. Vejamos como.

Do ponto de vista denotativo, com base na sua etimologia e na reflexão que Max Weber³⁷ – grande teórico e sociólogo da burocracia – faz do nome, temos:

BUROCRATIZAÇÃO é o grau de racionalidade de uma organização (pública ou privada) que tem a eficiência como objetivo primordial dessa racionalidade e que se estrutura (divisão do poder) com base no direito (dominação racional-legal) e num sistema de regras impessoais que têm força de lei. Essas organizações se conformam hierarquicamente como *pirâmides* onde prevalece a especialização na função e o princípio da unidade de comando. Nesses sistemas sociais, os recursos necessários ao desempenho das tarefas administrativas não são propriedades do burocrata e seus cargos nada têm a ver com o seu patrimônio particular. Essa forma de organização se opõe às dominações: 1) *tradicional* – baseada nos costumes e 2) *carismática* – suportada na fé que os seguidores depositam nas qualidades pessoais de seu governante (demagogo?). *“Sua origem é o vocábulo francês bureau, tecido grosso de lã com que antigamente se forravam mesas. Por translação passou-se a se chamar bureau sucessivamente a mesa, o lugar em que se juntavam mesas para trabalhos geralmente de administração (pública ou empresarial), as repartições públicas e os tipos de trabalhos e funções que nelas se realizavam. Empregava-se também o termo para qualificar os empregados que serviam nesses lugares (garçons de bureau). Entre os derivados, figura burocracia para o conjunto de funções de tramitação e*

³⁶ GUIRAUD (1983: 41-2).

³⁷ Ver: WEBER, 1992: 349-59).

execução das decisões políticas e ainda o elemento humano encarregado de executar tais funções.”³⁸

Entretanto, essa variável organizacional é muito mais lida, universalmente, pelas suas conotações (negativas) do que, propriamente, pela sua denotação (positiva e ideal). Vejamos como.

Em Peter e Hull, os tão conhecidos e citados autores do *Princípio de Pedro*: “*In a hierarchy every employee tends to rise to his level of incompetence*”³⁹, ao que aqueles autores fazem seguir dois corolários desse “princípio”:

In time, every post tends to be occupied by an employee who is incompetent to carry out its duties.

*Work is accomplished by those employees who have not yet reached their level of incompetence.*⁴⁰

Já para o iluminado poeta lusitano e, provavelmente, inconformado burocrata Fernando Pessoa:

*Todos os organizadores chamados ‘de gabinete’ pecam, sem exceção, pela delineação de organismos estudados e escritos até ao último detalhe. Quanto mais inteligentes são, pior sai a obra praticamente, por isso mesmo que sai melhor intelectualmente, e portanto só intelectual. Não contam com o que a realidade é de flutuante e de incerta. Aplicam à elaboração do que pensam que há de ser uma realidade o processo pelo qual legitimamente se confeccionam os sistemas filosóficos, os poemas épicos e os romances policiais.*⁴¹

É bastante extensa e crescente a relação das críticas e sátiras à organização burocrática. Entre seus autores, além dos já citados, destacamos Northcote Parkinson, Anthony Jay, Robert Townsend, Edsel Murphy, Scott Adams – criador do Dilbert, etc.

Confrontando a concepção weberiana de burocracia e a etimologia da palavra com as conotações que a palavra incorpora, fica explícita a riqueza de conteúdos e historicidade que a mesma contém; os traços ideológicos que inevitavelmente carrega num dado sistema

³⁸ FGV (1987: 131).

³⁹ “Numa hierarquia (organização burocrática) todo empregado tende a ser promovido até atingir o seu nível de incompetência.” (PETER E HULL, 1969: 25).

⁴⁰ “Com o tempo, todo cargo tende a ser ocupado por um empregado que é incompetente para cumprir seus deveres.”

“O trabalho (de uma organização burocrática) é realizado pelos empregados que ainda não atingiram o seu nível de incompetência.” (Idem: 27).

⁴¹ PESSOA (1992: 109-10).

social; os “corredores semânticos” ou isotópicos (meliorativos ou pejorativos) e os estereótipos (“óculos sociais”) de sua percepção.

O desenho estático dos manuais, das descrições de cargos, dos regimentos e dos organogramas, onde se retrata o grau de BUROCRATIZAÇÃO de uma organização em um período de sua existência, revela, simplesmente, formas e relações lógicas, as quais com a análise proporcionada pelo modelo do *Tetraedro Semiológico das Organizações*, ganham movimento e se enriquecem pela revelação dos institutos que as presidem e determinam.

A lição do poeta, cantando os instrumentos de sua arte é, com certeza, dessa natureza e muito mais fecunda:

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*⁴²

⁴² DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Do poema “*Procura da poesia*”.

5 – BELO MONTE: UM FENÔMENO ADMINISTRATIVO?

*"The unit of the discipline is nothing other than the debate between the competing lines of analysis which takes the organization as their common object. It is the absence of debate that would really threaten the discipline."*¹

Karpik

Por que estudar Canudos dentro da disciplina Administração? Teria sido o Belo Monte de Antônio Conselheiro, verdadeiramente, um fenômeno organizacional? E seu idealizador e implementador, poderia ser incluído na galeria dos grandes empreendedores da História, lado a lado aos Ford, Watson, Rathenau, Sloan e, mais recentemente, Morita, Iacoca e Gates?

Minha resposta a essas perguntas é: sim. E acrescento: por que não incluir, também, nos estudos de formação e desenvolvimento de nossos administradores, a pesquisa e a análise das teorias, modelos, experiências, acertos e fracassos de pioneiros, tais como Irineu Evangelista de Souza (Barão de Mauá), Roberto Simonsen, Delmiro Gouveia e outros líderes, constituindo, assim, a disciplina Administração Brasileira, com o objetivo central de melhor compreender o nosso "jeito de administrar"?

Difícilmente respostas negativas a essas perguntas poderiam ser dadas divorciadas de uma argumentação ideológica ou da fé cega na racionalidade econômica como única ou melhor forma de organização da sociedade; ou ainda, e o que é muito mais grave, sem um manifesto viés colonialista.

Coerentemente com os fundamentos teóricos que iluminam o modelo de análise desenvolvido no capítulo anterior, vemos a Administração como fenômeno cultural e, assim, moldado pela História (própria) e as peculiaridades de seus povos-atores.

¹ "A unidade da disciplina (Administração) não está senão no debate entre as linhas competitivas de análise que têm a organização como seu objeto comum. É a ausência desse debate que ameaça de fato essa unidade." (Ap.: HASSARD, 1995: 49).

A tendência a concentrar o campo de estudo da Administração na casuística dos países pioneiros no processo de industrialização supõe a crença ingênua na universalidade das experiências bem sucedidas de diferentes sistemas culturais e uma precipitada tendência à prescrição de metodologias para esse desiderato. Como, por exemplo, em Taylor ao receitar os passos para aplicação de sua ciência administrativa: “1º - *Desenvolver para cada elemento do trabalho individual uma ciência que substitua os métodos empíricos [...]*”². Ou, abrindo o livro fundador da *Teoria das Organizações*: “*O principal objetivo da administração deve ser o de assegurar o máximo de prosperidade ao patrão e, ao mesmo tempo, o máximo de prosperidade ao empregado*”.³

Indagamos: em que circunstâncias? Para quais sistemas sociais?...

É verdade que muito se pode aprender com o sucesso de outras sociedades, como também é verdadeiro que os espaços culturais onde se desenvolvem experiências exitosas são tão singulares quanto aqueles que, cegamente, tentam mimetizá-las.

Em seu mais recente livro, Paulo Roberto Motta⁴, discorrendo sobre as diversas perspectivas de abordagem da transformação organizacional elege cinco importantes variáveis, a saber: a estrutural, a tecnológica, a humana, a política e a cultural, e duas formas de pensar as organizações - a estratégica e a sistêmica. Entre essas variáveis o autor consagra o maior espaço de sua reflexão às dimensões estrutural e cultural (9 p. para cada), como forças transformadoras da organização. Assim se refere aquele autor à variável cultura no universo do trabalho societário:

Há algumas décadas [...] as controvérsias [...] resumiam-se em saber se a racionalidade administrativa era transferível para contextos sociais diferentes. Nesse sentido identificavam-se três correntes de pensamento. A primeira aceitava a possibilidade de transferência de tecnologia administrativa e, portanto, desprezava fatores culturais: acreditava-se na validade universal das tecnologias administrativas e na alta capacidade de adaptação dos seres humanos, independentemente de suas heranças culturais. Presumia, também a racionalidade administrativa moderna – típica dos países ou empresas mais avançados – como pré-condição para o progresso empresarial. A segunda corrente via a racionalidade moderna como intransferível por ser contaminada pelos valores das sociedades de onde se originavam: acreditava-se nas tecnologias administrativas como

² TAYLOR (1ª publicação em 1911, 1966: 53).

³ Idem: 27.

⁴ MOTTA (1997: 70-127).

produtos culturais não-implantáveis em contextos sociais diferentes daqueles onde foram produzidos. Presumia-se a modernização administrativa e o progresso empresarial como consequência do desenvolvimento social e cultural, e não como sua causa.

Frente a essa controvérsia, desenvolveu-se uma terceira corrente de pensamento que vê a tecnologia administrativa moderna como transferível desde que ajustada às condições da cultura local. Presumiam-se as organizações em uma eficiência relativa dependente do grau de desenvolvimento e das condições sociais do contexto onde operam.

Essa última corrente foi responsável por ativar a preocupação cultural na inovação organizacional. A idéia de adaptação respondia ao desejo de conservar tradições concomitantemente com o de conquistar padrões avançados de produção. No entanto, sua fragilidade limitava-se ao uso prático. Sugerir ajustes não era suficiente sem especificar tipos de adaptações por cada tecnologia e contexto cultural.

Em consequência, choques entre valores tradicionais e modernos bem como assimilação de técnicas gerenciais mais avançadas constituíram-se em problemas de inovação organizacional. De início, via-se a cultura tradicional simplesmente como redutora da eficiência e eficácia, mas, aos poucos, compreendeu-se melhor sua potencialidade na condução da mudança organizacional.

A própria organização do trabalho tornou-se uma unidade de análise cultural à semelhança de povos, tribos e nações. Procurou-se mostrar a organização através de seus valores, hábitos, ritos e mitos, coletivamente compartilhados.⁵

Nessa diversidade de visões sobre a racionalidade que preside a ação administrativa destaca-se o enfoque etnográfico, o que significa dizer semiológico e histórico, como indissociável de qualquer estudo que se proponha a ver além do mundo aparente e ilusório dos processos e de outras formas de estruturação lógica dos sistemas organizacionais.

Ainda que nos limitemos à antes referida abordagem universalizadora da ação administrativa e do papel de seu ator central – o dirigente, conseqüentemente, que reduzamos o espaço da análise organizacional às suas dimensões tradicionais, devemos reconhecer que são muito significativos os “valores” que essas variáveis assumem no caso estudado. Vejamos como: entre as variáveis do elenco da investigação que suporta este trabalho, apenas três (ver Quadro E, a seguir) são mencionadas em quatro estudos (66,7%

⁵ MOTTA (1997: 107-8).

de seu universo referencial) sendo, portanto, classificáveis como de 3ª ordem naquele conjunto, como demonstrado a seguir:

ORDEM	VARIÁVEIS NÚMEROS	FREQÜÊNCIA (%)
Primeira	15	100
Segunda	2	83,3
Terceira	11, 12, 18	66,7
Quarta	1, 6, 8, 16, 20, 21, 24	50,0
Quinta	3, 4, 7, 9, 13, 14, 17, 19, 26	33,3
Sexta	5, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30	16,7
Sétima	10	0 (zero)

QUADRO E

Fixemo-nos, primeiramente, na variável de número 12 - TAMANHO - a qual expressa as três dimensões básicas do espaço organizacional e suas sinergias (ver Quadro D, p. 56).

5.1 – O TAMANHO DO BELO MONTE

De junho de 1893 (fundação do arraial) ao término da Campanha de Canudos, com o massacre e destruição do povoado (outubro de 1897), a comunidade sertaneja crescera da “*tapera de cerca de cinqüenta capuabas de pau-a-pique*”⁶ (~230 habitantes?)⁷ do relato euclidiano para “*as cinco mil e duzentas vivendas [...] cobertas de tetos de argila vermelha*”⁸ (~24 000 habitantes?), de acordo com o mesmo depoimento, baseado na contagem feita ao final do conflito pela Comissão de Engenharia do Exército.

A magnitude da população do Belo Monte é mais uma das incontáveis questões que o episódio suscita. Da maior estimativa “*Em pouco tempo, seis mil e quinhentas habitações viam-se e trinta mil sêres nellas se agitavam promiscuamente.*” (MACEDO SOARES: 1903: 35, sic) à mais modesta: 8 a 12 mil habitantes (RENATO FERRAZ, 1995, em

⁶ CUNHA (1982: 122).

⁷ Adotando-se a taxa 4,6 habitantes/casa sugerida por MACEDO SOARES (1903: 35).

⁸ CUNHA (Idem: 362).

depoimento a este autor), encontramos nas fontes primárias diversas hipóteses: “*Canudos é um vasto povoado, com cerca de dois mil e quinhentos a três mil fogos e duas igrejas [...]*” (~12 700 habitantes, de acordo com a mesma taxa. CONSTANTINO NERY, 1898: 113); “*20 000 bandidos em armas*” (VILELA JÚNIOR, 1988: 104, escrito em 1951); “*uma povoação de mais de vinte mil almas*” (WOLSEY, 1899: 29) e, ainda, aqueles que, como Euclides, aceitam a estimativa do Exército (5 200 casas, em torno de 24 000 almas): Dantas Barreto (1912: 138, 1ª ed.: 1898); MARTINS HORCADES (1899: 178) e CÂNDIDO MARIANO: “*Canudos tinha construídas dentro do seu seio 5 235 casas [...]*” (1897: 7).

Se crível, o censo castrense revela um crescimento demográfico muito expressivo: aproximadamente 10 335% em quatro anos, ou um incremento populacional de 219,6% ao ano. Como comparação, supondo a população dos povos viventes em 1 500 no espaço do atual território brasileiro igual a 2,5 milhões de habitantes (PILETTI, 1989: 13) e a atual de, aproximadamente, 165 milhões de almas, temos para o povo brasileiro um crescimento demográfico de 6 500% nos 499 anos de nossa história e uma taxa de incremento anual de 0,84%. Um aglomerado humano da magnitude do Belo Monte situa o povoado como sendo o 17º núcleo populacional entre os 72 municípios em que o Estado da Bahia se dividia então. Àquela mesma época, Salvador, cujo povoamento se iniciou em 1534, mais antiga cidade brasileira, 1ª sede do governo português no Brasil e capital do Estado, abrigava 174 412 habitantes⁹ (7,3 Belos Montes); a cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1563, então Distrito Federal e ex-sede da Corte, era habitada por 522 651 almas¹⁰ (21, 8 Canudos) e a velha São Paulo dos campos de Piratininga, cuja origem data de 1 554, era povoada por 64 934 habitantes¹¹ (apenas, 2,7 vezes maior do que o império do *rei dos jagunços*).

Diante de tal fenômeno de crescimento demográfico, forçoso é reconhecer que o povoado governado pelo Bom Jesus Conselheiro foi palco de um notável caso de liderança de massa e de um bem-sucedido modelo de organização social e econômica capaz de prover a subsistência de tamanha população na região mais pobre do semi-árido baiano. Ou, alternativamente, teríamos que admitir a hipótese absurda de que Canudos foi um

⁹ De acordo com o Censo de 1890, In: BRAZIL – MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO, 1916: 256).

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.

gigantesco campo de concentração onde seus prisioneiros lutaram até à morte para não abandoná-lo.

Essa enorme população sertaneja, cerca de duas vezes a do atual município de Canudos, apesar do rápido crescimento e das condições relativamente estéreis da sua região, não parece ter sofrido qualquer crise de abastecimento em sua breve história. Ao contrário, à exceção de fontes com forte motivação para denegrir a imagem daquela obra comunitária e de seu líder como, por exemplo, o frei João Evangelista de Monte Marciano¹² - chefe da malograda missão com o objetivo de dissuadir o povo do Belo Monte de continuar seu projeto - e Euclides da Cunha¹³ - influenciado pelo relatório do frade capuchinho, citado nos seus memoráveis *Os Sertões* -, os dados disponíveis falam de um povoado que, até o seu sítio completo nos últimos dias da guerra, não conheceu a fome – praga social secularmente assediadora dos sofridos sertanejos.

Honório Vila Nova, sobrevivente do holocausto da caatinga e irmão de Antônio Vila Nova, o todo-poderoso “prefeito” da urbe sagrada, em depoimento a Nertan Macedo no Assaré (CE)¹⁴ em 1962, declara: “*Não havia precisão de roubar em Canudos porque tudo existia em abundância, gado e roçado, provisões não faltavam.*”¹⁵

Confirmando a declaração do então quase centenário sobrevivente da guerra, os depoimentos colhidos por este pesquisador entre descendentes de seguidores de Antônio Conselheiro, recorrentemente, metaforizam a abundância que o arraial de seus ancestrais teria conhecido na imagem difundida ao tempo de Conselheiro, ainda viva, de que no Belo Monte “*corria um rio de leite entre barrancas de cuscuz*”.

Esses relatos contam que, além dos artigos importados das vilas vizinhas como Uauá, Monte Santo, Cumbe e de outras mais distantes, Vila Nova da Rainha, Juazeiro etc., com as quais o povo do Bom Jesus mantinha intenso intercâmbio comercial, os belomontenses se abasteciam também da produção local de seus criatórios que “*se estendiam até o Raso da Catarina.*”¹⁶ Nessas terras irrigadas pelo Vaza-Barris e seus afluentes e, por suas aguadas, nos períodos de estiagem, o povo do Bom Jesus Conselheiro

¹² MONTE MARCIANO (1895: 4).

¹³ CUNHA (1982, 1ª ed. 1902: 141).

¹⁴ Terra natal da família Assunção, mais tarde Vila Nova ao adotar o nome designativo da vila para onde emigrou na Bahia (Vila Nova da Rainha, atual Senhor do Bonfim).

¹⁵ MACEDO (1964: 70).

plantava e produzia o milho, o feijão, a batata, a abóbora, alguma farinha de mandioca e cana-de-açúcar (Fazendas Barriguda e Ponta da Serra da Cana Brava), além de manejarem seus rebanhos de caprinos e ovinos (grande riqueza da região até os nossos dias) e, em escala menor, suínos e bovinos. Realizando, assim, como diria o simpático *coronel* Jerônimo,¹⁷ inspirado trovador popular da *capital dos pirilampos*¹⁸, uma vocação secular como “*homens da civilização do pastoreio*.”

O desafio do abastecimento de uma população tão expressiva em uma região onde os longos e intermitentes períodos de seca e a aridez do solo só favorecem o florescimento de cactáceas, de pouco valor nutritivo, e a criação de caprinos, completamente adaptados aos rigores da caatinga, motivou a inclusão de um item de nosso roteiro de entrevistas com os descendentes dos sobreviventes da guerra e os estudiosos do episódio sobre a economia do arraial e seus produtos. Destacamos, a seguir, alguns desses depoimentos:

- “*O Belo Monte não era rico, mas tinha do que viver. Criava-se bode e poucas vacas, plantava-se o milho, a batata, o feijão, a abóbora ... Alguns legumes. Ninguém passava fome!*” [Ana Josefa Bispo dos Santos (Dona Zefinha, Canudos, 14/10/1916, filha dos conselheiristas Luiz Bispo dos Santos e Josefa Joana dos Santos), Canudos (BA), 6/2/1995].

- “*Ninguém passava fome! A comida vinha das roças e dessas 'praias'*¹⁹. *Os 'praianos' vendiam. Meu pai trabalhava na roça*”. [Ana Rodrigues dos Santos (Fazenda Barriguda, Canudos, 9/4/1910, filha de Manoel Rodrigues dos Santos e Teófila dos Santos, compadres de Antônio Conselheiro - padrinho de seu irmão Francisco, nascido na guerra de 1897), Canudos (BA), 3/2/1995].

- “*Em Canudos não faltava nada! Havia criatórios e plantações de milho, feijão, abóbora, ..., tudo. Nas beiradas (vazantes) do Vaza-Barris, ..., 20, 30, 50 tarefas*²⁰ *de terras cultivadas.*” [João Siqueira Santos (*Seu Ioiô*, Cumbe, atual Euclides da Cunha, 1909, filho de um produtor rural da região que conheceu e negociava com Antônio Conselheiro), Euclides da Cunha (BA), 4/12/1994].

¹⁶ SANTOS, João Siqueira (*Seu Ioiô*). Em depoimento a este pesquisador, Euclides da Cunha (BA), 4/12/1994.

¹⁷ RIBEIRO, Jerônimo Rodrigues (1916), pecuarista, ex-prefeito de Uauá. Em depoimento a este autor, Uauá (BA), 30/7/1995.

¹⁸ Ap.: FONTES (1997: 9 e 18): Uauá, na língua nativa, quer dizer terra dos pirilampos ou vagalumes.

¹⁹ Na fala sertaneja *praia* refere-se à região litorânea.

²⁰ Medida agrária muito utilizada no Nordeste e que varia de Estado para Estado. Na Bahia equivale a uma área de 4 356 m².

-“Para as pessoas mais desvalidas, havia [no Belo Monte], um barracão de distribuição de alimentos.” [João Reginaldo de Mattos (João de Régis), Canudos, 1907, filho de Reginaldo José de Mattos e Joanna Maria de Jesus. Sua: mãe, tias e avó integraram o grupo das sobreviventes-prisioneiras (ver: foto ‘As Prisioneiras’ de Flavio de Barros, 1897, Anexo ii) entregues à proteção do Comitê Patriótico da Bahia]²¹, Fazenda Umburanas, Canudos (BA), 4/2/1995].

Manoel Benício, testemunha da guerra como correspondente do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e autor da preciosa e detalhada crônica *O Rei dos Jagunços*, confirma essa abundância que vive no imaginário dos descendentes dos sobreviventes da guerra fratricida:

As margens frescas do rio eram cultivadas com plantações de diversos legumes, feijão grogotuba, favas, batatas, melancias, girimuns (sic) e melões, cannas, etc.

Nos terrenos arenosos viam-se milhares de ‘matombos’, grelando o talo tenro das mandiocas e outros com estacas de diversos tamanhos.

Pela vizinhança, os pequenos cultores de terra, em Canudos, possuíam sítios, pomares, fazendolas de criação de bode, animaes vaccuns e cavallares, praticando em soffrivel escala o cruzamento do asno com a egua ou jumenta com o cavallo.

As mulheres não estavam inactivas. As mais pobres e miseraveis fabricavam farinha de bró e parreira.(sic)²²

Entre os estudiosos, a questão do abastecimento do Belo Monte suscita algumas discordâncias. Edmundo Moniz, uma das mais citadas referências, é autor de dois trabalhos

²¹ Ver: PIEDADE (1901: xxi e xxvi). O Comitê Patriótico da Bahia foi uma sociedade civil, organizada em julho de 1897, em Salvador, por iniciativa e sob a presidência do sr. Franz Wagner, secretariado pelo jornalista Lellis Piedade (*Jornal de Noicias*), com a missão de amparar as vítimas da guerra. Durante a fase de pesquisa de campo deste trabalho descobrimos e fotografamos um curioso documento (*passaporte*) emitido por esse comitê. A seguir transcrevemos esse documento. Ver: *fac-simile* (Anexos iii.1, iii.2 e iii.3):

Comité Patriotico da Bahia

Em 12 de janeiro de 1898

Tendo este ‘Comité’ resolvido enviar para as suas terras a sra. Josepha Maria de Jesus [avó do depoente João de Régis], em companhia de suas filhas Joana Maria de Jesus [sua mãe] e Maria Cardoso de Jesus e Antonia Maria de Jesus [tias], pede as dignas autoridades do Centro do Estado de [protegerem-nas?] em qualquer emergência.

Agradecendo a proteção que por ventura fôr [dispensada?.....ilegível] meus protestos de consideração.

Lellis Piedade

Secretº. do “Comité P. da Bahia”

²² BENICIO (1899: 171-2).

sobre o tema, nos quais defende, com o rigor metodológico do velho professor de filosofia e história, a tese de que Canudos materializou uma sociedade inspirada na fraternidade igualitária do comunismo-cristão primitivo: “*A economia do povoado não conheceu nenhuma crise. Se havia tanta procura pelo arraial é porque lá havia um excedente econômico. Se houvesse fome a tendência não seria o crescimento*”²³

Já Renato Ferraz, historiador com raízes sertanejas, estima uma população não superior a 12 000 viventes no arraial sagrado, “*Não tenho nenhuma dúvida de que alimentar 25 ou 30 mil pessoas ali, na região, não seria possível!*”²⁴

Ainda que os argumentos do historiador-jagunço sejam fortes, tendemos a aceitar um número mais próximo ao da estimativa oficial a qual, além de ratificada, como vimos, por um respeitável número de *cronistas-testemunhas* do episódio, pode ser também confirmada com alguns exercícios aritméticos. Por exemplo:

1 - Euclides da Cunha refere na página 188 dos seus geniais *Os Sertões*, “*A edificação rudimentar permitia à multidão sem lares fazer até doze casas por dia.*”²⁵ Se considerarmos essa taxa como média e a projetarmos para os quatro anos de vida do arraial, resulta desta operação um total de 14 400 vivendas (66 240 almas), número este quase três vezes superior à contagem do Exército e que parece absurdo. Por outro lado, seria mais correto admitirmos que a taxa euclidiana refere-se ao pico da curva de produtividade da construção do povoado e que tal evento deve ter ocorrido após a vitória dos conselheiristas sobre as tropas do temível *treme-terra* (Moreira César), em 4 de março de 1897 (de acordo com diversas fontes primárias, após esse episódio, houve um grande crescimento no número de migrantes para o arraial). Assim admitindo e simulando uma curva para representação da produtividade dos construtores de Canudos, chegamos a um número provável de ~ 2 200 casas construídas nos dois primeiros anos do Belo Monte (~ 10 100 habitantes), o que é compatível com o relatório do frei João Evangelista de Monte Marciano: “*Abri a missão a 14 de maio [de 1895], e já nesse dia concorreram não menos de quatro mil pessoas [...]*”²⁶ (sic) e resulta num total de cerca de 8 370 habitações ou ~ 38 500 viventes na cidade-santuário quando de sua destruição (aproximadamente 1,6

²³ Em depoimento ao autor (Rio de Janeiro, 19/4/1995).

²⁴ FERRAZ, Renato. Depoimento gravado em São José do Rio Pardo (SP) em 15/8/1995.

²⁵ CUNHA (1902: 188).

²⁶ MONTE MARCIANO (1895: 5).

vezes o número de casas contados pelas forças oficiais). Concluindo, se aceitamos como máxima a produtividade levantada por Euclides da Cunha para as obras habitacionais do arraial, a estimativa populacional do tenente Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares (35 000 seres)²⁷ parece ser a mais próxima da realidade.

2 – O major-engenheiro do estado-maior do general Savaget (comandante da 2ª Coluna da 4ª Expedição), Antonio Constantino Nery, assim descreve o arraial:

*Canudos [...] abrange uma superfície de talvez mil e quinhentos metros de frente sobre oitocentos de largura, fazendo frente para o rio Vasa-Barris.*²⁸

Essas dimensões (1 500 m x 800 m = 1,2 km²) coincidem, aproximadamente, com as fornecidas no levantamento topográfico feito pelo comandante da Comissão de Engenharia do estado-maior da 4ª Expedição, coronel-engenheiro Siqueira de Menezes²⁹ (ver Figura 3.A, p.31) que dá para o povoado a forma aproximada de um semi-círculo de 860m de raio ou uma superfície de cerca de 1,162 km².

Tomando por base a área assim definida, temos uma densidade populacional de 20 654 habitantes/km² ou cerca de 48,4 m²/habitante, o que é compatível com a descrição da urbanização e arquitetura características do arraial [ver Anexo iv – foto de Flavio de Barros (1897) de uma habitação típica de Canudos]:

*A ausência de ruas, as praças que, à parte a das igrejas, nada mais eram que o fundo comum dos quintais, e os casebres unidos, tornavam-no como vivenda única, amplíssima, estendida pela colinas, e destinada a abrigar por pouco tempo o clã tumultuário de Antônio Conselheiro.*³⁰

Cumprе lembrar que o padrão urbanístico de Canudos é o modelo precursor dos paupérrimos aglomerados humanos das grandes metrópoles brasileiras, chamados favelas, onde (sobre)vivem as populações marginalizadas pelo sistema econômico, e que a denominação desses “bairros” é mais um legado da guerra fratricida do sertão, mais

²⁷ MACEDO SOARES (1903: 120).

²⁸ NERY (1898: 113-4).

²⁹ *Planta do Arraial de Canudos, Redução e Modificação da Organizada pelo Corel. Siqueira Menezes.* In: MACEDO SOARES (1903: Anexos).

³⁰ CUNHA (1ª ed.1902, 1982: 124).

precisamente, do morro da Favela, localizado nas cercanias do Belo Monte e importante base da artilharia das tropas oficiais, de onde o arraial e suas igrejas-fortalezas foi bombardeado.

Após a guerra de Canudos, soldados que lá lutaram, passaram a habitar o antigo morro da Gamboa, hoje, da Providência, na cidade do Rio de Janeiro, dando ao local a denominação de Favela em homenagem à elevação topográfica baiana onde abundava o vegetal³¹ de mesmo nome e de onde bateram seus contrerrâneos da caatinga, com os fogos dos canhões, inclusive do famoso Witworth 32 – *a matadeira*.³² Batizava-se, assim, esse deplorável espaço social de nossas cidades, que tanto cresceria neste século, quanto iria identificar nosso país no estrangeiro através de sua imagem de pobreza, mas também da produção cultural que elabora e/ou inspira.

Qualquer que tenha sido, entretanto, o tamanho da população que povoou a utopia conselheirista: 12, 20, 24, 30, 35 mil, ou mais almas, o líder sertanejo idealizador e implementador do Belo Monte, sem qualquer favor, se incluiria na galeria dos administradores de cidades de porte médio, segundo os dados demográficos da época.

5.2 – EFICÁCIA, EFICIÊNCIA E EFETIVIDADE DO PROJETO DE MUDANÇA DO *PORÁ-PORÁ-EYMA*³³

De acordo com Paulo Motta: EFICÁCIA³⁴ refere-se “ao alcance de objetivos organizacionais definidos.”³⁵ Este mesmo autor, discorrendo sobre as outras medidas de desempenho/sucesso de projetos, destaca a diferença entre a variável eficácia e suas correlatas: “eficiência: cumprimento de normas, regras e tradições internas aliadas à redução de custos” e “efetividade: alcance de objetivos sociais desejáveis que justificam a existência da organização.”³⁶

³¹ Favela: nome sertanejo do arbusto *Jatropha Phyllacantha*, da família das euforbiáceas, cujas folhas provocam urticária ao contato com a pele humana.

³² Ver: VENTURA (23/3/1997: 30).

³³ *Porá-porá-eyma* - Segundo Teodoro Sampaio: do Tupi, lugar despovoado, estéril, asilo predileto do tapuia perseguido pelos caçadores de índios. Citado por: GARCIA (1965: 199).

³⁴ Variável número 16 do trabalho de Bertero, classificável como de quarta ordem (3 menções ou citação em 50% das referências pesquisadas - Quadro E, p. 72).

³⁵ MOTTA (1979: 123).

³⁶ Ibidem.

As definições acima pressupõem a intencionalidade das ações realizadas e a antevisão (planejamento) dos estados futuros objetivados como, aliás, está explícito na própria etimologia da palavra **projeto**.³⁷

Para Hosmer, no seu clássico *Strategic Management*:

*The first step in strategy formulation is to examine the organizational mission or charter which provides a very general statement of the philosophy of the firm and the direction of its efforts.*³⁸

Com base nesses conceitos, seria lícito se referir ao Belo Monte como um empreendimento (intencional) e ao seu idealizador/implementador como gestor de um projeto?

Mais uma vez, nossa resposta é afirmativa.

No já referido encontro com Nertan Macedo, Honório Vila Nova, o jagunço comerciante e marido de Pimpona – a mais bela mulher do Belo Monte –, dissera ao jornalista da revista *O Cruzeiro* que, no ano em que o futuro líder da comunidade solidária do Vaza-Barris encerrou sua peregrinação pelo Ceará (1873), “o Peregrino disse a quantos o ouviram no Urucu que tinha uma promessa a cumprir: *erguer vinte e cinco igrejas. Que não as construiria, contudo, em terras do Ceará.*”³⁹

Quando de sua (primeira?) prisão, em 1876, em terras do município de Itapicuru (BA), inquirido pelo chefe da polícia baiana sobre sua conduta e seus atos o beato-construtor limitou-se a dizer àquele policial que: “*apenas se ocupava em apanhar pedras pelas estradas para edificar igrejas.*”⁴⁰

Manoel Benício, relatando um provável segundo retorno de Antônio Maciel à sua terra natal no ano de 1887, mais uma vez como prisioneiro, desta feita deportado pelas autoridades do Estado de Pernambuco, registra:

Visitou em seu escritório, na Fortaleza, ao distinto advogado e homem de letras, João Brígido de quem fora colega de escola.

³⁷ “Do lat. *projectu*, part. pass. *projicere*, ‘lançar para diante’”. Ap.: FERREIRA (1975: 1144).

³⁸ “O primeiro passo de uma formulação estratégica é a definição da missão (ou plano) da organização a qual apresenta uma declaração genérica de sua filosofia e da direção de seus esforços.” (HOSMER, 1982: 3).

³⁹ Depoimento de Honório Vila Nova a Nertan Macedo em 1962. Ap. MACEDO (1964: 37), destaques meus.

⁴⁰ Ap.: RODRIGUES (1939:57).

- *E agora Maciel, perguntou-lhe o ex-deputado João Brigido, para onde vai?*
- *Cumprir um voto, a S. Francisco, que fiz na Bahia.*
- *Mas aqui?!*
- *Não, Nos sertões de Canindé. Depois seguirei para onde me chamam os mal-aventurados.*⁴¹

Ratificando sua missão, confessada ao antigo companheiro de infância, e o objetivo (promessa) declarado publicamente ao deixar sua terra, o peregrino, diria no interrogatório policial ao qual foi submetido em seu Estado natal, quando da segunda prisão: “*que sendo casado e não podendo viver em harmonia com a mulher, resolvera seguir uma vida de martyrio, e o seu fim unico era aconselhar o povo, tendo ja erguido muitas egrejas e construido alguns cemiterios*” (sic).⁴²

Não há que ser exaustivo. A convergência dos diversos depoimentos registrados confirma claramente a intencionalidade do propósito de servir seu povo (mal-aventurado): aconselhando-o, edificando obras de cunho social e pregando o amor que o exemplo vivo do padre-mestre Ibiapina (ex-juiz de direito de sua cidade natal) e o próprio sofrimento o haviam ensinado. Assim, o menino órfão, religioso e triste da já distante infância em Quixeramobim; o jovem comerciante, pelejando para honrar o passivo herdado junto com os negócios paternos; o mestre-escola que repartia com suas crianças os saberes aprendidos nas aulas do professor Manoel Antônio Ferreira Nobre e os folguedos vividos nos furos do Rio Ibu; o *advogado dos pobres*, recorrendo por justiça para seus irmãos nos fóruns de Campo Grande e Ipu; o pai e amante que deixara para trás seus filhos e suas companheiras deram lugar ao conselheiro-peregrino-construtor. Restava ao homem cumprir seu destino...

Se aceita a intencionalidade das ações do futuro Antônio Conselheiro e o delineamento claro em sua imaginação do propósito de transformação do sertão, pergunta-se: teria sido o líder eficaz, eficiente e efetivo na implementação de seu projeto?

A resposta a esta pergunta abrange, necessariamente, duas diferentes situações e, portanto, dois critérios também diversos de análise:

1º O cenário desenhado com um sertão pobre; religioso; ciclicamente assolado por intensos e extensos períodos de estiagem; sujeito a uma ordem política autoritária e arbitrária e a um sistema anacrônico de propriedade da terra (o grande latifúndio privado

⁴¹ BENICIO (1899: 59), grifos meus.

improdutivo); sem educação e sem saúde; olvidado pelo poder central, presente, apenas, na cobrança de impostos e votos e na manifestação de uma justiça a serviço da ordem *coronelista*; vivendo um tempo de relativa paz.

2º Os mesmo quadro acima referido, associado às agruras impostas pelo esforço da desproporcional resistência e defesa militar de seu território.

O primeiro cenário corresponde ao período que vai, provavelmente, de 1874, quando se tem a primeira notícia do fenômeno de liderança de massa de Antônio Conselheiro no interior da Província de Sergipe⁴³ e de sua obra pioneira (restauração da Igreja de Rainha dos Anjos em Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru de Cima – BA)⁴⁴ a 1893, quando os seguidores do Bom Jesus são atacados e resistem vitoriosamente às tropas da milícia estadual baiana sob o comando do tenente Virgílio de Almeida, na localidade de Masseté, município de Tucano – BA.

Esta fase, abrangendo quase duas décadas, desenrola-se nos sertões das províncias, depois estados, de Sergipe e Bahia; caracteriza-se pelo relativo nomadismo⁴⁵ do grupo que peregrina por diversas localidades do sertão e é, fundamentalmente, a etapa em que os conselheiristas edificam e restauram igrejas e cemitérios e em que seu líder prega e aconselha, espalhando sua imagem por grande área do sertão baiano dos rios Itapicuru ao São Francisco. À exceção das duas igrejas do Belo Monte e de seu cemitério, as demais construções e restaurações realizadas pelo povo penitente datam deste período.

Como vimos (Capítulo 2), as edificações dessa fase se inscrevem no polígono formado pelas localidades-limites de Chorrochó (BA), Vila Cristina (hoje, Cristianópolis - SE), Entre Rios (BA), Manga (atual Beritingas – BA) e Monte Santo (BA). A Figura 2 (p. 30) destaca no pentágono em vermelho o *canteiro de obras* da gente do construtor-peregrino. A área circunscrita por esse imenso polígono de trabalhos comunitários cobre, aproximadamente, 25 063 km² e é 14% maior do que a superfície do Estado de Sergipe.

Se nos fixarmos numa interpretação puramente quantitativa do conceito de eficácia e avaliarmos o projeto conselheirista através do índice expresso pelo grau de sucesso no cumprimento da meta traçada (edificação de 25 igrejas nos sertões), a relação *a/p*, onde

⁴² DIÁRIO DA BAHIA (2/8/1876: 1). Ap.: Transcrição, Doc. R3, Núcleo Sertão/UFBA, grifos meus.

⁴³ Ver: 6.1.2.1 – *Relato dos Cronistas-Testemunhas (Repórteres)*, p.101).

⁴⁴ Ver: 2.3 – *A Obra Arquitetônica do Construtor-Peregrino*.

⁴⁵ Tudo leva a crer que o grupo itinerante e seu líder sediavam-se no antigo Arraial do Bom Jesus (hoje Crisópolis), fundado por Antônio Conselheiro.

a = resultado alcançado e p = meta projetada, aponta, para essa primeira fase do projeto de mudança do mundo sertanejo, uma eficácia de 80% (20/25). É claro que a limitação da avaliação de um empreendimento a um único indicador quantitativo é muito pobre. Certamente, a melhor medida de eficácia e efetividade do empreendimento conduzido pelo Bom Jesus Conselheiro se expressa no fantástico crescimento de sua organização e na capacidade administrativa, revelada durante quase um quarto de século, de prover abrigo, alimentação e proteção a tanta gente em circunstâncias tão desfavoráveis.

O segundo cenário de desenvolvimento do projeto de transformação do *porá-porá-eyma* dos tapuias, contempla o período em que o grupo se fixa em um local; cresce e organiza um novo modelo comunitário, baseado no trabalho coletivo e na solidariedade cristã, e é convocado para a resistência a um desproporcional esforço militar de invasão do seu território, finalmente ocupado e destruído. Compreende esta fase pouco mais de quatro anos, que se estendem da fundação do Belo Monte (junho de 1893) ao fim da Guerra de Canudos, bombardeio e incêndio do arraial e massacre de sua gente (outubro de 1897).

Neste segundo e último período de desenvolvimento da experiência social revolucionária de Antônio Conselheiro, é erguida e cresce assustadoramente a cidade-refúgio do peregrino na região que se situa numa das volutas do rio Vaza-Barris (ver: mapa do coronel-engenheiro Siqueira Menezes, p. 30) em terras que pertenceram à antiga Fazenda Canudos, de propriedade de Marianna Fiel de Carvalho, conforme *Apelação Cível N 1526 de 1908, do Supremo Tribunal Federal*.

Sendo esta, uma fase de resistência à invasão territorial, que se desenrola, portanto, num horizonte não contemplado inicialmente, o indicador mais expressivo do desempenho da organização no período seria sua eficiência bélico-logística, o que quer dizer, manutenção da capacidade produtiva da economia local e abastecimento do povoado em situação de crise e guerra.

De acordo com a definição de eficiência organizacional, antes referida, esse indicador relaciona os custos com os benefícios do processo (insumos/produtos). Em termos militares esses custos associam-se ao tamanho, equipamento e abastecimento do efetivo utilizado no esforço de guerra *vis-à-vis* os resultados alcançados. Assim conceituado, forçoso é admitir que os jagunços de Antônio Conselheiro e seus comandantes

foram mais eficientes, apesar de derrotados, do que seus oponentes republicanos. Vejamos por quê:

Ainda que seja razoável admitir que o censo perpetrado pela força terrestre brasileira tenda, naturalmente, para uma estimativa magnificada do poder de fogo inimigo e que as condições desfavoráveis de sua realização (povoado em ruínas, entulhado de milhares de cadáveres em decomposição e destroços dos bombardeios, explosões e incêndios impostos à cidadela ocupada) façam-no propenso ao erro por omissão e/ou dupla contagem, esse levantamento da população do Belo Monte (~24 000 habitantes), como já vimos, parece razoável e nos aponta para algo como **7 200** potenciais combatentes mal-armados nos piquetes jagunços ⁴⁶ (população masculina com idade entre 15 e 59 anos).

Se correto, este número representa uma força mínima para resistência à tropa profissional invasora, por um período de 10 meses, apesar da vantagem tática relativa que o terreno oferecia aos conselheiristas. A seguir resumimos o perfil das tropas oficiais:

- quatro (ou cinco?)⁴⁷ expedições militares;
- um contingente total superior a **12 340**⁴⁸ combatentes (aproximadamente 49,8% do efetivo total do Exército Brasileiro do ano de 1897).⁴⁹ Quase duas vezes maior do que a força oponente;
- cinco oficiais-generais (entre eles alguns antigos comandantes da guerra contra o Paraguai);
- dezenas de coronéis - a elite da oficialidade da Força Terrestre republicana;
- vários batalhões de quatro Forças Públicas estaduais (AM, BA, PA e SP) e;

⁴⁶ A maior estimativa das forças combatentes conselheiristas que encontramos, com certeza exagerada, "*Os jagunços apresentaram em suas linhas 10 mil homens*." (GUIMARÃES, escrito em 1903, 1965: 121), foi a do general Carlos Eugênio de Andrada Guimarães (mais tarde marechal), irmão do comandante-em-chefe das forças republicanas em Canudos (general Arthur Oscar de Andrada Guimarães) e comandante da 2ª Coluna, em substituição ao general Cláudio do Amaral Savaget que se retirou ferido da Campanha, antes de seu término.

⁴⁷ Edmundo MONIZ (1987: 217-31) destaca que a expedição de reforço, conhecida como Brigada Girard, (nome de seu comandante, general Miguel Maria Girard, que deixou esse comando antes de chegar a Canudos), jocosamente denominada pelos jagunços de *mimosa* e composta de três batalhões de infantaria com 1 090 homens (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 1986: 53), foi, de fato, a 5ª Expedição enviada contra o povo do Vaza-Barris.

⁴⁸ FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (1986: 23-75).

⁴⁹ O efetivo do serviço ativo do Exército brasileiro em 1897 era de 24 761 homens (idem: 32).

- o próprio Ministro da Guerra de então, marechal Carlos Machado Bittencourt, presente no teatro de operações ao final do conflito, para organizar a logística dos combates.

Os depoimentos que se seguem, todos eles de combatentes republicanos na guerra da caatinga ou de repórteres com formação militar, são o reconhecimento, por parte dos adversários, da eficiência bélica que a organização do Belo Monte desenvolveu no seu esforço de defesa:

As posições ocupadas pelos jagunços eram formidáveis. Podiam até ser consideradas como inexpugnáveis se fossem defendidas por homens, que, á bravura indomita dos jagunços, unissem o cabal conhecimento da tactica e da estrategia: estavam elles, de facto, inteiramente abrigados e a cavaleiro da estrada. (sic, major Constantino Nery, 1898: 65-6).

Uma companhia do 33º foi apossar-se de uma casa, defendida por uma duzia de jagunços. Pois bem! Só conseguiram ali chegar um 2º sargento e seis praças. O comandante da companhia, logo ao principio, foi morto; o seu subalterno, ferido; o substituto, da mesma forma; passa a comandar a companhia um 1º sargento, que é morto, e afinal, um dos outros dois sargentos e as praças citadas conseguem penetrar na casa e desalojar a jagunçada! (sic, idem:80).

Ninguém ainda conseguiu pintar e colorir bem, os costumes, a bravura, as artimanhas e modo de guerrear destes bandidos acoitados em Canudos.

Em face do systema de luta por elles adoptado, a arte de guerra dos povos policiados é uma convenção nulla e até fatal. Elles têm toda a probabilidade de ferir 100 homens, antes que um delles seja attingido por projectis daquelles. (sic, capitão Manoel Benicio, 1899: 331-2).

Em combate, [o jagunço] tudo sacrificava á mobilidade, que era realmente, de admirar; saltava de pedra em pedra, como tigre, brigando ou agachado, ou deitado; nunca se expondo, nem mantendo posição permanente, de tiro em tiro, recuando ou avançando, dificultando o alvo aos soldados. Sem estar em terreno seguro junto á uma arvore, ou pedra, onde se abrigasse e d'ahi caçasse o adversario, não offerecia combate. Atacava de preferencia os flancos e a retaguarda, volteando em torno dos batalhões, atrapalhando-os com fogos cerrados.

Atiradores eximios, os fanaticos só alvejavam com a certeza de ferir; sem abusar da munição, tiroteando com methodo e regularidade, pouco se lhes dava a chuva de balas que os soldados, sem disciplina do fogo, lhes enviavam. Em qualquer circunstancia morriam sem

gemido, convictos, como estavam, da causa que os absorvia. (sic, tenente Macedo Soares, 1903: 101-2).

E seguem, na vasta crônica da guerra, as confissões de respeito e reconhecimento do soldado bem formado pelo jagunço bronco, esquecido pelo progresso, abandonado pela civilização. Mas, corajoso, forte (talentoso no dizer sertanejo), eficiente...

5.3 – A IMAGEM DE CANUDOS

Como subculturas do sistema social em que se inserem, as organizações criam imagens que se projetam e são lidas de diversos modos, por diferentes grupos, em diferentes épocas. A decodificação dos signos identificadores dessas imagens, como vimos, no capítulo anterior, constitui o processo de significação do referente ou semiose da idéia da própria organização, o qual, por sua vez, se realiza a partir da práxis historicamente construída das relações sociais do sistema. Dito de outro modo, os traços ideológicos dominantes, as formas semânticas socialmente pactuadas e os estereótipos segundo os quais o grupamento cultural percebe e constrói a “realidade”, operam como verdadeiros óculos através dos quais o mundo é visto.

Na administração mercadológica contemporânea, um dos critérios de medida da eficácia organizacional é a capacidade da organização projetar e manter uma imagem forte que a identifique e que tenha penetração e durabilidade no mercado concorrencial de seus produtos e/ou serviços.

Com base nessa lógica, algumas empresas de publicidade buscam a associação de imagens polêmicas e mesmo condenáveis, do ponto de vista ético, aos produtos e serviços de seus clientes, como garantia de uma maior identificação e penetração no mercado consumidor.

Ainda que o estudo da organização de um movimento social, como Canudos, não se adeque às metodologias da análise de desenvolvimento de produtos, há que reconhecer que a difusão alcançada pela imagem desse movimento resulta, em grande parte, da força transformadora de sua idéia central e da competência do *marketing* do projeto de transformação do sertão.

Essa difusão fica evidente na capacidade de sobrevivência do episódio, através dos tempos. As rememorações do centenário da Guerra de Canudos, realizadas em todo o território nacional e em diversos países estrangeiros no ano de 1997, incluindo a realização de seminários e palestras, a apresentação de mostras artísticas, os lançamentos e relançamentos de livros e discos, encenações dramáticas, a produção de um filme de longa metragem e diversos video-documentários, além da emissão de selo postal e cartão telefônico comemorativos do evento e da publicação de números e cadernos especiais pelos mais importantes periódicos, são indicadores incontestáveis desse fato.

Contudo, ocorre com frequência que a penetração da imagem de um empreendimento se processe eficazmente no tempo, porém não igualmente no espaço. Este não é, entretanto, o caso da organização em análise. Os impactos político-econômicos sobre a vida nacional, no ano da grande mobilização militar contra Canudos e após, motivaram e ainda motivam reações dentro e fora do país: Em 1897, Ruy Barbosa, então legislador e representante do povo baiano no Senado Federal, escreveria um contundente discurso, não pronunciado, no qual defendia seus conterrâneos massacrados e denunciava o crime perpetrado pela nação. Na mesma época, o mestre das letras brasileiras, Machado de Assis, ratificando sua indefectível desconfiança das elites brasileiras, também discorreria sobre o povo do arraial sagrado e seu líder em seis de suas crônicas dominicais, intituladas *A Semana*,⁵⁰ publicadas no jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, sem se deixar contaminar pela imagem negativa do movimento, veiculada pela imprensa da época.

Na última dessas crônicas sobre o tema, Machado, assim ironiza o alcance nacional da imagem do líder de Canudos:

Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da rua S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:

- Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.

- Quem?

- Me esqueceu o nome dele.

*Leitor obtuso, se não percebeste que "esse homem que briga lá fora" é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. [...]*⁵¹

⁵⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS (22/7/1894; 13/9 e 6/12 de 1896 e 31/1, 7/2 e 14/2 de 1897).

⁵¹ GAZETA DE NOTÍCIAS: 14/2/1897.

Berthold Zilly, a quem devemos o cuidadoso trabalho de versão para o idioma alemão do grande épico da literatura brasileira, *Os Sertões*, em interessante artigo, revela o resultado de sua pesquisa sobre *A guerra do Sertão como 'Evento de Midia' na Europa de 1897*⁵². Resumidamente, é o seguinte o resultado dessa investigação que pretendeu avaliar o impacto do movimento do Vaza-Barris nos principais jornais europeus, no período que vai de março a outubro de 1897 (4ª Expedição):

PERIÓDICO	CIDADE	Nº DE MATÉRIAS NO PERÍODO	
		SOBRE O BRASIL	SOBRE CANUDOS/CONSELHEIRO
<i>Les Temps</i>	Paris	28	22 (78,6%)
<i>The Times</i>	Londres	22	15 (68,2%)
<i>Vossische Zeitung</i>	Berlim	17	15 (88,2%)

QUADRO F

Os argumentos apresentados sugerem não ser leviano afirmar que o movimento religioso-social de Canudos é, também, um fenômeno administrativo muito expressivo e que seu estudo como tal, quiçá (?) possa informar sobre o jeito brasileiro de administrar.

⁵² ZILLY (1997).

PARTE III

SOBRE A INVESTIGAÇÃO

“Os [homens] brancos desenhavam suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimento. Há muito tempo guardamos as palavras de nossos antepassados dentro de nós, e continuamos passando-as para nossos filhos. As crianças, que nada sabem dos espíritos, escutam os cantos dos xamãs e então, por sua vez, querem vê-los.”

Davi Yanomami

6 - AS FONTES DOCUMENTAIS E OS *CRONISTAS-TESTEMUNHAS*

A impressionante diversidade de abordagens e a quantidade de títulos da historiografia sobre Antônio Conselheiro e Canudos¹ são, apenas, um dos aspectos do fascínio que a temática conselheirista desperta nos curiosos de todo o mundo, há já mais de um século.

Se é verdadeiro que a História (que permanece) se escreve com a lenda e que a imortalidade do fato parece ser inseparável de sua idealização, a breve vida do povo do Vaza-Barris e a biografia de seu líder constituem, sem dúvida, um exemplo eloqüente dessa fatalidade.

Sobre Conselheiro e seu reino sagrado do Belo Monte, já se fizeram as mais diferentes leituras. Um mundo utópico, igualitário e livre onde “*corria um rio de leite sulcando barrancas de cuscuz*”², no qual o ideal da fraternidade cristã se materializara “*na comunidade baseada no trabalho e na divisão igualitária dos bens, onde todos os habitantes [viviam] fraternalmente, sem haver a exploração do homem pelo homem já que o produto do trabalho [era] eqüitativamente distribuído pelos habitantes da cidade.*”³ Ou uma “*urbs monstruosa, de barro, [...] civitas sinistra do erro [cuja] pobreza repugnante [traduzia] mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça*”, como a viu Euclydes da Cunha.⁴ Uma gente ensandecida e dominada pelos delírios da vesânia e da ignorância do “*truanesco pavoroso, do bufão arrebatado numa visão do Apocalipse do anacoreta*

¹ O Núcleo Sertão do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, precioso acervo documental-bibliográfico constituído a partir da coleção particular do professor José Calasans - maior conjunto de obras sobre a tragédia sertaneja e seu líder -, registra cerca de **4 650 livros, 146 títulos de periódicos** e um arquivo com **23 pastas de documentos** doados à Universidade pelo seu organizador.

² Imagem freqüentemente repetida pelos descendentes dos sobreviventes da guerra, sobre o povoado de seus ancestrais.

³ MONIZ (1987: 48).

sombrio de oratória bárbara e arrepiadora [...], desconexa, abstrusa, agravada às vezes pela ousadia extrema das citações latinas; misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdríxulas..."⁵. Ou o orador culto, "*inteligente, superior e conhecedor da leitura da Bíblia, [que] em moço havia estudado o latim e o português.*"⁶ Um duplo homicida: verdugo de sua esposa e matricida que levou seu povo ao genocídio",⁷ ou o mestre-escola e *advogado dos pobres*; arquiteto de igrejas; construtor de açudes e cemitérios para as almas dos mal-aventuradas e esquecidos; brilhante estrategista militar da caatinga; idealizador e chefe de uma sociedade revolucionária; profeta e pai da sofrida gente do sertão - o Bom Jesus Conselheiro -, como o vêem os historiadores revisionistas.

⁴ CUNHA (1982:122-3).

⁵ Ibidem: 113.

⁶ O PAÍS, 1897. Ap.: CALASANS (1986: 12)

⁷ É, talvez, na versão do duplo homicídio (de Brazilina, sua esposa, que, na realidade, sobreviveu à separação do casal para terminar seus dias como prostituta e/ou mendiga vivendo da caridade pública em Sobral - sua terra natal - e de sua mãe, Maria Joaquina, de fato morta quando Antônio Vicente tinha apenas 4 anos de idade, ou de sua madrastra, Francisca Maria, falecida em 1856, também antes do casamento do futuro Conselheiro), que a lenda do Bom Jesus atinge o ponto mais eloquente de negação do que se pode considerar o fato histórico inquestionável, documentado e testemunhado. Com efeito, a versão desse suposto crime de defesa da honra, como causa deflagradora da grande transformação do pacato e anônimo comerciante-caixeiro-professor-rábula de Quixeramobim em *santo* sertanejo, foi 100% confirmada nos diversos depoimentos colhidos entre os descendentes dos seguidores do Bom Jesus, durante a fase de pesquisa de campo deste trabalho. A singularidade de tal constatação leva a suspeitar que o próprio Antônio Conselheiro, em vida, tenha alimentado essa lenda, quiçá com o silêncio, como estratégia de maior aproximação com sua gente através da identificação de sua pessoa com o papel de elemento de mediação entre um Deus distante, esquecido de seus filhos, rancoroso e vingador [o Pai Supremo da in(compreensão) sertanejas de divindade] e seu Filho: próximo, irmão, sofredor, também traído e humano. Por outro lado, como reforço à tese de que neste episódio a imaginação é mais forte do que a realidade, constatamos que as referências primárias que mais influenciaram os biógrafos/histiógrafos do personagem/episódio (entre essas: Euclides da Cunha, Manoel Benício, João Brígido dos Santos, Manuel Ximenes etc.), na sua totalidade, relatam o fim da relação conjugal de Antônio Vicente e Brazilina negando a versão do suposto crime em defesa da honra do esposo traído. Assim, a única justificativa plausível para tão ampla difusão da versão sangrenta de dissolução da família Maciel se deve ao fato de que o tema se tornou popular, inclusive através da peça de teatro encenada nos picadeiros circenses (como era comum na segunda metade do século passado), um drama assinado por Júlio César Leal e, posteriormente, publicado em capítulos pelo *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) nas edições de 21, 22, 26 de fevereiro e 1, 3, 4, 7 e 10 de março do ano da grande guerra fratricida (1897). Possivelmente, esta representação teatral foi escrita em 1885, conforme supõe o professor José Calasans corrigindo a data de publicação, erroneamente divulgada como sendo de 1858, ano imediatamente seguinte ao do matrimônio de Antônio Vicente quando este ainda não havia se tornado o grande líder popular e peregrino dos sertões.

O perfil físico do líder sertanejo também é desenhado em diferentes e contraditórios retratos:

*O homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos proeminentes e seus olhos ardiam com fogo perpétuo.*⁸

*Sua imagem, [...] um taurocéfalo, [...] pernas arqueadas e curtas a sustentar um tronco de quase anão [...]*⁹

*Antônio Conselheiro, cujo nome de família é Antônio Vicente Mendes Maciel, cearense, de cor branca [...]*¹⁰

*[...] era pardo, fora a cor o seu primeiro estigma, a humilhação vinda do berço, [...] espúria criação dos leitos fundados na desigualdade do sangue, banhados nos suores do amor lusitano e mameluco.*¹¹

*Esse misterioso personagem, trajando uma enorme camisa azul que lhe serve de hábito à forma do de sacerdote, pessimamente suja, cabelos mui espessos e sebosos entre os quais se vê claramente uma espantosa multidão de bichos piolhos.*¹²

*[...] um vulto de cor macilenta, barba longa e grisalha, cabelos compridos e esparsos em desalinho sobre os ombros, vestido de uma túnica branca segurando um bastão, que lhe servia de arrimo aos vacilantes passos.*¹³

Igualmente diversos e contraditórios são os depoimentos sobre a personalidade do profeta e sua família:

*[...] crescendo para profissões menos trabalhosas [...] a tendência acentuada para atividade mais irrequieta e mais estéril, o descambar para a vadiagem franca.*¹⁴

*Consideravam-no [falando de Antônio Maciel] a pérola de Quixeramobim, por ser um moço sério, trabalhador, honesto e religioso.*¹⁵

⁸ LLOSA (1982: 15). Destaques meus.

⁹ MACÊDO (1969: 104). Destaques meus.

¹⁰ MONTE MARCIANO (1895: 5). Destaques meus.

¹¹ MACÊDO (1969: 104). Destaques meus.

¹² O RABUDO (1874: 1). Destaques meus.

¹³ DIÁRIO DA BAHIA (1895). Destaques meus.

¹⁴ CUNHA (1982: 108). Destaques meus.

¹⁵ MONTENEGRO (1954: 11). Destaques meus.

Quanto aos seus ancestrais:

Descendia de uma família, cujos membros - na maior parte - sofriam de alienação mental. Seu pai - Vicente Maciel - fora um dos célebres Maciéis, cuja coragem tornara lendário esse nome declinado na história criminal daquele estado [Ceará]. [...] Tinha momentos terríveis de cólera, principalmente se tocava em álcool.¹⁶

Manuel Ximenes, falando em suas memórias [dos antepassados de Antônio Conselheiro], diz que nunca tinham dito mal deles, nem os próprios inimigos [...].¹⁷

Fechando o círculo de dificuldades enfrentado por qualquer estudo que se proponha a investigar o povo santo do sertão, defrontamo-nos com a realidade de uma população predominantemente ágrafa, que não legou registros escritos de seu cotidiano; cujo arraial foi completamente arrasado pelas granadas e pelo querosene das tropas oficiais e, posteriormente, submerso nas águas represadas do Vaza-Barris, mas que teve no gênio eloquente e litorâneo do autor do grande épico da literatura brasileira (*Os Sertões*) a mais difundida e perene interpretação de sua trágica história.

Diante de tão complexo desafio, a estratégia de investigação desta pesquisa buscou, não só as sempre desejáveis fontes documentais primárias, aliás, bastante prejudicadas pela unilateralidade da visão de seus autores, mas também a apreensão do que ficou no imaginário popular sobre o episódio, através dos depoimentos¹⁸ dos descendentes dos sobreviventes da guerra e na produção cultural.

O conjunto das fontes que embasam este estudo inclui, ainda, as análises formuladas pelos mais conhecidos estudiosos do tema e concedidas a este pesquisador.¹⁹

Finalmente, foi de grande valia a vasta bibliografia que o assunto tem inspirado, tanto a de cunho acadêmico quanto a literária e jornalística.

A sinopse a seguir apresenta essas fontes de pesquisa, as quais são detalhadas na seqüência deste capítulo (referências primárias) e no seguinte (fontes secundárias):

¹⁶ JOÃO BRÍGIDO, ap.: MILTON (1897: 11). Destaques meus.

¹⁷ CUNHA (1982: 105). Destaques meus.

¹⁸ Inquéritos semi-estruturados registrados em gravações magnéticas com, aproximadamente, 17 horas de duração.

¹⁹ Através de inquéritos submetidos a esses especialistas e igualmente registrados em fitas magnéticas totalizando cerca de 19 horas.

FONTES DA INVESTIGAÇÃO

1 - PRIMÁRIAS	1.1 - DOCUMENTOS	1.2.1 - REPÓRTERES
	1.2 - TESTEMUNHOS	1.2.2 - COMBATENTES
	1.3 - OUTRAS	1.2.3 - SERVIÇO SANITÁRIO
		1.2.4 - RELIGIOSOS
2 - SECUNDÁRIAS	2.1 - DEPOIMENTOS	DOS SOBREVIVENTES
	2.2 - DEPOIMENTOS	DOS DESCENDENTES
	2.3 - DEPOIMENTOS	DOS ESTUDIOSOS
	2.4 - OUTRAS	

6.1 - FONTES PRIMÁRIAS

6.1.1- DOCUMENTOS

Se, por um lado, é numerosa a documentação historiográfica produzida pelos vencedores do conflito que mais abalou a República brasileira nascente,²⁰ por outro, os registros escritos pelos habitantes da comunidade vencida, como já referimos, são muito raros.

A seguir listamos os principais arquivos, centros de documentação e museus consultados durante a fase de levantamento de dados desta pesquisa. Os documentos mais importantes e/ou aqueles ainda não divulgados estão relacionados no capítulo seguinte e, nos casos mais significativos, são apresentados em cópia (*fac-símile*) nos Anexos:

1 - Estado do Amazonas:

- Arquivos da Polícia Militar do Estado do Amazonas e Museu Tiradentes (da Corporação), Manaus. O Regimento Militar do Estado participou do conflito, em apoio à 4a. Expedição com o seu 1º Batalhão de Infantaria, sob o comando do tenente-coronel Cândido José Mariano, desempenhando papel importante no cerco ao arraial e nos combates finais de 23 de setembro a 1º de outubro de 1897.

- Fundação Joaquim Nabuco / Museu do Homem do Norte, Manaus.

²⁰ O Centro de Estudos Euclides da Cunha, da Universidade do Estado da Bahia, no seu *Índice Remissivo*, recentemente publicado (1996), registra **31 032 documentos** microfilmados e reunidos a partir de coleções de arquivos particulares e oficiais, destacando-se, entre esses últimos, aqueles pertencentes ao Ministério do Exército e à Cúria Metropolitana de Salvador (BA).

2 - Estado da Bahia:

- Acervo José Aras da Guerra de Canudos (particular), Monte Santo.
- Arquivos da Prefeitura Municipal de Canudos, Canudos.
- Prefeitura Municipal de Chorrochó. Em 1885, Antônio Conselheiro e seu grupo, de passagem pela vila, construíram a Igreja do Senhor do Bonfim (Igreja Matriz do Município) e, segundo alguns, o cemitério local.
- Prefeitura Municipal de Crisópolis. Antigo Arraial do Bom Jesus, fundado por Antônio Conselheiro em 1892.
- Prefeitura Municipal de Euclides da Cunha. Ex-Cumbe, prelazia que encampava a área do arraial do Belo Monte.
- Prefeitura Municipal de Monte Santo. Base das operações militares, a partir da 2a. Expedição.
- Prefeitura Municipal de Uauá. Teatro de operações do primeiro confronto entre as tropas federais comandadas pelo tenente Pires Ferreira e os jagunços de Antônio Conselheiro, sob as ordens de João Abade.
- Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim. Ex-Vila Nova da Rainha do tempo de A. Conselheiro: importante

centro comercial da região; terra de onde partiu a família cearense Assunção (depois, Vila Nova), a convite do Conselheiro, para fixar-se, com seu empório comercial, no Belo Monte.

- Biblioteca da Academia de Letras da Bahia, Salvador.
- Casa de Canudos (Movimento Popular e Histórico de Canudos), Euclides da Cunha.
- Centro de Estudos Euclides da Cunha / Universidade do Estado da Bahia, Salvador.
- Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador.
- Museu de Manoel Travessa (particular), Canudos.
- Núcleo Sertão (Coleção José Calasans) / Centro de Estudos Baianos / Universidade Federal da Bahia, Salvador.

3 - Estado do Ceará:

- Arquivos Paroquiais de Quixeramobim. Cidade natal de Antônio Vicente Mendes Maciel, Quixeramobim.
- Prefeitura Municipal de Quixeramobim.

- Grupo Memória de Quixeramobim, Quixeramobim.
- Movimento Cultural Antônio Conselheiro. Fundado por jovens estudantes quixeramubienses a partir do Grupo Memória de Quixeramobim. Este autor tem a honra de ter participado como sócio-fundador do Movimento e, hoje, *Conselheiro de Honra*, Quixeramobim.
- Universidade Federal do Ceará / Departamento de Sociologia, Fortaleza.

4 - Estado do Pará:

- Arquivo Público do Pará. O Estado do Pará participou da Guerra de Canudos com o maior contingente policial fora de sua jurisdição: uma brigada sob o comando do coronel Sotero de Menezes, tendo sido o primeiro contingente militar a fincar as bandeiras Nacional e do Estado no território ocupado, Belém.
- Biblioteca e arquivo de Orlando L. M. de Moraes Rego²¹ (membro do Instituto Histórico e Geográfico do

Pará e historiador da corporação policial do Estado, Belém).

- *Agência Ver Editora* / revista *Nosso Pará*. Periódico que publicou um número especial: *O Pará na Guerra de Canudos*, outubro de 1997, editado por este autor e o jornalista Walbert Monteiro, Belém.

5 - Estado de Pernambuco:

- Museu do Cangaço, Petrolina.

6 - Estado do Rio de Janeiro:

- Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.
- Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.
- Arquivo (particular) da família do coronel Francisco Agostinho de Melo Souza Menezes. Preciosa coleção com a correspondência, inédita, trocada entre o comandante da base de operações militares de Monte Santo e o comandante-em-chefe da 3a. Expedição (coronel Moreira César) e demais documentos da defesa no inquérito (Conselho de Guerra) que aquele militar sobrevivente respondeu,

²¹ Com a morte de Orlando Moraes Rego sua biblioteca foi vendida para *O Arqueólogo* (livros usados), Belém, PA, tendo este autor adquirido a

obra (encadernada) daquele historiador sobre a participação do Pará na Campanha de Canudos.

após a malograda Coluna do *Treme-Terra*, Rio de Janeiro.

- Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
- Casa de Euclides da Cunha, Cantagalo.
Torrão natal do genial autor de *Os Sertões*.
- Casa de Rui Barbosa. Ruy, então Senador da República pelo Estado da Bahia, escreveu um discurso, não pronunciado, denunciando o crime perpetrado contra o povo do Belo Monte, Rio de Janeiro.
- Museu Histórico do Exército / Casa de Deodoro, Rio de Janeiro.
- Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.
- Museu da República, Rio de Janeiro.

7 - Estado de São Paulo:

- Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo (cidade-berço de *Os Sertões*).
- Museu e Biblioteca da Polícia Militar de São Paulo. A Força Pública paulista também esteve presente na guerra, com seu 1º Batalhão de Infantaria, sob o comando do major José Pedro de Oliveira, São Paulo.

6.1.2 - O RELATO DOS *CRONISTAS-TESTEMUNHAS*

Entre as mais importantes fontes primárias sobre a comunidade do Belo Monte, ainda que sempre com os bias impostos pela visão de seus, destacam-se os relatos feitos por contemporâneos que estiveram presentes no teatro de operações militares e/ou que conheceram pessoalmente seu personagem central. Neste estudo denominamos essas fontes privilegiadas de *cronistas-testemunhas* e as subdividimos em quatro subgrupos:

- 1 - Os **repórteres** que fizeram a crônica da guerra para a imprensa da época e/ou que relataram sobre Antônio Vicente Mendes Maciel. É importante observar que, entre esses, cronistas encontramos: *Hoche* - pseudônimo do tenente-coronel José de Siqueira Menezes, oficial-engenheiro encarregado dos levantamentos topográficos do teatro de lutas e que Euclides da Cunha denominou *os olhos da Expedição*, também um dos combatente; Flávio de Barros que nos brindou com a única coleção de fotografias (conhecida) da guerra e do corpo sem vida de Antônio Conselheiro e João Mendonça Justos, *coronel* do sertão cearense e compadre de Antônio Vicente, autor de uma monografia sobre Conselheiro (jamais localizada). Integram este primeiro subgrupo de referências primárias 30 cronistas, inclusive o clássico Euclides da Cunha. Não incluímos entre essas fontes a numerosa e não publicada correspondência entre os párocos do sertão baiano e o arcebispo local.
- 2 - Os **combatentes** que registraram suas memórias em colunas de jornal e/ou em relatórios e livros publicados após a Guerra e, em um único caso (Vilela Júnior), após sua morte. Este subgrupo totaliza 8 referências.
- 3 - Os **médicos e acadêmicos de medicina e farmácia** que serviram no Serviço Sanitário do Exército em combate. Entre eles, Francisco Mangabeira que nos legou o poema *Tragédia Épica*, publicado pouco antes de sua morte prematura. São 5 essas fontes.
- 4 - Finalmente, os **religiosos** que, a serviço da Igreja e/ou em apoio ao Comitê Patriótico da Bahia, também vivenciaram os horrores bélicos na área dos conflitos. Entre essas referências destacamos o único relatório conhecido sobre o cotidiano do arraial, escrito em 1895 pelo frei João Evangelista de Monte Marciano, chefe de uma missão evangélica enviada a Canudos em maio daquele ano com o propósito de dissuadir os conselheiristas de prosseguir no seu projeto de construção de uma comunidade autônoma. Este subgrupo é composto por 2 cronistas-testemunhas.

Os quadros a seguir resumem dados importantes sobre essas preciosas referências da temática canudista, listadas em ordem cronológica de aparecimento.

6.1.2. - CRONISTAS-TESTEMUNHAS

6.1.2.1 – REPÓRTERES (QUADRO G)

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
1 - Manuel Lopes de Sousa Silva (editor)	<i>O Rabudo</i> (semanário)	Estância (SE)	Relata a passagem de "Antonio dos Mares" pelo centro da Província de Sergipe	1874	<i>O Rabudo</i> Estância Ano I, N° 7 <u>22 nov 1874</u> (i)	(i) Para Calasans (1986 b, p 2), com base na revelação do pesquisador sergipano Acrísio Torres de Araújo, essa é a primeira reportagem (conhecida) sobre Antônio Vicente Mendes Maciel: "A bom seis meses que por todo o centro desta e da Província da Bahia, chegado, (diz elle,) da do Ceará infesta um aventureiro santarrão que se apellida por Antonio dos Mares: o que, avista dos apparentes e mentirosos milagres que dizem ter elle feito, tem dado lugar a que o povo o trate por S. Antonio dos Mares." (p 1, sic) (Biblioteca Pública de Aracaju).
2 - Noticiário	<i>Diário da Bahia</i> Correspondente	Salvador (BA)	Prisão do "santo" na Vila de Itapicuru	27 jun 1876	<i>Diário da Bahia</i> Salvador <u>29 jun e 7 jul 1876</u> (ii)	(ii) Ap.: Docs.: R.1 e R.2 do Núcleo Sertão - UFBA. "Sobre sua [de A. Conselheiro] prisão, sua misteriosa pessoa, seus prosélitos, suas atitudes, seu comportamento perante o Chefe da Polícia, seu suposto crime, há muito que respigar no Diário da Bahia [...]" (Calasans, 1986 b, p3).

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
3 - Reportagem	<i>Diário de Notícias</i> Correspondente Local	Salvador (BA)	Prisão do Conselheiro em Itapicuru	jun 1876	<i>Diário de Notícias</i> Salvador <u>6 e 7 jul 1876</u> (iii)	(iii) Ap.: Calasans, 1986 b p 3.
4 - Sílvia Romero (Sílvia Vasconcelos da Silveira Ramos, 1851 - 1914)	Escritor Folclorista Historiador Bacharel em Direito	Lagarto (SE)	Possível encontro do autor com o "missionário a seu jeito" em Estância (iv)	1874	Artigos: <i>Revista Brasileira</i> <u>1880</u>	(iv) Para José Calasans, 1986 b: "Julgamos que o ilustre folclorista houvesse conhecido pessoalmente o tal "missionário a seu jeito[...]" Em 1874, quando o periódico estanciano [O Rabudo] registrou a presença de Antônio dos Mares, que outro não era senão o próprio Antônio Conselheiro, Sílvia Romero, recém-formado em Direito, exercia o cargo de promotor público da Comarca de Estância." (p 4).
5 - Cel Durval Vieira de Aguiar (1849 - 1900)	Comandante da Polícia Militar da Bahia	Bahia	Encontrou Conselheiro no Cumbe (hoje: Euclides da Cunha)	1882 (provavel- mente)	<i>Descrições Práticas da Província da Bahia</i> <u>1888</u> (v) Carta; <i>Jornal de Notícias</i> , Salvador <u>13 jun 1893</u>	(v) Ap.: Calasans, 1986 b, p 7-9. Cunha, 1939 (escrito em 1897) dá corretamente o ano de <u>1882</u> como sendo o de edição do livro de Aguiar: "Há quinze anos, em 1882, o tenente-coronel Durval Vieira de Aguiar ..." (p 48, sublinha deste articulista).

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
6 - João Brígido dos Santos (1829 - 1921)	Jornalista Político Advogado	São João da Barra (vi) (ES)	Colega e companheiro de infância de Antônio Vicente Mendes Maciel em Quixeramobim (CE)	1830 - ?	<i>Maciéis e Araújo</i> <u>antes de 1893</u> Antônio Conselheiro: A República Rio de Janeiro <u>28 jun 1893</u>	(vi) Então pertencente à Província do Espírito Santo.
7 - <i>Obscuris Civis</i> (vii)	Missivista	Santa Luzia (BA)	Morador da região, conheceu A. Conselheiro	1893	Carta: <i>Jornal de Notícias</i> Salvador <u>10 jun 1893</u>	(vii) Pseudônimo do autor. Ap.: Alves, 1997, p 24.
8 - Maximiniano José Ribeiro (viii)	Comerciário	Bahia ?	Conversa com Conselheiro por 10 minutos no Arraial do Bom Jesus (hoje: Crisópolis)	1893	Carta: <i>Jornal de Notícias</i> Salvador <u>16 jun 1893.</u>	(viii) Calasans, 1986 b, p 9 grafa <u>Miximiano</u> . Adotei o nome mais provável de Maximiniano, referido por: Alves, 1997, p 25.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
9 - Pedro Baptista do Espírito Santo	<i>Diário da Bahia</i> Salvador Juiz Preparador de Bom Conselho	Bahia ?	"Visita de Antonio Conselheiro a esta villa [Bom Conselho] no intuito de angariar esmolas para a conclusão das obras de uma capella [...] no arraial dos 'Canudos'."(ix)	5 - 7 dez 1895	A pedido <i>Diário da Bahia</i> Salvador <u>18 dez 1895</u>	(ix) Doc. R6 do Núcleo Sertão - UFBA.
10 - Genes Martins Fontes	Juiz de Direito de Monte Santo <i>A Notícia</i> (Aracaju) Missivista	Bahia ?	Conheceu o Conselheiro em terras sergipanas.	1879 - 1881	Cartas: <i>A República</i> Rio de Janeiro transcritas: <i>A Notícia</i> Aracaju <u>28 e 29 jan 1897</u> (x)	(x) Ap.: Calasans, 1986 b, p 12, nota 16.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
11 - Caldas Brito	Missivista	Bahia ?	Visitou Conselheiro em Tanquinho	1887 (provavel- mente)	Carta: <i>O País</i> Rio de Janeiro <u>7 fev 1897</u> transcrita: <i>A Notícia</i> Aracaju <u>23 fev 1897</u> (xi)	(xi) Ap.: ibidem, p 12.
12 - Capitão de mar-e- guerra José Carlos de Carvalho	<i>Diário de Notícias</i> Salvador (BA) Missivista	?	"Quando andei no sertão da Bahia, [...] por esses logares onde Antonio Conselheiro já exercia a sua acção, não me descuidei em examinar as tendências d'esse povo e até onde poderia chegar a obra pacífica de tão original propagandista". (sic)(xii)	Antes de 1897	Cartas <i>Diário de Notícias</i> Salvador <u>7 fev 1897</u>	(xii) Doc. R19 - Núcleo Sertão - UFBA.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
13 - Cicero Dantas Martins - Barão de Jeremoabo (1838 - 1930)	Influente político baiano Grande proprietário de terras no Itapicuru. Bacharel	Bahia	Conheceu A. Conselheiro em Itapicuru e arredores	Viveu na região	Artigos: <i>Jornal de Notícias</i> Salvador <u>4 mar 1897</u> (xi)	(xi) Docs. E6, L14 e L15 - Núcleo Sertão - UFBA.
14 - Euclides Rodrigues da Cunha (1866 - 1909)	<i>O Estado de S. Paulo</i> (São Paulo) Jornalista, Imortal. Autor genial de <i>Os Sertões</i> . Professor, Engenheiro, capitão (reformado) do Exército, adido ao estado-maior do marechal Machado Bittencourt (fase final da 4ª. Expedição).	Cantagalo (RJ)	Correspon- te de guerra no teatro de operações	31 ago - 1º out 1897 (xiii)	Artigos / Cartas / Telegramas: <i>O Estado de S. Paulo</i> São Paulo <u>14 mar a 26 out 1897</u> <i>Os Sertões</i> Rio de Janeiro <u>1902</u> <i>Canudos (diário de uma expedição)</i> Rio de Janeiro <u>1939</u> <i>Cademeta de Campo</i> Rio de Janeiro <u>1975</u>	(xiii) Há controvérsias sobre o período de permanência de E. da Cunha no teatro de operações. O assunto é estudado em: Calasans (1959, p 25- 44), e Villa (1995, p 246-65). Adotei as seguintes datas: <u>31 ago 1897</u> : embarque na estação de Calçada (Salvador) rumo a Queimadas [Cunha, 1939 (escrito em 1897), p 53] e <u>1º out 1897</u> : último dia reportado no Diário do autor (ibidem, p 110- 23).

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
15 - Anônimo Luís Calvi ? (xiii)	<i>Jornal do Brasil</i> (Rio de Janeiro)	?	Correspondente de guerra em Queimadas, Monte Santo e Canudos.	16 jul - 15 ago 1897	Cartas: <i>Jornal do Brasil</i> Rio de Janeiro <u>26 jul a 1º set 1897</u> (xiv)	(xiv) De acordo com Silva, Alfredo. In: <i>A Notícia</i> , Rio de Janeiro, 24/25 ago 1897. (Ap.: Galvão, 1977, p 111) (xiv) Ibidem, p 226-36.
16 - Manuel de Figueiredo	<i>A Notícia</i> (Rio de Janeiro)	?	Correspondente de guerra em Queimadas e Monte Santo	16 - 25 jul 1897	Correspondência: <i>A Notícia</i> Rio de Janeiro <u>26/27 jul - 14/15 set 1897</u> (xv)	(xv) Ap.: ibidem, p 401-12.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
17 - Manoel Benício (1861 - ?)	<p><i>Jornal do Commercio.</i> (Rio de Janeiro)</p> <p>Capitão honorário do Exército:</p> <p>"Esse cidadão também prestou bons serviços, exercendo por vezes o mister de combatente." (M. Soares, 1959, p 219-20).</p> <p>Jornalista Professor Tabelião de Notas Cursou a Escola Militar (sem completar o curso)</p>	Pernambuco Niterói (RJ) (xvi)	Correspondente de guerra em Canudos e arredores	24 jun - jul / ago 1897 (xvii)	<p>Cartas: <i>Jornal do Commercio</i> Rio de Janeiro <u>3 a 10 ago 1897.</u> <i>O Rei dos Jagunços</i> Rio de Janeiro <u>1899</u></p>	<p>(xvi) Pernambucano radicado em Niterói (RJ). (xvii) Sobre a chegada do jornalista na área, ver: Martins, 1997F, p xvii. Não se sabe com precisão a data de retirada do repórter do teatro de operações, por decisão do comandante geral da 4ª Expedição, com quem se indispusera. É provável, entretanto, que a mesma tenha ocorrido no final de julho ou início de agosto de 1897:</p> <p>[...] entramos, à tarde, em Queimadas eu e o Manuel Benício [...] (Manuel Figueiredo, em carta ao seu jornal falando dos dias que sucederam ao 24 jul 1897, quando de seu regresso da área do conflito. In: A Notícia, Rio de Janeiro, 7/8 out 1897 (ap.: Galvão, 1977, p 449).</p>
18 - Júlio Procópio Favilla Nunes (1854 - ?)	<p><i>Gazeta de Notícias</i> (Rio de Janeiro) Correspondente Servidor público coronel honorário do Exército</p>	Rio Grande do Sul	Correspondente de guerra no teatro de operações	28 jul - 20 out 1897	<p><i>Gazeta de Notícias</i> Rio de Janeiro <u>7 ago a 31 out 1897</u> (xviii) <i>Guerra de Canudos</i> Rio de Janeiro <u>1898</u> (xix)</p>	<p>(xviii) Ap.: ibidem, p 140-225 (xix) Obra em fascículos. Só se conhece o de nº 3, Vol. I (Núcleo Sertão da Universidade Federal da Bahia).</p>

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
19 - Alfredo Silva	<i>A Notícia</i> (Rio de Janeiro)	?	Correspondente de guerra em Queimadas, Contendas, Monte Santo e Canudos	16 ago - 3 out 1897	Cartas: <i>A Notícia</i> Rio de Janeiro <u>10/11 ago a 18/19 out 1897</u> (xix)	(xix) Ap.: Galvão, 1977, p 412- 44.
20 - Anônimo	<i>Diário de Notícias</i> (Bahia)	Salvador (BA)	Correspondente em Queimadas e Canudos	13 ago - 5 out 1897	Correspondência: <i>Diário de Notícias</i> Salvador <u>21 ago a 13 out 1897</u> (xx)	(xx) Ap.: ibidem, p 121-35.
21 - Noticiário	<i>Diário de Notícias</i> (Salvador) Empreiteiro	Salvador	Dois ou três encontros do empreiteiro na construção do ramal da estrada de ferro Alagoinhas - Timbó com Conselheiro no povoado do Saco, entre Timbó e Vila do Conde	1885 a 1886	<i>Diário de Notícias</i> Salvador <u>21 set 1897</u> (xxi)	(xxi) Ap.: Costa, 1998, p 66.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
22 - Amaro Léllis Piedade	<i>Jornal de Notícias</i> (Salvador)	Bahia	Correspondente de guerra no teatro de operações. Secretário do Comitê Patriótico da Bahia	3 set - 20 out 1897	Correspondência: <i>Jornal de Notícias</i> Salvador <u>6 set a 25 out 1897</u> <i>Historico e Relatorio</i> <i>do Comitê Patriotico</i> <i>da Bahia</i> Salvador <u>dez 1901.</u>	
23 – (Hoche) (xxii) Ten cel José de Siqueira Menezes	<i>O País</i> (Rio de Janeiro) O ilustre sergipano desempenhou, após a Guerra de Canudos, as seguintes funções: Comandante da Brigada Policial do Distrito Federal e do 3º Distrito Militar (BA), Prefeito do Alto Purus, Presidente de Sergipe (1911 -14) e senador da República (1915 - 23)	Sergipe	Correspondente militar Chefe da Comissão de Engenharia da 4ª. Expedição,	abr - out 1897 (Obs.: A Comissão de Engenharia seguir para o teatro de operações antes de organizada a expedição, para instalação da linha telegráfica de Queimadas a Monte Santo).	Carta de Canudos <i>O País</i> Rio de Janeiro <u>8 a 26 set 1897</u>	(xxii) Pseudônimo do Ten cel Siqueira de Menezes, de acordo com: Galvão, 1977, p 110 e Calasans, 1975(?), p 95.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
24 - Anônimo	<i>Jornal do Commercio</i>	Rio de Janeiro (DF)	Enviado a Queimadas em substituição a Manoel Benicio	31 ago 1897 - ?	Correspondência: <i>Jornal do Commercio</i> Rio de Janeiro <u>6 a 23 out 1897</u> (xxiii)	(xxiii) Ap.: Galvão, 1977, p 326-40.
25- Alvim Martins Horcades (1860 - ?)	<i>Jornal de Noticias</i> (Salvador)	Porto Seguro (BA)	Correspondent e de guerra. Acadêmico de medicina voluntário do Corpo de Saúde do Exército	27 jul - 25 out 1897	Artigos: <i>Jornal de Notícias</i> Salvador <u>26 out 1897 a ?</u> . <i>Descrição de uma</i> <i>Viagem a Canudos</i> Salvador <u>jul 1899</u> .	
26 - Américo Barreto Filho Carlos Wagner Dias Lima Sobrinho	<i>O Comércio de São Paulo</i> (São Paulo)	?	Comissão Especial do Comitê Patriótico da Bahia enviada a Queimadas e a Alagoinhas com a finalidade de proteção às mulheres e às crianças que ficaram sem arrimo.	31 nov - ? dez 1897	Os Sobreviventes de Canudos <i>O Comercio de São Paulo</i> São Paulo <u>22 a 27 dez 1897</u> (xxiv)	(xxiv) Ap.: Galvão, 1977, p 496 -510.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
27 - Flávio de Barros	Exército brasileiro Fotógrafo: • Ateliê na Rua do Liceu, 3 • Fotografia Americana, Rua da Misericórdia, 3 Salvador (BA)	Bahia ?	Fotógrafo expedicionário (segue para o teatro de operações junto às tropas auxiliares sob o comando do general Carlos Eugênio de Andrada Guimarães)	30 ago - out 1897	<i>Campanha de Canudos: Curiosidade! Assombro!! Horror!!! Miséria!!!! Projecção Electrica (sic) Rio de Janeiro Rua Gonçalves Dias, 46 2 fev 1898 (xxv)</i>	(xxv) As fotos oficiais da 4ª. Expedição militar contra Canudos (originalmente: dois álbuns - acervo do Museu da República) têm sido abundantemente publicadas em revistas, jornais, cartazes, etc. Como parte das rememorações do centenário da Guerra de Canudos, foram editadas duas primorosas obras com reproduções da reportagem fotográfica (única conhecida) sobre a epopéia sertaneja: • Ministério do Exército / Arquivo Histórico do Exército. Canudos: Campanha Militar (IV Expedição), s/l, 1997. Com 38 fotos do autor e pesquisa, texto e roteiro de Davis Ribeiro de Sena. • Almeida, Cicero Antônio F. de. Canudos: imagens da terra. Rio de Janeiro, Lacerda Ed. / Museu da República, 1997. Reunindo a coleção completa de 68 imagens feitas pelo fotógrafo expedicionário e texto do organizador.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
28 - Manoel Pedro das Dores Bombinhos (1860/70 - ?)	Ourives, músico, político, delegado de polícia e aventureiro.	Propriá (SE)	Fornecedor de mantimentos para as tropas da Coluna Savaget (4ª Expedição)	mai - out 1897	<i>Canudos - História em Versos</i> <u>1898</u> (xxvi)	(xxvi) Poesia popular (mais de cinco mil versos). Manuscritos pertencentes à Biblioteca Pública de Aracaju.
29 - Salomão de Souza Dantas	Promotor Público Monte Santo (BA) Depois: Deputado federal Escritor	(?)	Destruição pelos conselheiristas, das tabuletas com leis e orçamentos municipais no termo do Amparo. Encontro com Conselheiro e seu grupo na Fazenda Olhos d'Água, pouco antes do fogo de Masseté. (xxvii)	mai 1893	<i>Aspectos e Contrastes: Ligeiro Estudo sobre o Estado da Bahia</i> Rio de Janeiro <u>1922</u>	(xxvii) 1º ataque ao povo de Antônio Conselheiro, perpetrado pelo 5º Batalhão da Polícia Baiana, sob o comando do tenente Virgílio Pereira de Almeida. O grupo conselheirista saiu-se vitorioso desse recontro, tendo aprisionado o comandante do destacamento policial o qual foi posteriormente, posto em liberdade pelo chefe do grupo religioso do sertão.
30 - João Mendonça Justos	Proprietário rural coronel da Guarda Nacional	(?)	Padrinho do segundo filho de Antônio e Brazilina Maciel, Campo Grande (CE)	Por volta de 1859	<i>Monografia sobre Antônio Conselheiro</i> (?) (xxviii)	(xxviii) Conforme Paulo Dantas: *[Obra] completamente desconhecida." (1968: 28).

6.1.2 - CRONISTAS-TESTEMUNHAS
6.1.2.2 – COMBATENTES (QUADRO H)

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
1 -Ten Cel José de Siqueira Menezes (Hoche) (i)	<i>O País</i> (Rio de Janeiro) O ilustre sergipano desempenhou, após a Guerra de Canudos, as seguintes funções: Comandante da Brigada Policial do Distrito Federal e do 3º Distrito Militar (BA), Prefeito do Alto Purus, Presidente de Sergipe (1911 -14) e senador da República (1915 - 23)	Sergipe	Correspondente militar Chefe da Comissão de Engenharia da 4a. Expedição,	abr - out 1897 (Obs.: A Comissão de Engenharia seguiu para o teatro de operações antes de organizada a Expedição, para instalação da linha telegráfica de Queimadas a Monte Santo.	Carta de Canudos <i>O País</i> Rio de Janeiro <u>8 a 26 set 1897.</u>	(i) Pseudônimo do ten cel Siqueira de Menezes, de acordo com Galvão, 1977, p 110 e Calasans, 1975?, p 95.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
2 - Ten cel Candido José Marianno (1870 - 1941)	Regimento Militar do Estado do Amazonas (Hoje: PM /AM) Oficial-engenheiro do Exército tenente-coronel comissionado da Força Pública do Amazonas Deputado estadual Prefeito do Departamento do Alto Purus (Sena Madureira), 1905 - 10 (Atual: Acre)	Alfenas (MG)	Comandante do 1º Batalhão de Infantaria na Campanha de Canudos	30 ago - 14 out 1897	<i>Relatorio apresentado pelo Snr. tenente-coronel Candido José Marianno, Commandante do 1º Batalhão de Infantaria do Estado, sobre a estada do mesmo fóra do Amazonas, durante o tempo que esteve á disposição do Governo Federal e em operações no Estado da Bahia</i> <u>Manaus</u> <u>15 de dezembro de 1897(ii)</u>	(ii) Primeiro texto não-jornalístico publicado sobre a Campanha de Canudos.
3 - Maj Antonio Constantino Nery (1859 - 1926)	Exército brasileiro Engenheiro militar (alcançou o generalato). Senador da República (AM) - 1900-04. Governador do Estado do Amazonas - 1904-08.	Manaus (AM)	Assistente do ajudante-general do estado-maior da 2ª Coluna da 4ª Expedição	22 mai - 27 jul 1897	<i>A Quarta Expedição contra Canudos (1ª. phase de operações): cem leguas atravez do sertão de Aracajú a Queimadas, via Canudos (Diário de Campanha)</i> <u>Pará</u> <u>1898(iii)</u>	(iii) Segundo o professor Calasans (em depoimento ao autor deste trabalho): primeiro livro publicado por uma testemunha do episódio.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
4 - Ten cel Emygdio Dantas Barreto	Exército brasileiro Oficial da arma de infantaria. Alcança o generalato e a imortalidade na Academia Brasileira	Pernambuco	Comandante do 25º Batalhão de Infantaria. Depois da morte em combate do cel Thomaz Thompson Flores, assume o comando da 3ª. Brigada da 1ª. Coluna.	mar - 12 out 1897	<i>Última Expedição a Canudos</i> Porto Alegre <u>1898</u> <i>Acidentes da Guerra (operações em Canudos)</i> Rio Grande do Sul <u>1905</u> <i>Destruição de Canudos</i> Pernambuco <u>1912</u> (iv)	(iv) Edição corrigida e "aumentada com detalhes de costumes e hábitos dos nossos sertanejos" da obra <i>Última expedição a Canudos</i> (sic), 1898.
5 - Ten Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares (1870 - 1906)	Exército brasileiro Promovido ao posto de tenente da arma de infantaria, por merecimento	Maricá (RJ)	Alferes da 4ª Brigada da 2ª Coluna da 4ª Expedição. Fez parte, também, da Divisão de Artilharia, revelando-se hábil atirador na destruição das torres das igrejas de Canudos	18 mar - 30 out 1897	<i>A Guerra de Canudos</i> Rio de Janeiro <u>1903</u> (v)	(v) Na capa do livro: 1903, na sua folha de rosto: 1902.

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
6 - Marechal Carlos Eugenio de Andrada Guimaraes (1851 - ?)	Exército brasileiro Oficial das armas de artilharia e engenharia. Comandante: Escolas Militares - RS e RJ e Distritos Militares - AM e RS. Ministro do Tribunal Militar e Ministro da Guerra	Rio de Janeiro (RJ)	General comandante da 2ª Coluna da 4ª Expedição, em substituição ao gen Savaget ferido em combate.	30 ago - out 1897	<i>Arthur Oscar: Soldado do Império e da República</i> Rio de Janeiro <u>1903</u>	
7 - Brigadeiro Marcos Evangelista da Costa Villela Júnior (1875 - 1965)	Exército brasileiro Oficial da arma de aviação, depois: Oficial-brigadeiro da Aeronáutica	Pão de Açúcar (AL)	Sargento Artilheiro das 3ª. e 4ª expedições (Peça: Witworth 32 - a matadeira)	8 fev - jul 1897	<i>Canudos: Memórias de um Combatente</i> São Paulo <u>1988</u> (vi)	(vi) O brigadeiro escreveu suas memórias em 1951, só publicadas, <i>post mortem</i> , em 1988.
8 - Anônimo João Melchiades da Silva (1869 - 1933) (vii)	Exército brasileiro Mais tarde promovido a sargento - Campanha do Acre	Bananeiras (PB)	Sargento do 27º Batalhão de Infantaria	mar - 12 out 1897	<i>A Guerra de Canudos</i> s / l s / d (viii)	(vii) O professor José Calasans, após cuidadosa investigação, concluiu ser João Melchiades o Cantor de Borborema, autor do poema <i>A Guerra de Canudos</i> . (Ver: Calasans, 1966). (viii) Poesia popular, sem autoria, data e local de edição.

6.1.2 - CRONISTAS-TESTEMUNHAS

6.1.2.3 - SERVIÇO SANITÁRIO (DO EXÉRCITO) – (QUADRO I)

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
1 - Alvim Martins Horcades (1860 - ?)	Acadêmico de Medicina voluntário do Serviço Sanitário do Exército (i)	Porto Seguro (BA)	Auxiliar médico dos hospitais de sangue. Diretor do hospital de variolosos de Canudos da 4ª Expedição. Seguiu na primeira turma	27 jul - 25 out 1897	Artigos: <i>Jornal de Notícias</i> Salvador <u>26 out 1897 a ?.</u> <i>Descrição de uma</i> <i>Viagem a Canudos</i> Salvador <u>jul 1899.</u>	(i) Também correspondente do <i>Jornal de Notícias</i> de Salvador.
2 - Francisco Cavalcante Mangabeira (falecido aos 24 anos de idade)	Acadêmico de medicina voluntário do Serviço Sanitário do Exército	Bahia	Serviu no Serviço de Saúde durante a 4ª Expedição, primeira turma.	27 jul - 25 out 1897	<i>Tragédia Épica</i> Bahia <u>1900</u> (ii)	(ii) Poesia

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
3 - Edgar Henrique Albertazzi	Exército brasileiro	?	Serviu no Serviço Sanitário durante a Expedição Febrônio de Brito	25 nov 1896 - 21/22 jan 1897	<i>Páginas Íntimas</i> 1932 (iii)	(iii) Datilografado
4 - Akilles Lisboa	Acadêmico de medicina (1º Grupo)	Bahia ?	Serviu como voluntário no Serviço Sanitário	27 jul - 25 out 1897	<i>Recordações da Campanha de Canudos</i> Rio de Janeiro out 1940 (iv)	(iv) In: <i>Nação Armada</i> , 1 (11) p 61-70.
5 - Francisco Xavier de Oliveira	Acadêmico de medicina, voluntário do Serviço Sanitário do Exército	Bahia ?	Serviu no Serviço de Saúde durante a 4ª Expedição Segunda turma a seguir para o teatro de operações	3 ago - 22 out 1897 [Obs.: Ainda que os acadêmicos do Serviço Sanitário do Exército tenham regressado juntos, notar a divergência na data aqui declarada daquela mencionada por Horcades, (25), sendo a mais provável aquela].	<i>Reminiscências da Guerra de Canudos</i> Salvador 1942 -1943 (v)	(v) Publicado nos números. 68 e 69 da <i>Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia</i> , respectivamente em 1942 e 1943, p 102-7 e 149-81.

6.1.2 - CRONISTAS-TESTEMUNHAS
6.1.2.4 – RELIGIOSOS (QUADRO J)

CRONISTA	INSTITUIÇÃO ATIVIDADE	ORIGEM	EPISÓDIO	PERÍODO	REFERÊNCIA(S)	NOTA(S)
1 - Frei João Evangelista Giuliani de Monte Marciano (1843 - 1921)	Arcebispado da Bahia Frade Capuchinho	Monte Marciano Ancona Itália	Chefe da missão evangélica junto à população de Canudos	13 - após 20 mai 1895	<i>Relatorio apresentado, em 1895, pelo reverendo frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispado da Bahia, sobre Antonio 'Conselheiro' e seu sequito no arraial dos Canudos Bahia 1895</i> (i)	(i) Importantíssima fonte primária. Único relatório de um cronista-testemunha sobre o cotidiano da comunidade do Belo Monte. Para o professor José Calasans: "Disse-nos, certa feita, frei Inocêncio, capuchinho, que conhecera pessoalmente frei João Evangelista, com quem morara no Convento da Piedade, Bahia, haver sido o conhecido Relatório redigido pelo Monsenhor Basílio Pereira (1850 - 1930)". (Calasans, 1987, p 7).
2 - Frei Pedro Sinzig (1876 - 1952)	Arcebispado da Bahia Frade franciscano (Seminário de Harreveld - Holanda)	Linz Alemanha	Diácono à disposição do Comitê Patriótico da Bahia servindo em Queimadas e Cansação (BA)	21 ago - 20 out 1897	<i>Reminiscências d'um Frade Petrópolis (RJ) 1917</i> (ii)	(ii) Publicadas também em alemão (1922) e reeditadas em português em 1925.

7 - A PESQUISA DE CAMPO E OS DEPOIMENTOS DOS SOBREVIVENTES E DE SEUS DESCENDENTES

*"Quando morre um preto velho, é como se uma biblioteca inteira se perdesse."*¹

A eterna e universal ansiedade por desvendar o passado, quiçá para um melhor entendimento do presente ou, no dizer de Hannah Arendt², dessa *lacuna* entre o que ficou atrás e o porvir tem sido o motor das diversas e freqüentemente contraditórias correntes que o pensamento sobre a História vem engendrando desde Heródoto e Tucídides. A clássica historiografia episódica, *événementielle* para Paul Lacombe, ou *historicizante*, para Henri Berr, dominou até o século XIX com sua narrativa linear, centrada na história política, nos grandes personagens, no período curto e nos eventos conjunturais. A *história total* de Lucien Febvre e Marc Bloch, fundadores da revista, posteriormente, escola dos *Annales* (1929), trouxe e a proposta de uma disciplina histórica onde o econômico e o social ocupem lugar central e na qual as estruturas duráveis, os fenômenos de longa duração e os comportamentos coletivos são mais reais e determinantes do que os regimes políticos, as iniciativas individuais e os acidentes de conjuntura (cânones do pensamento da corrente precedente). A mais recente proposição norte-americana de uma *história oral* (das elites, em Allan Nevis, anos 40), (dos excluídos, em Ronald Grele, 1975) e as correntes britânica (de democratização da História, de Paul Thompson, 1978) e francesa (de uma sociologia qualitativa, de Daniel Bertaux) demonstram que não tem sido outro o ânimo dessa fascinante procura.

¹ Ditado popular africano. Contribuição do professor José Calasans.

² ARENDT (1954).

De acordo com Marieta Ferreira, *“a história oral nos permite detectar duas linhas de trabalho que, embora não excludentes e entrecruzadas em muitos casos, revelam abordagens distintas.*

A primeira delas [...] trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher lacunas deixadas pelas fontes escritas.

Uma segunda abordagem [...] é aquela que privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado.”³

O fenômeno administrativo aqui estudado e ampla e eloqüentemente interpretado pela abordagem *historicizante* só muito recentemente começou a ser também objeto de preocupação de versões historiográficas mais novas.

A estratégia de investigação deste trabalho, em face dos condicionantes antes referidos, orienta-se pela segunda classificação da taxionomia de Ferreira, ainda que não descarte completamente a primeira. Assim, além da consulta à documentação oficial e às riquíssimas bibliografia e iconografia sobre o tema, utiliza também e principalmente os depoimentos dos sobreviventes do episódio (na narrativa de seus poucos e privilegiados coletores) e o que ficou no imaginário de seus descendentes (nos inquéritos formulados por este pesquisador nos sítios onde nasceu e peregrinou Antônio Conselheiro) e nas interpretações de estudiosos do tema.⁴

7.1 - ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa realizou-se em seis etapas, cobrindo um período que vai de 1º de junho de 1994 a 31 de dezembro de 1998, compreendendo sete Estados da Federação, cerca de 34 localidades (municípios, distritos e povoados), 29 eventos e 76 instituições/monumentos visitados. Nesse período foram feitas mais de 900 fotografias de paisagens, edifícios,

³ FERREIRA (1994: 9-10).

⁴ Os dados completos sobre os lugares, instituições, monumentos visitados e depoentes são fornecidos nos itens que se seguem.

vegetação, pessoas, objetos e documentos, 28 das quais foram selecionadas para compor a mostra fotográfica *Canudos: Perdão!* apresentada em sete espaços culturais de cinco cidades brasileiras como evento rememorativo da Guerra de Canudos na passagem de seu centenário (1996 – 1997). Algumas dessas fotos foram ainda publicadas em quatro periódicos, um livro e veiculadas na *homepage Canudos: 100 Anos*, na Internet. Os depoimentos colhidos na fase de pesquisa de campo foram registrados em fitas magnéticas com duração total de 36 horas de gravação. Percorreram-se cerca de 8 500 km de carro na área do sertão do Conselheiro (entre as bacias dos rios São Francisco e Itapicuru) e na capital do Estado da Bahia. Além desses trechos foram realizadas viagens interestaduais de avião e ônibus. O orçamento total do projeto alcançou R\$ 28 840,00 (vinte e oito mil oitocentos e quarenta reais), equivalentes a, aproximadamente, US\$ 23, 072.00 (vinte e três mil e setenta e dois dólares norte-americanos) em 4 de novembro de 1998.

Considerando que a investigação não teve o apoio financeiro de qualquer instituição de fomento à pesquisa, o projeto só se viabilizou pela solução encontrada de financiá-lo parcial e indiretamente através da realização de palestras e seminários sobre o tema e a apresentação da supramencionada mostra fotográfica em diversas cidades - sítios da investigação de campo.

Quase parodiando a *Nota Preliminar de Os Sertões*: esta tese também foi escrita nos raros intervalos de folga de uma carreira, não diria fatigante, mas, com certeza, atribulada; em um país onde cultura, educação e produção de conhecimento são atividades tratadas como supérfluas. Obviamente, as dificuldades enfrentadas não justificam as deficiências do trabalho, como seus números não garantem, *per se*, sua qualidade. Quiçá, possam explicar sua descontinuidade e longa duração; tantas etapas e o angustiante temor de não vê-lo concluído jamais!

7.1.1 - PRIMEIRA ETAPA

Período:

- 1º de junho a 12 de novembro de 1994 (não contínuo).

Localidades:

- Rio de Janeiro (RJ).

Instituições⁵:

- Biblioteca Nacional;
- Casa de Rui Barbosa;
- Museu Histórico do Exército / Casa de Deodoro;
- Museu Histórico Nacional;
- Museu da República.

Monumentos / Peças e Eventos:

- *Canudos Rediviva* (mostra de arte de Tripoli Gaudenzi e seminário), Museu da República, Rio de Janeiro, junho de 1994;
- *Canudos* (gravuras de Adir Botelho), Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, junho de 1994.

Entrevistados/Depoentes⁶:

- Alexandre Otten;
- José Calasans Brandão da Silva;
- Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros;
- Maria Júlia Tavares Melo;
- Renato José Marques Ferraz;
- Tripoli Gaudenzi.

Documentos Consultados:⁷

- *Álbuns de Fotografias* de Flávio de Barros (2): I - 15 fotos, II - 54 fotos, (uma duplicata), acervo do Arquivo Histórico do Museu da República.
- “*A Victoria de Canudos - Memoria Historica por Moreira de Azevedo*”.⁸ Dr. Manoel Duarte Moreira Azevedo, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1898 (manuscrito doado pelo autor à Biblioteca Nacional em 17 de setembro de 1898 - com recortes de jornais da época; código: I - 6 - 1 N. 74, 34 - 61, Biblioteca Nacional (inédito);
- *Manuscritos de Euclides da Cunha* (parte não publicada de *Os Sertões*;

⁵ Ver maiores informações sobre as instituições consultadas na parte 6.1.1 - Documentos.

⁶ Nos itens 7.3 e 9.1, respectivamente, são fornecidos mais dados sobre os descendentes dos sobreviventes e estudiosos do tema que prestaram depoimentos para esta investigação.

⁷ Listados apenas os mais importantes e/ou inéditos.

correspondência e documentos sobre a vida militar e de engenheiro do escritor), códices 80 e 89 Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

7.1.2 - SEGUNDA ETAPA

Período:

- 13 de novembro a 7 de dezembro de 1994 (contínuo).

Localidades:

- Euclides da Cunha (BA);
- Monte Santo (BA);
- Salvador (BA);
- Serrinha (BA);
- Tucano (BA).

Instituições:

- Acervo José Aras da Guerra de Canudos, Monte Santo (BA);
- Biblioteca da Academia de Letras da Bahia;
- Casa de Canudos;
- Centro de Estudos Euclides da Cunha;
- Núcleo Sertão.

Monumentos / Peças e Eventos:

- Antônio Conselheiro, talha em tronco de árvore de Mário Cravo, (pátio central da antiga Faculdade de Medicina da Bahia na época da visita, hoje, em local desconhecido), Salvador (BA);
- Igreja Matriz de Euclides da Cunha (BA);
- Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, Monte Santo (BA);
- Praça Monsenhor Berenguer e Monumento à Guerra de Canudos (talha de Antônio Conselheiro, busto do marechal Carlos Machado Bittencourt e a *matadeira* - canhão Witworth 32), Monte Santo (BA);
- Prefeitura de Monte Santo (sobrado que serviu de quartel-general às forças federais e onde ficou hospedado o ministro da guerra, Machado Bittencourt e seu estado-maior na última fase do conflito, Monte Santo (BA);
- Via Sacra de Monte Santo, suas 24 capelas e, no alto do morro, a Igreja da Divina Santa Cruz (construção de frei Apolônio de Todi, século XVIII, reconstruída na década de 20 e reformada há cerca de dez anos. As

⁸ Nas citações de documentos e de seus autores foi conservada a grafia da época.

laterais do caminho de subida e as capelas foram reformadas por Antônio Conselheiro e seu grupo em 1893 quando de sua passagem pela vila rumo a Canudos), Serra de Piquaraçá, Monte Santo (BA).

Entrevistados /Depoentes:

- Angelina Nobre Rolim Garcez;
- Antonio Olavo;
- Claude Santos;
- Eldon Dantas Canário;
- Hilmar Ilton Santana Ferreira;
- João Siqueira Santos;
- José Calasans;
- Oleone Coelho Fontes;
- Renato Ferraz;
- Silvio Roberto dos Santos.

Documentos Consultados:

- *O Santo Evangelho de Jesus Christo [...] e Apontamentos dos preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Christo, para a salvação dos homens pelo peregrino Antonio Vicente Mendes Maciel no Povoado do Bello Monte, Provincia da Bahia em 24 de maio de 1895* (manuscritos atribuídos a Antônio Conselheiro, “oferecido[s] pelo brigada do 25º Batalhão de

Infantaria Eugenio Carolino de Sayão Carvalho, achado[s] em Canudos, no lugar chamado Santuário. as. Jornal de Noticias”. Obs.: encimando esta nota aparece, na folha de rosto da obra: “Antonio Conselheiro infame bandido”, com outra caligrafia. Precioso documento doado ao Núcleo Sertão, junto com a Coleção José Calasans, pelo seu organizador; Universidade Federal da Bahia⁹.

7.1.3 - TERCEIRA ETAPA

Período:

- 2 de janeiro a 19 de abril de 1995
(contínuo).

⁹ Além dessa obra, há um segundo livro (desaparecido) cuja autoria é atribuída a Antônio Conselheiro: *Tempestades que se Levantam no Coração de Maria por ocasião do Mysterio da Anunciação, Bello Monte, Provincia da Bahia, 12 de janeiro de 1897*, que pertenceu a Euclydes da Cunha, felizmente, publicado em 1974 e republicado em 1978 e 1997 (com várias páginas fac-similadas), com o título *Prédicas aos Canudenses e um Discurso sobre a República*. In: Nogueira (1978: 47-190).

Localidades:

- Alagoinhas (estação ferroviária da Estrada de Ferro do São Francisco onde a bitola dos trilhos mudava de 1,60 para 1,00m, obrigando os passageiros e as tropas oficiais a fazer baldeação), (BA);
- Canudos: Alto do Maio (ou do Mário), Bendegó, Cocorobó, Morro da Favela, Rancho do Vigário, Rosário, Umburanas (BA);
- Crisópolis (antigo Arraial do Bom Jesus fundado por Antônio Conselheiro em 1892 quando da bênção da capela sagrada ao santo patronímico do arraial (BA);
- Esplanada (BA);
- Euclides da Cunha (BA);
- Rio de Janeiro (RJ);
- Uauá (palco do primeiro confronto entre as forças federais e os jagunços de Antônio Conselheiro, novembro de 1896) (BA).

Instituições:

- Centro de Estudos Baianos;
- Centro de Estudos Euclides da Cunha;
- Instituto Geográfico e Histórico da Bahia;

- Núcleo Sertão;
- Prefeitura Municipal de Crisópolis;
- Prefeitura Municipal de Euclides da Cunha;
- Prefeitura Municipal de Uauá.

Monumentos / Peças e Eventos:

- Altar-mor e altares laterais da Capela do Bom Jesus (preciosas obras de talha do mestre Manoel Feitosa - jagunço de Antônio Conselheiro), Crisópolis (BA);
- Capela do Bom Jesus e Cruzeiro. (construídos por Conselheiro e seu grupo), Crisópolis (BA);
- Casa (local?) onde teria se hospedado o tenente Manuel da Silva Pires Ferreira (comandante da 1ª. Expedição), Uauá (BA);
- Cemitério Municipal, Uauá (BA);
- Cruzeiro e Pedra Fundamental do Belo Monte [datada de 1893 (foto nos Anexos). Únicas peças remanescentes da *Delenda Canudos*], Canudos (BA);
- Feira livre (dominical), Canudos (BA);
- Inauguração da Praça Antônio Conselheiro e Novenário do Padroeiro Bom Jesus (festa da cidade instituída por A. Conselheiro quando da

fundação do arraial), Crisópolis, 20 de janeiro de 1995 (BA);

- Igreja Matriz, Uauá (BA);
- Maquete de Canudos (trabalho de Silvio R. Santos), Salvador (BA);
- Memorial de Canudos, Canudos (BA);
- “Museu” de Manoel Travessa (particular), Canudos (BA);
- Praça Antônio Conselheiro (antiga Praça da Matriz), Crisópolis (BA);
- Praça do Rosário, Canudos (BA);
- Represa do Cocorobó / DNOCS. (construída entre 1951 - 1969), Canudos (BA);
- Ruínas da Fonte Pedra e Cal (1ª obra de A. Conselheiro no Arraial do Bom Jesus), Crisópolis (BA);
- Ruínas da Igreja de Santo Antônio¹⁰ (Igreja Matriz da 2ª Canudos) emergindo das águas represadas do Cocorobó na grande seca de 1994-96 Canudos - BA.

10 Em 4 de fevereiro de 1995, quando de minha primeira viagem a Canudos, tive a oportunidade de fotografar essas ruínas e ceder a foto, denominada *Transversalidade*, para publicação no jornal *O Estado de S. Paulo / Caderno 2*, edição de 29 de março de 1995, p D 8. Mais tarde a mesma fotografia foi selecionada para integrar a mostra *Canudos: Perdão!*

Entrevistados / Depoentes:

- Adonel de Matos;
- Ana Josefa Bispo Santos;
- Ana Rodrigues dos Santos;
- Angelina Garcez;
- Antônio Vicente Sobrinho;
- Antonio Olavo;
- Edmundo Moniz;
- Enoque Oliveira;
- Hidelgardo Cordeiro Amador Pinto;
- João Reginaldo de Matos;
- Jerônimo Rodrigues Ribeiro;
- José Calasans;
- Josefa Maria dos Santos;
- Madalena Antônia dos Santos;
- Maria Luiza Nobre;
- Maria Rodrigues dos Santos;
- Néelson Almeida Santiago;
- Oleone Fontes;
- Quintino José de Melo;
- Rosa (?);
- Silvio Roberto dos Santos.

Documentos Consultados:

- *Cartas de Antônio Vicente Mendes Maciel para:*

- Paulo José da Rosa, Brejo

Grande, 10 de maio de 1893;

- Felisberto de Moraes, Amparo,
26 de abril de 1893. Instituto
Geográfico e Histórico da Bahia;

- *"Passaporte" do Comité Patriótico da Bahia datado de 12 de janeiro de 1898, assinado por Léllis Piedade, Secretário do Comitê, solicitando "às dignas autoridades do centro do Estado a presteza [...] em qualquer emergência, agradecendo a proteção [...] no regresso de Josepha Maria de Jesus, em companhia de suas filhas, Joana Maria de Jesus, Maria Cardoso de Jesus e Maria de Jesus [sobreviventes da guerra], às suas terras. Documento inédito, fac-símile nos Anexos, arquivo particular de Adonel (Régis) Matos, bisneto de Josepha Maria de Jesus e neto de Joana, residente em Canudos;*
- Recortes e transcrições de diversos jornais da época. Núcleo Sertão.

7.1.4 - QUARTA ETAPA

Período:

- 24 de julho a 15 de agosto de 1995
(contínuo).

Localidades:

- Jeremoabo (BA);
- Canudos (BA);
- Chorrochó (antigo Capim Grosso (BA);
- Curaçá (BA);
- Euclides da Cunha (BA);
- Fazenda Quirinquiná, Monte Santo (BA);
- Juazeiro (BA);
- Laje, Euclides da Cunha (BA);
- Lajinha, Euclides da Cunha (BA);
- Monte Santo (BA);
- Nosso Senhor do Bonfim (antiga Vila Nova da Rainha), (BA);
- Petrolina (PE);
- São José do Rio Pardo (SP);
- São Paulo (SP);
- Uauá (BA).

Instituições:

- Casa de Cultura Euclides da Cunha;
- Memorial de Canudos;
- Museu do Cangaço;
- Núcleo Sertão;
- Prefeitura Municipal de Canudos (no escritório do DNOCS);
- Prefeitura Municipal de Chorrochó;

- Prefeitura Municipal de Euclides da Cunha;
- Prefeitura Municipal de Monte Santo;
- Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim;
- Prefeitura Municipal de Uauá.

Monumentos / Peças e Eventos:

- Armas e objetos de conselheiristas do Belo Monte. Coleção particular do Sr. Dorotheu Pacheco de Menezes - ex-Prefeito de Chorrochó, Chorrochó (BA);
- *Cabana de Zinco* (pequeno escritório de obra - à margem do Rio Pardo - e mesa onde Euclides teria finalizado a redação de *Os Sertões* durante o período em que foi encarregado da reconstrução da ponte sobre o rio de mesmo nome), São José do Rio Pardo (SP);
- *Casa Euclideana* (sic) (museu e centro cultural, residência do escritor e sua família na época em que viveu na cidade), São José do Rio Pardo (SP);
- Cemitério Municipal (segundo informações locais: construído por Conselheiro e seu grupo na época em que edificou a Igreja do Senhor do Bonfim), Chorrochó (BA);

- Estação Ferroviária, Juazeiro (local onde desembarcaram os combatentes da 1ª Expedição), Juazeiro (BA);
- Estação Ferroviária de São José do Rio Pardo (SP);
- Feira livre, Uauá (BA);
- Festa de Sant' Ana, Canché, Jeremoabo, 26 de julho de 1995 (BA);
- Festa do Vaqueiro, Chorrochó, 27 de julho de 1995 (BA);
- Igreja Matriz (consagrada ao Senhor do Bonfim, construída em 1885¹¹ pelo Bom Jesus Conselheiro), Chorrochó (BA);
- LXXXIII Semana Euclidiana, São José do Rio Pardo, 9 – 15 de agosto de 1995 (SP);
- Memorial Recanto Euclidiano (mausoléu do escritor e seu filho, Euclides da Cunha Filho, ambos assassinados, em legítima defesa, por Dilermando de Assis, São José do Rio Pardo (SP);
- Ponte Euclides da Cunha (estrutura metálica sobre o Rio Pardo, reconstruída pelo engenheiro Euclides da Cunha, entre os anos de 1898 e 1901, após a mesma haver sido levada

¹¹ Mais imponente construção de Conselheiro.

pelas águas do rio em uma de suas cheias), São José do Rio Pardo (SP);

- Represa de Cocorobó e ruínas da 2ª Canudos emergindo de suas águas na grande seca de 1995 - 1996, Canudos (BA).

Entrevistados / Depoentes:

- Álvaro Ribeiro Oliveira Netto;
- Dorotheu Pacheco de Menezes;
- Eldon Canário;
- Ernani de Amaral Menezes;
- Guilherme Félice Garcia;
- Henrique Novak;
- Hidelgardo Cordeiro Amador Pinto;
- Jerônimo Rodrigues Ribeiro;
- João Ernesto Santana;
- João Reginaldo de Matos;
- José Calasans;
- José Evaldo Menezes;
- Lúcia Mascarenhas;
- Luiz Paulo Almeida Neiva;
- Manoel Antônio Neto;
- Oleone Fontes;
- Paulo Dantas;
- Paulo Eduardo Zanettini;
- Renato Ferraz;
- Tripoli Gaudenzi;
- Valton Nogueira Galvão;

- Yara Dulce Bandeira de Ataíde.

Documentos Consultados:

- Recortes e transcrições de jornais da época (Núcleo Sertão).

7.1.5 - QUINTA ETAPA

Período:

- 8 de maio a 7 de setembro de 1996 (contínuo).

Localidades:

- Belém (PA);
- Cantagalo (RJ);
- Euclidelândia, Cantagalo (RJ);
- Fortaleza (CE);
- Juazeiro (BA);
- Junco do Salitre, Juazeiro (BA);
- Quixeramobim (CE);
- Rio de Janeiro (RJ);
- Salvador (BA);
- São José do Rio Pardo (SP);
- São Paulo (SP);
- Senhor do Bonfim (BA).

Instituições:

- Casa de Cultura Euclides da Cunha;

- Casa de Euclides da Cunha;
- Grupo Memória de Quixeramobim;
- Museu e Biblioteca da Polícia Militar de São Paulo;
- Núcleo Sertão;
- Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim.

Monumentos / Peças e Eventos:

- *Canudos: Perdão!* (mostra fotográfica e excertos de clássicos da literatura sobre o sertão) de Paulo Emílio Martins), Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo, 9 - 15 de agosto de 1996 (SP); Casa de Euclides da Cunha, Cantagalo, 7 de setembro de 1996 (RJ);
- *Canudos Rediviva* (exposição artística de T Gaudenzi e seminário), Centro Cultural Banco do Brasil., Rio de Janeiro, 8 - 10 de maio de 1996 (RJ);
- Casa da Câmara Municipal. [antiga Câmara e Cadeia; construção da primeira metade do século XIX, belo e singular edifício caracterizado por sua escada lateral de dois lances, encimada por um alpendre onde se encontra um sino que, até a metade do século XX, tinha a finalidade de orientar o comércio local tocando às 7, 11, 13 e às 17 horas (início e término dos expedientes). Este mesmo campanário soava ainda nas convocações para sessões do júri, também realizadas naquele prédio e nos grandes acontecimentos], Quixeramobim (CE);
- Casa que pertenceu à família Maciel (onde nasceu, viveu e comercializou o futuro Conselheiro, situada na Rua Cônego Aureliano Mota nº. 210, antiga Rua Santo Antônio), Quixeramobim (CE);
- Cidade cenográfica do Belo Monte (reconstituição de Jorge Resende/Mariza Leão para o filme *Guerra de Canudos* - 1997) Junco do Salitre, Juazeiro (BA);
- Cemitério e Capela de N. S. do Carmo. (construídos entre 1846 e 1869), Quixeramobim (CE);
- Cripta (com o encéfalo de Euclides da Cunha), Casa de Euclides da Cunha, Cantagalo (RJ);
- Igreja Matriz de Euclidelândia (batistério do autor de *Os Sertões*), Cantagalo (RJ);
- Igreja Matriz de Quixeramobim (consagrada a Santo Antônio). Construção concluída em 1780, sofrendo ampliações e reformas

- posteriores. Suas origens remontam à Capela de Santo Antônio, erigida por volta de 1730 pelo português Antônio Dias Ferreira, fundador e proprietário da Fazenda Santo Antônio do Boqueirão - terras da futura Vila de Campo Maior de Quixeramobim (CE);
- Lançamento da *homepage Canudos 100 Anos* (*site* na Internet para difusão, pesquisa e discussão da temática Canudos; editor: Paulo Emílio Martins), Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1996 (RJ);
 - LXXXIV Semana Euclidiana, São José do Rio Pardo, 9 - 15 de agosto de 1996 (SP);
 - Memorial a Euclides da Cunha [erigido no local da antiga casa da Fazenda Saudade (demolida) onde nasceu o escritor fluminense], Cantagalo (RJ);
 - Monumento-Mausoléu aos Heróis da Guerra de Canudos da Polícia Militar do Estado do Pará (onde estão simbolizados os restos mortais dos combatentes sacrificados naquela campanha e túmulo de seu comandante - coronel Antônio Sérgio Dias Vieira da Fontoura), Cemitério de Santa Isabel, Belém (PA);

- Museu de Quixeramobim (coleção particular de Jorge Simão Marum), Quixeramobim (CE);
- Paço Municipal (antigo sobrado da família Pimentel Fernandes, século XIX), Quixeramobim (CE);
- Primeiro dia de filmagem de *A Guerra de Canudos* (Leão/Rezende, 1997), Junco do Salitre, 14 de julho de 1996, Juazeiro (BA);
- Sobrado Paroquial (1858), Quixeramobim (CE);

Entrevistados / Depoentes:

- Adelino Brandão;
- Antoine Seel;
- Anabelle Loivos Consídera;
- Berthold Zilly;
- Enoque Oliveira;
- João Arruda;
- Luiz Paulo Almeida Neiva;
- Maria José Maciel;
- Maria Neodêmia Costa;
- Manoel Antônio dos Santos Netto;
- Manoel Marcílio Maciel;
- Marco Antonio Villa;
- Marum Simão;
- Oleone Fontes;
- Paulo Zanettini;

- Yara Dulce Bandeira de Ataíde;
- Walbert Monteiro;

Documentos Consultados:

- *Certidão de Batismo de Antônio Vicente Mendes Maciel* (Matriz de Quixeramobim, 22 de maio de 1830). [hemeroteca do historiador de Quixeramobim: Marum Simão (*fac-símile* nos Anexos)].

7.1.6 - SEXTA ETAPA

Período:

- 19 de novembro de 1996 a 31 de dezembro de 1998 (não contínuo).

Localidades:

- Belém (PA);
- Fortaleza (CE);
- Manaus (AM);
- Quixeramobim (CE);
- Salvador (BA);
- Rio de Janeiro (RJ).

Instituições:

- Arquivo Histórico do Exército (RJ);
- Câmara Municipal de Quixeramobim (CE);

- Fundação Djalma Batista (AM);
- Fundação Joaquim Nabuco (AM);
- Movimento Antônio Conselheiro (CE);
- Museu do Homem do Norte (AM);
- Museu Tiradentes (AM);
- Polícia Militar do Amazonas (AM);
- Prefeitura Municipal de Quixeramobim (CE).

Monumentos / Peças e Eventos:

- *Aprender para não Repetir* (seminário), Fundação Djalma Batista, Manaus, 26 de novembro de 1997 (AM);
- *Canudos: Perdão!* (mostra fotográfica) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 16 - 25 de setembro de 1997 (RJ); Museu Tiradentes, Manaus, setembro - novembro de 1997 (AM); Movimento Cultural Antônio Conselheiro, Quixeramobim, 27 de setembro de 1997 (CE); Museu do Homem do Norte, Manaus, novembro - dezembro de 1997 (AM) e Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 6 - 17 de abril de 1998 (RJ);
- *Canudos Rediviva* Centro Cultural Palácio Rio Negro, Manaus, 27 de novembro - 15 de dezembro de 1997 (AM);

- *Canudos: um Olhar Centenário* (seminário), Fundação Djalma Batista, Manaus, 21 - 23 de agosto de 1997 (AM);
- *Cem Anos de Canudos* (seminário), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 16 - 18 de setembro de 1997 (RJ);
- *Conselheiro Vivo* (seminário), Movimento Cultural Antônio Conselheiro, Quixeramobim, 13 - 15 de março de 1998 (CE);
- *Exposição de Arte* (Audifax Rios), Movimento Cultural Antônio Conselheiro, Quixeramobim, 27 - 28 de setembro de 1996 (CE);
- *Imagens da Guerra de Canudos* (exposição das fotos de Flávio de Barros, 1897), Fundação Joaquim Nabuco, Manaus, 23 de agosto de 1997 (AM);
- Inauguração do Memorial Antônio Conselheiro (projeto do arquiteto Fausto Nilo), Quixeramobim, 27 de setembro de 1997 (CE);
- Lançamento do livro: *Cândido Mariano e Canudos* de Roberto Mendonça, Museu Tiradentes, Manaus, 19 de setembro de 1997 (AM);
- Lançamento do número especial da revista *Nosso Pará: O Pará da Guerra de Canudos*, outubro de 1997, Agência Ver Editora (editorado por este pesquisador e o jornalista Walbert Monteiro), Belém, 5 de outubro de 1997 (PA).
- Lançamento da segunda edição do livro de Manoel Benício: *O Rei dos Jagunços* (editado e apresentado por este pesquisador), Editora da Fundação Getúlio Vargas / *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, outubro de 1997 (RJ);
- Lançamento do livro *Paraíso Perdido: Euclides da Cunha, Vida e Obra* de Adelino Brandão, Fundação Djalma Batista, Manaus, 21 de agosto de 1997 (AM);

Entrevistados / Depoentes:

- Adelino Brandão;
- Anna Maria Roland;
- Audifax Rios;
- Davis Ribeiro de Sena;
- Didier Bloch;
- João Arruda;
- José Calasans;
- José Seráfico da Silva de Assis Carvalho;

- Luitgard Oliveira Cavalcanti Barros;
- Marcelo Moreira César;
- Marum Simão;
- Oleone Fontes;
- Orange Feitosa;
- Renato Ferraz;
- Roberto Mendonça;
- Tripoli Gaudenzi;
- Zélia Relofse-Campbell.

Documentos Consultados:

- Recorte de jornais da Amazônia sobre a Campanha de Canudos (hemeroteca do historiador Roberto Mendonça).

7.2 - O RELATO DO DEPOIMENTO DOS SOBREVIVENTES

Não obstante o trágico fim do império do Belo Monte e o sacrifício da quase totalidade de seus habitantes, nos últimos dias de Canudos, já morto seu líder, alguns jagunços abandonaram o arraial e outros, fechado o cerco enquanto fora estavam em busca de mantimentos para suas famílias, lograram salvar-se para, meio século depois, ditarem os raros e preciosos depoimentos conhecidos sobre o cotidiano do povo sagrado do Vaza-Barris e a luta desproporcional que enfrentaram com tanta determinação, sob a liderança que encetou o projeto de reinvenção do sertão, a utopia, de um mundo liberto do autoritarismo dos *coronéis*, das *vidas secas* e da fome cíclica. Uma sociedade verdadeiramente cristã, fraterna e laboriosa conduzida pela palavra e pelo exemplo do Bom Jesus Conselheiro.

Foi a partir do trabalho pioneiro de Odorico Tavares que se iniciou a fase da oralidade na historiografia de Canudos. Em reportagem ilustrada com fotos do francês Pierre Verger, publicada pela revista *O Cruzeiro* no ano do cinquentenário da guerra fratricida (1947) é inaugurada a fase revisionista da literatura sobre o episódio, que inclui, a partir de então, também os relatos dos sobreviventes da tragédia, buscando a libertação da poderosíssima influência de mais de meio século do discurso euclidiano.¹²

São poucos os historiadores que tiveram o privilégio de também poder narrar o grande drama sertanejo na voz de seus protagonistas. Entre eles, além do pioneiro Odorico Tavares, José Calasans que, em 1950, produziu a primeira tese acadêmica sobre o personagem central do episódio¹³ e vem nos brindando com sua historiografia, tão vasta quanto densa e rigorosa no método, ditada, em grande parte, pelo que o autor ouviu de José e Manuel Ciriáco, Francisca Macambira, Honório Vila Nova, Pedrão e tantos outros combatentes e conselheiristas do Belo Monte.

Os quadros que se seguem são uma tentativa de resumir alguns dados sobre essas fontes. Ainda que didaticamente justificável é, de certo modo, uma imprudência, pela qual desde já nos penitenciamos, tentar aprisionar nos casulos das tabelas assim organizadas não

¹² Para o professor José Calasans, com Odorico Tavares encerra-se a fase da *hegemonia euclidiana* na historiografia da guerra do sertão.

¹³ CALASANS (1950).

só o trabalho de tantos dias de andanças pelo chão hostil do sertão, sob a soalheira da caatinga, mas também e a enorme contribuição desses *garimpeiros* da verdadeira história do extermínio do *povo santo* e de sua cidade sagrada.

7.2.1 - A CRÔNICA REVISIONISTA (QUADRO K)

AUTOR	ORIGEM	REFERÊNCIA(S)	DEPOENTES	NOTAS
1 - Odorico Tavares (1912 - 1980)	Timbaúba (PE)	<ul style="list-style-type: none"> Série de reportagens. In: <i>O Cruzeiro</i>, Rio de Janeiro, outubro 1947. (i) <i>Bahia: Imagens da Terra e do Povo</i> Rio de Janeiro, José Olympio, 1951. 	<ul style="list-style-type: none"> Idalina Maria da Conceição; José Ciriáco; José Travessia; Manuel Ciriáco; Maria Avelina da Silva; Maria Guilhermina. 	(i) Obra inaugural da historiografia revisionista e da oralidade na literatura canudista.
2 - José Calasans Brandão da Silva (1915)	Aracaju (SE)	<ul style="list-style-type: none"> <i>O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro: Contribuição ao Estudo da Campanha de Canudos</i>. Bahia, Tipografia Beneditina, 1950 (tese de docência livre à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia). (ii) 	<ul style="list-style-type: none"> Honório Francisco Assunção (Vila Nova); José Ciriáco; Maria Francisca Macambira; Manuel Ciriáco; Pedraão. 	(ii) Ver a obra (completa?) do professor José Calasans sobre Antônio Conselheiro/Canudos na Bibliografia.

AUTOR	ORIGEM	REFERÊNCIA(S)	DEPOENTES	NOTAS
3 - Luciano Cameiro	?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Os Conselhos de Antônio Conselheiro</i>. In: <i>O Cruzeiro</i>, Rio de Janeiro, Ano XXVI, N° 8, 5 dezembro 1953, p 6-12. (iii) 	<ul style="list-style-type: none"> • Manuel Ciriáco; • Pedrão. 	(iii) Reportagem com Aristeu Seixas que adquiriu o manuscrito (desaparecido) de Antônio Conselheiro publicado por Ataliba Nogueira. Ver Bibliografia.
4 - Abelardo F. Montenegro	Fortaleza (CE) ?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Antônio Conselheiro</i>. Fortaleza, Editora A. Batista Fontenele, 1954. (iv) 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedro Wilson Mendes (v) 	<p>(iv) Ver na Bibliografia outras obras do autor sobre a família Maciel.</p> <p>(v) Segundo o professor Calasans (em depoimento a este autor) Pedro Mendes era neto de Antônio Conselheiro. Nertan Macêdo, concluindo a narrativa que lhe fez Honório Vila Nova:</p> <p style="padding-left: 40px;">Voltei a Canudos cinquenta e dois anos depois. De jipe. Para ajudar o Dr. Pedro Wilson Mendes a reconstituir uns fatos da guerra. (1964: 165).</p>
5 - Paulo Dantas (1922)	?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nordeste - 1955</i>. In: <i>Revista Brasiliense</i>, janeiro - fevereiro 1956, p 59-63. • <i>Viagem Definita a Canudos</i>. In: <i>Revista Brasiliense</i>, N° 21, jan-fev 1959. (vi) 	<ul style="list-style-type: none"> • Casimira da Silva Barbosa; • João Evangelista Fonseca (vii); • José Ciriáco; • Manuel Ciriáco (viii); • Maria Mamede de Jesus; • Maria Vitalina de Amorim. (ix); 	<p>(vi) Ver outra obras do autor sobre o tema (inclusive o Capitão Jagunço, ficção) na Bibliografia.</p> <p>(vii) Sargento alagoano combatente na Guerra.</p> <p>(viii) O autor grafa Ciriáco (proparoxítono). Na região, entretanto, os dois irmãos são lembrados com seu sobrenome paroxitonado.</p> <p>(ix) Mulher do soldado Vital Francisco do Amorim, do 9° Batalhão, comandado pelo cel Tamarindo, que acompanhou o marido na guerra.</p>

AUTOR	ORIGEM	REFERÊNCIA(S)	DEPOENTES	NOTAS
6 - Nertan Macêdo	Cariri (CE)	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Memorial de Vilanova</i>. Rio de Janeiro, Edições <i>O Cruzeiro</i>, março 1964. (x) 	<ul style="list-style-type: none"> • Honório Francisco Assunção (Vila Nova) 	(x) Ver ainda: <i>Antônio Conselheiro</i> , do mesmo autor, 1969.
7 - Audálio Dantas	?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A nova Guerra de Canudos</i>. In: <i>O Cruzeiro</i>, Ano XXXVII, Nº 9, p 24-43, 5 dezembro 1964. 	<ul style="list-style-type: none"> • Antônio Ferreira Mattos (Antônio Bruega) (xi) 	(xi) Em sua reportagem o autor refere outros conselheiristas, como Pedrão e Manuel Ciriáco (mortos) e Maria Mendes - irmã de Manuel Ciriáco (que parece não ter sido sua depoente).
8 - Manoel Funchal Garcia	?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Do Litoral ao Sertão (Viagens pelo Interior do Brasil, inclusive na Região de Canudos)</i>. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965. 	<ul style="list-style-type: none"> • Anibal Marques da Silva; (xii) • Antônio Monteiro; (xiii) • Francisca Macambira; • Francisco (Chico) Nunes; • Guerra (Dona); • I(s)tanislau (Lalau); • Joana Batista; • Manuel Ciriáco; • Maria Evangelina; • Ocarlo; (xiii) • Pedro José de Oliveira (Pedrão). 	<p>(xii) Soldado combatente no Regimento Febrônio de Brito e na 4ª Expedição.</p> <p>(xiii) Idem da Coluna Pires Ferreira.</p>

AUTOR	ORIGEM	REFERÊNCIA(S)	DEPOENTES	NOTAS
9 - José de Figueiredo Lobo	?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Contrastes na Beleza de Canudos</i>. In: <i>Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia</i>, Salvador, Ano 83, 1961-1967, p 49-65 (xiv) 	?	(xiv) Conferência pronunciada na celebração do primeiro centenário de nascimento do ten Pires Ferreira - comandante da 1ª Expedição contra o Belo Monte.
10 - José Aras	Cumbe (BA)	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Sangue de Irmãos</i>. s/l, s/e, s/d (provavelmente de 1969) (xv) 	<ul style="list-style-type: none"> • Diversos antigos moradores. pecuaristas e agricultores da região. 	(xv) Ver: p 168.
11 - Edmundo Moniz (1911 - 1997)	Salvador (BA)	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Canudos: a Guerra Social</i>. Rio de Janeiro, Elo Editora, 1978. 	<ul style="list-style-type: none"> • Alvim Martins Horcades; • Arlindo Leone; • Marta Figueira; • Uma beata que cozinhou para Antônio Conselheiro; • Diversos militares baianos que combateram em Canudos. (xvi) 	(xvi) Em depoimento concedido a este pesquisador em 19 de abril de 1995 (com duração de 2 horas, gravado), em sua residência no Rio de Janeiro, o autor declarou que, em sua juventude, na casa de seu pai, Antônio Moniz - ex-governador da Bahia -, ouviu diversas testemunhas dos episódios descritos em seus livros, inclusive o acadêmico de medicina Horcades que, segundo Moniz, teria fugido do teatro de operações sob ameaça de morte, após denunciar os degolamentos praticados por militares; o juiz de direito de Juazeiro, dr. Arlindo Leone, inimigo de Antônio Conselheiro; a professora Marta Figueira, que ensinou em uma escola do arraial e que deixou o Belo Monte no final da guerra e, ainda, uma beata, cujo nome não se recordava, que cozinhou para Conselheiro e que teria assistido sua morte.

AUTOR	ORIGEM	REFERÊNCIA(S)	DEPOENTES	NOTAS
12 – Antonio Olavo	(BA)	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Memórias Fotográficas de Canudos</i>. CNPQ, © 1989. 	<ul style="list-style-type: none"> • Da. Dionisia Valeriana da Gama; • Da. Domingas; • Seu Quinquim (Joaquim Paranhos da silva); • Da. Maria Apolinária; • Seu Zé Guilherme; • Seu Molambo; • Da. Josefa Ribeira do Amparo. 	O fotógrafo e estudioso de Canudos, Antonio Olavo, é também autor do vídeo-documentário premiado: <i>Paixão e Guerra no Sertão de Canudos</i> . Salvador, <i>Portfolium</i> , 1993.
13 – Oswaldo Profeta	?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Canudos: Libelo de um Massacre</i>. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1990. (xvii) 	<ul style="list-style-type: none"> • Vitalino Conceição Venâncio (xviii) 	<p>(xvii) Romance histórico. O autor (aviador¹⁴-presbítero-escritor) teria colhido o depoimento em Bom Jesus da Lapa, provavelmente em 1977, em companhia de um jornalista de <i>A Tribuna de Belo Horizonte</i>, referido como Mesquita.</p> <p>(xviii) Sobrinho de Rebancera (Zeca Venâncio – valente jagunço de A. Conselheiro).</p>

¹⁴ Foi piloto particular da equipe do Presidente Juscelino Kubitschek.

AUTOR	ORIGEM	REFERÊNCIA(S)	DEPOENTES	NOTAS
14 - Renato José Marques Ferraz	Salvador (BA)	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cartilha Histórica de Canudos</i>. Salvador, Prefeitura Municipal de Canudos / Universidade do Estado da Bahia, março 1991. (ix) 	<ul style="list-style-type: none"> • José Ciriáco; • Manuel Ciriáco; • Maria Avelina da Silva; • Pedrão; • Diversos outros velhos moradores do Belo Monte. 	<p>(ix) Obra em co-autoria com Manoel Antonio dos Santos Neto e José Carlos da Costa Pinheiro.</p> <p>A grande contribuição do professor Renato Ferraz para a historiografia de Canudos tem-se feito, principalmente, nas palestras proferidas pelo mestre sertanejo em diversos eventos. Entre os pronunciamentos orais daquele estudioso, destaco o rico depoimento (1h 30' de duração, gravado) concedido a este ensaísta em 15 de agosto de 1995 durante a 83ª Semana Euclidiana, na cidade de São José do Rio Pardo (SP).</p>

7.3 - OS DESCENDENTES DOS SOBREVIVENTES DEPOENTES

A seguir listamos os depoentes - filhos, sobrinhos e netos de conselheiristas - que, com entusiasmo e incontido orgulho da história e da luta de seus antepassados, prestaram valioso auxílio a este pesquisador narrando a saga de sua gente. A eles a minha gratidão:

- Adonel (Régis) Matos
1932
Canudos (BA)
- Ana Josefa Bispos Santos
(Dona Zefinha)
1916
Canudos (BA)
- Ana Rodrigues dos Santos
1910
Bendegó, Canudos (BA)
- Antônio Vicente Sobrinho
(Pistola)
1927
Canudos (BA)
- Hildegardo Cordeiro Amador Pinto
(Dedega)
1937
Monte Santo (BA)
- Jerônimo Rodrigues Ribeiro
(Coronel Jerônimo)
1916
Uauá (BA)
- João Ernesto Santana
(João Botão)
1915
Umburanas, Canudos (BA)
- João Guerra
Canudos (BA)¹⁵
- João Reginaldo de Matos
(João de Régis)
1907
Umburanas, Canudos (BA)
- João Siqueira Santos
(Seu Ioiô)
1909
Euclides da Cunha (BA)
- Josefa Maria dos Santos
(Da. Zefa)
1912
Canudos (BA)
- José Pacheco de Menezes
(Seu Deca)
1904
Chorrochó (BA)
- Madalena Antônia dos Santos
1950
Umburanas, Canudos (BA)
- Manoel Marcilio Maciel
Quixeramobim (CE)¹⁶

¹⁵ Falecido na época da pesquisa. Depoimento gravado pelo historiador, coronel Davis Ribeiro de Sena; gentilmente cedido a este autor.

¹⁶ Membro da família de Antônio Vicente Mendes Maciel – o Conselheiro.

- Maria José Maciel¹⁷
1907
Quixeramobim (CE)
- Maria Luiza Nobre
(Dona Cotinha)
Canudos (BA)
- Maria Neodêmia Costa¹⁸
Quixeramobim (CE)
- Maria Rodrigues dos Santos
Bendegó, Canudos (BA)
- Quintino José de Melo
(Sr. Tinto)
1903
Crisópolis (BA)
- Rosa
(Dona Rosa)
Canudos (BA)

¹⁷ Idem nota 16.

¹⁸ Atual proprietária e moradora da casa que pertenceu à família Maciel e onde viveu e comercializou Antônio Conselheiro.

8 – CANUDOS: ICONOGRAFIA, LITERATURA, MUSICOGRAFIA E CYBERSPACE

*“Onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência,
ai está a História.”*

Fustel de Coulanges

O *fetichismo* do documento (escrito) de Langlois e Seignobos: “*A História se faz com documentos [...] onde não há documento não há História*”¹, não orientou esta pesquisa que utiliza, também, fontes não documentais (*stricto sensu*) e documentos outros que não os depoimentos orais (relacionados no capítulo anterior). Diante das vastas e riquíssimas iconografia, literatura romântica e produção musical sobre a temática canudista, na verdade muito difícil seria a decisão de descartar esses preciosos registros no estudo de qualquer ângulo da sociedade intentada pelo povo do Belo Monte.

Mais identificados com a linha de pensamento da chamada *New Intellectual History*² do que com a ortodoxia do culto ao documento oficial da historiografia política clássica, cremos que o esforço de decodificação dos registros históricos imanentes a todas as práticas e representações sociais é tão rico e, ao mesmo tempo, tão discutível quanto aquele orientado para a interpretação da produção dos atores oficiais da História. Dito de outro modo e correndo o risco de enriquecer ou empobrecer nossa reflexão: pensamos que os atores sociais, de qualquer tempo, espaço e condição social, são produtores de signos representativos do seu momento, signos esses, sempre e irrevogavelmente, ideológicos (estética e eticamente). Assim, toda produção cultural é depositária de mensagens que, consciente ou inconscientemente (por parte de seus formuladores) contribuem para o imaginário social numa perspectiva histórica. Se não, como ler o registro antropométrico que nos legou David ao retratar Napoleão sob a recomendação expressa do Imperador: *Faça-me mais alto!*? Ou ainda, como interpretar as reduzidas proporções do corpo de Jesus

¹ Ap.: CARDOSO (1992: 51).

morto no colo de Maria que a eloquência dramática do gênio de Michelangelo engendrou ao imortalizar a dor materna na sua *Pietà*?

Sem a pretensão de recensear a rica produção cultural do drama sertanejo, a seguir listamos algumas importantes fontes iconográficas, musicais e da literatura romântica que nos auxiliaram a melhor compreender a breve e fascinante história do povo da cidade sagrada da caatinga.

8.1 – A ICONOGRAFIA DE CANUDOS

As artes visuais têm encontrado na temática conselheirista uma permanente e já secular fonte de inspiração para todas as suas formas de expressão. Inauguradas com os arquitetos, entalhadores e santeiros do Belo Monte, cuja obra se perdeu quase que por completo com a destruição do arraial, dessa produção restam, apenas, a capela do Bom Jesus da atual Crisópolis, com o belo trabalho de talha, provavelmente de autoria do mestre Manoel Feitosa; a igreja de N. S. do Bonfim - maior construção remanescente da arquitetura conselheirista -; os Cruzeiro e pedra fundamental do Belo Monte - instalados na praça central da pequena urbe, entre a igreja velha (Santo Antônio) e a inacabada (Bom Jesus ?). Recentemente, o professor José Calasans nos deu notícias da descoberta de mais uma dessas relíquias sobreviventes dos bombardeio e incêndio do arraial sagrado: uma imagem de Santo Antônio de pedra que teria integrado a coleção do Santuário e que seria, portanto, espécime dessa raríssima produção sacra canudista sobrevivente aos horrores da guerra.

Ainda incluídas entre as fontes iconográficas primárias de Canudos utilizadas neste trabalho, temos a já referida coleção de imagens do fotógrafo expedicionário Flávio de Barros³; os desenhos da *Caderneta de Campo* de Euclides da Cunha; os mapas e levantamentos topográficos do engenheiro-militar Siqueira Menezes e o “fiel retrato do fanático Antônio Conselheiro” da *Gazetinha* de Porto Alegre, edição de 10 de outubro de 1897, considerado a mais autêntica representação física do peregrino (Anexo v.1).

² Ver: FALCON (1997: 91-125).

³ Ver: 8.1.2.1 – ‘Cronistas-testemunhas-repórteres’.

Entre as peças evocativas da tragédia de Canudos que muito nos auxiliaram a reconstituir em nossa imaginação o mundo conselheirista, lembramos: as xilogravuras de Adir Botelho; a coleção de gravuras de Aldemir Martins que ilustram a 27ª ed. de *Os Sertões*; os vigorosos desenhos com os quais Ângelo Roberto ilustra o poema *Canudos: A Luta* de José Guilherme da Cunha; as *Memórias Fotográficas* de Antônio Olavo; os traços fortes das gravuras de A. Torres da edição especial da revista *Nosso Pará (O Pará na Guerra de Canudos)*; os originalíssimos desenhos e iluminuras de Audifax Rios (autor dos selo postal e cartão telefônico comemorativos do Centenário da Guerra de Canudos); o magistral *Antônio Conselheiro* (pregador) de Carybé; a xilogravura com o perfil do Bom Jesus de autoria de Dila, que ilustra a segunda edição da preciosa obra de Manoel Benício: *O Rei dos Jagunços*; as fotografias de Evandro Teixeira; as pinturas de Funchal Garcia (também um dos 'cronistas-revisionistas' deste ensaio) que peregrinou pelos sertões para ilustrar com seus óleos as galerias da Academia Militar das Agulhas Negras; as pinturas e os desenhos do norte-americano Grover Chapman que ilustram *O Episódio de Canudos*, com excertos de *Os Sertões*, selecionados por Luís Viana Filho; textos xilogravuras cordelísticas do cearense J. Borges e a de Juracy Dórea que ilustra o disco *América Neblina* de Fábio Paes; a magnífica talha em tronco de árvore de Mário Cravo dramatizando a pregação tresloucada do Conselheiro; as magníficas fotografias de Maureen Bisilliat do álbum *Sertões: Luz e Trevas*; a mostra fotográfica *Canudos: Perdão!* deste autor, reunindo 28 fotos selecionadas entre as mais de 900 feitas nos sertões durante a fase de pesquisa de campo desta tese; a dramática coleção *Canudos Rediviva* (diversas técnicas) de Tripoli Gaudenzi; a pintura de Valdemar Francischetti, alegoria da batalha de 18 de julho de 1897...

Ainda expressão visual do grande drama sertanejo, a filmografia de Canudos reúne algumas das muito ricas referências deste trabalho: o vídeo-documentário *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* (1993), de Antônio Olavo; o filme *Canudos* (1978) de Ipojuca Pontes; o documentário *Os Caminhos de Antônio Conselheiro* ((1987 ?), dirigido por Ana Maria Roland e produzido pelo Ministério da Cultura / Pró-memória; o longa metragem *Guerra de Canudos* (1997) corajosa obra da dupla Sérgio Rezende / Mariza Leão; o documentário *República de Canudos* (?), produção das TVE – BA e TRUQ-Vídeo.

8.2 – CANUDOS E A LITERATURA

A produção literária sobre a saga conselheirista contempla, provavelmente, todos os gêneros: da ficção às teses acadêmicas; da literatura de cordel ao clássico *Os Sertões* de Euclides da Cunha - celebrado livro traduzido para os principais idiomas contemporâneos e que, para muitos é, ao mesmo tempo, obra fundadora da sociologia brasileira e grande épico de nossas letras.

Essa rica literatura, além de Euclides, de sua monumental obra e incomparável beleza de estilo; de suas traduções, interpretações, críticas e da criação de seus epígonos⁴, reúne ainda diversas referências do gênero de ficção produzidas e lidas internacionalmente.

Diante de tão vasto esforço narrativo de um único episódio de nossa História, o professor José Calasans⁵ assinala ser a história do povo do Belo Monte e a biografia de seu principal personagem o acontecimento e a trajetória de vida mais estudados de nossa historiografia.

Entre as mais citadas obras de ficção sobre Antônio Conselheiro e sua gente, destacamos:

- *La Guerra del Fin del Mundo* (A Guerra do Fim do Mundo), 1981. Quiçá a obra mais lida do peruano Mario Vargas Llosa, traduzida para diversos idiomas, inclusive o português. Ressaltemos que, quando este pesquisador realizava sua investigação bibliográfica e documental nos arquivos do Núcleo Sertão da Universidade da Bahia, na época situado no prédio da antiga Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus (em pleno centro histórico da cidade de Salvador e local de grande afluência de turistas), inúmeras vezes teve oportunidade de orientar curiosos, muitos deles estrangeiros, em busca de informações, documentos, relíquias de guerra, etc. sobre o povo do Belo Monte. Instados a

⁴ Para Berthold Zilly - tradutor da obra-prima de Euclides para o idioma de Goethe -, *Os Sertões, per se*, já representa essa obra de *summa*, escrito numa "multiplicidade de gêneros literários [capaz de reunir] quase todas as informações, atitudes, formas possíveis de outros enunciados - relatos, poemas, pichações de paredes, artigos e livros sobre a guerra, incorporando portanto vários tipos de textos: crônica, lenda, depoimento, diário, tratado geográfico, etnográfico e historiográfico, 'formas simples' populares, mas também romance, ensaio, discurso forense e político, oração fúnebre, amalgamando tudo num estilo relativamente coeso, próprio, inconfundível [...], as três formas básicas da literatura: a epopéia, o drama, a lírica." ZILLY (1998: 3), inédito.

⁵ Em depoimento a este autor.

responder como e quando havia despertado neles tal curiosidade, a resposta quase sempre era: com a leitura de *Os Sertões* e, principalmente entre os não brasileiros, após conhecerem o livro de Vargas Llosa. Parece, portanto, não ser leviana a afirmativa de que Euclydes da Cunha e Vargas Llosa são os grandes internacionalizadores do drama sertanejo;

- *Le Mage du Sertão* (O Mago do Sertão), Paris, 1952 de Lucien Marchal, com forte influência nas teses euclidianas, traduzido para o inglês com o título: *The Sage of Canudos*, Londres, 1954;
- *Capitão Jagunço*, (1960 ?) e;
- *Antônio Conselheiro*, 1966. Romances históricos de Paulo Dantas, autor incluído neste trabalho entre os *cronistas-revisionistas*⁶ pela oportunidade que teve de ouvir os últimos sobreviventes da guerra sertaneja e conduzir sua trama a partir da ótica dos vencidos;
- *João Abade*, 1974, de João Felício dos Santos, romance sobre a vida do *prefeito* do Belo Monte, inspirado, conforme declaração de Raquel de Queiroz – apresentadora da obra – e do próprio autor, nas “*cartas e anotações* [jamaís reveladas] *de autoria do não menos fabuloso Julius Cesare Ruy de Cavalcanti – O Arlequim*”⁷, (personagem completamente desconhecido e suposto vivente do arraial sagrado);
- *A Casca da Serpente*, 1989, romance de José J. Veiga no qual o personagem principal (Antônio Conselheiro) sobrevive à guerra para continuar sua pregação pelos sertões;
- *As Meninas do Belo Monte*, 1993, do historiador-romancista Júlio José Chiavenato, inspirado no drama das prisioneiras sobreviventes da guerra fratricida e no seu infortúnio: escravizadas, prostituídas, abandonadas à própria sorte...;
- *Canudos: As Memórias de Frei João Evangelista de Monte Marciano*, 1997, de autoria de Ayrton César Marcondes (sobrinho-neto do coronel Moreira César,

⁶ Ver: 9.2 – *O relato do depoimento dos sobreviventes*.

⁷ SANTOS (1974:12).

médico e escritor). Romance da vida do missionário italiano que se tornaria um dos pivôs da grande guerra do Sertão;

- *Canudos*, 1967;
- *Cativos da Terra*, 1988;
- *Os Mal-aventurados do Belo Monte – A Tragédia de Canudos*, 1997 e
- *Memórias de Canudos* (contos), s/d. Os quatro, de autoria do canudense Eldon Dantas Canário (bacharel em direito, escritor e jornalista) que nasceu e passou sua infância na segunda Canudos – Fênix renascida das cinzas da guerra total da caatinga;
- *Antônio Conselheiro e a Comunidade de Canudos*, 1996. Romance didático do professor João Arruda (UFCE), também *canudófilo*. Quando o autor me ofertou cópia dos originais, esse trabalho ainda não estava publicado.

Também no gênero dramático, a literatura canudista tem sido fértil. Ainda antes de se tornar o grande líder do Belo Monte, a dissolução do lar de Antônio Vicente Maciel seria tema de dramatizações nos picadeiros circenses, como era comum na dramaturgia popular brasileira do século passado:

- *Antônio Maciel – O Conselheiro*, peça em 4 atos de Júlio César Leal, provavelmente de 1885⁸ (publicado em capítulos no *Jornal do Brasil* de 21 de fevereiro a 10 de março de 1897). Conforme referido antes, esta peça parece ter inaugurado a temática conselheirista nas encenações teatrais;
- *O Conselheiro e Canudos*, com José Dumont, roteiro de Ricardo Guilherme, direção de B. de Paiva e realização da Universidade Federal do Ceará, essa última já dos tempos atuais.

Em recente trabalho sobre a história da literatura de cordel no Brasil, o brasilianista norte-americano Mark Curran afirma:

*A Guerra de Canudos, tão celebrada na prosa de Euclides da Cunha em Os Sertões [...] é reconhecida como um dos primeiros grandes eventos do cordel – se não o primeiro.*⁹

⁸ Ver nota de rodapé no Capítulo 8 - *As fontes documentais e os 'cronistas-testemunhas'*.

⁹ CURRAN (1998: 27).

Para o mestre canudólogo e folclorista José Calasans, devemos a Silvio Romero a primeira notícia sobre Antônio Conselheiro na literatura brasileira. Entretanto, em data quase duas décadas anterior à guerra sertaneja, o ilustre sergipano – “pai do folclore brasileiro” - nos apresenta, nos seus *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*¹⁰, os primeiros versos populares cantando a figura do Bom Jesus Conselheiro, então denominado Sant’ Antônio Aparecido:

*Do céu veio uma luz
que Jesus Cristo mandou
Sant’ Antônio Aparecido
dos castigos nos livrou*

*Quem ouvir e não aprender
quem souber e não ensinar
no dia do juízo
a sua alma penará.*¹¹

Tema inaugural do gênero na literatura popular brasileira, como quer Curran, ou não, como parece mais provável, o fato é que Canudos e Antônio Conselheiro, há mais de um século, vêm inspirando os nossos bardos na rica produção literária que, como “*roupas comuns dependuradas, na corda qual bandeiras desfraldadas, [parecendo] um estranho festival*”, enfeitam as feiras de nossas cidades interioranas.

Entre essas obras dos ‘cronistas-trovadores’ da tragédia sertaneja, além dos já citados versos anônimos divulgados por Romero, temos:

- Os dois ABCs transcritos por Euclides da Cunha em sua *Caderneta de Campo*¹² e que “*teriam sido as primeiras obras completas da poesia popular sobre o ‘conselheirismo’ e, portanto, precederam os trabalhos de literatura de cordel [...]*”¹³;
- *A Guerra de Canudos no Sertão da Bahia*, de João de Souza Cunegundes, Rio de Janeiro, Livraria do Povo, Quaresma & Cia. Livreiros Editores, 1897;

¹⁰ Publicados, originalmente na *Revista Brasileira* em 1879 segundo CALASANS (1984: 1) e Luís da CÂMARA CASCUDO. In: ROMERO (1977: 11) e, em 1880, segundo Manuel DIEGUES JÚNIOR. (Ibidem: 17).

¹¹ Ap.: CALASANS (1984: 1).

¹² Ver: CUNHA (1975: 58-61)

- *A Guerra de Canudos*, de João Melchiades Ferreira da Silva (sargento do 27º BI) – *O Cantor de Borborema*. Trovador citado entre os ‘cronistas-combatentes’, neste trabalho.¹⁴;
- *Canudos – História em Versos*, de Manoel Pedro das Dores Bombinhos¹⁵;
- *História de Antônio Conselheiro (Campanha de Canudos, narração completa)*, de Arinos de Belém (pseudônimo de José Esteves), Belém, Guajarina – Casa Editora de Francisco Lopes, 1940. Poema onde o autor canta com grande riqueza de detalhes a participação da Força Pública de seu Estado (Pará) na guerra fratricida, fazendo supor que o mesmo teria ouvido o depoimento de combatente(s) da Guerra;
- *Meu Folclore; História da Guerra de Canudos, 1893 – 1898. Biografia de Antônio Conselheiro. Sua vida em sua terra, o Ceará. Cocorobó destruirá Canudos e restabelecerá os Belos Montes*. 4ª ed. Museu do Arraial Bedengó, Euclides da Cunha, 1963; de Jota Sara (pseudônimo de José Aras, nascido no Cumbe, atual Euclides da Cunha, estudioso da história de sua gente)...

No excelente trabalho *Canudos na Literatura de Cordel* o professor José Calasans assinala:

[...] embora não possamos traçar paralelo entre o prestígio popular do padre Cícero e do Bom Jesus Conselheiro, dispomos de elementos que apontam a existência de uma apreciável literatura de cordel em torno da temática Canudos, sobretudo nestes últimos dez anos [...]¹⁶

E segue, relacionando os seguintes poemas/cordelistas:

- *Profecias de Antônio Conselheiro*, de Maxado Nordestino;
- *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos*, de Minelvino Francisco da Silva;
- *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos*, de Apolônio Alves dos Santos;
- *Antônio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos*, de Rodolfo Coelho;
- *Guerra de Canudos*, de R. Santa Helena;

¹³ CALASANS (op. cit.: 2).

¹⁴ Ver: 8.1.2.2 – ‘Cronistas-testemunhas-combatentes’

¹⁵ Ver: 8.1.2.1 – ‘Cronistas-testemunhas-repórteres’.

¹⁶ CALASANS (1984: 6-7).

- *Apóstolo dos Sertões*, de José Saldanha Menezes;
- *Canudos, Guerra Santa no Sertão*, de Oliveira Falcon;
- *Canudos Revisitada*, de Sebastião Nunes Batista.

Aos quais acrescentamos:

- *Canudos: a Luta*, de José Guilherme da Cunha, Salvador, Editora Pé de Bode, 1991;
- *Antônio Conselheiro (poema épico)*, de Magno Nunes Costa, 1994;
- *Canudos e Antônio Conselheiro (fundação, massacre e centenário)*, de Manoel Inácio do Nascimento, 1997 e
- *ABC do Conselheiro*, de Audifax Rios, Fortaleza, Editora Oficina, 1997.

8.3 – CANUDOS NA MÚSICA POPULAR

I

*Marcado pela própria natureza
o Nordeste do meu Brasil*

*Oh solitário Sertão
de sofrimento e solidão.
A terra é seca
mal se pode cultivar
morrem as plantas e foge o ar.
A vida é triste nesse lugar.¹⁷*

¹⁷ PAULA, Edeor de. *Os Sertões* (samba-de-enredo do G.R.E.S. *Em Cima da Hora*), carnaval de 1976.

II

*Me chamam matuto,
jagunço, Jôsa.
Saibam desse vaqueiro
o taio que dá.*

*Não fui à escola
mas domino a rês
a sabença da flor da campina
me botou altivez.¹⁸*

*Deixe-me viver
deixe-me falar
deixe-me crescer
deixe-me organizar.¹⁹*

*Entre rios, belos montes
quem é esse que vagueia?
Conselheiro que tonteia
e apea sem chegar?*

*Que horizonte mais errante!
Que crendice mais descrente!
Que descrença mais distante!
Que distância mais presente!
Desgoverno governante
quanta gente confiante
em Antônio penitente!²⁰*

¹⁸ OLIVEIRA, Enoque Pe. Fragmentos de uma cantiga inédita para o vaqueiro Jôsa de Uauá.

¹⁹ OLIVEIRA, Enoque Pe. *Deixe-me Viver*. In: PAES, Fábio. *Canudos e Cantos do Sertão, Portfolium*, 1977 (CD).

²⁰ LOBO, Edu e CACASO. *Canudos*. In: LOBO, Edu. *Camaleão*, Rio de Janeiro, Philips, 1978 (LP). Música-tema do filme *Guerra de Canudos*, 1977, com novo arranjo e andamento.

III

*Dentro do Cocorobó
ouviu-se um grito
por almas inundadas
Raquel chorou
do horror da terra quente, se escuta
gritos de dor.²¹*

*Não havia mais razão
a razão foi embora
Restou lágrima, canhão
sob o manto da degola.²²*

Diante da criação de um povo que tão bem sabe cantar, é melhor silenciar (e ouvir)!

O drama de Canudos, além de libreto de nossa ópera popular e tema da Canção da Polícia Militar do Amazonas:

*Milícia do Amazonas, teus soldados,
são leais, destemidos e estóicos,
em **Canudos**, com sangue batizados,
na luta com os jagunços foram heróicos.*

tem sido musicado por autores de várias gerações em diversos ritmos. Diante de tão rica produção não foi difícil o exercício de compor, com os versos desse cancioneiro popular, o mosaico (dividido nos três tempos clássicos da obra euclidiana: *I - A terra; II - O homem; III - A luta*), com o qual ilustramos a musicografia de Canudos.

Qualquer tentativa de listar a rica produção do cancioneiro popular nacional sobre a epopéia sertaneja fugiria muito do objetivo central desta tese. Ficam aqui, entretanto, alguns fragmentos dos mais inspirados momentos dessa manifestação da sensível alma brasileira.

²¹ PAES, Fábio e OLIVEIRA, Enoque. *Salve Canudos*. In: PAES, op cit.

8.4 – O BELO MONTE NO CYBERSPACE

Em julho de 1996, como parte dos eventos rememorativos da Guerra de Canudos no ano de seu centenário, este pesquisador e quatro outros estudiosos do tema²³ organizaram e lançaram na rede mundial de computadores da Internet o *site Canudos:100 Anos*²⁴ - primeira *homepage* dedicada exclusivamente à temática canudista - com o objetivo pedagógico de difundir e incentivar o estudo desse importante episódio de nossa História criando, simultaneamente, um espaço para divulgação e discussão de trabalhos e o intercâmbio de questões sobre o tema.

Planejado inicialmente como exercício preliminar para a produção de um CD-ROM didático com jogos e outros recursos interativos, a ser utilizado como instrumento auxiliar de ensino, fato que não veio a se concretizar devido à não manifestação de qualquer organização interessada no seu patrocínio, a referida *web page* revelou-se ao longo dos seus primeiros dois anos de existência um verdadeiro sucesso, tendo merecido inúmeros destaques da imprensa e/ou do próprio *cyberspace*, entre os quais:

- *Site do Dia* 18/12/96 do GLOBO ON²⁵;
- Destaque no *Guia da Internet.br*, Ano I, Nº 7, p 40-1;
- Selecionado entre *Os sites mais quentes da Internet*, categoria Cultura, no *Web Guide* (suplemento do *Guia Internet.br*, Nº 7, p 5);
- Citado na edição de 21/11/96, p D4 do jornal *O Estado de S. Paulo*;
- Citado em 2/12/96, p 20 no jornal *A Tarde*, Salvador;
- Citado em *A Crítica*, Manaus, 22/5/97, p D1;
- etc.

Contando, presentemente, com quase 30 000 visitantes de diversos continentes, essa página demonstrou ser um precioso instrumento de auxílio a esta pesquisa, reduzindo significativamente o seu custo e facilitando o necessário intercâmbio de opiniões, dúvidas, textos, documentos e material iconográfico e musical.

²² OLIVEIRA, Enoque. Fragmentos de uma cantiga em uma tarde de papos e gravações, *canudeando* em Salvador, 19 de julho de 1996.

²³ Daniela Duarte, Eraldo Júnior, Marcelo Albagli, Noilton Nunes e Regina Duarte.

²⁴ <http://www.ax.apc.org/~eraldojunior/hp13.htm>

²⁵ <http://www.oglobo.com.br>

O Quadro L e as Figuras 8.A e 8.B, que se seguem, retratam o crescimento das visitas ao *site* no período que se estende de 16 de dezembro de 1996 (época da implantação de seu contador) até 15 de novembro de 1998.

Ao observar a curva representativa do fenômeno, verificamos que, além de alguns outros trechos de abrupto crescimento na sua declividade - provavelmente devidos à influência de notas na imprensa e/ou no *cyberspace* - é destacável o aumento no número de visitantes à página, no segmento que vai de setembro a dezembro de 1997 (cerca de 85 visitas/dia contra a média geral de, aproximadamente, 40). Esse período coincide com a maior ocorrência de eventos rememorativos do episódio pela passagem de seu centenário e com o lançamento, em cadeia nacional, em outubro do mesmo ano, do filme *A Guerra de Canudos* de Sérgio Resende e Mariza Leão.

A grande procura do *site* por parte de estudantes dos segundo e terceiro graus, em busca de matéria para suas pesquisas escolares, conforme os incontáveis *e-mails* de agradecimento recebidos, nos deixa especialmente recompensados pelo esforço dispendido.

É importante destacar, como já sugerido antes, que, não tendo sido previstos originalmente como instrumentos auxiliares de investigação, *Canudos: 100 Anos / Internet*, revelaram-se preciosíssimos recursos de pesquisa. Na página 163 apresentamos a abertura do *site* e sua atual estrutura de organização (Figuras 9.A e 9.B, respectivamente).

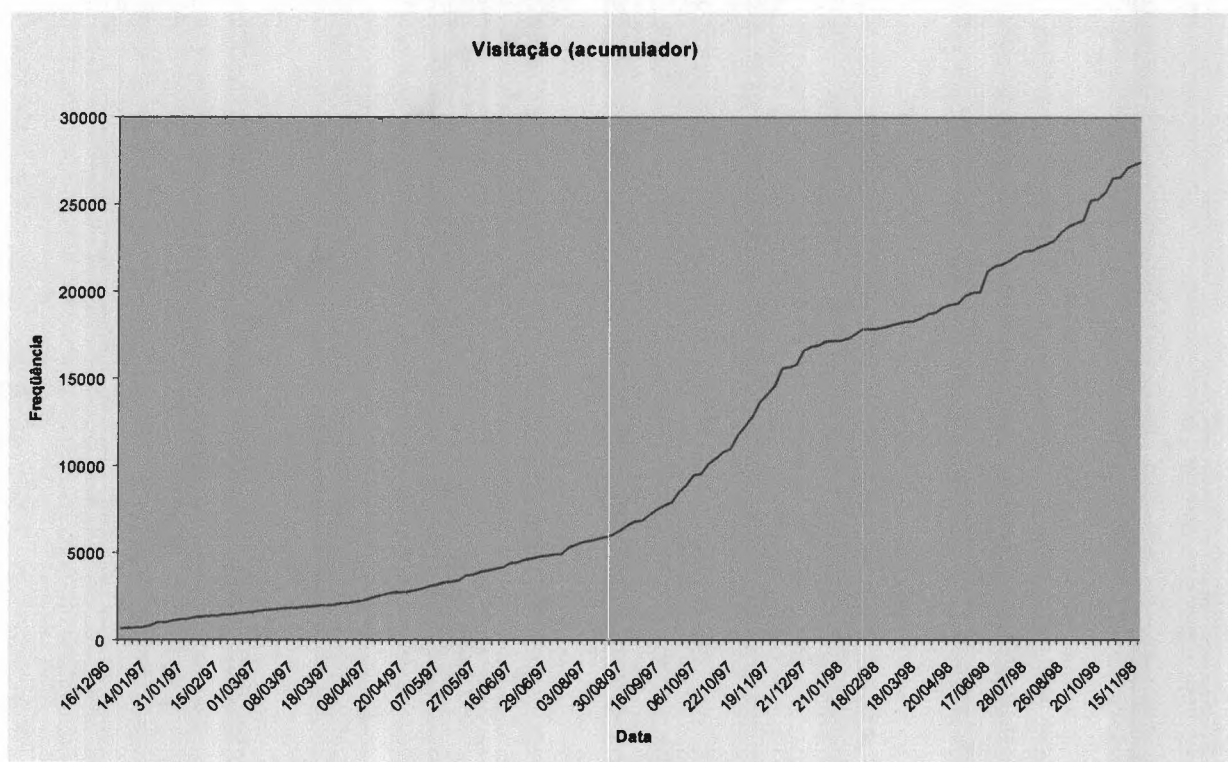
VISITAÇÃO AO SITE **CANUDOS 100 ANOS**
QUADRO L

DATA	PERÍODO	ACUMULADA			
16/12/96	0	653	01/05/97	76	3158
18/12/96	23	676	06/05/97	148	3306
21/12/96	27	703	07/05/97	30	3336
22/12/96	8	711	11/05/97	94	3430
03/01/97	118	829	20/05/97	278	3708
14/01/97	169	998	21/06/97	35	3743
18/01/97	2	1000	25/05/97	156	3899
20/01/97	102	1102	27/05/97	77	3976
24/01/97	72	1174	31/05/97	106	4082
27/01/97	32	1206	03/06/97	85	4167
31/01/97	74	1280	09/06/97	229	4396
03/02/97	48	1328	11/06/97	54	4450
04/02/97	31	1359	16/06/97	153	4603
06/02/97	6	1365	19/06/97	68	4671
14/02/97	85	1450	23/06/97	108	4779
15/02/97	11	1461	25/06/97	61	4840
18/02/97	58	1519	28/06/97	75	4915
20/02/97	51	1570	29/06/97	12	4927
23/02/97	53	1623	13/07/97	366	5293
27/02/97	57	1680	20/07/97	170	5463
01/03/97	42	1722	25/07/97	153	5616
02/03/97	28	1750	29/07/97	78	5694
04/03/97	51	1801	03/08/97	119	5813
05/03/97	32	1833	06/08/97	81	5894
06/03/97	24	1857	11/08/97	150	6044
08/03/97	42	1899	16/08/97	237	6281
09/03/97	16	1915	25/08/97	310	6591
11/03/97	53	1968	30/08/97	199	6790
12/03/97	11	1979	31/08/97	56	6846
13/03/97	26	2005	06/09/97	336	7182
18/03/97	88	2093	11/09/97	317	7499
19/03/97	24	2117	12/09/97	217	7716
22/03/97	88	2205	16/09/97	169	7885
25/03/97	63	2268	22/09/97	602	8487
02/04/97	136	2404	26/09/97	401	8888
08/04/97	125	2529	01/10/97	582	9470
13/04/97	111	2640	02/10/97	67	9537
15/04/97	70	2710	06/10/97	581	10118
16/04/97	16	2726	07/10/97	301	10419
17/04/97	36	2762	10/10/97	372	10791
20/04/97	76	2838	11/10/97	166	10957
25/04/97	108	2946	19/10/97	801	11758
28/04/97	136	3082	22/10/97	515	12273
			27/10/97	581	12854
			01/11/97	785	13639

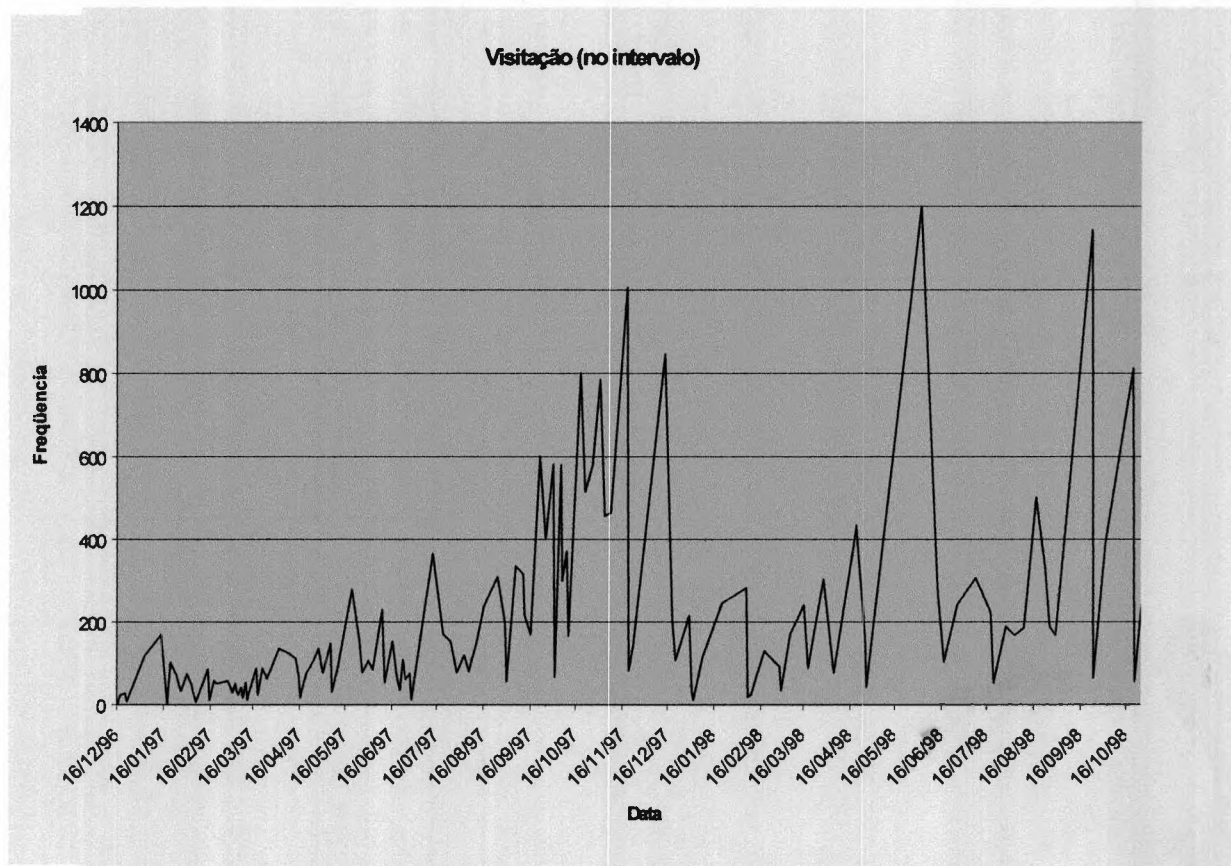
DATA	PERÍODO	ACUMULADA
04/11/97	457	14096
08/11/97	464	14560
19/11/97	1006	15566
20/11/97	82	15648
23/11/97	143	15791
14/12/97	846	16637
19/12/97	203	16840
21/12/97	107	16947
30/12/97	214	17161
01/01/98	32	17193
02/01/98	11	17204
08/01/98	114	17318
21/01/98	245	17563
06/02/98	282	17845
07/02/98	18	17863
09/02/98	23	17886
13/02/98	72	17958
18/02/98	130	18088
24/02/98	106	18194
28/02/98	92	18286
01/03/98	34	18320
07/03/98	170	18490
16/03/98	240	18730
19/03/98	89	18819
29/03/98	304	19123
03/04/98	140	19263
05/04/98	76	19339
20/04/98	435	19774
26/04/98	161	19935
27/04/98	43	19978
02/06/98	1200	21178
13/06/98	273	21451
17/06/98	103	21554
26/06/98	241	21795
08/07/98	307	22102
18/07/98	223	22325
20/07/98	52	22377
28/07/98	189	22566
03/08/98	168	22734
09/08/98	185	22919
17/08/98	501	23420
23/08/98	332	23752
26/08/98	189	23941
30/08/98	168	24109
23/09/98	1144	25253
24/09/98	64	25317

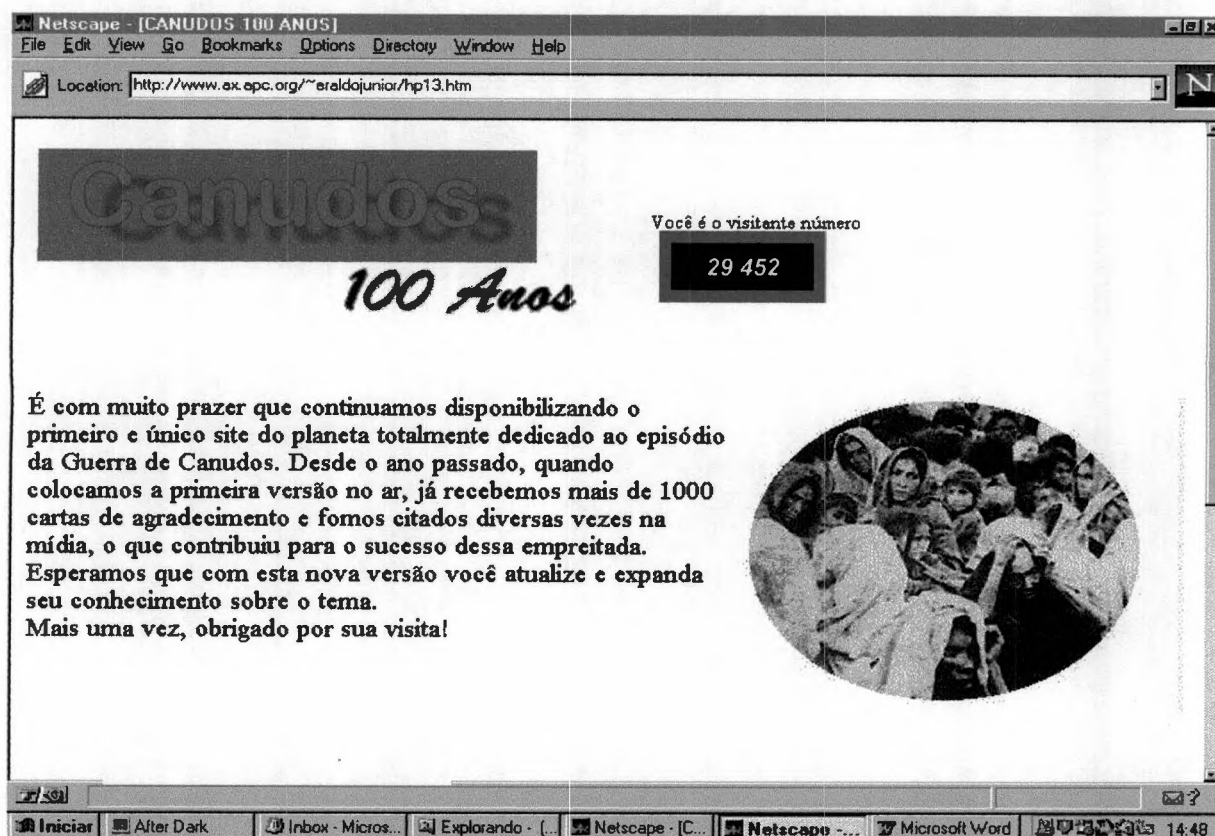
02/10/98	396	25713
20/10/98	812	26525
21/10/98	55	26580
02/11/98	543	27123
07/11/98	189	27312
10/11/98	139	27451
15/11/98	243	27694

VISITAÇÃO À HOMEPAGE *CANUDOS: 100 ANOS*

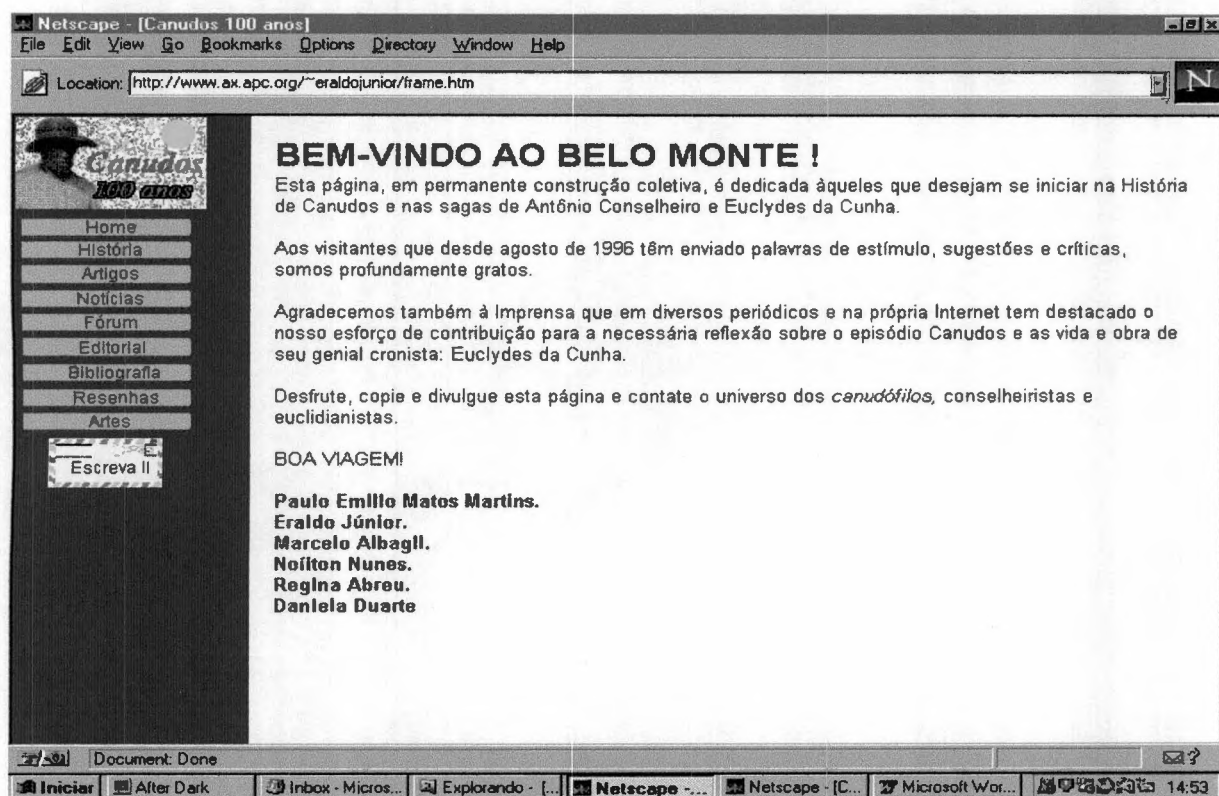


FIGURAS 8.A e 8.B





FIGURAS 9 A e 9 B



9 - OS ESTUDIOSOS-DEPOENTES

*"A verdade se realiza além da tela,
jamaiz sobre ela."*

Pablo Picasso

*"A verdade pura e simples
raramente é pura e jamaiz simples."*

Oscar Wilde

Quando os *'cronistas-testemunhas'* e seus pósteros *'revisionistas'* lavraram seus registros sobre o episódio Canudos, ainda imperava a corrente da historiografia política, dos grandes acontecimentos e personagens e um certo desprezo pelos fatos da escala micro do cotidiano. Como ilustração dessa tendência, José Calasans destaca que, quando conheceu e colheu os depoimentos de Honório Vila Nova, Pedrão, Manuel Ciriáco e tantos outros sobreviventes e coetâneos do Belo Monte, ele não sabia perguntar.

A humildade e o espírito autocrítico de Calasans, além de revelarem o autêntico historiador, mestre de todos os *canudólogos* e estudiosos de Antônio Conselheiro, denunciam, ainda, o quanto se perdeu pela não contemporaneidade dos historiadores do cotidiano e da oralidade com os últimos sobreviventes da guerra do sertão.

Esta tese, cujo objetivo é esclarecer melhor questões sobre a organização e a forma de governo que presidiu o significativo crescimento da comunidade do Vaza-Barris em tão curto espaço de tempo e a improvável resistência militar de seus combatentes, fato reconhecido pelos próprios algozes daquela experiência social, por certo, ressen-te-se da perda dessas informações sobre o dia-a-dia do Belo Monte: seus problemas, a forma como sua gente organizava e distribuía a produção, como se relacionavam entre si, suas paixões, seus sonhos, seus delírios.

A estratégia desta investigação, conforme detalhado no Capítulo 9, procurou sanar em parte esta dificuldade, inerente ao esforço de revelação da história dos perdedores, através do cotejo dos documentos primários oficiais (dos vencedores) com o que ficou no imaginário dos vencidos (depoimentos dos descendentes) e nas análises dos estudiosos do episódio. A seguir relacionamos os pesquisadores que dividiram conosco seus saberes nas

inolvidáveis conversas que mantivemos sobre a matéria e nos depoimentos (gravados¹ e/ou anotados), conferências e palestras que tivemos a oportunidade de assistir. Somos muitíssimo gratos a todos eles e nos desculpamos pelos equívocos de interpretação, sempre de nossa exclusiva responsabilidade. Rogamos também a indulgência do leitor pelos excessos que o entusiasmo, tão necessário e difícil de administrar, favorece.

- Professor Adelino Brandão²
(pesquisador e escritor, estudioso da vida e obra de Euclides da Cunha)
Jundiaí – SP;
- Padre Alexandre Otten SVD
(professor de Teologia, autor da tese de doutoramento apresentada à Universidade Gregoriana, Roma: “*Só Deus é grande – a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*”)
São Paulo – SP;
- Professor Álvaro Ribeiro Oliveira Netto
(ex-diretor da Casa de Cultura Euclides da Cunha)
São José do Rio Pardo – SP;
- Professora Anabelle Loivos Consídera
(pesquisadora da obra euclidiana e do sebastianismo na literatura portuguesa)
Cantagalo – RJ;
- Professora Angelina Nobre Rolim Garcez
(Universidade Federal da Bahia, pesquisadora da economia de Canudos)
Salvador - BA;

¹ Foram registradas cerca de 19 horas de depoimentos dos estudiosos relacionados neste capítulo, em diferentes cidades e datas.

² Ver: obras dos depoentes na *Bibliografia e Outras Referências*.

- Professora Ana Maria Roland
(estudiosa de Euclides da Cunha)
Brasília – DF;
- Antoine Seel
(tradutor da segunda versão de *Os Sertões* para o idioma francês)
França;
- Antonio Olavo
(produtor cultural, fotógrafo e pesquisador de Canudos)
Salvador – BA;
- Audifax Rios
(artista plástico, *designer* do selo e cartão telefônico comemorativos do Centenário da Guerra de Canudos)
Fortaleza – CE;
- Professor Berthold Zilly
(tradutor de *Os Sertões* para o idioma alemão)
Berlim – Alemanha;
- Claude Santos
(fotógrafo, estudioso de Canudos)
Salvador – BA;
- Coronel Davis Ribeiro de Sena
(membro do Instituto Histórico e Geográfico Militar Brasileiro, autor de diversos trabalhos sobre a Guerra de Canudos)
Rio de Janeiro – RJ;

- Didier Bloch
(pesquisador, autor do livro: *Canudos: 100 Anos de Produção*)
Recife – PE;
- Professor Edmundo Moniz
(jornalista, escritor, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ex-Secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, autor de *A Guerra Social de Canudos* e *Canudos: a Luta pela Terra*)
Rio de Janeiro – RJ;
- Professor Eduardo Diatahy B. de Menezes
(Universidade Federal do Ceará, euclidianista)
Fortaleza – CE;
- Eldon Canário
(ficcionalista nascido e criado na 2ª Canudos, autor de diversos romances regionais)
Salvador – BA;
- Padre Enoque Oliveira
(ex-pároco de Monte Santo, criador do Movimento Popular e Histórico de Canudos, autor de poemas, músicas e textos sobre Canudos)
Salvador – BA;
- Professor Hilmar Ilton Santana Ferreira
(pesquisador da economia de Canudos)
Itabuna – BA;
- Professor João Arruda
(Universidade Federal do Ceará, autor de diversos trabalhos sobre o tema)
Fortaleza – CE;

- Professor José Calasans Brandão da Silva
(Universidade Federal da Bahia, historiador e folclorista, membro da Academia de Letras da Bahia, organizador do Núcleo Sertão da UFBA, autor de uma vastíssima e fecunda obra sobre Canudos/Antônio Conselheiro)
Salvador - BA;
- Professor José Seráfico da Silva de Assis Carvalho
(Universidade do Amazonas, diretor da Fundação Djalma Batista, escritor e jornalista, organizador da ampla programação rememorativa do centenário da Guerra de Canudos no Estado do Amazonas)
Manaus – AM;
- Antropóloga Lúcia Mascarenhas
(autora de uma monografia sobre os índios do Belo Monte)
Salvador – BA;
- Professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro, autora de vários trabalhos sobre a religiosidade sertaneja)
Rio de Janeiro – RJ;
- Luiz Paulo Almeida Neiva
(Coordenador do Centro de Estudos Euclides da Cunha da UNEB)
Salvador – BA;
- Professor Manoel Antônio dos Santos Neto
(Universidade do Estado da Bahia, pesquisador e autor de diversos trabalhos sobre Antônio Conselheiro e Canudos)
Salvador – BA;

- Marcelo Moreira César
(engenheiro e empresário, sobrinho-neto do coronel Antônio Moreira César)
São Paulo – SP;
- Professor Marco Antonio Villa
(Universidade Federal de São Carlos, autor de diversos trabalhos sobre Canudos)
São Carlos – SP;
- Dra. Maria Júlia Tavares Mello
(parenta do coronel Souza Menezes, comandante da base de operações de Monte Santo durante a 3ª Expedição. A dra. Maria Júlia detém um precioso arquivo com a correspondência trocada pelos coronéis Moreira César e Souza Menezes nos últimos dias da malograda expedição)
Rio de Janeiro – RJ;
- Professor Marum Simão
(historiador, Secretário de Educação de Quixeramobim)
Quixeramobim – CE;
- Professor Néelson Almeida Santiago
(estudioso de Antônio Conselheiro, Secretário Municipal de Crisópolis)
Crisópolis – BA;
- Oleone Coelho Fontes
(jornalista e escritor, autor de diversos trabalhos sobre Canudos, biógrafo de Antônio Moreira César e historiador da 3ª Expedição)
Salvador – BA;

- Orange Feitosa
(historiadora, estudiosa de Canudos)
Manaus – AM;
- Paulo Dantas
(escritor, autor de diversos livros, reportagens e romances sobre a temática sertaneja)
São Paulo – SP;
- Arqueólogo Paulo Eduardo Zanettini
(pesquisador, autor de um levantamento arqueológico-histórico de Canudos publicado pela UNEB)
São Paulo – SP;
- Professor Renato Ferraz
(Universidade do Estado da Bahia, pesquisador e autor da temática canudista)
Estância – BA;
- Coronel Roberto Mendonça
(pesquisador e autor de diversos trabalhos sobre a participação da Polícia Militar do Amazonas na Guerra de Canudos)
Manaus – AM;
- Silvio Roberto Santos
(maquetista de Canudos)
Salvador – BA;
- Tripoli Gaudenzi
(artista plástico, autor da coleção *Canudos Rediviva*)
Salvador – BA;

- Professor Valton Nogueira Galvão
(psicanalista, estudioso de Antônio Conselheiro)
Fortaleza – CE;
- Professora. Yara Dulce Bandeira Ataíde
(Universidade do Estado da Bahia, pesquisadora e autora)
Salvador – BA;
- Walbert Monteiro
(editor da revista *Nosso Pará*, número especial: *O Pará na Guerra de Canudos*)
Belém – PA;
- Professora Zélia Relofse-Campbell
(South Africa University, euclidianista, pesquisadora e autora)
Pretória – África do Sul.

PARTE IV

A REINVENÇÃO DO SERTÃO

*"Aqui, toda aritmética
dá o resultado nada,
pois dividir e subtrair
são as operações empregadas.
E quando alguma coisa
é aqui multiplicada
será sempre para elevar
o resto à potência do nada."*

João Cabral de Melo Neto

*"O sertão está em toda parte...
O sertão é do tamanho do mundo."*

Guimarães Rosa

10 - BELO MONTE: ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PODER LOCAL

Conselheiro e seus seguidores protagonizaram uma experiência social que, na tese euclidiana, é explicada pelo confronto entre o Brasil moderno do litoral e o universo retrógrado de seu sertão. A lucidez do imortal poeta de *Os Sertões*, muito mais do que produzir um relato de guerra de incomparável beleza estilística, legou à historiografia pátria a primeira explicação desse trágico evento testemunhado pelo jovem engenheiro-repórter de *O Estado de S. Paulo*.

Com base na dialética do então desconhecido escritor fluminense, a explicação daquele episódio se sustenta na contraposição de dinâmicas que se negam no encontro de dois diferentes estágios civilizatórios: o Brasil do litoral, educado, europeizado, rico, dominador e cêntrico e seu sertão, analfabeto, pobre, servil e periférico. A análise formulada no grande épico brasileiro, antecipa, assim, as teorias do dualismo social e da dependência, elaboradas somente décadas após.

Nesta tese, essa dinâmica é interpretada com base em três dimensões que se determinam reciprocamente na práxis dos relacionamentos sociais e na construção de seu suporte ideológico. São elas: a dimensão política, a dimensão religiosa e a dimensão econômica. O estudo do modelo de administração e do sistema de poder/autoridade, implementadores-gestores do projeto do Belo Monte, convida à investigação do que remanesce no imaginário de nossa gente sobre esses importantes vetores do universo simbólico, quiçá os mais relevantes para a compreensão da tecedura social daquela comunidade e, por inclusão, da própria sociedade brasileira.

Assim, a lógica organizacional que presidiu a fracassada tentativa de reinventar o mundo do sertão, é aqui estudada através do modelo de produção que os jagunços desenvolveram sob a liderança do Bom Jesus Conselheiro. Dito de outro modo, a organização social e o sistema de gestão da utopia conselheirista, nesta reflexão, resultam

da experiência, de quase um quarto de século, que o povo sertanejo penitente viveu na edificação de suas obras pelos sertões, e da *pedagogia* que o *taumaturgo* de Quixeramobim elaborou para conduzir seu povo, inspirando-se no exemplo de Cristo, lutando pela sobrevivência em um ambiente natural hostil e numa economia de grande escassez, e intentando a libertação de uma ordem política autoritária, exploradora, violenta e injusta.

10.1 – A IDEOLOGIA CONSELHEIRISTA

De acordo com a estratégia de análise proposta, os traços diferenciadores e identificadores do que se poderia denominar uma *ideologia conselheirista* têm como um dos pilares de sustentação o catolicismo da gente do sertão. Essa forma de significação do transcendente resulta (naquela sociedade) dos processos de assimilação do distante cristianismo medieval, trazido pelo colonizador ibérico para os trópicos e de seu sincretismo com a espiritualidade dos povos pagãos ameríndio e africano, subjugados e/ou importados como escravos pelo europeu invasor. Para alguns, messiânico, milenarista, sebastianista, o pensamento religioso que iria se consolidar nas terras do *porá-porá-eyma* conservaria a magia do mundo sagrado da Idade Média, na sua versão lusitana (difundida em nosso país, principalmente, pelos representantes da Companhia de Jesus), mesclado aos interesses político-econômicos da Coroa Portuguesa, impostos ao colonizado pelas ordenações elaboradas à distância por um governo de população muito reduzida e empenhado, ao mesmo tempo, na conquista dos mares e na difícil empreitada de ocupar um território de dimensões continentais e *civilizar* sua gente. De tão desafiadora missão resultaria um modelo singular de cristianismo, moralista e permissivo; proclamador de uma fraternidade universal e escravista; pregador da penitência purificadora e, até certo ponto, hedonista, embriagado pela exuberância do ambiente tropical paradisíaco; autoritário, como representante oficial da metrópole exploradora, e libertário, como porta-voz da palavra de Deus; místico e mesclado da espiritualidade dos povos-atores de nosso processo civilizatório, e materialista. Ou, a um só tempo, uma religião de Deus e de César,

instituidora, na cultura pátria em gestação, de uma propensão para o descompromisso entre a pregação (discurso) e o exemplo (prática de vida)¹.

Na moldura que assim se desenha é que o representante oficial da Igreja de Roma no sertão amalgamaria os signos de um credo moralista-dogmático com os do pragmatismo materialista-utilitarista da missão colonizadora. Dessa contradição e da tentativa de superá-la é que o universo tabaréu conceberia os fenômenos de liderança religiosa-política dos padres Ibiapina e suas *Casas de Caridade* (Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte, 1860-1883) e Cícero (Juazeiro, CE); dos beatos, Antônio Conselheiro (sertões da Bahia e de Sergipe, 1874 - 1897), José Lourenço (Caldeirão, CE), João e José Maria (Santa Catarina/Paraná, Contestado, 1912-1916) e tantos outros.

Um segundo pilar de sustentação do que se poderia chamar de uma ideologia brasileira sobre o trabalho provém da dimensão política da formação de nossa nacionalidade e é, também, marcado pelo confronto de dois princípios antinômicos: as idéias libertárias do pensamento liberal-social forjado na Europa do Iluminismo, das revoluções burguesa e industrial e do pensamento socialista romântico do século XIX - sustentáculos dos ideais abolicionistas-republicanos -, e a realidade de um país que foi colônia até quase o final do primeiro quartel do século passado e que praticou os modos de produção escravista, até a penúltima década daquele período, e de servidão, em muitos casos, até os nossos dias.

O modelo centralizado e autoritário do Estado que tem na figura do *coronel*² a representação local do poder central, anteriormente desempenhado pelo capitão-mor do período colonial, como o catolicismo sertanejo, é também profundamente contraditório, ao contrapor as idéias mal-assimiladas de um pensamento progressista com o anacronismo de formas de organização econômica e social de há muito superadas.

O projeto de reinvenção do sertão que Antônio Conselheiro engendrou, como tantas outras experiências sociais inovadoras e malogradas, parece ter-se baseado num modelo político de Estado teocrático, de inspiração cristã e participativa, de concepção comunitária - modelo das fraternidades do cristianismo rústico -, cujos referentes Conselheiro foi buscar na leitura e reflexão dos Textos Evangélicos, como bem atestam suas duas obras

¹ Essa questão foi estudada por este autor em: *Participação na Gestão: O Discurso Oficial Brasileiro* [dissertação de mestrado, FGV / EBAP. (MARTINS: 1987)].

² Ver: LEAL, 1975.

manuscritas³, encontradas no Santuário entre os escombros da ex-morada do chefe do povo penitente e seu corpo, sepultado nos dias derradeiros da grande tragédia da caatinga.

10.2 – O TRABALHO NA COMUNIDADE DO BELO MONTE

Como vimos no Capítulo 4, a representação central das definições de Administração, analisadas neste trabalho, refere-se à natureza social do fenômeno, isto é, ao fato de ser o mesmo, necessariamente, uma ação coletiva, o que significa dizer que envolve o trabalho societariado. Por outro lado, o modelo de análise do *Tetraedro Semiológico da Administração* indica que a captura do referente do mundo organizacional se desenvolve no processo de significação dos elementos constituintes desse espaço, o qual, por sua vez, se constrói na práxis (histórica) da vida da organização social ou melhor, nos seus processos de adaptação e integração ao universo simbólico maior em que se insere.

Karl Marx, em seu clássico *Miséria da Filosofia*, já advertia para esta fatalidade:

Os homens, ao estabelecerem as relações sociais de acordo com o desenvolvimento de sua produção material, criam também os princípios, as idéias e as categorias de acordo com suas relações sociais.

Portanto, estas idéias, estas categorias, são tão pouco eternas como as relações que exprimem. São produtos históricos e transitórios. [MARX (1ª ed.: 1847), 1981: 88].

Assim entendida, a produção societariada, ao estabelecer os pactos que irão definir os traços ideológicos, as isotopias e os esterótipos segundo os quais as relações sociais adquirem significado, faz do trabalho a dimensão central do universo organizacional em um dado tempo histórico.

O terceiro pilar de apoio do que se poderia denominar uma ideologia brasileira, a dimensão econômica do viver em sociedade, na análise que fazemos da comunidade belomontense, é vista no sentido restrito do modelo de produção praticado. Mais uma vez, amálgama dos legados de duas culturas antipodais: de um lado, a tradição muito forte do trabalho coletivista, herdado das três principais matrizes étnicas da formação do povo brasileiro, isto é, dos *adjuntos minhotos*, das *vezeiras*, das *lamas de boi*, dos *moinhos do*

³ Ver: CONSELHEIRO, 1895 e 1897.

povo, do *forno comum*, do *rogar*, das *vessadas*, das *segadas* e de tantas outras formas de trabalho solidário e de ajuda mútua, legadas pelo colonizador lusitano. Do *apatxiru* dos Tapirapés, do *magaru* (caça coletiva) dos Bororos e das formas assimiladas da *tupambae* (coisa de Deus) e da *amambae* (coisa do homem), estas últimas desenvolvidas pelos jesuítas da região missioneira do Sul e adaptações da tradição coletivista do aborígene Sul-americano. Da *morança* dos Manjacos e das *montarias* (caça coletiva) dos Mandiga⁴ da Guiné Portuguesa, dos *partidos de trabalho* (limpeza e lavoura coletiva do solo), dos Bambas da África Equatorial Francesa, das *ayar ayong* (cooperativas de trabalho para construção de casas, caminhos, derrubadas, etc.) dos Fang do Gabão do Norte, do *donkpê* do Reino de Dahomey⁵, etc.⁶ práticas legadas pela contribuição negra à formação de nossa gente. E, de outro lado, o modelo de produção da monocultura de base escravista do grande latifúndio - herança da política colonial das sesmarias e dos poderes autoritários de representação real do capitão-mor e, posteriormente, de seu sucessor histórico: o *coronel*.

No seu lúcido ensaio, *Coronelismo, Enxada e Voto*, Victor Nunes Leal assim resume os traços principais desse fenômeno político, muito forte no processo de constituição cultural de nossa nacionalidade:

Conquanto suas conseqüências se projetem sobre toda a vida política do país, o 'coronelismo' atua no reduzido cenário do governo local. Seu habitat são os municípios do interior, o que equivale a dizer os municípios rurais, ou predominantemente rurais; sua vitalidade é inversamente proporcional ao desenvolvimento das atividades urbanas, como sejam o comércio e a indústria. Conseqüentemente, o isolamento é fator importante na formação e manutenção do fenômeno. LEAL [(1ª ed.: 1949), 1975: 251].

Embora Euclides da Cunha, como já referido, tenha o mérito de haver intentado a primeira explicação sociológica para o fenômeno Canudos e a coragem de não resistir ao impulso de revelar-se um pensador em processo de crise com seu referencial teórico, sua análise ratifica a figuração que a visão litorânea tem do sertão, descodificado segundo signos, estereótipos e formas semânticas elaborados pelas culturas dos grandes centros

⁴ Habitantes do norte da Nigéria, identificados na Bahia como negros *malé* e no Rio de Janeiro como negros *alufá*, etnia-matriz de considerável número de escravos trazidos para o Brasil. (Ver: RIBEIRO, 1995: 113-20).

⁵ Designados de *gegê* e, como os Mandiga, também importados como braço escravo para a construção dessa nossa civilização tropical.

⁶ Ver: CALDEIRA (1956: 47-82).

industrializados, mais próximos dos de nossa cultura litorânea e inteiramente divorciados do universo simbólico sertanejo periférico. Essa produção cultural, típica do intelectual brasileiro do final do século passado, levou o genial autor do grande épico brasileiro a uma leitura projetada do fenômeno em estudo, equívoco que iria marcar a historiografia de Canudos por mais de meio século, pela força do discurso daquele escritor e seu estilo inimitável.

Se é verdadeiro que a organização social do Belo Monte, em grande parte, deriva de sua ideologia religiosa, é também inegável que essa religiosidade, com seu apelo cristão de construção de uma fraternidade universal, estabeleceria os traços identificadores, no processo semiótico de leitura/captura do referente *modo de produção sertanejo* e que, desse desenvolvimento, só poderia resultar uma concepção de trabalho mutualista, cooperativo, solidário ou, numa única palavra, fraterno. O *adjunto* sertanejo, prática intensamente utilizada pelas comunidades rurais do sertão brasileiro, é o produto cultural mais genuíno dessa práxis laborativa. Esse sistema autogestionário de produção é também o modelo teórico de organização das sociedades utópicas dos socialistas românticos, como Saint-Simon, Proudhon, Fourier, Owen e dos experimentos comunitários que suas obras inspiraram.

Sobre esta questão, Edmundo Moniz afirma que Antônio Conselheiro teria buscado na *Utopia* de Thomas More o modelo teórico para seu projeto social. Essa afirmativa polêmica, tem suscitado a indignação de alguns historiadores. Em uma das entrevistas que aquele professor, hoje falecido, concedeu a este autor, quando interpelado sobre o assunto, Moniz destacou que, ao tempo de Antônio Conselheiro, o grande clássico do pensamento utópico, escrito originalmente em latim, já fora traduzido para o francês; que o beato-peregrino havia estudado esses dois idiomas na sua infância em Quixeramobim; que, tendo sido o autor da *Utopia* canonizado, era muito provável que a mesma fosse acessível ao pregador sertanejo entre os textos sagrados existentes nas prelazias por onde peregrinou e, finalmente, que o *demiurgo* do sertão, em suas prédicas, refere-se, textualmente, ao pensador inglês, ao incluí-lo entre os “*varões sábios e prudentes*”, cujo destino “*era encher as religiões, povoar os desertos, deixar as riquezas e desprezar o mundo*”⁷.

⁷ MONIZ (1987: 100).

Resumindo, o modelo de trabalho cooperativo de ajuda mútua, originário do meio rural e presente, como vimos, nos três vetores de formação cultural de nosso povo, se sincretizaria, nos sertões brasileiros, nas formas regionais do *adjunto ou adjutório* cearense⁸, nas *arrelias* da Paraíba, nas *faxinas* do Rio Grande do Norte, nas *tapagens*,⁹ nas *juntas* pernambucanas, no *batalhão* ou *adjunto*, na *traição* ou *roubo* e nos *bois-roubados*,¹⁰ largamente empregados na região da caatinga, conforme a cuidadosa pesquisa de Clóvis Caldeira (1956). Em outras palavras, são esses os traços ideológicos que processam a semiose do referente *trabalho* na comunidade conselheirista, a qual se desenvolveria com a prática disseminada do modelo mutualista de produção, o que equivale dizer: **Canudos foi um grande mutirão e Antônio Conselheiro seu organizador e gestor.**

Essa hipótese se confirma nos diversos depoimentos colhidos entre os descendentes dos seguidores do líder religioso:

Eles [os conselheiristas] trabalhavam em conjunto. Ninguém tinha nada. Todo mundo fazia roça, todo mundo trabalhava. Colheu... Colheu. Toma o seu... Toma o seu. Ninguém ficava com menos ou com mais [Adonel (Régis) Matos (1932), Canudos, 4 de fevereiro de 1995].

Vamos trabalhar e se unir. Aqui todos são iguais. Eu [Antônio Conselheiro] sou igual a vocês. [Dona. Zefinha (1916), Canudos, 6 de fevereiro de 1995].

As casinhas eram de taipa; construídas nos mutirões. O arraial cresceu em quatro anos porque tinha ajuda de uns aos outros. [João de Régis (1907), Canudos, 4 de fevereiro de 1995].

O povo aqui era todo de mutirão. Fazia as coisas ... Tudo... Ninguém não ganhava dinheiro não (sic). [Madalena Antônia dos Santos, (1950) sobrinha de Manezão – afilhado de Antônio Conselheiro -, Canudos, 4 de fevereiro de 1995].

Entre os estudiosos não há, contudo, a mesma convergência de opiniões sobre o modelo de trabalho da comunidade do Vaza-Barris, havendo mesmo aqueles que de tão cépticos quanto à possibilidade do arraial se auto-abastecer, chegam a pretender ignorar que, embora historicamente subnutridos e acostumados a uma dieta pobre e frugal, os

⁸ Experiência social do, também trágico, episódio do Caldeirão do beato José Lourenço.

⁹ Fechamento de um braço do rio para pesca coletiva.

¹⁰ Denominações devidas ao sentido de surpresa que esses modelos de ajuda mútua assumem.

sertanejos, como todos os seres vivos, também carecem da ingestão periódica de um mínimo de nutrientes para realizar os processos metabólicos que sustentam a vida. Esse grupo de descrentes da existência de uma economia auto-sustentada no povoado, argumentam, em favor de sua tese:

1- reduzindo as estimativas da população local; em geral sugerem não ter a mesma atingido mais de 8 000 almas;

2- explicando o abastecimento comunitário pelo comércio com os centros produtores vizinhos por supostos saques que os jagunços impunham às fazendas da região;

3- alegando que Antônio Conselheiro e seus beatos amalhavam alguma receita na mendicância que empreendiam nas peregrinações com esse desiderato e, finalmente;

4- pretendendo nos fazer crer que multidões migravam para o arraial atraídas, exclusivamente, pela promessa de vida eterna e salvação que o profeta de Quixeramobim garantiria aos penitentes (famintos).

As contradições desse argumento carregado de preconceitos, são tão flagrantes que não convidam ao contraditório.

Para os crentes na auto-sustentabilidade econômica do arraial, Conselheiro e seus seguidores foram buscar nas raízes culturais de seu universo simbólico/ideológico os princípios determinantes do modo de produção que viabilizou seu projeto:

O sertão de Antônio Conselheiro, como até hoje, encontrava-se no contexto da desigualdade de ritmo e do desenvolvimento combinado das regiões subdesenvolvidas. Canudos não podia fugir à regra. À agricultura e ao pastoreio organizados em forma comunal, como um 'falanstério', ajustava-se, por meio da exportação do couro, a participação no mercado mundial. Havia uma conexão entre a produção primitiva de Canudos e a colocação de um de seus produtos no mercado europeu. No sertão semifeudal, surgia uma nova forma de experiência social, semelhante às de Fourier e de Owen. [MONIZ, 1987: 78, defendendo a tese da formação econômica brasileira como um caso característico de desenvolvimento desigual e combinado].

A organização econômica da comunidade seguia a tradição sertaneja. Os conselheiristas, desde os anos de peregrinação, adquiriam o gado por meio de esmolas, caçavam e auxiliavam os pequenos agricultores no plantio e colheita através de mutirões. [VILLA, 1995: 64 (tese de doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo)].

Para os pioneiros da historiografia econômica de Canudos:

É possível que a posse da casa e da terra tenha sido privada e o produto da terra coletivo. A única certeza é que muitas atividades eram realizadas em mutirão, em particular a construção das casas e o trabalho da terra. [Angelina Garcez, apud: BLOCH: 1997: 88].

[...] quase todo mundo admite hoje que a organização econômica do arraial inspirava-se na tradição sertaneja. Em particular, o mutirão deve ter sido uma prática corriqueira, especialmente para o trabalho da roça e a construção das casas.

Essa organização econômica, porém, foi provavelmente além da simples ajuda mútua no dia-a-dia, se admitirmos que o fundo comum institucionalizava a solidariedade ao permitir a redistribuição de parte dos excedentes. [BLOCH, 1997: 87-8].

Também entre os *cronistas-testemunhas* do episódio, quase todos opositores e/ou combatentes contra o movimento liderado por Antônio Conselheiro, surgem indicações de que Canudos logrou desenvolver um modelo autônomo de economia e que esta se baseava na produção de base mutualista:

O certo é que [Antônio Conselheiro] abria aos desventurados os celeiros fartos pelas esmolas e produtos do trabalho comum. [CUNHA (1ª ed.: 1902), 1982: 132].

Ao romper da barra já se ouvia o baque surdo das enchadas e picaretas, cavando, no leito de um riacho que nascia nas plantas de uma montanha [...]

O furor e a boa vontade de todos, suppriam a escassez de instrumentos, e a obra aparecia a olhos vistos. [BENICIO, sic, 1899: 97].

Todo o povoado agitava-se; trabalhavam todos e A. Conselheiro, impassível, presidia á todo aquelle movimento [...]. [MACEDO SOARES, sic, 1903: 37].

Um depoimento importante sobre a questão da fertilidade das terras de Canudos e, conseqüentemente, a possibilidade de cultura desses solos, é dado pelo engenheiro agrônomo Gumercindo Martins em artigo publicado na revista *Canudos*, publicada pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha da Universidade do Estado da Bahia:

Muito tempo depois de destruída a cidade [Belo Monte] e sua proposta de vida, o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), estudou a Bacia do Vaza-Barris com a finalidade de barramento do rio, perenização do seu curso a jusante e posteriormente implantação do perímetro irrigado (1955). Esses estudos, corroborados pelo levantamento exploratório dos solos realizado pela EMBRAPA (1977), determinam que no espaço que vai da vila original até a Fazenda Cocorobó, inclusive o Perímetro Irrigado, cerca de oito mil hectares, situados às margens do rio, são constituídos de aluviões argilosos e vertissolos. Esses solos, de fertilidade média a alta, constituem um patrimônio natural de grande valor produtivo, quando utilizados dentro de sua aptidão agrícola. Nos locais mais altos, na direção do Rosário, Fazenda Macambira e a atual Canudos, surgem latossolos arenosos de fertilidade baixa a média, mais ajustados à produção de mandioca, cana-de-açúcar, abóbora, etc. [...] (MARTINS, 1996: 139).

Há, ainda, entre os historiadores do movimento religioso-social da caatinga, os que sustentam ter existido em Canudos uma sociedade mercantilista, baseada na propriedade privada (inclusive da terra), na exploração do trabalho e na estratificação social. Justificam essa tese com o suposto enriquecimento da família Vila Nova, proprietária do principal empório comercial local e com a trágica disputa pelo monopólio do mercado da vila, que se teria travado entre aquela família e a família Motta - antiga habitante da região e que lá se estabelecera antes da chegada de Conselheiro e seu grupo.¹¹ Afirmam, ainda, esses autores que a divisão da sociedade canudense em classes sociais ficou comprovada na arquitetura das bem-construídas casas de telha, de propriedade da elite econômica do arraial, e pelos milhares de miseráveis casebres (ver Anexo iv) habitados pela população pobre dos bairros periféricos.

Como contestação a esses argumentos, fica a lembrança de que o Belo Monte viveu sua breve experiência de mudar o sertão sob o fogo de uma cruel e desproporcional guerra, que durou quase um quarto da vida do povoado e que, provavelmente, empenhado nesse esforço bélico superior, o projeto de reinvenção do sertão sucumbiu à crítica situação de defesa do território sitiado e bombardeado e à desintegração de sua sociedade.

¹¹ Os homens da família Motta teriam sido assassinados a mando de Antônio Vila Nova (chefe do clã e prefeito, de fato, da urbe), sob a acusação de traição nos combates contra a Expedição Pires Ferreira.

10.3 – A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO *PORÁ-PORÁ-EYMA* REINVENTADO

Sem dúvida, o advento da sociedade industrial traria para o mundo das organizações as condicionantes que iriam determinar um crescente aumento de complexidade nas suas estruturas de poder, cada vez mais estratificadas e departamentalizadas. É muito provável que o engenheiro francês Henri Fayol (1841–1925) tenha sido o primeiro a definir a função organização no contexto do mundo industrial de consumo de massa que então alvorecia. Com efeito, quando o mais importante teórico das organizações europeu definiu a ação administrativa como sendo a previsão, a organização, o comando, a coordenação e o controle das atividades orientadas para a consecução de um determinado propósito, cuidou também de analisar cada uma dessas funções definindo, então, organizar como sendo o ato de “*constituir o duplo organismo, material e social da empresa*”.¹²

Em sua obra, *Administration Industrielle e Générale* (1916), Fayol destaca a competência organizacional como pré-requisito indispensável a todo administrador. É possível que, da preocupação de anatomizar o aparelho social das empresas, para melhor controlá-lo, tenham se originado os organogramas, com seu poder de síntese, visão relacional das partes e capacidade de informar melhor e mais rapidamente do que os velhos regimentos, regulamentos e manuais de organização. Assim, esses signos gráficos representativos dos arranjos dos sítios de poder e suas relações formais se transformaram nos significantes mais utilizados para a comunicação sobre a estrutura do intrincado universo político das organizações.

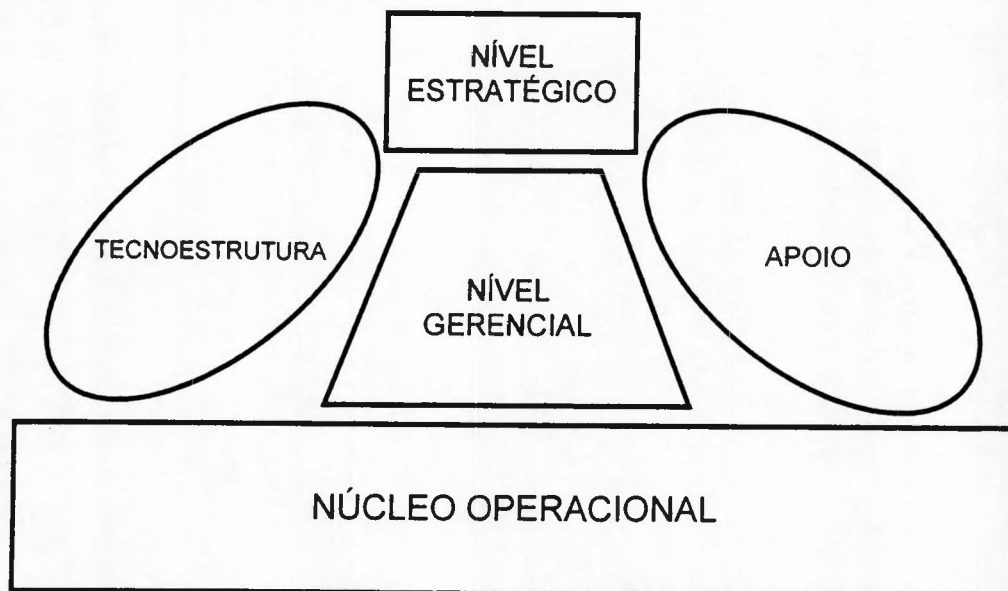
É evidente que Antônio Conselheiro e seus coetâneos do *porá-porá-eyma* ignoravam completamente as interpretações teóricas do mundo industrializado, como as que inspiraram a obra de Fayol, como é também certo que o historiador, ao pretender *traduzir* um tempo passado para a época presente, não pode fugir da fatalidade de incorrer na advertência do aforismo italiano: *traduttore traditore!*

Ainda que incursos nesse risco, não resistimos à tentação de analisar a estrutura de organização que implementou e geriu o projeto do Belo Monte, com o suporte de teorias mais recentes.

¹² FAYOL (1ª ed.: 1916; 1968: 21).

No seu criativo trabalho, *Structure in Fives: Designing Effective Organizations* (1983), Henry Mintzberg adverte: “[...] sometimes becomes very difficult to describe the structuring of organizations exclusively in words. These must be supplemented with images.”¹³

Ainda no mesmo texto, o professor da McGill University propõe um modelo didático para leitura das estruturas organizacionais, composto de cinco partes, assim denominadas: *Strategic Apex* (nível ou ápice estratégico), *Middle Line* (faixa ou nível gerencial), *Operating Core* (núcleo ou nível operacional), *Technostructure* (tecnoestrutura) e *Support Staff* (apoio, assessoramento), figura a seguir:



AS CINCO PARTES FUNDAMENTAIS DA ORGANIZAÇÃO DE MINTZBERG (1983)

FIGURA 10

É claro que Mintzberg retrata e analisa a organização burocrática contemporânea. Entretanto, em sua obra, o autor discute as diversas configurações que as estruturas organizacionais podem assumir na sua história evolutiva, a partir da mais simples (*The Simple Structure* - apenas um núcleo estratégico subordinando, diretamente, o núcleo operacional) à mais complexa, composta das cinco partes da Figura 10. Segundo esse autor, essas configurações se dão em função do que ele denomina *pulls* (puxões), aos quais estaria sujeita qualquer uma das cinco partes anatômicas da estrutura organizacional, no eterno jogo político que travam entre si.

¹³ “[...] algumas vezes torna-se muito difícil descrever a estrutura das organizações exclusivamente com palavras. Estas devem ser ilustradas com imagens.” MINTZBERG (1993: 9).

A interpretação e *tradução* para a linguagem mintzberguiana do referente *organização* do projeto de Antônio Conselheiro, nos convida a distinguir as distintas fases de seu processo evolutivo (esboçadas no Capítulo 5) e as configurações que o mesmo assumiu (Figura 11):

1ª) Período que vai, provavelmente, de junho de 1874 [quando *O Rabudo*, tablóide de Estância (SE) publica a primeira notícia que se conhece do beato-peregrino] até maio de 1893 [combate de Masseté e conseqüente necessidade do grupo conselheirista abandonar o município de Itapicuru e o arraial do Bom Jesus (atual Crisópolis), e interiorizar-se ainda mais pelos sertões]. Denominamos de RELIGIOSA-ASSISTENCIAL essa primeira fase e, como já referido, ela compreende o período nômade do grupo, que peregrina pelas Províncias/Estados da Bahia e Sergipe. Neste lapso o beato de Quixeramobim se transforma no Conselheiro do povo errante do sertão e passa a gozar de grande poder de influência sobre seus liderados. É também neste período que se edificam as obras religiosas-sociais do construtor-pregador, com exceção dos templos e cemitério do Belo Monte. Como vimos no Capítulo 2, essas edificações, espalhadas por uma área maior do que o atual Estado de Sergipe; algumas realizadas simultaneamente, provavelmente, a capela do Bom Jesus da atual Crisópolis e a igreja do Senhor do Bonfim do Capim Grosso (hoje: Chorrochó), Fotos 2 e 3, respectivamente, exigiram de seu construtor competência logística e capacidade de liderança, além de considerável vigor físico.¹⁴

¹⁴ Chorrochó dista de Crisópolis, em linha reta, mais de 300 km. O Conselheiro caminhava e/ou viajava em um pequeno cavalo, nas suas andanças pelos sertões.

A Reinvenção do Sertão (projeto de Antônio Conselheiro)

Evolução da Estrutura de Organização



FIGURA 11

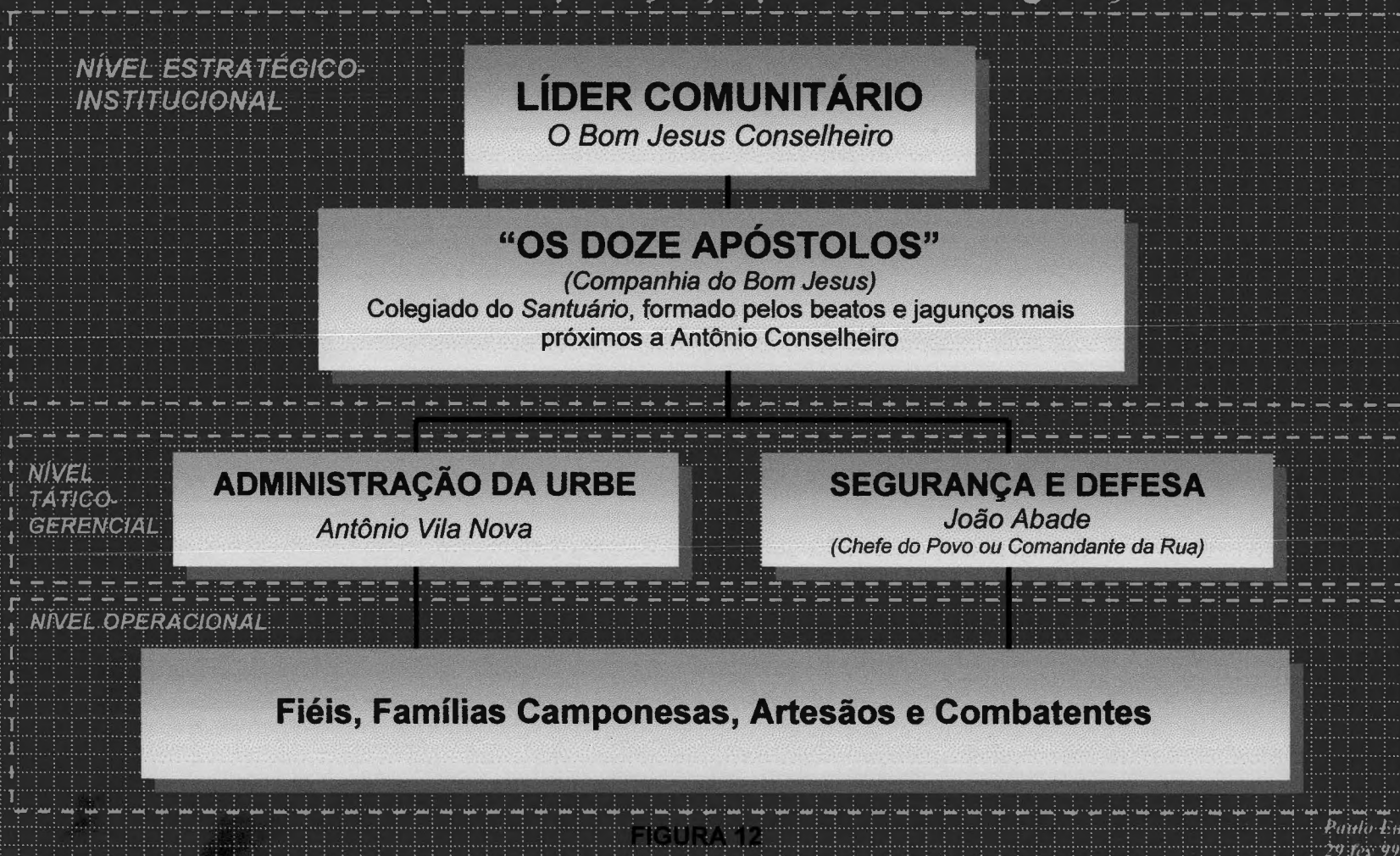
*Paulo Emilio
28 fev 1999*

Durante essa primeira etapa, a organização social do Belo Monte se modela segundo a configuração denominada *The Simple Structure* (Estrutura Simples) na taxionomia de Mintzberg e tem no seu ápice estratégico a autoridade de Antônio Conselheiro; no nível gerencial, os beatos e artífices mais qualificados como Paulo José Rosa, José Beatinho e Antônio Beatinho, entre os *homens-santos* e Manoel Feitosa (ou Faustino), Ricardo Pedreiro e Vitorio, entre os artífices. Na base da micro-pirâmide hierárquica da organização nascente (seu nível operacional), labutava a massa crescente de seguidores do Bom Jesus.

2ª) A segunda fase da história do grupo sertanejo, a qual denominamos de RELIGIOSA-ADMINISTRATIVA-MILITAR, compreende o período do apogeu daquela experiência comunitária e é marcada pela fundação e o fantástico crescimento do Belo Monte. Concomitantemente, intensificam-se nesta etapa as articulações político-religiosas e militares do litoral para pôr fim ao projeto de transformação do sertão e ao risco que o mesmo representava de subverter a ordem político-econômica coronelista e o poder da Igreja sobre as populações deserdadas do *hinterland* brasileiro. Este interregno se estende de junho de 1893 (fixação do povo no pequeno povoado de Canudos) a junho de 1897 [primeiros combates oferecidos aos jagunços pela poderosa 4ª Expedição; tomada da passagem de Cocorobó, pela 2ª Coluna daquele destacamento militar (25/6/1897); combate do Angico pela vanguarda da 1ª Coluna (27/7/1897) e intensificação dos combates contra os conselheiristas, estabelecendo o estado de guerra total que se estenderia até o início de outubro daquele fatídico ano]. Este é o momento de maturidade do projeto comunitário e de início da morte da inovadora experiência social sertaneja. Nele, sua estrutura organizacional assume sua configuração mais complexa e apresenta os primeiros sinais de uma embrionária institucionalização, logo abortada. A liderança do grupo, neste período, continua com Antônio Conselheiro e é muito provável que tenha surgido então um esboço do que poderia ser um colégio decisório comunal o qual desempenharia os papéis da *tecnoestrutura* e do *staff* do modelo de Mintzberg. Na investigação que empreendemos, encontramos fortes indícios de que a organização de governo do Belo Monte tenha conhecido esse sistema de governo, sob a presidência de Antônio Conselheiro e com a participação dos denominados *Doze Apóstolos*, também referidos como *Companhia do Bom Jesus* (Figuras 12 e 13).

Estrutura de Organização do Belo Monte:

1 - Poder e autoridade (hierarquização) - provável configuração



Estrutura de Organização do Belo Monte:

2 – Divisão do Trabalho (departamentalização) – provável configuração



FIGURA 13

Abaixo desse órgão colegiado de direção, viria o estrato intermediário de gestão da comunidade, seu nível tático ou gerencial, aparecendo como seus principais executivos, João Abade – o *comandante da rua*¹⁵ -, nos assuntos de polícia e defesa militar do arraial; Antônio Vila Nova, verdadeiro *prefeito*, na administração da urbe, e o próprio Antônio Conselheiro, nas questões de doutrina, justiça e obras sociais.

3ª) Finalmente, a derradeira etapa de vida da comunidade do Vaza-Barris de julho a outubro de 1897 (junção das duas colunas, intensificação do bombardeio ao arraial, chegada da brigada federal de reforço Girard e dos batalhões das forças públicas dos Estados do Amazonas, Pará e São Paulo, contempla o recrudescimento dos combates oferecidos pelas tropas oficiais, a conseqüente transferência do comando da comunidade para o *consulado* Antônio Vila Nova / João Abade, e o massacre e destruição final do povoado. Durante este período, o Bom Jesus Conselheiro, doente, depois morto (22 de setembro de 1897), teria perdido o controle de sua gente que passaria a ser liderada por João Abade, seus comandantes de piquetes e Antônio Vila Nova, organizador do abastecimento de guerra da vila sitiada. Neste lapso derradeiro, a organização volta-se, exclusivamente, para o esforço de defesa do arraial e reassume a configuração simples da primeira fase, perdendo, assim, sua complexidade e força.

10.4 – A CAPTURA DOS REFERENTES *ORGANIZAÇÃO DE GOVERNO, PODER E AUTORIDADE DO BELO MONTE*

Entre as variáveis citadas na investigação de Bertero (1975), *hierarquia de autoridade, diferenciação hierárquica ou vertical* (variáveis 1 e 6) e *divisão do trabalho/especialização ou diferenciação horizontal* (variáveis 2 e 11) definem as dimensões do plano onde se desenha a estrutura política (*formato*, variável 19) da organização. Assim entendido, aquelas variáveis resumem as demais. As Figuras 12 e 13, respectivamente, representam nossa proposta de codificação dessas dimensões do referente *espaço organizacional do Belo Monte* com a utilização de significantes da linguagem administrativa contemporânea.

¹⁵ Na linguagem sertaneja a palavra *rua* é mais empregada no sentido metonímico de *vila, cidade* ou *espaço público*.

A comunicação que esse arranjo de sinais estabelece é, portanto, uma *significação* possível no processo semiológico de captura daquele referente da comunidade conselheirista.

Por outro lado, a contraposição dos discursos da trinca de referências do universo desta pesquisa, a saber: descendentes dos sobreviventes, *cronistas-testemunhas* e estudiosos da temática revela os traços ideológicos, as formas semânticas e os estereótipos estruturantes do imaginário social sobre o episódio. Vejamos como, analisando, especificamente, a proposição de existência de uma direção colegiada na fase de maior desenvolvimento da comunidade religiosa do sertão:

[Antônio Conselheiro] *reunia as pessoas para decidir sobre a vida do arraial.*

Conselheiro combinava tudo com o seu grupo e partia para a ação.
[Dona Zefinha (1916), Canudos, 6/2/1995].

Em sua tradição oral os canudenses conservam, com detalhes impressionantes, a memória de eventos e figuras relacionadas à trágica guerra fratricida. Entretanto, são muito raras as informações sobre o cotidiano do arraial, sua organização e seu governo. Tal fato pode ser interpretado como resultante da força que o drama encerra e a menor importância que o homem-solidário da *civilização do pastoreio* atribui às questões políticas, mais afeitas aos jogos do homem-competidor da sociedade litorânea.

Entre os *cronistas-testemunhas*, encontramos no livro de Manoel Benício, *O Rei dos Jagunços*, o mais forte depoimento sobre a prática do processo decisório colegiado no governo da comunidade do Vaza-Barris. Referindo-se às providências dos jagunços para o enfrentamento das forças da 4ª Expedição, aquele repórter do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, registra:

Conselheiro reunira o Senhedrin e interrogou os maioraes.
[BENICIO, sic, 1899: 244].

Os estudiosos da comunidade conselheirista, mais uma vez, se dividem em dois grupos: os que vêem o acontecimento e seu principal protagonista com a ótica litorânea das teses rodrigueano-euclidianas:

- Sobre Canudos: *“homizio de famigerados facínoras”; “pobreza repugnante, traduzindo de certo modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça”; “regímen modelado pela religiosidade do apóstolo extravagante”; “clã tumultuário”*. (CUNHA, 1982: 102-21);
- Sobre Antônio Conselheiro: *“gnóstico bronco”; “espécie de grande homem pelo avesso”; “doente grave, só lhe pode ser aplicado o conceito da paranóia, de Tanzi e Riva”; [que foi] “para a história, como poderia ter ido para o hospício”* (Idem: 122-30);

e os que crêem ter sido o Belo Monte o projeto mais ousado e transformador da obra social, de quase um quarto de século, de Antônio Conselheiro.

Entre os últimos, destacam-se Alexandre Otten, Edmundo Moniz, Luitgarde Barros, Marco Antônio Villa e muitos outros, ainda que com diversas e, até mesmo contraditórias, explicações. Vejamos como estes estudiosos *significam* a organização da comunidade conselheirista:

[O projeto do “êxodo” de Antônio Conselheiro] *resulta num retorno utópico à vida da comunidade cristã primitiva. A vivência desta comunidade, a ‘vita communis’¹⁶, é o ideal popular de uma sociedade justa e fraterna, na qual igualmente são atendidas tanto as exigências de Deus quanto os anseios humanos de uma vida digna. [...].*

Antônio Conselheiro reaviva o capital latente do catolicismo popular, então decadente, inovando-o e religando-o às suas raízes. (OTTEN, 1990: 366).

Antônio Conselheiro, sabia ouvir atentamente as sugestões dos companheiros de confiança a quem estimava e escolhia para dar as incumbências difíceis. No ‘santuário’, reunindo os elementos mais responsáveis da cidade, discutia com eles, horas seguidas, as medidas necessárias à administração e defesa de Canudos. (MONIZ, 1987: 130).

As relações religiosas passam a constituir relações de autoridade no grupo, ficando hierarquicamente privilegiados quanto ao poder de mando aqueles que reproduzem com maior fidelidade a doutrina igualitária cristã na vida prática. (BARROS, 1988: 149).

¹⁶ A *vita communis* do cristianismo rústico, citada pelo teólogo, só pode se realizar, plenamente, nas sociedades que, em comunhão, decidem sobre a construção (coletiva) do seu próprio destino.

Seria esse o critério de seleção dos membros do *Colégio do Santuário*?

Canudos foi o grande momento da história nordestina do final do século XIX e significou a negação radical de uma sociedade marcada pelo racionalismo cientificista, pelo mandonismo e pela lógica do capital, acabando por se transformar em uma das maiores referências da História do Brasil. (VILLA, 1995: 244-5).

Se é verdadeiro que a lógica do capital é a competição e que o sistema de organização econômica que faz face a essa lógica é o de base solidária e ainda, que ao *mandonismo* se opõe o participacionismo, o ponto de convergência das três teses acima ocorre na equivalência semântica de suas representações nucleares: *não-mandonismo*, (doutrina) *igualitária* e '*vita communis*', evocativas do modelo de administração participativa sugerido pelo teórico Edmundo Moniz, pelo *cronista-testemunha*, Manoel Benicio e, também, por Dona Zefinha, filha de conselheiristas.

O significante *poder e autoridade* (*hierarquização*) na estrutura de organização do Belo Monte (organograma da Figura 12), além da referência *administração colegiada*, propõe, ainda, uma já bem desenvolvida hierarquização organizacional, alcançando os três níveis clássicos de verticalização/estratificação do poder, a saber, os níveis estratégico, gerencial e operacional, presentes também na anatomização da organização feita por Mintzberg (1975).

O grau de institucionalização de uma organização pode ser avaliado pela complexidade dos signos (inclusive os dramatúrgicos) socialmente pactuados que seu sistema cultural elabora no dia-a-dia da vida comunitária. Assim, os ritos, cerimoniais, desempenho de papéis, "fabricação de heróis" e mitos, bem como as "historinhas" de cunho moral são produtos culturais reveladores do desenvolvimento institucional da organização.

A *Companhia do Bom Jesus* começa a manifestar os primeiros sinais de um processo de institucionalização em franco curso, já na sua primeira fase de existência, bem antes de se instalar nas margens do Vaza-Barris para dar conseqüência ao seu projeto-mestre e terminal. Após a primeira notícia na imprensa, que se conhece, dando conta da vida do bando errante, francamente desfavorável ao grupo e ao seu líder¹⁷, localizamos na

¹⁷ Ver: *O Rabudo*, Estância, 22 de novembro de 1874, transcrito na página 101 desta.

Folhinha Laemmmert, publicada na capital do Império, dois anos depois, a seguinte nota reveladora do crescimento institucional do grupo e do prestígio de seu chefe:

Apareceu no sertão do Norte um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro, e que exerce grande influência no espirito das classes populares servindo-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que impõe à ignorância e a simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuemente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professoras, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente, mas sem cultura. (Apud.: CUNHA, 1982: 111).

A cronologia do grupo conselheirista e seu líder, nas crônicas então divulgadas, tem seqüência com o precioso relatório¹⁸ do frei João Evangelista de Monte Marciano, chefe da malograda missão religiosa enviada ao Belo Monte e publicado em 1895. Também fortemente tendencioso, quer pelo insucesso da infeliz missão como, ainda, segundo o próprio documento, pelas ameaças que teria sofrido seu chefe durante sua estada no arraial, este depoimento é muito rico de informações sobre o processo de institucionalização da comunidade. Vejamos alguns fragmentos desse raro documento:

Refeitos um pouco de nossa penosa viagem, dirigimo-nos para a capella onde se achava então Antonio Conselheiro, assistindo aos trabalhos de construção; mal nos perceberam, os magotes de homens armados cerraram filleiras junto á porta da capella, e ao passarmos, disseram todos: 'Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo', saldação frequente e comum, que só recusam em rompimento de hostilidades. Entrando, achamo-nos em presença de Antonio Conselheiro, que saudou-nos do mesmo modo.

Vestia tunica de azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão: os cabellos crescidos, sem nenhum trato, a cahirem sobre os hombros: as hirsutas barbas grisalhas, mais para brancas; os olhos fundos, raras vezes levantados para fitar alguém, o rosto comprido e de uma pallidez quase cadaverica; o porte grave e ar penitente, davam-lhe ao todo uma apparencia que não pouco teria contribuido para enganar e attrahir o povo simples e ignorante dos nossos sertões. [...].

Á porta da capella e em varios pontos da praça apinhavam-se perto de mil homens armados de bacamarte, garrucha, facão, etc. [...]

¹⁸ Única fonte primária conhecida relatando o cotidiano do arraial.

Usam elles camisa, calça e blusa de azulão, gorro azul á cabeça, alpercatas nos pés [...]

Abri a missão a 14 de maio [...] O Conselheiro também veio, trazendo bordão: colocava-se ao lado do altar, e ouvia attento e impassivel; mas, como quem fiscalisa, e deixando escapar alguma vez gestos de desapprovação que os maioraes da grei confirmavam com incisivos protestos. [...].

Entre essa turba desorientada, há varios criminosos, segundo me affirmaram, citando-se até nomes, alguns dos quaes eu retive, como o de João Abbade, que é alli chamado o 'chefe do povo' [...]

[...] pode-se dizer que é aquillo um estado no Estado. [...] (MONTE MARCIANO, 1895).

A riqueza de detalhes sobre os já complexos sinais de institucionalização da organização comunitária, como, por exemplo, a saudação: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!* cuja resposta devida é: *Para sempre seja louvado tão bom Senhor!* (ainda hoje usada pelos canudenses e equivalente ao nosso *Bom-dia!* litorâneo); a *Guarda Católica* uniformizada, organizada para defesa do arraial e proteção pessoal de seu chefe; a encenação de papéis dramatúrgicos, durante os atos na igreja, descrita pelo frei italiano e tantos outros sinais que levaram o religioso capuchinho à conclusão de “[ser] *aquillo um estado no Estado*”, são um convite muito forte ao aprofundamento no grau de organização alcançada pela *Companhia do Bom Jesus* naquele ano que antecederia o início da guerra fatal. Sigamos, entretanto, analisando um outro depoimento, posterior ao relatório feito ao Arcebispado baiano e também de grande riqueza.

Na sua edição de 18 de dezembro de 1895, o *Diario da Bahia* publica uma carta do juiz preparador da Vila do Bom Conselho, Pedro Baptista do Espirito Santo, datada de 7 do mesmo mês, relatando a chegada de Antônio Conselheiro e seu séquito àquela vila. Sendo esse depoimento também contrário à gente do Belo Monte e seu líder, apresenta, contudo, minucioso relato do estágio avançado de institucionalização da organização sertaneja, comparada às instituições locais coetâneas, à exceção, obviamente, da Igreja e do *coronelismo*. Atentemos para alguns excertos dessa longa missiva:

As dez horas do referido dia 5, a nossa expectativa foi muito alem do que imaginavamos. O som aspero de uma musica marcial, o estrugir de foguetes que de espaço em espaço fendiam os ares a vozeria descompassada de mais de mil boccas que em som cavernoso repercutia pelas quebradas das montanhas o écho de “viva o bom

Jesus! viva o nosso Conselheiro! Viva a monarchia''` annunciavam o momento de sua entrada triunphante nesta nova Jerusalem. [...].

De subito surgio, envolta em densa nuvem de poeira, a primeira ala, composta de 12 homens vestidos de camisola azul, no centro dos quais destacava-se um velho magro de côr macilenta, barba longa e grisalha, cabbelos compridos e esparsos em desalinho pelos hombros. Vestindo uma tunica branca e segurando um bastão, que lhe servia de arrimo aos vacilantes passos.

O vulto que assim se diferenciava dos outros era Antonio Conselheiro.

Os 12 homens de camisola azul, atada á cinta por um grosso e cumprido cordão, arrematado por duas bolas, tendo sobre a cabeça um gorro da mesma côr, são os de sua maior confiança e por isso tem a denominação de Apostolos, e como taes são tidos e respeitados.

Em seguida, uma Segunda ala de cerca de vinte homens bem armados e uniformisados, e como esta mais cinco ou seis, iam successivamente mostrando-se aos olhos dos expectadores. Após esta columna de mais de 100 homens, o grosso do exército em ordem de quatro a quatro formava em continuo e lento movimento uma extensa linha de mais de 100 metros.

A ultima fila seguia em completa desordem cantando lugubres benditos, uma massa consideravel de mulheres, velhos e meninos, a maioria dos quaes, pelos trajes andrajosos e magresa dos rostos bem demonstrava o estado de miseria em que vivem.[...].

O Dr. Juiz de direito está fora da villa, na fazenda Victoria do coronel Aristides Borges, donde não pode voltar á villa, porque está em perfeito estado de sitio, só nella entrando e della sahindo aquellas pessoas, que os sentinellas postados nas estradas entendem não serem suspeitas ao seu summo pontifice.

É flagrante que um sistema social que alcança o grau de institucionalização como o manifesto na hierarquização, dramatização e coreografia do eventos relatados pelo frei Monte Marciano e pelo juiz preparador de Bom Conselho, desenvolve-se sob a influência de algum tipo de poder/autoridade e revela já ter atingido um certo grau de consenso no estabelecimento das normas, pactos, acordos, missões e objetivos que orientam e regulam a vida comunitária, bem como o desempenho e distribuição de papéis entre seus atores. Esse ponto é fulcral para a melhor compreensão do episódio Canudos porque, a partir dele, pode-se enveredar por duas diferentes e antinômicas trilhas na descodificação do fenômeno, a saber:

1) Elaborar a semiose dos signos formulados por sua cultura a partir dos códigos estabelecidos por outra e, conseqüentemente, estabelecer a significação dos seus referentes

com traços ideológicos alienígenas. Esta parece ter sido a leitura euclidiana e de seus coetâneos e epígonos, até quase o final dos anos 40 deste século. Na obra-prima daquele escritor imortal este posicionamento fica claro na confissão que faz:

No arraial, porém, exigia, digamos em falta de outro termo – porque os lexicons não o têm para exprimir um tumulto disciplinado, - ordem inalteravel. (CUNHA, destaques nossos, 1902: 200).

Na musicografia do tema, encontramos nos versos de Cacaso, musicados por Edu Lobo, a mesma perplexidade litorânea ante o desafio de ler signos da cultura sertaneja com a práxis da sociedade litorânea:

*Que horizonte mais errante!
Que credence mais descrente!
Que descrença mais distante!
Que distância mais presente!
Desgoverno governante
quanta gente confiante
em Antônio penitente!*
(CACASO e EDÚ LOBO, destaques nossos, 1978).

Também a iconografia *praiana*¹⁹ codifica a imagem do poder/autoridade de Antônio Conselheiro com sinais que evocam traços de uma personalidade enérgica, mas com gestos irados, arrogantes, convulsivos, vesânicos... O belíssimo trabalho escultórico, representando o *profeta* em pregação, de autoria do artista plástico Mário Cravo, aproveita o movimento natural de um tronco de árvore que se divide em três frondosos galhos, para lançar ao zênite, em magistral obra de talha, o gesto tresloucado dos braços e da cabeça do Bom Jesus Conselheiro - o mesmo pregador que pedia aos seus seguidores genuflexos que se erguessem, porque “*só Deus é grande*” para merecer esse gesto de humildade. Esses códigos também estão presentes no desenho com o qual Carybé e seu genial traço retratam o beato-orador com os membros superiores se multiplicando nos rápidos movimentos circulares que executam, qual uma Shiva sertaneja enlouquecida.

2) Uma outra possibilidade teórica de ler Canudos convida ao exercício da investigação-participante e busca a leitura dos códigos semiológicos de um povo segundo a semiose da mesma práxis que os engendrou. Para nós, entusiastas dessa metodologia da

¹⁹ No sentido de litorânea, conforme sua significação sertaneja.

pesquisa etnológica, a necessidade de sua adoção ficou bem clara quando, perguntando a um depoente como ele podia ter certeza de que um soldado da 3ª Expedição, fugitivo e sem farda, acidentalmente encontrado na caatinga por um jagunço seu ancestral, era mesmo um combatente das tropas republicanas, ouvimos a resposta: “os trajes de um eram de um mundo, os outros de outro.” (Adonel Mattos, Canudos, 4 de fevereiro de 1995).

A visão da gente da caatinga, ratifica, até certo ponto, a idéia de Manoel Benicio sobre o sistema político do Belo Monte: “*Acastellado dentro de Canudos, como um theocrata, onnipotente* [...]”²⁰, o qual, tudo indica, foi banido do teatro de operações militares por seu comandante por divulgar, através sua correspondência para o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, correspondência denunciando os equívocos perpetrados pelas tropas oficiais destacadas para o confronto com os jagunços:

O povo tinha Conselheiro como um Deus. Ele era um pai. O povo buscava relíquias de Conselheiro...até a urina do Santo. [João Botão (1915), Canudos, 29 de julho de 1995].

Era um tempo de Deus. Tempo em que Deus andava no mundo (Madalena Antônia dos Santos, Canudos, 4 de fevereiro de 1995)

É, ainda, do mesmo repórter do Jornal do Commercio carioca a seguinte descrição do relacionamento do líder com seu povo:

Era elle o guia do phantastico comboio humano, e só aos caçadores era permittido irem a frente do prestito ou flanqueiando-o, a busca de caça. Homens de sua confiança e estima marchavam a seu lado, silenciosamente. Sobrio de comidas o velho beato era também de palavras.

Toda aquella multidão o tratava por – Meu Pai – Os habitantes dos sitios e povoados por onde passava chamavam-no tambem – Irmão Antonio, bem que o nome de Conselheiro já fosse conhecido e afamado. (BENICIO, 1899: 67).

Quando os moradores das povoações e fazendas tinham conhecimento da vinda ou passagem do Conselheiro por dentro de suas freguezias, formavam grandes prestitos que lhes iam ao encontro e entravam todos nos povoados ao som dos rojões, fogos do ar, tiros de ronqueiras e bacamartes, como sinal de regosijo e distincção. (Idem: 69).

²⁰ BENICIO (1899: 65), destaque deste autor.

O melhor entendimento do poder de Antônio Conselheiro sobre os jagunços convida à contraposição do modelo de autoridade, aparentemente representado pelo chefe do povo do Vaza-Barris, com as outras formas de poder conhecidas pela sua gente: o do *coronel* mandão, explorador e violento; o do cura alienígena, pregador de uma doutrina libertadora pelo sofrimento e, tantas vezes, amancebado com suas fiéis, pai de filhos bastardos; e o do fiscal, cobrador dos escorchantes impostos de um governo desconhecido e completamente ausente.

Os elementos da análise assim formulada são fundamentais para a compreensão da forma de poder/autoridade que Antônio Conselheiro exerceu sobre seus liderados: quiçá uma variante de *coronel* com o sinal trocado.

Em sustentação a essa tese, lembramos que o laço de compadrio - característico do modelo coronelista - também se fazia presente e freqüente na liderança do chefe do povo religiosos da caatinga com sua *família*, conforme constatação feita durante a fase de investigação de campo desta pesquisa, quando tivemos a oportunidade de ouvir depoimentos de diversos filhos, sobrinhos e netos de afilhados do Bom Jesus Conselheiro e Santa Maria.

Assim como as hipóteses de um sistema de governo teocrático e de administração colegiada do Belo Monte em processo de institucionalização, parecem encontrar respaldo nos relatos dos *cronistas-testemunhas*, dos descendentes dos sobreviventes e de não poucos estudiosos do tema, a idéia da perda desse poder sobre a comunidade, ao final da guerra, por parte de Antônio Conselheiro, também é corroborada por diversas fontes:

João Abbade confabulou com Conselheiro. O pobre velho ouvi-o melancólico e indiferente a discorrer sobre as medidas a tomar.

Estava num estado de marasmo fakirico em que tantas vezes, agora, engolpha-se.

Quando Abbade pediu a sua aprovação. Elle ergueu os fundos olhos onde luzia mais accentuadamente a chamma da loucura que o atacara na mocidade e murmurou como que alheio ao que se tinha passado.

-Seja feita a vontade de Deus. (BENICIO, 1899: 289).

Pelo menos, em duas outras passagens de seu relato, quase-romance, da guerra que reportou para o hoje sesquicentenário jornal fluminense, Benicio volta a se referir à vacância da magistratura máxima do arraial sertanejo nos seus últimos dias de existência:

[...] o abandono em que vivia Conselheiro e o isolamento a que se consagrara, pouco se dando com o que se passava no arraial. (Idem: 290).

Antonio Maciel cada vez mais arredo, embiocou-se no Santuario, donde raras vezes o tiraram Beatinho e Taramela.

A verdade é, porém, que o velho monomaniaco sentiu-se reanimado quando, depois de tres dias de combate, os atacantes não tinham ainda tomado Canudos.

Na predica que fez ao seu povo conseguiu infiltrar uma dóse do animo e esperança que lhe reveviam na alma.

Chegou a designar alguns homens, dirigidos por Vila-Nova, para diversos cantos do sertão, afim de comprarem farinha, milho, rapadura, etc [...]

Déra liberdade ás mulheres para sahirem do arraial, levando os filhos. (Idem: 320).

Ainda que contaminado pelo diagnóstico de “*delirio chronico (Magman), de psychose systematica progressiva (Garnier), de paranoia primária dos italianos, etc.*” de Nina Rodrigues (1939: 53), enfermidades que teriam acometido o líder-transformador do sertão muito cedo, Manoel Benicio é, sem dúvida, uma referência muita rica, quer pela oportunidade que teve de presenciar o episódio relatado, quer pela riqueza de detalhes de seu depoimento.

A hipótese do rei dos jagunços ter perdido (abandonado?) o comando de seu povo, poucos meses antes da consumação de seu trágico destino, é também incorporada pelo eminente professor dr. Nina Rodrigues – então diretor da Faculdade de Medicina da Bahia e chefe da equipe que procedeu ao exame craneométrico da cabeça degolada de Antônio Conselheiro – na argumentação de seu diagnóstico (psicose sistemática progressiva) da vesânia que acometia o Bom Jesus.

Nos ultimos tempos de sua existencia, vivia Antonio Conselheiro, de facto, afastado da direcção do governo local e completamente entregue a seu papel de Christo ou emissario divino. Como já se viu em 1895, quando da visita dos Capuchinhos, era sempre vigiado pelos seus discipulos, que formavam uma guarda constante em torno d'elle. Na realidade elles geriam, uns os negocios da guerra, outros da administração interior e civil, outros emfim, que o redeavam de muito perto, lhe serviam de acolytos nas cerimonias do culto.

Uma vez dado o impulso e organizada a seita como estava, acabou Antonio Conselheiro por se tornar o idolo, a divindade; as obras do fanatismo e a lucta provocada por elle eram reservadas especialmente á turba, aos sectarios. (RODRIGUES, 1939: 134-5).

10.5 – DIVISÃO DO TRABALHO, DIFERENCIAÇÃO HORIZONTAL E COMPLEXIDADE TECNOLÓGICA NA ORGANIZAÇÃO DO PROJETO DE REINVENÇÃO DO SERTÃO

Assim como as variáveis estudadas na parte anterior definem o vetor vertical (poder/hierarquia) do plano de estruturação da organização, *divisão do trabalho* (variável 2), *diferenciação horizontal* (variável 11), *complexidade tecnológica* (variável 13), etc. são manifestações da forma como se distribuem *horizontalmente* as tarefas (departamentalização/especialização) entre os grupos executores das funções organizacionais para seu desempenho mais eficaz/eficiente. No Capítulo 4 (QuadroD) vimos que essas variáveis pertencem às seguintes dimensões/sinergias do espaço organizacional (B-L-T) - base do tetraedro de nosso modelo de análise:

variável 2 ∈ B-L (sinergia biológico-lógica);

variável 11 ∈ L (dimensão lógica);

variável 13 ∈ L-T (sinergia lógico-tecnológica), como fica claro na advertência do professor Barbieri:

A tecnologia também é composta por elementos de caráter administrativo, tais como o esquema de divisão do trabalho, a amplitude de controle, o 'layout', o planejamento e controle da produção, o esquema de comercialização e até mesmo os planos e argumentos para incentivar e persuadir trabalhadores, clientes e outros públicos. (BARBIERI, 1990: 19).

Nesse vetor (horizontal) do plano de desenho da organização, o grau de desenvolvimento aparentemente atingido pela sociedade do Belo Monte também se faz notável.

Como vimos, a partir da práxis agrícola mutualista da *civilização do pastoreio*, no mundo distante do *porá-porá-eyma* dos tapuias perseguidos; da solidariedade, característica dos sistemas sociais sujeitos à crítica, porém, fecunda²¹ experiência da escassez; do legado, não tão rico, da incipiente especialização da monocultura de base escravista – modelo do mandonismo coronelista -; e, ainda, da preparação para a parúsia que o ardor da pregação religiosa de seu líder evocava, muito antes da economia pátria haver ingressado na era industrial, os fundadores da cidade-santuário do sertão já manifestavam visíveis sinais da

²¹ A idéia de que a experiência da escassez é fecunda é devida ao professor Milton Santos.

prática intensiva da divisão do trabalho/especialização no desempenho de suas tarefas. Na Figura 13 (p. 189), representamos o governo local do Belo Monte *departamentalizado*, no seu nível tático, em três áreas, a saber: o setor de Doutrina e Assistência Social, compreendendo as atividades de Pregação e Aconselhamento, Justiça, Obras Comunitárias, Educação e Saúde, coordenadas pelo próprio Bom Jesus Conselheiro, coadjuvado pelos mestre Manoel Faustino (ou Feitosa) – Obras –, os professores Maria Francisca de Vasconcelos (ou Bibiana), Marta Figueira e Moreira – Educação - e o curandeiro Manuel Quadrado – Saúde; Defesa, subordinando a Guarda Católica, comandada por Antônio Calixto do Nascimento, Piquetes Avançados, sob as ordens de Pajeú e Lalau e Informação, a cargo de Chico Ema e Tiago; e Administração Política e Econômico-Financeira do arraial (*prefeitura?*), presidida por Antônio Vila Nova, englobando: Arrecadação (financiamento), sob a responsabilidade de José Venâncio, Pedro Nolasco (ou José) de Oliveira e Pedrão, Produção e Abastecimento, a cargo do próprio Vila Nova, Comércio (local e externo), dirigido pelos irmãos Antônio, Pedro e Honório Vila Nova e *Tesouraria* (caixa), confiada a Antônio Vila Nova.

10. 6 – QUASE-CONCLUSÕES

A viva presença, no imaginário do povo brasileiro, mais de um século após o episódio, do massacre da gente de Antônio Conselheiro e da destruição de seu povoado, amplamente testemunhada pela vasta produção cultural (erudita e popular) que o tema tem inspirado, conjugada à difícil luta pela sobrevivência imposta pelo *habitat* dos sertões nordestinos, foram os motivadores mais fortes dessa viagem intelectual que empreendemos buscando conhecer um pouco mais sobre a organização desse tão presente quanto forte movimento social da história pátria.

A questão central desta investigação (teria sido Canudos um fenômeno administrativo?) levou-nos à discussão de importantes aspectos desse evento, tais como o tamanho da população do arraial; a intencionalidade, ou não, do (projeto?) Belo Monte no imaginário de seu criador; o abastecimento da comunidade do Vaza-Barris em uma região tão árida e distante dos centros produtores; a improvável, mas efetiva, resistência militar que esta ofereceu, durante considerável período, a um esforço de guerra quantitativa e tecnologicamente muito superior, etc.; aspectos esses fulcrais para resposta àquela pergunta

e que têm gerado diversos e apaixonados posicionamentos e explicações, em geral, pouco fundamentados com os recursos modernos que a Demografia, a Estatística, as Ciências Agrárias, a Economia e a própria Administração colocam à disposição da Historiografia desde que Berr, Bloch, Febvre, Labrousse, Braudel, Meuvert, Goubert, Henry, Kula²² e tantos outros, rompendo com a ortodoxia da *história episódica* do século XIX, alargaram amplamente os horizontes dessa disciplina, neste século que já é quase-história.

Nos capítulos precedentes, ao discutirmos essas questões com base na contraposição dos pontos de vista dos *cronistas-testemunhas* com o que ficou do episódio no imaginário dos descendentes dos que a ele sobreviveram e de seus intérpretes (estudiosos da temática), procuramos revelar os traços determinantes do processo de significação dos referentes organizacionais daquela sociedade, através dos elementos constitutivos de sua práxis, ou melhor, do que dela podemos inferir.

Definitivamente, a História não é geométrica. Quaisquer que sejam a escola de pensamento ou a metodologia com as quais nos identifiquemos, o desvendar das brumas que encobrem o passado será sempre uma aventura na qual nos lançamos embalados pela paixão que nos anima e que já se esboça em nossa *carta de navegação* – a dúvida, as hipóteses formuladas, a escolha do método... Assim, aventura maior será a de concluir, a partir da experiência da viagem.

A Marc Bloch, um dos fundadores dos *Annales*, devemos a lúcida advertência, inspirada em um aforismo oriental: “os homens se parecem mais com seu tempo do que com seus pais.”²³

As *quase-conclusões* a que chegamos, ao final desse *vol d’oiseau* pelo mundo de Antônio Conselheiro, foram sendo postuladas ao longo deste texto, na discussão da provável configuração que o poder, a autoridade e o modelo de organização e governo de Canudos teriam assumido. Resta, portanto, resumir, didaticamente, a singela contribuição que essas idéias encerram:

1 – Aceitamos como muito provável a população do arraial conselheirista, no seu período de maior desenvolvimento, como algo em torno de 24 000 almas, o que equívale a dizer, a contagem de 5 200 habitações feita pela Comissão de Engenharia do Exército sob a responsabilidade do coronel Dantas Barreto.

²² Ver o excelente livro didático de CARDOSO e BRIGNOLI, 1983 (1ª ed.: 1979).

2 – Ainda que convencidos de que a economia da sociedade do Vaza-Barris foi muito pobre, como em geral o é a de quase todo o sertão brasileiro até os nossos dias, cremos que aquele povoado desenvolveu um sistema de produção primária capaz de proporcionar o auto-abastecimento e, ainda, algum excedente, para o comércio externo, principalmente o de peles de caprinos²⁴.

3 – É muito provável que, como qualquer local-santuário, Canudos tenha auferido consideráveis receitas financeiras através das doações feitas pelos fiéis-peregrinos e que parte destes fundos tenham financiado as obras de Antônio Conselheiro.

4 – Não aceitamos a idéia, algumas vezes colocada, de que o arraial sertanejo – “*antro de marginais facínoras*” – vivesse dos butins, saques e pilhagens perpetrados contra as populações vizinhas. Tal afirmativa, além de preconceituosa, nega:

- a) o discurso do líder sobre o pecado mortal do roubo, furto ou expropriação, denunciados nas suas prédicas e, ainda hoje, muito vivo no imaginário de sua gente;
- b) o relato de diversos combatentes das forças oponentes, sobre o encontro de pertences, inclusive monetários, à exceção de armas e munição, junto aos corpos sem vida de seus companheiros;
- c) a lógica que populações saqueadas não são, via de regra, aliadas de seus saqueadores. O exemplo de Uauá, cujos habitantes abandonaram suas casas para seguir em direção ao Belo Monte quando sua vila foi ocupada pelas tropas de Pires Ferreira, durante a 1ª Expedição militar contra Canudos, parece ser ilustrativo dessa verdade;
- d) a diferença entre dois diferentes personagens e momentos históricos brasileiros: o jagunço de Canudos e o bandoleiro do cangaço.

5 – A superioridade de desempenho bélico dos comandantes de piquetes de Antônio Conselheiro e seus combatentes em relação ao das tropas oficiais, quer pelo, planejamento estratégico e tático das operações, eficácia e precisão de tiro, maneabilidade, conhecimento e utilização do terreno, como ainda pela eficiência de seus sistemas logístico e de informações.

²³ Ap.: DROBORUKA (1997: 221).

²⁴ WOLSEY (Cesar Zama - médico e deputado provincial e federal baiano), 1899: 54, afirma: “*Aquella povoação proporcionava ao Estado pingue fonte de receita do imposto de exportação de pelles.*”

6 – A invulgar capacidade de liderança de Antônio Conselheiro, capaz de mobilizar e manter unido um contingente de seguidores somente inferior às populações dos 16 maiores municípios entre os 72 integrantes do Estado da Bahia de então.

7 – O talento administrativo e pedagógico do Bom Jesus Conselheiro e a capacidade de planejar, organizar e dirigir a implementação de seu projeto de reinvenção do sertão, resumido pelos seguintes indicadores de desempenho:

- a) execução de mais de vinte obras sociais, tais como igrejas, cemitérios, capelas e açudes, numa área de cerca de 25 mil quilômetros quadrados (superior à do Estado de Sergipe);
- b) fundação, organização e governo de duas cidades: o arraial do Bom Jesus, atual Município de Crisópolis e o povoado do Belo Monte, circunscrição do Município de Canudos;
- c) organização e direção, em pleno semi-árido, de um sistema produtivo capaz de abastecer uma população que experimentou, em apenas quatro anos de existência, o fantástico crescimento de 10 335%;
- d) capacidade de resistência, por quase dez meses, às investidas de ocupação militar de seu território, impostas por parte de um exército profissional (quase metade do efetivo da força terrestre brasileira de então), treinado e com superioridade de combatentes, equipamento e demais recursos.

Com base no acima exposto e nos argumentos desenvolvidos nos capítulos precedentes, propomos:

8 - Canudos encerra um fenômeno administrativo-organizacional muito expressivo e, como tal, deve ser estudado na perspectiva de construção da necessária disciplina de Administração Brasileira.

Por outro lado, a reflexão no sentido de revelar traços do que teria sido a organização do governo do Belo Monte aponta para as seguintes *quase-conclusões*:

9 – A sociedade do Belo Monte, sob a liderança de Antônio Conselheiro, teria alcançado um razoável grau de organização e institucionalização, a partir de um modelo de governo teocrático, de processo decisório participativo, manifestando, em sua fase áurea, rudimentos das cinco partes fundamentais da organização de Mintzberg (1983).

10 – Essa sociedade parece ter conhecido, na dimensão hierárquica (vertical) de sua organização de governo, os três níveis clássicos de estruturação do poder dos sistemas

sociais complexos, isto é, o estratégico ou institucional, o tático ou gerencial e o operacional e, na sua dimensão horizontal (departamentalização / divisão do trabalho), um já considerável grau de especialização / funcionalização na distribuição das tarefas de gestão da vida comunitária. As Figuras 12 e 13 (p. 188 e 189), respectivamente, desenvolvem melhor esses aspectos importantes da sociedade canudense.

11 – Os institutos básicos determinantes do modelo de organização da sociedade do Vaza-Barris e de sua forma de governo, a saber, sistema colegiado-participativo de processo decisório; embrionária estratificação do poder e da divisão do trabalho e especialização funcional e concepção teocrática de autoridade (com conteúdo e legitimação no plano simbólico do sagrado) são interpretados, nesta tese, como resultantes da práxis do modelo produtivo mutualista – legado da tradição das três etnias básicas de formação do povo brasileiro e amplamente praticado no sertão – e da ideologia (*lato sensu*) de solidariedade - desenvolvida na luta do sertanejo pela sobrevivência à crônica situação de escassez da economia do semi-árido nordestino - e da fraternidade universal - do pensamento cristão dominante. A significação desses referentes culturais se faz, entre os seguidores do Bom Jesus, segundo os traços e estereótipos de um Estado (primeiro imperial, depois republicano) completamente ausente no desempenho de seu papel social e identificado, principalmente, nas figuras cínicas de seus representantes, os religiosos (da fase imperial) e os *coronéis* (das duas fases).

12 –A leitura, assim feita, do fenômeno organizacional do governo de Canudos decodifica esse trágico e importante episódio de nossa História como tendo sido um grande mutirão, cuja liderança assumiu uma forma de autoridade singular, a qual identificamos como tendo sido a de um *coronel com o sinal contrário* ou de um *coronel pelo avesso*.

Pretensamente libertos da ilusão de que, municiados com um modelo teórico e atentos ao comportamento de suas variáveis, podemos deduzir o passado, encerramos esta incursão pelo Belo Monte e pela história do povo do Bom Jesus Conselheiro como o viajante que se deixou encantar pelas auroras e pelos crepúsculos; que pelejou para não se iludir lendo o que neles não estava escrito e que preserva a consciência de que o mais importante é singrar os mares “*desvendando as espumas*”²⁵; posicionando-se, serena e

²⁵ PESSOA, Fernando. Do poema *O Infante*, do livro *Mensagem*.

humildemente, diante do que se pode ver e compreender; contemplando, respeitosamente, o que não se repetirá e nunca será completamente desvendado e dizendo, como o poeta da guitarra andaluza, “*o resto é o mistério das estrelas do meu firmamento*”.²⁶

²⁶ SEGOVIA, Andrés. In: NUNPEN, Cristopher. *Andrés Segovia – The Song of the Guitar*, London: Allegro Films/Teldec Video, 1976.

ABSTRACT

From June 1893 to October 1897, the Belo Monte community (Canudos, BA, Brazil), under Antônio Conselheiro's leadership, experienced an approximately 10,335% demographic growth in the most arid region of the *caatinga*¹ and resisted for 10 months to a disproportionate war effort imposed by almost half (49.8%) of the Brazilian Army contingent of that time, supported by many battalions of the military public forces, of the state of Amazonas, Bahia, Pará and São Paulo, under the command of five generals, the elite of the terrestrial national force and, at the end of the conflict, under the command of the war minister himself, Marshal Carlos Machado Bittencourt.

Through the recognition of this episode as a very expressive administrative phenomenon, despite of its tragic destiny, this thesis studies the organizational models and power/authority that made possible the growth, supply and defense of Canudos in such a critical situation.

Under the perspective of an institutional understanding of the social imagery about the episode, this study proposes an analysis model denominated *Organizational Semiologic Tetrahedron* and compares statements by descendants of the war survivors with reports by *chronicler-witnesses*², studios of the subject, iconographic, musicographic and literary registry over the episode.

Reference: Martins, Paulo Emilio Matos. *The Backlands Reinvention: Social Organization and Power in the Belo Monte Community (Canudos, 1893–1897)*. São Paulo: EAESP/FGV, 1999, xii+267 p. (Doctorate thesis presented to the EAESP/FGV Post-Graduation Course, focus: Organization, Human Resources and Planning).

Keywords: Brazilian Administration – Organizational Institutional Analysis – Semiology – Brazil: Antônio Conselheiro / Canudos / Social Movements.

¹ From the Tupi Language (Indian language) *caá* = bush + *tinga* = white.

² Journalists, combatants, religious people and medical corps who have performed on the operation theatre and have written chronicles about the war.

BIBLIOGRAFIA E OUTRAS REFERÊNCIAS

1 – TEMÁTICA

1.1 - Fontes Primárias

- AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições praticas da Provincia da Bahia*. 1882.
- AGUIAR, Durval Vieira de. *Cartas*. In: *Jornal de Noticias*, Salvador, 13 jun 1893.
- ALBERTAZZI, Edgar Henrique. *Páginas íntimas*. (documento manuscrito, transcrição do original, Núcleo Sertão / UFBA), 1932.
- ASSIS, Machado de. *A semana* (diversas colunas). In: *Obras completas de Machado de Assis*, 28. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955. Vol. 3,: p.273-279, 346-352, 401-418.
- ASSIS, Machado de. *Canção de piratas*. In: *Separata de Obra completa*. (Organizador: Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. Vol. 2, p.651-653.
- AZEVEDO, Manoel Duarte Moreira (Dr.). *A victoria de Canudos*: memória histórica por Moreira de Azevedo. Rio de Janeiro: 5 set 1898. (Manuscritos doados pelo autor à Biblioteca Nacional em 17 de setembro de 1898, com recortes de jornais da época, código: I-6-1-nº74, 34-61.
- BAPTISTA, Pedro. *A pedido*. In: *Diário da Bahia*, Salvador, 18 dez 1895.
- BARBOSA, Ruy. *O Partido Republicano Conservador*: documentos de uma tentativa baldada. Rio de Janeiro: Casa Mont' Alverne, 1897A. 130p.
- BARBOSA, Ruy. *Terminação da Guerra de Canudos*. (discurso não pronunciado). In: *Obras completas de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. Vol. 24, t. 1, p.183-187, 1897B.
- BARRETO, Dantas (coronel). *Última expedição a Canudos pelo coronel Dantas Barreto*. Rio Grande de Sul: Franco e Irmão - Editores, 1898.
- BARRETO, Dantas (coronel). *Accidentes da guerra* (operações em Canudos). Rio Grande do Sul: Editora Livraria Rio Grandense - R. Strauch, 1905.
- BARRETO, Dantas (coronel). *Destruição de Canudos*. 4º milheiro. Pernambuco: Jornal do Recife - Editor, 1912. vi+300p+ anexos.
- BARROS, Flavio (Fotógrafo Expedicionário). Coleção de fotografias, 2 álbuns, 68 imagens. (Acervo do Museu da República, Rio de Janeiro), 1897.
- BENICIO, Manoel. *Cartas*. In: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 3-10 ago 1897.
- BENICIO, Manoel. *O rei dos jagunços: chronica historica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*: documentada e comentada por Manoel Benicio; ex-correspondentes do Jornal do Commercio junto ás forças legais contra Antonio Conselheiro. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio de Rodrigues e C., 1899. xvii+409p.
- BENICIO, Manoel. *O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos* (documentada e comentada por Manoel Benicio). Apresentação de Paulo Emílio Matos Martins. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV/Jornal do Commercio, 1997A. xvii+220p.

- BENICIO, Manoel. *O rei dos jagunços: chronica historica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*: documentada e comentada por Manoel Benicio. Introdução: Celso Silva Fonseca. (Edição fac-similar). Brasília: Editora do Senado Federal, 1997B. xvii+409p.
- BOMBINHOS, Manoel Pedro das Dores. *Canudos*: história em versos. (Documento manuscrito; poesia popular; originais na Biblioteca Pública de Aracaju), 1898.
- BRASIL/SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Appellação civil nº 1526*, appellante a fazenda nacional, appellada D. Francisca Dantas da Silveira Carvalho, advogado da appellada Vital H. Baptista Soares (advogado no fôro da capital da Bahia). Bahia: Typographia Baiana de C. Melchiades, 1908. 60p.
- BRIGIDO, João. *Antônio Conselheiro*. In: *A República*, Rio de Janeiro, 28 jun 1893.
- BRIGIDO, João. *Noivado de sangue* (1919A). In: CARVALHO, Jáder de (Organizador). *Antologia de João Brígido*. Fortaleza: Editôra Terra de Sol, 1969. p.580-581.
- BRIGIDO, João. *Os meus anos!* (1ª parte). In: CARVALHO, Jáder de (Organizador). *Antologia de João Brígido*. Fortaleza: Editôra Terra de Sol, 1969. p.29-36.
- BRIGIDO, João. *O negro de Antônio Tomás* (1919B). In: CARVALHO, Jáder de (Organizador). *Antologia de João Brígido*. Fortaleza: Editôra Terra de Sol, 1969. p.499-506.
- BRITO, Caldas. Carta. In: *O País*, Rio de Janeiro, 7 fev 1897.
- BRITO, Caldas. Matéria transcrita. In: *A Notícia*, Aracaju, 23 fev 1897.
- CALVI, Luís(?) (anônimo). *Cartas*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul a 1º set 1897.
- CARVALHO, José Carlos de (capitão de mar-e-guerra). *Cartas*. In: *Diário de Notícias*, Salvador, 7 fev 1897. (Doc. R19 do Núcleo Sertão / UFBA).
- CONSELHEIRO, Antônio Vicente Mendes Maciel. *O santo evangelho de Jesus Christo - segundo São Mattheus* (e outros documentos manuscritos). Bello Monte: 24 mai 1895. 806p.
- CONSELHEIRO, Antônio Vicente Mendes Maciel. *Tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação* (e outros documentos manuscritos). Bello Monte: 12 jan 1897. 598p.
- CUNHA, Euclides da. *A nossa vendêa I*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 mar 1897. p.1.
- CUNHA, Euclides da. *A nossa vendêa II*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 jul 1897. p.1.
- CUNHA, Euclides da. *O batalhão de São Paulo*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 out 1897.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões* (campanha de Canudos). Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1902. vii+637p.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões* (campanha de Canudos). 2ª ed. (corrigida). Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1903. vii+619p.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões* (campanha de Canudos). 6ª ed. (corrigida - definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Paulo de Azevedo & Cia., 1923. vii+623p.
- CUNHA, Euclides da. *Canudos* (diário de uma expedição). Introdução de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939 (escrito em 1897). xxv+187p.

- CUNHA, Euclides da. *Canudos e inéditos*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. Introdução, notas e comentários por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix, 1975 (escrita em 1897). xxxii+197p.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões* (campanha de Canudos). 31ª ed. Introdução de Walnice Nogueira Galvão. Nota Explicativa de Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1982. xxx+419p.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Introdução de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. 297p.
- DANTAS, S. de Souza. *Criminosos e ordem publica: o episódio de Canudos*. In: DANTAS, S. de Souza. Aspectos e contrastes: Ligeiro estudo sobre o Estado da Bahia. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1922. p.137-160.
- DANTAS, S. de Souza. *Aspectos e contrastes: ligeiro estudo sobre o Estado da Bahia*. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1922.
- DIÁRIO DA BAHIA (anônimo). Noticiário. In: Diário de Notícias, Salvador, 29 jun e 7 jul 1876.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (anônimo). Reportagem. In: Diário de Notícias, Salvador, 6 e 7 jul 1876.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (anônimo). *Antonio Conselheiro*. In: Diário de Notícias, Salvador, 7 fev 1897.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (anônimo). Correspondência (de 21 ago a 13 out diversas edições). In: Diário de Notícias, Salvador, 21 ago a 13 out 1897.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (anônimo). Noticiário. In: Diário de Notícias, Salvador, 21 set 1897.
- ESPIRITO SANTO, Pedro Baptista do. *A pedido*. In: Diário da Bahia, Salvador, 18 dez 1895. (doc. R 6 do Núcleo Sertão / UFBA).
- FIGUEIREDO, Manuel de. Correspondência. In: A Notícia, Rio de Janeiro, 26/27 jul a 14/15 set 1897.
- FILHO, Américo Barreto et al. *Os sobreviventes de Canudos*. In: O Comercio de São Paulo, São Paulo, 22 a 27 dez 1897.
- FONTES, Genes Martins. Matéria transcrita. In: A notícia, Aracaju, 28 e 29 jan 1897.
- FONTES, Genes Martins. *Cartas*. In: A República, Rio de Janeiro, s/d.
- GALLO, Antônio Cerqueira. "Carta ao Barão de Jeremoabo, datada de Tucano, 7/mar/1897, narrando o insucesso da 3ª expedição, a morte de seus comandantes, a ineficácia dos ataques de artilharia contra os templos - fortalezas de Belo Monte, a apreensão de viveres e munição pelos "faróicos" e a preocupação do missivista com os destinos da população da região adjacente à Canudos". s/l: s/e, s/d.
- GUIMARÃES, Carlos Eugênio de Andrada (marechal). *Arthur Oscar: soldado do império e da república*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editôra, 1965. 146p. (originais de 1903).
- HORCADES, Alvim Martins. *Artigos*. In: Jornal de Notícias, Salvador, 26 out 1897.
- HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma viagem a Canudos por Alvim Martins Horcades, academico de medicina, ex-auxiliar medico dos hospitaes de sangue e ex-director do hospital de variolosos de Canudos na 4ª expedição militar*. Bahia: Litho-Typographia Tourinho, 1899. vii+186p.

- HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma viagem a Canudos*. Apresentação: José Calasans. Salvador: EGBA / EDUFBA, 1996. vii+186p. (ed. fac-similada).
- JEREMOABO, Barão de. Carta. In: *Jornal de notícias*, Bahia, 4 e 5 mar 1897. (Documento E6, L14 e L15 do núcleo Sertão / UFBA).
- JESUS, Maria Rosa. *Carta ao Barão de Jeremoabo escrita pela esposa de Pedro Alves da Silva Souza e "Rec. a 14 de Agosto" solicitando "a vossa valiosa proteção em favor de meu marido Sr. etc, e dois filhos e um cunhado de nome João Alves Moreira, que por falsas calúnias achou-se presos em Monte Santo, tidos como auxiliares de Antonio Coselheiro"*. s/l: s/e, s/d.
- JORNAL DO COMMERCIO (anônimo). Correspondência (de 6 a 23 out diversas edições). In: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 a 23 out 1897.
- LISBOA, Akilles. *Recordações da campanha de Canudos*. In: *Nação Armada*, Rio de Janeiro, nº11, p.61-70. out 1940.
- MACEDO SOARES, Henrique Duque-Estrada de (tenente). *A guerra de Canudos por Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares*. Rio de Janeiro: Typ. Altina, 1903. 400p (com mapas e fotografias).
- MACEDO SOARES, Henrique Duque-Estrada de (tenente). *A guerra de Canudos por Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares*. (Edição fac-similada). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército ed., 1959. xxxviii+427p.
- MACEDO SOARES, Henrique Duque-Estrada de (tenente). *A guerra de Canudos por Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares*. Introdução: Jonas Correia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Philobiblion / Brasília: INL, 1985. 235p.
- MACIEL, Antônio Vicente Mendes (Conselheiro). *Prédicas aos canudenses e um discurso sobre a república* (manuscritos-12 jan 1897). In: NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos - revisão histórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.
- MANGABEIRA, Francisco. *Tragedia épica: Guerra de Canudos*. Bahia: Imprensa Moderna de Prudencio de Carvalho, 1900. 177p.
- MARIANNO, Candido José. *Relatorio apresentado pelo snr tenente coronel Candido José Mariano, comandante do 1º batalhão de infantaria do Estado, sobre a estada do mesmo fora do Amazonas, durante o tempo que esteve á disposição do Governo Federal e em operações no Estado da Bahia*. Manáos: Estado do Amazonas / Imprensa Official, 15 dez 1897. 16p.
- MARIANNO, Cândido José. *Relatório do tenente coronel Cândido José Mariano*. 4ª ed. In: MENDONÇA Roberto (Apresentação). *A força pública do Amazonas em Canudos*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 1998. 35p.
- MARIANNO, Cândido José. *Relatório apresentado pelo snr tenente coronel Cândido José Mariano, comandante do 1º batalhão de infantaria do Estado, sobre a estada do mesmo fora do Amazonas, durante o tempo que esteve à disposição do Governo Federal e em operações no Estado da Bahia*. (notas do cel. Roberto Mendonça). Manaus, Bahia: Estado do Amazonas/Imprensa Oficial, s/d. 22p.
- HOCHE (ten. cel. José de Siqueira Menezes). *Carta de Canudos*. In: *O País*, Rio de Janeiro, 8 a 26 set 1897.
- MILTON, Aristides A. (Dr.). *A campanha de Canudos memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo Dr. Aristides A. Milton*. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LXIII, parte II, p.5-147, 3º e 4º trimestres 1902.

- MILTON, Aristides A. (Dr.). *A campanha de Canudos* (memória lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro ata da sessão de 17 out 1897). Edição fac-similada. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1979. p.5-147, vol. 2 (Coleção Cachoeira).
- MONTE MARCIANO, Frei João Evangelista de (rved.). *Relatorio apresentado, em 1895, pelo revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao arcebispado da Bahia, sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no arraial dos Canudos*. Bahia: Typographia do Correio de Noticias, 1895. 8p. (edição fac-similada). In: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, Salvador, nº130, 1987. 8p.
- NERY, A. Constantino (major). *A quarta expedição contra Canudos* (1ª. phase das operações): cem leguas através do sertão de Aracaju a Queimadas, via Canudos (diario de campanha). Pará: Typ. de Pinto Barbosa & Cia., 1898. vi+151p.
- NERY, A. Constantino (major). *A quarta expedição contra Canudos* (1ª. phase das operações): cem léguas através do Sertão de Aracaju a Queimadas, via Canudos (diário de campanha). Edição fac-similada. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997. 151p.
- NUNES, J. P. Favilla. Reportagem (de 7 ago a 31 out diversas edições). In: Gazeta de Notícias, Rio de janeiro, 7 ago a 31 out 1897.
- NUNES, J. P. Favilla. *Guerra de Canudos: narrativa historica por J. P. Favilla Nunes, correspondente especial da Gazeta de Noticias junto às forças em operações nos sertões da Bahia*. Rio de Janeiro: Typographia Moraes, 1898. vol. 1, fascículo nº3. p.29-39.
- OLIVEIRA, Xavier de (Dr.). *Reminiscencias da Guerra de Canudos*. In: Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia, Salvador, nº68 e 69, p.102-107 e 149-181, respectivamente, 1942 e 1943.
- PALMEIRA, J. da Costa. *A campanha do Conselheiro*. Rio de Janeiro: Calvino Filho ed., 1934. 213p.
- PIEIDADE, Lellis. Correspondência (de 6 set a 25 out diversas edições). In: Jornal de Notícias, Salvador, 6 set a 25 out 1897.
- PIEIDADE, Lellis. *Historico e relatorio do comité patriotico da Bahia*. Bahia: Litho-Typ. e Enc. Reis, 1901. 184+lviii+XXVIIp.
- RIBEIRO, Maximiniano José. *Carta*. In: Jornal de notícias, Salvador, 16 jun 1893.
- RODRIGUES, Nina. *A loucura epidêmica de Canudos: Antonio Conselheiro e os jagunços*. In: RODRIGUES, Nina. As collectividades anormais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p.50-135.
- ROMERO, Sylvio. *Cantos populares do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Comp., 1897. xx+377+Vp.
- ROMERO, Sylvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes/Governo do Estado de Sergipe, 1977. 273p.
- SILVA, Alfredo. *Cartas*. In: A Noticia, Rio de Janeiro, 10/11 ago a 18/19 out 1897.
- SILVA, João Melquiades da. *A Guerra de Canudos*. s/l: s/e, s/d.
- SILVA, Manuel Lopes de Sousa (editor). *O rabudo*. In: Estância, Sergipe, 22 nov 1874. Ano I, nº 7. p.1.
- SILVA, Pedro Alves. *Carta ao Barão de Jeremoabo solicitando que interceda contra a sua prisão e de seus familiares, acusado de colaboração com os conselheiristas, datada de Monte Santo*. s/l: s/e, 29 jul 1897.

SINZIG, Frei Pedro. *Reminiscências d'um frade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1917.

VELHO, José Americo Camillo de Souza. *Breve resposta dada a artigos e telegramas insertos em jornaes deste Estado pelo "El supremo do Harem" dos jagunços Leo Vegildo Cardoso metamorphoseado na pessoa do famigerado Elpidio Filho do scelerado Norberto ex-comandante em chefe das forças de Antônio Conselheiro em operações no Arraial dos Canudos*. Serrinha (BA): s/e, jan 1898.

VIANNA, Luiz. *Estudos nacionalistas*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1927. 181p.

VILLELA JR., Marcos Evangelista da Costa. *Canudos: memórias de um combatente*. Apresentação e organização: Ruth Villela Cavalieri. São Paulo: Ed. Marco Zero/ Brasília: INL, 1988 (manuscritos de 1951; publicação *post-mortem* do autor). 144p.

VILLELA JR., Marcos Evangelista da Costa. *Canudos: memórias de um combatente*. Introdução, estabelecimento do texto, notas e dados biográficos por Ruth Villela Cavalieri; prefácio de Luitgard Oliveira Cavalcanti Barros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997. 138p.

WOLSEY (Cesar Zama). *Libello republicano acompanhado de commentarios sobre a campanha de Canudos por Wolsey*. Bahia: Typ. e Encadernação do "Diário da Bahia", 1899. 61p. In: *Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia*, Salvador, nº 139, 1989.

1.2 - Fontes Secundárias

ABREU, Brício. *Esses populares tão desconhecidos*. Rio de Janeiro: Raposo Ed., 1963. p.78-88.

ABREU, Regina. *A longa noite dos excluídos*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set 1997. Caderno B. p.6.

AGUIAR, Newton de Souza (prof.). "PMAM na campanha de Canudos". Amazonas: Polícia Militar do Estado do Amazonas, s/d (panfleto).

AGOSTINHO, Victor. *Seca faz Canudos emergir após 28 anos*. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 jun 1996. Brasil. p.14.

ALCÂNTARA, Lúcio (senador). *Canudos vive*. Brasília: Editora do Senado Federal, 26 nov 1996.

ALCÂNTARA, Lúcio (senador). *O beato, o devoto e o soldado: lembrando Canudos*. Brasília: Senado Federal, Gabinete do Senador Lúcio Alcântara, 1997. 35p.

ALMEIDA, Cícero Antonio F. de. *O olho do exército*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set 1997. Mais! p.9.

ALMEIDA, Mário de. *Utopia regressiva*. In: *Exame*, s/l, 3 jul 1996. p.41.

ALVES, Lizir Arcanjo. *Humor e sátira na Guerra de Canudos*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia (EGBA), 1997. 215p.

AMARAL, Carlos Soulié do. *Cem anos de Canudos*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out 1997. Ano IX, nº3892, Caderno 2. p.D1.

AMAZONAS, Polícia Militar. *Canção da Polícia Militar do Amazonas* (autor prof. Newton de Souza Aguiar). s/l: Polícia Militar do Amazonas, s/d. (panfleto).

- ANDRADE, Moacyr. *Memória do assentamento exterminado*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 set 1997. Caderno B. p.4.
- ARAGÃO, Pedro Moniz de. *Canudos e os monarquistas*. In: Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, Pernambuco, 1945. vol. XXXIX. p.204-254.
- ARAGÃO, Pedro Moniz de. *Canudos e os monarquistas*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, out/dez 1957. n°237.
- ARARIPE, Tristão de Alencar (general-de-exército). *Expedições militares contra Canudos: seu aspecto marcial*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1985. xv+230p.
- ARAS, José. "Meu folclore - 1893 - história da Guerra de Canudos - 1898 biografia de Antônio Conselheiro - sua vida em sua terra, o Ceará - Cocorobó destruirá Canudos e restabelecerá os Belos Montes". 4ª ed. Bendegó: Euclides da Cunha, 1963.
- ARAS, José. *Sangue de irmãos*. s/l: s/e, s/d. 174p.
- ARAUJO, Luiz Antônio (editor). *Gaúchos em Canudos*. In: Cultura, Porto Alegre, 11 out 1997. Segundo Caderno. p.1-12.
- ARAÚJO, Paulo Cabral de. *Prefácio*. In: BENÍCIO, Manoel. *O rei dos jagunços*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1997, ix-x p.
- ARAÚJO FILHO, Ismar de Oliveira. *A adesão do clero ao movimento conselheirista*. In: Revista da FAEBA, Salvador, ano II, n°especial, p.71-77, jan/jun 93.
- ARCANJO, Lizir. *Pelo nome da Bahia*. In: Revista da Bahia: Guerra de Canudos 100 anos de penitência, Salvador, n°22, p.22-31, nov 1996.
- ARIMATÉIA, José de. *Patativa do Assaré, o verso livre do sertão*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 abr 1995A. Brasil. p.8.
- ARIMATÉIA, José de. *Cavalcada rememora massacre do século 19: Ariano Suassuna lidera caravana à Pedra do Reino, no sertão de Pernambuco, cenário de um sangrento episódio de fanatismo*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 jun 1995B. Brasil. p.14.
- ARIMATÉIA, José de. *Conselheiro revive no sertão baiano*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 out 1995C. Brasil. p.20.
- ARINOS, Afonso. *Os jagunços: novela*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Philobiblion (Brasília) INL, 1985.
- ARROYO, Leonardo. *Canudos e o Conselheiro*. s/l: s/e, s/d.
- ARRUDA, João. *Canudos: messianismo e conflito social*. Fortaleza: Edições UFC/SECULT, 1993. 183p.
- ARRUDA, João, MENEZES, E. Diatahy B. de. "Canudos: as falas e os olhares". Fortaleza: Edições UFC, 1995.
- ARRUDA, João. "Antonio Conselheiro e a comunidade de Canudos" (romance). Fortaleza: (inédito), 1996. cap. I-V.
- ATAÍDE, Yara. *Canudos: ontem e hoje*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 6 out 1990. n°40, Canudos. p.3-4.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *A mulher de Canudos perdeu a silhueta feminina*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 5 out 1991. Sertão/Sertões: Túnica largas. p.3-4.

- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *O império de Belo Monte*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 28 nov 1992. Os Sertões. p.7-9.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *O império do Belo Monte - alguns aspectos de sua vida cotidiana*. In: *Revista da FAEBA*, Salvador, ano II, nº especial, p.55-70, jan/jun 1993A.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *A igreja dos místicos*. In: *A Tarde Cultural* (Canudos lugar de tragédia e também da utopia), Salvador, 26 jun 1993B. Centenários. p.2-3.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *Origens do povo do Bom Jesus Conselheiro*. In: *Revista USP - Dossiê Canudos*, São Paulo, nº20, p.88-99, dez/jan/fev 1993-94C.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *A razão prática da religião sertaneja*. In: *A Tarde Cultural - A poesia no calor da hora*, Salvador, p.10-11, 29 jan 1994.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *Os construtores do sertão*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 5 ago 1995. Origens. p.6.
- BACELAR, Jeferson. *Afro bem brasileiro*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 7 nov 1992. Estudos & Pesquisas. p.3.
- BARBIERI, Aldo. *O apocalipse de Antônio ou Annus Irae: as armas da Guerra de Canudos*. In: *Magnum*, São Paulo, ano 10, nº55, p.25-33, nov/dez 1997.
- BARROS, André Luiz. *Conselheiro superstar: Guerra de Canudos, filme de Sérgio Rezende, é a história do Brasil em superprodução - com devido aval oficial*. In: *Bravo*, São Paulo, out 1997. ano 1, nº1, Cinema. p.73-77.
- BARROS, Jorge Antonio. *Capitão Jagunço entregou Canudos*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 set 1993. p.15.
- BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. *A terra da mãe de Deus: um estudo do movimento religioso do Juazeiro do Norte* (prefácio de Maria Yeda Leite Linhares). Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1988. Coleção Ensaio e Crítica. 329p.
- BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. *De Belo Monte a Canudos: a utopia materializada*. In: *A Tarde Cultural*, s/l, s/d.
- BARTELT, Dawid Danilo. *Cerco discursivo de Canudos*. In: *Canudos: Cadernos do CEAS*, Salvador, p.37-46, 1997.
- BASTOS, José Augusto Cabral Barreto. *"A Guerra de Canudos e a política da república"*. Salvador: inédito, 1975.
- BASTOS, José Augusto Cabral Barreto. *"A ideologia dos discursos sobre Canudos"*. Salvador: inédito, 1979.
- BASTOS, José Augusto Cabral Barreto. *Incompreensível e bárbaro inimigo* (tese de doutorado). s/l: USP, dez/1987.
- BATISTA, Benjamin. *O profeta dos sertões*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 6 out 1990. nº40, Canudos. p.4-5.
- BEBERT, José Augusto. *Antônio Conselheiro foi um plantador de igrejas*. In: *A Tarde*, Salvador, 21 dez 1980. Caderno 2.

- BELEM, Arinos de. *História de Antônio Conselheiro (campanha de Canudos) narração completa 1940 - suplemento de Guajarina*. Belém: Casa Editora de Francisco Lopes, 1940. 32p.
- BENEVIDES, F. "Caderneta de pequenas informações sobre a Guerra de Canudos" - em 1897 (manuscritos).
- BENTES, Ivana. *A guerra ainda é a mesma*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 set 1997. Caderno B. p.5.
- BLANCO, Alessandra. *Guerra de Canudos terá 8.000 figurantes*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 jun 1996. Ilustrada. p.3.
- BLOCH, Didier. *As frutas amargas do velho Chico: irrigação e desenvolvimento no vale do São Francisco*. São Paulo: Livros da terra Ed. e Oxfam Ed., 1996. 117p.
- BLOCH, Didier (org.). *Canudos 100 anos de produção: vida cotidiana e economia dos tempos do Conselheiro até os dias atuais*. Bahia: Editora Fonte viva, 1997. 123p.
- BOAVENTURA, Edvaldo M. *O parque de Canudos - um encontro da história com a ecologia*. In: Revista da FAEBA, Salvador, ano II, nºespecial, p.121-132, jan/jun 1993.
- BOAVENTURA, Edvaldo M. *Parque Estadual de Canudos*. In: Revista da Bahia: Guerra de Canudos 100 anos de penitência, Salvador, nº22, p.43-9, nov 1996.
- BOAVENTURA, Edvaldo M. *No coração seco e sertanejo*. In: A Tarde, Salvador, 4 out 1997A. Cultural. p.10-11.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. *O Parque Estadual de Canudos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1997B. 159p.
- BOAVENTURA, Edvaldo M. *Canudos: memória de dor e heroísmo*. In: A Tarde, Salvador, 16 mai 1998A. Cultural. p.3.
- BOAVENTURA, Edvaldo M. *Cresce a esperança no sertão*. In: A Tarde, Salvador, 11 nov 1998B. Turismo. p.8.
- BORGES, Ricardo. *O Pará epublicano: 1824 - 1929: ensaio histórico*. Belém: CEC, 1983. p.93-102.
- BOTELHO, Adir. *Canudos - gravuras de Adir Botelho* (catálogo da exposição de xilogravuras, com encarte) (iconografia). s/l: Arte Sesc, 1985.
- BOTELHO, Inamar Gusmão. *Difícil batalha no Nordeste* (breves comentários sobre a introdução dos animais domésticos no semi-árido). In: Revista Canudos, Salvador, vol. 2, nº2, p.203-214, out 1997.
- BRANDÃO, Adelino. *Antônio Conselheiro e Canudos* (notas apresentadas no seminário "Canudos: um olhar centenário"). Manaus: inédito, 22 ago 1997A.
- BRANDÃO, Adelino. *O seminário Canudos na Bahia*. In: O Jornal da Região. Andradina (SP), 6 set 1997B.
- BRANDÃO, Adelino. *A efeméride que o Pará esqueceu*. In: A Província do Pará, Belém, 21 set 1997C. Cidades. p.11.
- BRANDÃO, Adelino. *Por que o filme "Guerra de Canudos" não agradou os críticos?*. In: A Província do Pará, Belém, 5 out 1997D. Caderno 2.

- BRASIL / Câmara dos Deputados. *Projeto de lei nº1.725, de 1993: declara Antônio Vicente Maciel, o Antônio Conselheiro, patrono nacional dos direitos humanos*. Brasília (DF): Centro Gráfico do Senado Federal, 9 jan 1984.
- BRASIL / Empresa Brasileira de Correios e Telégrafo. *Edital nº20 de 1997* (centenário do fim da guerra de Canudos). Brasília: Correios (ECT), 1997.
- BRITTO, J. D. *Documentos para a história de Canudos*. In: *Revista da FAEEBA*, Salvador, ano II, nº especial, p.117-120, jan/jun 93.
- BUTCHER, Pedro. *Cinema conta o país*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 set 1997A. Caderno B. p.6.
- BUTCHER, Pedro. *A civilização ainda não chegou a Canudos*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 mar 1997B. Caderno B. p.1-2.
- BUTCHER, Pedro. *Povo é o maior personagem do filme*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 set 1997C. Caderno B. p.7.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da campanha de Canudos*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1950. (tese submetida à Faculdade de Filosofia da Bahia). 101p.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *A Guerra de Canudos na poesia popular*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959A.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *No tempo de Antonio Conselheiro: figuras e fatos da campanha de Canudos*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959B. 121p.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. "A Guerra de Canudos". In: *Revista Brasileira de Folclore – separata*, Salvador, vol.6, nº14, p.53-64, jan/abr 1966.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Notícias de Antônio Conselheiro*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1969. nº56. 12p.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Algumas fontes de "Os sertões"*. In: *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, vol. 6, p.37-44, jul/dez 1971.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *O matricídio de Antônio Conselheiro*. In: *Revista Brasileira de Cultura*. Brasília, nº14, out/dez 1972.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Antônio Conselheiro construtor de igrejas e cemitérios*. In: *Revista Brasileira de Cultura*. Brasília, Ano V, nº16, p.69-81, abr/jun 1973.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Diário de notícias e a campanha de Canudos*. In: *Septário de Universitas*, Salvador, p.89-96, set/dez 1977.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. "A Faculdade de Direito da Bahia e a Guerra de Canudos". In: *Revercor - estudos jurídicos em homenagem a faculdade de direito da Bahia 1991-1981*. São Paulo: Saraiva, 1981A.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Canudos não euclidiano*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 nov 1981B. Caderno B. p.9.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Subsídios à história das capelas de Monte Santo*. Salvador: s/e, 1983.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Canudos na literatura de Cordel*. São Paulo: Ática, 1984. 105p.

- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Canudos não euclidiano: fase anterior ao início da Guerra do Conselheiro*. In: NETO, José Augusto Vaz Sampaio et al. Canudos: subsídios para sua reavaliação histórica. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Monteiro Aranha S.A., 1986A. p.1-21.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Quase biografias de jagunços (o séquito de Antônio Conselheiro)*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986B. nº122.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico*. In: Revista da Academia Brasileira de Letras da Bahia, Salvador, nº34, 1987.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. "Aparecimento e prisão de um messias". In: Separata da revista da Academia de Letras da Bahia, Salvador (BA), nº35, p.53-63, 1988.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *A Guerra de Canudos na poesia popular*. In: Centro de Estudos Baianos, Salvador, nº138, p.1-15, 1989A.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Nota explicativa*. In: WOLSEY (Cesar Zama). Libelo Republicano (reprodução fac-similar da obra), Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1989B.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *O séquito de Antônio Conselheiro*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 6 out 1990. nº40, Canudos. p.2-3.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *A edição do "livro vingador"*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 28 nov 1992. Os sertões. p.2.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *O séquito de Antônio Conselheiro*. In: Revista da FAEBA, Salvador, ano II, nºespecial, p.49-54, jan/jun 1993A.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Odorico Tavares e a oralidade canudense*. In: TAVARES, Odorico. Canudos - cinquenta anos depois (1947). Salvador: Conselho Estadual de Cultura/Academia de Letras da Bahia/Fundação Cultural do Estado, 1993B.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Centenários canudenses*. In: A Tarde, Salvador, 27 dez 1994. Opinião. p.6.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *O coronel César*. In: FONTES, Oleone Coelho. O Trem-Terra: Moreira César, a República e Canudos, Petrópolis: Vozes Ed., 1995. P.11-13.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Santo Antônio de Canudos*. In: A Tarde, Salvador, 15 jun 1996A. Cultural.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Um bom depoimento*. In: A Tarde, Salvador, 16 nov 1996B. Cultural. p.6.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *O coronel César*. In: A Tarde, Salvador, 23 nov 1996C. Cultural. p.3.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Belo Monte resiste*. In: Revista da Bahia: Guerra de Canudos 100 anos de penitência, Salvador, nº22, p.10-21, nov 1996D.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Conselheiro pregou contra a república*. In: A Crítica Especial, Manaus, 21 set 1997A. Ano xlvii, nº16834. p.C5.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *O Bom Jesus do sertão*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 set 1997B. *Mais!* p.5.

- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Canudos: notas antigas*. In: *Revista Canudos*, Salvador, vol. 2, nº2, p.9-13, out 1997C.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo e Conselho Estadual de Cultura, 1997D. 146p.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *A vida de Antônio Vicente Mendes Maciel - 1830 - 1897*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal, s/d. (folheto).
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Antonio Conselheiro e a escravidão*. Salvador: Artes Gráficas, s/d.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Contribuição ao estudo da campanha de Canudos*. s/l: s/e, s/d.
- CALASANS, José C. Brandão da Silva. *Depoimento do Sr. Marcos Danta de Menezes colhido no município de Crisópolis, antiga Vila Rica*. Crisópolis: s/e, s/d.
- CALLADO, Antônio. *Há um século o Brasil afunda com Canudos*. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 abr 1996. Folha Ilustrada. p.8.
- CÂMARA, Fernando. *Antônio Conselheiro e o centenário de Canudos*. In: *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, vol. 107, t. CVII, ano CVII, p.29-49, 1993.
- CAMURÇA, Zélia Sá V. *Canudos revista nas obras de Descartes*. In: *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 5 out 1997. Ano xvi, nº5600, Canudos. p.2.
- CANÁRIO, Eldon Dantas. *Canudos*. Salvador: Editora Cimape, 1967. 65p.
- CANÁRIO, Eldon Dantas. *Memórias de Canudos*. Salvador: Grafica Central, 1984. 93p.
- CANÁRIO, Eldon Dantas. *Cativos da terra* (romance). Petrópolis: Vozes, 1988. 350p.
- CANÁRIO, Eldon Dantas. *Os mal-aventurados do Belo Monte: a tragédia de Canudos*. Salvador: Editora BDA e Editora da Universidade Tiradentes (UNIT), 1997. 381p.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Epopéia trágica tornou-se mito nacional*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago 1996. p.D16.
- CARNEIRO, Luciano. *Os conselhos de Antônio Conselheiro*. In: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 5 dez 1953. nº8, ano XXVI. p.6-12.
- CARVALHO, Bernardo. *A Via-Crúcis do sertão: Monte Santo preserva a memória das filmagens de "Deus e o Diabo" que estreou há 30 anos*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 out 1994A. Mais! p.4.
- CARVALHO, Bernardo. *"Eu torcia o corpo de medo": Figurantes contam sua participação no filme e protestam contra a política local, dominada pelo PFL*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 de out 1994B. Caderno Mais!. p.5.
- CARVALHO, Bernardo. *Um trecho do mundo mítico do Nordeste*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 out de 1994C. Caderno mais!. p.5.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 166p.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 196p.

- CARVALHO, Sólon. *Entre a história e a literatura*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 28 nov, p.3-4.
- CARVALHO, Wilton. *Febrônio e a lagoa de sangue*. s/l: inédito, s/d.
- CASALDÁLIGA, Pedro. *À maneira de pregãozinho canudense*. In: Canudos: Cadernos do CEAS, Salvador, p.11, 1997.
- CASTELLO, José. *A segunda vida de Antônio Conselheiro*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 mai 1989. n°137, Idéias. p.6-9.
- CEHILA. (publicação popular). *"Antônio Conselheiro e a tragédia de Canudos"*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA / UNIVERSIDADE DA BAHIA. *Índice remissivo: documentação histórica sobre Canudos*. Salvador: UNEB, 1996. 64p.
- CHIAVENATO, Júlio José. *As lutas do povo brasileiro: do "descobrimento" a Canudos*. São Paulo: Editora Moderna, 1988/89. 119p.
- CHIAVENATO, Júlio José. *As meninas do Belo Monte*. São Paulo: Editora Página Aberta e Scritta Editorial, 1993. 197p.
- CITELLI, Adilson Odair. *Canudos: formas de composição*. In: Revista USP - Dossiê Canudos, São Paulo, n°20, p.66-73, dez/jan/fev 1993-94.
- COIN, Cristina. *A Guerra de Canudos*. São Paulo: Editora Scipione, 1992. 72p.
- COLI, Jorge. *A palavra pensante*. In: Revista USP - Dossiê Canudos, São Paulo, n°20, p.61-65, dez/jan/fev 1993-94.
- COMISSÃO DA ROMARIA E INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS (Org.). *Canudos: 100 anos do massacre no Sertão – 1897-1997 (cantos) – Sangue derramado, Terra fecundada*. Paulo Afonso (BA): Editora Fonte Viva, 1997. 13p.
- CONSORTE, Josildeth Gomes e NEGRÃO, Lísias Nogueira. *O messianismo no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984.
- CORREA, Jonas. *Introdução à 2ª edição*. In: SOARES, Macedo. A Guerra de Canudos. 3ª ed. Brasília: s/e, 1985A. p.13-29.
- CORREA, Jonas. *Introdução à 3ª edição*. In: SOARES, Macedo. A Guerra de Canudos. 3ª ed. Brasília: s/e, 1985B. p.7-12.
- CÔRTEZ, Celina. *Órfãos do sertão sem demagogia*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 jun 1996. Caderno B. p.1.
- COSTA, Flávio José Simões. *Antonio Conselheiro, louco?* Ilhéus: Editus, 1998. 190p.
- COSTA, Francisco. *Textos de José Calasans*. In: Revista USP - Dossiê Canudos, São Paulo, n°20, p.6-27, dez/jan/fev 93-94.
- COSTA, Gutenberg. *Profetas do Nordeste*. Natal: Clima Editora, 1994.
- COSTA, Iraneidson Santos. *O jumento e a locomotiva*. In: Canudos: Cadernos do CEAS, Salvador, p.173-184, 1997.

- COSTA, Magno Nunes. *Antônio Conselheiro*: poema épico. Canudos: L.V. Gráfica e Editora Ltda., 1994. 119p.
- COUTO, José Geraldo. *MIS* exhibe filme coletivo sobre Canudos. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 27 abr 1994, p.5-6.
- COUTO, José Geraldo. "Os sertões" narra os detalhes da epopéia baiana. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 jun 1996. Brasil. p.14.
- CRAVO, Mário. "Fiz o Conselheiro para mim" (entrevista). In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 28 nov 1992. Os Sertões. p.6-7.
- CRISTÓVÃO, Fernando. *A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito: a divina comédia do sertão*. In: *Revista USP - Dossiê Canudos*, São Paulo, nº20, p.42-53, dez/jan/fev 93-94.
- CUNHA, José Guilherme. "Canudos: a luta". Ilustrações: Ângelo Roberto. Salvador: Editora Pé de Bode, 1991. 199p.
- CUNHA, Epaminondas Ferraz da. "Excertos da história de um batalhão, sustentáculo da república". Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1971.
- CUNHA, Euclides da. *Canudos*: diário de uma expedição. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 ago 1897. p.1.
- CUNHA, Euclides da. *O episódio de Canudos*. Pinturas: Grover chapman. Introdução e seleção de textos por Luiz Viana Filho. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1978.
- CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. 284p.
- DAMANTE, Hélio. *Canudos e questão social*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 dez 1979. ano IV, nº16, Suplemento Cultural. p.7-8.
- DAMULAKIS, Gerana. *Francisco Mangabeira - Canudos: a poesia no espaço do heroísmo*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 29 jan 1994. A poesia no calor da hora. p.6-7.
- DAMULAKIS, Gerana. *Poetas da baixinha: era tempo de festa*. In: *Revista da Bahia: Guerra de Canudos 100 anos de penitência*, Salvador, nº22, p.50-3, nov 1996.
- DANNEMANN, Fátima. *Houve mesmo esse reino alvissareiro*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 4 out 1997.
- DANTAS, Audálio. *A nova guerra de Canudos*. In: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVII, nº9, p.24-43, 5 dez 1964.
- DANTAS, Audálio. *O circo do desespero*. São Paulo: Símbolo, 1976.
- DANTAS, Audálio. *Viagem definitiva a Canudos*. São Paulo: Revista Brasiliense, s/d.
- DANTAS, Nataniel. *De Canudos resta apenas a memória*. In: *Cultura*, nº11, jan/mar 1957.
- DANTAS, Nataniel. *Joana imaginária*. São Paulo: Edições Padan/Global, 1982.
- DANTAS, Paulo. *Diário inédito de Antônio Conselheiro entre contas de terço e tiros*. In: *O Tempo*, São Paulo, 11 out 1953A. 2º Caderno.

- DANTAS, Paulo. *Identificado por Afrânio Peixoto o "diário" de Antônio Conselheiro*. In: O Tempo, São Paulo, 11 out 1953B. 2º Caderno.
- DANTAS, Paulo. *Os ataques à República, variante do misticismo de Antônio Conselheiro*. In: O Tempo, São Paulo, 25 out 1953C. 2º Caderno.
- DANTAS, Paulo. *Nordeste – 1955*. In: Revista Brasiliense, jan/fev 1956. p.59-63.
- DANTAS, Paulo. *Capitão jagunço*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- DANTAS, Paulo. *Viagem definitiva a Canudos*. In: Revista Brasiliense, jan/fev 1959, nº21.
- DANTAS, Paulo. *Quem foi Antônio Conselheiro?* roteiro histórico e biográfico. São Paulo: Arquimedes edições, 1966. 77p.
- DANTAS, Paulo. *Menino-jagunço*. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- DANTAS, Paulo. *Canudos, a dura guerra dos sertões: a luta que ensangüentou os sertões da Bahia em 1896/97*. In: Grandes Acontecimentos da História, São Paulo, nº14, p.54-61, jul 1974.
- DANTAS, Paulo. *Joana imaginária: novelas/contos*. São Paulo: Edições Padon/Global, 1982.
- DANTAS, Paulo. *Capitão jagunço*. 7ª ed. (revista e definitiva, contendo, em apêndice, a conferência do autor sobre Euclides da Cunha e o relato da viagem a Canudos para recolher material humano para este livro, além de notas ao texto). São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. (IBRASA), 1987. 186p.
- DANTAS, Paulo. *Através dos sertões*. In: Revista USP - Dossiê Canudos, São Paulo, nº20, p.74-81, dez/jan/fev 93-94.
- DANTAS, S. de Souza. *Aspectos e contrastes* - ligeiro estudo sobre o Estado da Bahia. Rio de Janeiro: Tipografia Revista dos Tribunais, 1922.
- DELLACAVA, Ralph. *Messianismo brasileiro e instituições nacionais: uma reavaliação de Canudos e Juazeiro*. In: Revista da FAEBA, Salvador, ano II, nº especial, p.78-97, jan/jun 93.
- DIAS, Clímaco. *O Bruxo e o Conselheiro*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 4 out 1997A. p7.
- DIAS, Clímaco. *O cachorrinho samba em Canudos: o estranhamento na literatura infanto-juvenil*. In: Revista Canudos, Salvador, vol. 2, nº2, p.140-148, out 1997B.
- DINIZ, Elenilze J., ARAÚJO, Patrícia C. de A. *Os movimentos sociais no campo brasileiro: (1964-1995)*. In: Canudos: Caderno do CEAS, Salvador, p.143-160, 1997.
- DOBRORUKA, Vicente. *Antônio Conselheiro o beato endiabrado de Canudos*. Rio de Janeiro: Diadorim Ed., 1997. 236p.
- DOMÍNIO POPULAR. *Eu vi a fumaça da pólvora* (musicografia). In: PAES, Fábio. Canudos e cantos do sertão. Bahia: Portfolium, 1997. Faixa 1.
- DONATO, Ari. *Campanha árdua*. In: A Tarde, Salvador, 4 out 1997. Ano 84, nº28679, Caderno 2. p.7.
- DOREA, Juraci. *A arte na caatinga*. In: A Tarde Cultural. Salvador, 5 out 1991, p.8-9.
- DOURADO, Walter. *Por que Antônio Conselheiro estabeleceu em Canudos sua atividade messiânica?* In: Rivale - Juazeiro - histórias, tradições, comentários e sugestões. Juazeiro, 24-25 mai 1975, p.4.

- DOURADO, Walter Castro. *Juazeiro da Bahia: a luz da história*. Bahia: Impressora Rocha Ltda., 9 mai 1983.
- DUARTE, Raymundo. *O movimento messiânico de pau de colher*. In: Canudos: Cadernos do CEAS, Salvador, p.121-142, 1997.
- ESQUIVEL, Edvaldo F. (editor). *Canudos: pelas trilhas do Conselheiro*. In: A Tarde, Salvador, 19 fev 1997. Turismo. p.8.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1991. 231p.
- FALCÃO, Lorem. *Sertão em chamas*. In: Manchete, Rio de Janeiro, p.54-5, 16 nov 1996.
- FAUSTINO, Luís. *Pesquisadores reconstituem a história de Canudos*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 dez 1988. 1º Caderno. p.22.
- FELIPE, Paulo. *Canudos vivo no Umbu*. 15 jun 1996.
- FERNANDEZ, Érico P. *Os "Mucker" o fantasma revisitado*. In: Folha da História, Porto Alegre, dez (96)/jan (97). Ano 1, nº3. p.4-5.
- FERRAZ, Renato J. Marques et al. *Cartilha histórica de Canudos*. Salvador: Prefeitura Municipal de Canudos/Universidade do Estado da Bahia, mar 1991.
- FERRAZ, Renato. *O centenário de Belo Monte e algumas reflexões sobre ficção e história*. In: Revista USP - Dossiê Canudos, São Paulo, nº20, p.82-87, dez/jan/fev 93-94.
- FERRAZ, Renato. *Canudos rediviva de Trípodis Gaudenzi*. In: Gazeta do Rio Pardo. Rio Pardo, 9 ago 1996, p.A2.
- FERREIRA, Kiko. *A saga de Conselheiro: nascido em Monte Santo, Gereba fez um CD em memória de Canudos*. In: Estado de Minas, Belo Horizonte, 22 out 1997. Espetáculo/Discos.
- FILHO, Antunes (entrevista). *Antunes Filho deve montar os sertões*. In: O Liberal. Belém, 28 julho 1996.
- FILHO, Ismar de Oliveira Araújo. *A adesão do clero ao movimento conselheirista*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 20 out 1990. p.8-10.
- FILHO, Luiz Carlos Prestes. *E o sertão virou mar*. In: Manchete, Rio de Janeiro, Coluna Prestes, p.52-56, 30 mar 1996.
- FILHO, Paulo Venancio. *Romance tematiza os reflexos do contestado*. In: O Estado de São Paulo, São Paulo, 10 nov 1996. Especial Domingo. p.D5.
- FONSECA, Celso Silva. *Introdução*. In: BENICIO, Manoel. O rei dos jagunços. Edição fac-similar, Brasília: Editora do Senado Federal, 1997. p.iii-viii.
- FONTES, Lauro. *Lampião: traição em Angico*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 23 nov 1996. p.4.
- FONTES, Oleone Coelho. *Com Ataliba Nogueira tem início a revisão crítica e histórica de Antônio Conselheiro*. In: A Tarde, Salvador, 7 jun 1979. Caderno 3.
- FONTES, Oleone Coelho. *Há 153 anos nascia o profeta dos sertões*. In: A Tarde. Salvador, 13 mar 1983.
- FONTES, Oleone Coelho. *O histórico encontro do professor José Calasans com o beato Antônio Conselheiro na cidade de Chorrochó*. In: A Tarde. Salvador, 15 set 1984.

- FONTES, Oleone Coelho. *Há 90 anos tinha início, em Uauá, a Guerra de Canudos*. In: A Folha da Bahia, Salvador, fev 1987. p.11.
- FONTES, Oleone Coelho. *No rastro do profeta: caatinga, cocorobó, coronel, Conselheiro, Canudos, Calasans*. In: A Tarde Cultural. Salvador, 7 nov 1992. p.4-5.
- FONTES, Oleone Coelho. *A expedição Moreira César em "Os Sertões"*. In: Revista da FAEBA, Salvador, ano II, nº especial, p.98-110, jan/jun 1993.
- FONTES, Oleone Coelho. *O caminho de Canudos*. In: A Tarde, Salvador, 14 out 1994. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *Doutorado em Canudos*. In: A Tarde, Salvador, 17 fev 1995A. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *Sertanejando*. In: A Tarde, Salvador, 11 ago 1995B. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *Antropófagos em Chorrochó*. In: A Tarde, Salvador, 18 ago 1995C. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *Nonagenários*. In: A Tarde, Salvador, 6 out 1995D. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *O meteorito e a bicicleta*. In: A Tarde, Salvador, 20 out 1995E. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *Rio sem nascente*. In: A Tarde, Salvador, 27 out 1995F. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *O treme-terra: Moreira César - a república e Canudos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995G. 404p.
- FONTES, Oleone Coelho. *Canudos: há 100 anos começava a guerra em Uauá*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 16 nov 1996A. p.2-4.
- FONTES, Oleone Coelho. *A Universidade de Canudos*. In: A Tarde, Salvador, 2 dez 1996B. Reportagem. p.20.
- FONTES, Oleone Coelho. *A retirada de Febrônio: há um século o Conselheiro derrotava a segunda expedição*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 18 jan 1997A. p.2-3.
- FONTES, Oleone Coelho. *Canudos deu samba há cem anos, Salvador e Rio de Janeiro promoviam um dos carnavais mais animados do Brasil. Na Guerra de Canudos, a inspiração para a galhofa*. In: A Tarde, Salvador, 5 fev 1997B. Caderno 2 (cultura). p.7.
- FONTES, Oleone Coelho. *Canudos : terceira expedição*. In: A Tarde Cultural. Salvador, 8 mar 1997C. p.6-7.
- FONTES, Oleone Coelho. *Quarta expedição: a ordem de arrasar Canudos*. In: A Tarde Cultural. Salvador, 26 abr 1997D. p.9-10.
- FONTES, Oleone Coelho. *Mestre Ataliba*. In: A Tarde, Salvador, 27 jun 1997E. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *Perigos que caem do céu*. In: A Tarde, Salvador, 1 ago 1997F. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *No rastro de Febrônio*. In: A Tarde, Salvador, 8 ago 1997G. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *O coronel Moreira César e a Revolução Federalista em Santa Catarina*. In: Revista Canudos, Salvador, vol. 2, nº2, p.44-55, out 1997H.
- FONTES, Oleone Coelho. *O "Fogo de Uauá": estopim da Guerra de Canudos*. In: Revista do Exército Brasileiro, Rio de Janeiro, vol. 134, p.35-38, 2º trimestre 1997I.

- FONTES, Oleone Coelho. *Guerra de Canudos em quatro atos*. Salvador: BDA ed, 1997J. 148p.
- FONTES, Oleone Coelho. *A Guerra de Canudos em Paris*. In: *A Tarde*, Salvador, 9 jan 1998A. Ultraleve.
- FONTES, Oleone Coelho. *Verbo em chamas*. In: *A Tarde Cultural*. Salvador, 10 out 1998B. p.4.
- FONTES, Oleone Coelho. *Centenário de uma igreja fundada por Antônio Conselheiro*. In: *A Tarde*, Salvador, s/d.
- FORTES, Leandro. *Sertão vira deserto, em vez de mar*. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jun 1997. O País.
- FERREIRA, Hilmar Ilton Santana. *Belo Monte, ecoeterno*. In: *O Cruzeiro (citado por Barros L. O. C.)*, Rio de Janeiro, 1989.
- FREITAS, Rosemary Silva. *JN, único jornal baiano em Canudos*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 28 nov 1992. Os sertões. p.5-6.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*, 4ª. Expedição. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1977. 510p. (Nota: Tese de livre-docência submetida à USP em junho de 1972).
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Introdução*. In: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 31ª ed., Rio de Janeiro, 1982. p.vii-x.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Canudos, Euclides e nosso primeiro Reitor*. In: *Revista USP - Dossiê Canudos*, São Paulo, nº20, p.54-59, dez/jan/fev 1993-1994.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *O caráter polifônico de uma narrativa de guerra*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out 1997. Caderno 2. p.D2.
- GAMA, Raimundo. *Recortes de Canudos*. Salvador: BDA Ed., 1997. 539p.
- GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. *Aspectos econômicos do episódio de Canudos*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1977. nº81. 30p.
- GARCIA, Manoel Funchal. *Do litoral ao sertão: viagens pelo interior do Brasil inclusive na região de Canudos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editôra, 1965. vol. 38. 370p.
- GASPARI, Elio. *Os jagunços de Canudos estão ameaçando o real*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan 1998. Brasil. p.14.
- GAUDENZI, T. *Memorial de Canudos - The Canudos memorial* (edição bilíngüe) (iconografia). Prefácio: Renato Ferraz. Introdução: José Calasans. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Bahiatursa, 1993. 253p.
- GAUDENZI, T. *Canudos rediviva*. (catálogo da exposição dos desenhos e pinturas Canudos rediviva, Museu da República – RJ. Apresentação: Renato Ferraz, apreciação sobre o autor: José Calasans, Manoel Neto, Juarez Paraíso, Calasans Neto e Vinicius de Moraes). Salvador: Bahiatursa/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. 40p.
- GAZETA DO RIO PARDO. *Canudos*. In: *Gazeta do Rio Pardo*, Rio Pardo, 9 ago 1996. Semana Euclidiana. p.S12-S13.
- GEREBA. *Gereba canta Canudos* (show musical). Salvador: Governo da Bahia e Secretaria de Cultura e Turismo, 1997.

- GUEDES, Edmundo. *O novo Antonio Conselheiro e outros contos*. Salvador: Bureal Gráfica e Editora, 1997. 195p.
- GUERRA, Sérgio Armando Dinis. *O sonho da Canaã nordestina*. In: *A Tarde Cultural (Canudos lugar da tragédia e também da utopia)*. Salvador, 26 junho 1993, p.4-5.
- GUILHERME, Ricardo. *José Dumont em O Conselheiro e Canudos* (drama). Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, s/d. 78p.
- GUTIÉRREZ, Angela. *Canudos na ficção*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 4 out 1997. p.4-5.
- HENRIQUE, Luís. *Homenagem ao mestre Calazans*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 7 nov 1992. p.5.
- HOLANDA, Firmino. *Nos tempos do caldeirão*. In: *Canudos: Cadernos do CEAS*, Salvador, p.99-117, 1997.
- HOLLANDA, Eduardo e DUSEK, André (fotos). *Massacre histórico: a superprodução "A Guerra de Canudos"*, de Sérgio Rezende, revive o mais sangrento conflito armado do Brasil. In: *Isto É*, São Paulo. Artes & Espetáculos. p.114-7.
- HOORNAERT, Eduardo. *Escritor reduz o movimento a religião: Euclides da Cunha trata o movimento popular de Canudos como fanático-religioso, um movimento em que a ciência ignorava a religião*. In: *A Crítica*, Manaus, 21 set 1997A. Especial. p.C7.
- HOORNAERT, Eduardo. *O sonho dos espaços sagrados*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set 1997B. Mais!. p.6.
- HOORNAERT, Eduardo. *Antônio Conselheiro, um santo brasileiro?* In: *Diário do Nordeste*, Fortaleza (CE), 5 out 1997C. Ano xvi, nº5600, Canudos. p.2.
- HOORNAERT, Eduardo. *Os anjos de Canudos: uma revisão histórica*. Petrópolis: Vozes, 1997D. 148p.
- HORÁCIO, Alexandre. *Canudos, a guerra da incompreensão*. In: *Jornal de casa*, Belo Horizonte, 28 set a 4 out 1997. Cinema. p.10.
- INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS. *Canudos: uma história de luta e resistência*. Paulo Afonso (BA): Editora Fonte Viva, s/d. 4v, vol.1 (Coleção Centenário).
- JAKOBSKIND, Mário Augusto. *Canudos, a revolução esquecida*. s/l: s/e, s/d. p6-7.
- JANSEM, Roberta. *Wilker quer recuperar o mistério de Conselheiro: ator afirma que vai interpretar o líder de Canudos como um "personagem sinfônico"*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jun 1996. Caderno 2 (cinema). p.D5.
- JORNAL DO BRASIL. *Uma viagem a Canudos de Antônio Conselheiro*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 abr 1996. Programa (exposições). p.32.
- JUNIOR, Antenor. *A saga de Antônio Conselheiro*. In: *A Tarde*, Salvador, 10 nov 1997. Geral. p.3.
- JUNIOR, Antenor. *Turistas já chegam ao alto sertão da Bahia*. In : *A Tarde*, Salvador, 11 fev 1998A. Turismo. p.6.
- JUNIOR, Antenor. *A "matadeira", atração de Monte Santo*. In : *A Tarde*, Salvador, 11 fev 1998B. Turismo. p.7.

- JUNIOR, Waldomiro. *A guerra que até o campo de batalha esqueceu*: Josefa virou professor em Canudos, nada sabe e nada ensina aos seus alunos: 'Ninguém se interessa muito por isso aqui', diz. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 set 1997. O País. p.12.
- JURGENS, Paul. *Canudos revisitada*. In: *Veja Rio*. São Paulo, 1 jun 1994, p.36.
- LADEIRA, Cadu. *Guerra de Canudos ... e o sertão virou um mar de sangue*. In: *Superinteressante*, São Paulo, Ano 7, nº11, p.56-63, nov 1993.
- LEAL, Júlio César. *Antônio Maciel - O Conselheiro*. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21, 22, 26 de fev e 1, 3, 4, 7, 10 de mar 1897.
- LEAL, Júlio César. *Antônio Maciel - O Conselheiro* (drama-4 atos). s/l: s/e, s/d. 51p.
- LEONELI, Domingos. *A elite dominante que massacrou Canudos, continua a massacrar o povo da Bahia*. Brasília (DF): Publicação do Gabinete do Deputado Domingos Leoneli, 23 nov 1997. 8p.
- LEVINE, Roberto M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos*. Trad.: Monica Dantas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 392p.
- LIMA, Jorge Pereira et al (org.). *Antônio Conselheiro e a tragédia de Canudos*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- LIMA, Lamartine. *Na trilha da sangueira*. In: *A Tarde*, Salvador, 20 jul 1996. p.10.
- LIMA, Luciano Rodrigues. *Canudos, o tema literário*. In: *A Tarde*, Salvador, 16 nov 1996. Cultural. p.9-10.
- LIMA, Marlyana. *Canudos*. In: *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 5 out 1997. ano xvi, nº5600. p.1-4.
- LIMA, Tatiana. *Sila: a comadre de Virgulino*. In: *A Tarde*, Salvador, 23 nov 1996. Cultural. p.5.
- LIMA, Tatiana. *Como se faz um cânone*. In: *A Tarde*, Salvador, 16 mai 1998. Cultural. p.6.
- LINHARES, Maria Yedda et al (Org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1990. 303p.
- LLOSA, Mario Vargas. *Antônio Conselheiro*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 set 1979. caderno B. p.10.
- LLOSA, Mario Vargas. *A guerra do fim do mundo: a saga de Antônio Conselheiro na maior aventura literária do nosso tempo*. 6ª ed. Trad.: Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed., 1982. 553p.
- LOBO, Clodoaldo. *Sopro renovador*. In: *A Tarde*, Salvador, 3 mai 1994. Caderno 2. p.3.
- LOBO, Edu, CACASO. *Canudos* (musicografia). In: *"A música de Edu Lobo"*, Rio de Janeiro: Phonogram, 1978. Lado 2, faixa 7.
- LOBO, José de Figueiredo. *Contrastes na beleza de Canudos*. In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, 1961-1967. Ano 83, p.49-65.
- LOBO, Júlio César. *Vencidos*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 26 jun 1993. p.12.
- LOPES, Paula. *Guerra de Canudos: 100 anos de história*. In: *Acontece - espaço livre*, Rio de Janeiro, ano 2, nº9, p.14-17, 1997.
- MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1964. 169p.

- MACEDO, Nertan. *Antonio Conselheiro: a morte em vida do beato de Canudos*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editôra, 1969. 181p.
- MACIEL, Pedro. *O beato Antônio Conselheiro*. In: *Estado de Minas*, Minas Gerais, 14 abr 1996. p.7.
- MADDEN, Hori. "The discourses on the Canudos war: ideologies and theoric". Florida: University of Florida, 1990.
- MAGALHÃES-RUETHER, Graça. 'Os Sertões vende bem. na Alemanha'. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 set 1997. O País. p.12.
- MALINA, Miriam, YBARRA, Chico. *Canudos: o apocalipse de Antônio Conselheiro*. In: *Manchete*, Rio de Janeiro, p.38-51, 25 nov 1989.
- MALVASIO, Luiz Sebastião (major PM-SP). *Resumo histórico da Polícia Militar*. São Paulo: PM-SP, 1972. p.46-48.
- MARCHAL, Lucien. *The sage of Canudos*. Trad.: Charles Duff. London: J. M. Dent & Sons LTD., 1954. ix+406p.
- MARCONDES, Ayrton. *Canudos: as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano*. São Paulo: Círculo do Livro e Editora Best Seller (uma divisão), 1997. 319p.
- MARIGO, Luiz Cláudio. *Sertões* (iconografia). s/l: Nestlé, s/d.
- MARINHO, Teresinha. *Nota explicativa*. In: *CUNHA, Euclides da. Os Sertões*. 31ª ed. Rio de Janeiro: s/e, 1982. p.xi-xvii.
- MARINS, Francisco. *A aldeia sagrada*. São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- MARINS, Francisco. *A Guerra de Canudos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990. 32p.
- MARIS, Celso. *Ibiapina: um apóstolo do Nordeste* (fac-símile da edição de 1942). João Pessoa (PB): Editora Universitária (UEPB) e Conselho Estadual de Cultura, 1997. ix+322p.
- MARQUES, Nonato. *As caatingas na Guerra de Canudos*. In: *A Tarde*, Salvador, 26 jun 1997. Rural. p.5.
- MARTINS, Gumercindo. *Canudos: Juntando cacós*.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *A estratégia organizacional de Canudos* (notas da palestra realizada para o Programa de Estudos Estratégicos da FGV/EBAP). Rio de Janeiro, 13 de abril de 1989.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Canudos: uma história de Antônio*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 8 abr 1995. p.2-4.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Cinquenta Antônio e uma tragédia: Canudos*. In: *Revista do Exército Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. 133, p.21-29, segundo trimestre de 1996A.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Canudos: a epopéia dos sertões*. Rio de Janeiro: 13 mai 1996B.

- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Canudos: Perdão!* (álbum e mostra fotográfica), ago 1996C:
 Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo (SP), 9-15 ago 1996.
 Casa de Euclides da Cunha, Cantagalo (RJ), 7 set 1996.
 Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 16-25 set 1997.
 Museu da Polícia Militar do Amazonas, Manaus (AM), set/nov 1997.
 Prefeitura Municipal de Quixeramobim/Movimento Cultural Antônio Conselheiro, Quixeramobim (CE), 27 set 1997.
 Museu do Homem do Norte/Fundação Joaquim Nabuco, Manaus (AM), nov/dez 1997.
 FGV/EBAP, Rio de Janeiro (RJ), 6-17 abr 1998.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Canudos: 100 anos* [homepage na Internet – editor]. Endereço eletrônico: <http://www.ax.apc.org/~eraldojunior/hp13.htm>, Alternex, Rio de Janeiro, ago 1996D.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Canudos: 1893/1897 - um sonho de liberdade*. In: *Canudos: 100 anos* [homepage]. Endereço eletrônico: <http://www.ax.apc.org/~eraldojunior/hp13.htm>, ago 1996E.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Cinquenta Antônio e uma tragédia: Canudos*. In: *Canudos: 100 anos* [homepage]. Endereço eletrônico: <http://www.ax.apc.org/~eraldojunior/hp13.htm>, set 1996F.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Canudos: o sertão em chamas* (ilustrado com fotos do autor). In: *Revista Ciência Hoje das Crianças*, Rio de Janeiro, ano 10, n°67, p.20-3, mar 1997A.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Flávio de Barros e Sebastião Salgado: a tragédia dos sem-cidadania 100 anos depois*. In: *Canudos 100 anos* [homepage]. Endereço eletrônico: <http://www.ax.apc.org/~eraldojunior/hp13.htm>, abr 1997B.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *A Amazônia e a historiografia de Canudos* (notas da palestra ministrada para o Instituto de Educação do Estado do Amazonas). Manaus, 21 ago 1997C.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *A Amazônia na campanha de Canudos*. In: *Nosso Pará (Edição Especial - O Pará na Guerra de Canudos)*, Belém, p.4-11, out 1997D.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *A Amazônia na campanha de Canudos*. In: *Revista Canudos (100 anos de Canudos)*, Salvador, Vol. 2, n°2, p.33-43, out 1997E.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *O rei dos jagunços e a historiografia de Canudos*. In: BENÍCIO, Manoel. *O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio e Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997F, p.xi-xvii.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Belo Monte: a construção do sonho* (o trabalho na comunidade de Antônio Conselheiro). In: *Cadernos EBAP*, Rio de Janeiro, n°91, p.1-10, mar 1998.
- MASCARENHAS, Dailton. *Canudos: a tragédia brasileira (I)*. In: *Tribuna da Bahia*, Salvador, 8 out 1987. Variedades. p.1.
- MASCARENHAS, Maria Lúcia. *"Toda nação em Canudos" - 1893-1897: índios em Canudos (memória e tradição oral da participação dos kiriri e kaimbes na Guerra de Canudos)*. In: *Revista Canudos*, Salvador, vol. 2, n°2, p.68-84, out 1997A.
- MASCARENHAS, Maria Lúcia F. *Rio de sangue e ribanceira de corpos*. In: *Canudos: Cadernos do CEAS*, Salvador, p.59-72, 1997B.
- MASSOTE, Fernando. *Por que Canudos?* In: *Gazeta do Rio Pardo*, Rio Pardo, 5 ago 1995. Semana Euclidiana. p.S7.

- MASSOTE, Fernando. *Por que Canudos?* In: Revista Canudos, Salvador, vol. 2, nº2, p.130-139, out 1997.
- MATTOS, Florisvaldo. *Canudos*. In: A Tarde Cultural, Salvador, nº40, 6 out 1990.
- MATTOS, Florisvaldo. *Via-Crúcis no sertão: os passos da tragédia de Canudos em 350 desenhos*. In: A Tarde Cultural, Salvador, p.6-7, 5 out 1991.
- MEDEIROS, Jotabê. *Começam filmagens da saga de Canudos*: Filme de Sérgio Rezende orçado em R\$ 6,2 milhões vai utilizar 10.000 figurantes em Juazeiro. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 jun 1996A. Caderno 2 – Cinema. p.D5.
- MEDEIROS, Jotabê. *Questão da autoridade motivou a guerra*. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 4 ago 1996B. Caderno 2. p.D5.
- MEDEIROS, Jotabê. *Produção causa polêmica e muita expectativa*. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 4 ago 1996C. Caderno 2. p.D3.
- MEDEIROS, Jotabê. *Questão da autoridade motivou a guerra*. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 4 ago 1996D. Caderno 2. p.D2.
- MEDEIROS, Jotabê. *Saga de Canudos ressurge da fé e das cinzas: a história do maior conflito civil do interior do país está sendo reescrita*. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 4 ago 1996E. Caderno 2. p.D1.
- MEDEIROS, Jotabê. *Saga de Canudos ressurge da fé e das cinzas: a história do maior conflito civil do interior do país está sendo reescrita*. In: Gazeta do Rio Pardo, Rio Pardo, 9 ago 1996F. Variedades. p.C1.
- MEDEIROS, Jotabê. *Massacre de Canudos faz cem anos hoje - maior conflito civil brasileiro começou na cidade de Uauá, no sertão baiano, em 21 de novembro de 1896, e terminou um ano depois, com mais de dez mil mortos e uma cidade completamente destruída*. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 21 nov 1996G. Caderno 2. p.D4-D5.
- MEDEIROS, Jotabê. *Arqueólogos procuram conselheiro*.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Conselheiro deve ser visto como patriarca sertanejo*. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 5 out 1997. Caderno 2. p.D2.
- MEIRELES, Adalberto (texto), CARNEIRO, Rejane (fotos). *Arriba, sertão!* In: A Tarde, Salvador, 17 jul 1996. Caderno 2. p.1.
- MELLO, Dante de. *A verdade sobre "Os Sertões"* (Análise reivindicatória da campanha de Canudos). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1958.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *A guerra total de Canudos: Canudos 1897*. Manaus: Fundação Joaquim Nabuco, ago 1997A.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Baionetas do fim do mundo: guerra foi uma amostra das estratégias militares da época, em oposição à imemorial tática de guerrilha usada pelos jagunços*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 set 1997B. Mais! p.7.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Equipamentos e armas dos militares eram modernos: a guerra foi uma mostra de estratégias militares da época contra a guerrilha de "jagunços"*. In: A Crítica, Manaus, 21 set 1997C. Especial. p.C8.
- MELLO, Oliveira. *"Os jagunços", novela sertaneja*. In: Estado de Minas, Belo Horizonte, 3 out 1998. Pensar. p.4.

- MELLO, Roberto Homem de. *Canudos uma tragédia brasileira*: a um século, após sofrer três incríveis derrotas, o exército destruía o arraial de Antônio Conselheiro. In: Problemas Brasileiros: Canudos cem anos de uma tragédia, São Paulo, nº319. s/d. p.4-15.
- MELO, Edilberto de Oliveira (cel. PM-SP). *O santo na Amazônia e outras narrativas*. São Paulo: PM-SP, 1979. p.58-61.
- MELO, Edilberto de Oliveira (cel. PM-SP). *Marcos históricos da milícia bandeirante*: sesquicentenário da Polícia Militar 1831-1981. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982. p.34-39.
- MENDES, Bartolomeu de Jesus. *O padre e o Conselheiro* (Juazeiro do Norte e Canudos). Salvador: s/e, 1991.
- MENDONÇA, Otávio. *A saga de Canudos*. In: O Liberal - história e literatura, Belém, 7 out 1997.
- MENDONÇA, Roberto (T. Coronel). *Digesto 1837-1990*. Manaus: Imprensa Oficial, 1993. 216p.
- MENDONÇA, Roberto. *Canudos: retomando o tema secular*. In: Revista do Exército Brasileiro, Rio de Janeiro, vol. 132, p.96-99, 1º trimestre 95.
- MENDONÇA, Roberto. *Cândido Mariano & Canudos*. Manaus: s/e, 1997. 174 p. ("boneca" do livro cedido pelo autor).
- MENEZES, E. Diatahy B. de, ARRUDA, João. *Canudos: as falas e os olhares*. Fortaleza: Edições UFC, 1995. 166p.
- MINC/PRÓ-MEMÓRIA VÍDEO. *Os caminhos de Antônio Conselheiro* (Vídeo - 20 min). 1987.
- MINISTÉRIO DO EXERCITO et al. *Canudos: campanha militar* (TV expedição)(iconografia). s/l: EGGCF, 1997. 61p.
- MOLINA, Miriam. *Canudos: o apocalipse de Antônio Conselheiro*. In: Manchete, Rio de Janeiro, p.38-51, 25 nov 1989.
- MONIZ, Edmundo. *Canudos: a guerra social*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1978.
- MONIZ, Edmundo. *A guerra social de Canudos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- MONIZ, Edmundo. *Canudos: a luta pela terra: a guerra de Canudos*. São Paulo: Editora Parma, 1981. 91p.
- MONIZ, Edmundo. *Canudos: a guerra social*. 2ª ed. corrigida e aumentada. Rio de Janeiro: Elo Editora e Distribuidora, 1987.
- MONIZ, Edmundo. *Canudos: a luta pela terra*. 6ª ed. São Paulo: Global Ed. e Distribuidora, 1988.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do contestado*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.
- MONTEIRO, Salvador, KAZ, Leonel. *Caatinga: sertão sertanejos*. (iconografia). Rio de Janeiro: Edições Alumbamento, 1994/1995. 255p.
- MONTENEGRO, Abelardo F. *Antônio Conselheiro*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1954. 69p.
- MONTENEGRO, Abelardo. *História do fanatismo religioso no Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1959.

- MONTENEGRO, Abelardo. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Henriqueta Galvão, 1973.
- MONTENEGRO, Abelardo F (editor). *Canudos: lugar da tragédia e também da utopia*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 26 jun 1993.
- MORAES REGO, Orlando L. M. de. *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1943.
- MORAES REGO, Orlando L. M. de. "A brigada policial do Pará na campanha de Canudos". Belém: s/e, 1965. 27p.
- MORAES REGO, Orlando L. M. de. "História da milícia paraense na campanha de Canudos". Belém: s/e, 1967. 75p.
- MORAES REGO, Orlando L. M. de. *Retrospectiva histórica da Polícia Militar do Estado do Pará 1822-1930*. Belém: Gráfica Falangola Editora Ltda., 1981. 181p.
- MORAES, Roberto (edição de imagens). *Canudos: uma história sem fim* (filme em vídeo). São Paulo: TV Cultura, 1997.
- MORAES, Walfrido. "Jagunços e heróis: a civilização do diamante nas lavras da Bahia". 2ª edição ampliada. Bahia: Edições GRD, 1973.
- MOREIRA, Eidorfe. *Episódios de Canudos*. In: Conselho Estadual de Cultura do Pará / Secretaria de Estado de Educação. Obras reunidas de Eidorfe Moreira. Belém: Cejup, 1989, vol. VIII, p.309-336.
- MOREL, Mário. *Um beato contra o exército*. In: Revista Nacional, s/l, nº182,s/d
- MOTTA, Paulo. *A outra Canudos: em caldeirão, no Ceará, 700 pessoas foram mortas pelo Exército em 1937, acusadas de comunismo e fanatismo*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 fev 1998. Mais!. p.5.
- MOVIMENTO HISTÓRICO DE CANUDOS. *Noventa anos depois... Canudos de novo*. Salvador: EMQ Gráfica e Editora, 1986. 58p.
- MOVIMENTO POPULAR E HISTÓRICO DE CANUDOS. *Carta aberta do Movimento Popular e Histórico de Canudos*. Salvador: Casa de Canudos, jan 1994.
- MST. *Discurso da coordenação nacional do MST no recebimento de um prêmio, no dia 19 de março de 1997, em evento em Bruxelas*. Bruxelas: xerografado, mar 1997.
- MUSEU DA REBÚBLICA. *Canudos: imagens da guerra (iconografia)*. Textos de Cícero Antônio F. de Almeida e fotos de Flávio de Barros. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. e Museu da República, 1997. 180p.
- NASCIMENTO, Manoel Inácio do. *Canudos e Antônio Conselheiro: fundação, massacre e centenário*. Quixeramobim: Comissão Pró Centro de Cultura Proletária, 1997. 31p.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira, CONSORTE, Josildeth Gomes. *O messianismo no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FFCH/USP CER, 1984. 428p.
- NETO, Angelo Soares. *Conheça Canudos*. In: A Tarde, Salvador, 1 ago 1995. Municípios. p.6.
- NETO, José Augusto Vaz Sampaio et al (org.). *Canudos: subsídios para sua reavaliação histórica*. Apresentação: Francisco de Assis Barbosa. Introdução: Jerusa Gonçalves de Araújo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Monteiro Aranha S.A., 1986. xix+548p.

- NETO, Manoel Antônio dos Santos. *Sertão/sertões - Canudos: lição em salas mal-iluminadas*. In: A Tarde Cultural. Salvador, 5 out 1991, p.12.
- NETO, Manoel. *Canudos na boca do povo*. In: Revista Canudos, Salvador, vol. 2, nº2, p.56-67, out 1997A.
- NETO, Manoel. *Canudos: tempo de pensar, tempo de contar*. In: Canudos: Cadernos do CEAS, Salvador, p.163-170, 1997B.
- NETO, Ricardo Bonalume. *A resistência*. In: Folha de S. Paulo - Ciências, São Paulo, 22 jun 1997A. p.15.
- NETO, Ricardo Bonalume. *Canudos vira parque: palco de combate entre Antônio Conselheiro e seus jagunços e o Exército agora é administrado pela Universidade do Estado da Bahia*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 jun 1997B. Folha Mais! Ciência. p.16.
- NETO, Ricardo Bonalume. *O espelho do Brasil: historiadores, teólogos e marxistas tentam desvendar o fenômeno Canudos até hoje*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 jun 1997C. Ciências. p.15.
- NOBREGA, José Dionísio. *O padre e o coronel: maquinacões no Cumbe*. In: A Tarde Cultural. Salvador, 8 mar 1997. p.8.
- NOBREGA, José Dionísio. *A questão de terra em Canudos*. In: A Tarde Cultural, Salvador, 16 mai 1998. p.4-5.
- NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.
- NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica. 2ª ed. acrescida de cartas e apêndice sobre a economia na vida dos canudenses*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978.
- NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica. 3ª ed.* São Paulo: Atlas, 1997. 217p.
- OLAVO, Antonio. *Memórias fotográficas de Canudos (iconografia)*. Bahia: Coselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1989.
- OLAVO, Antônio. *Paixão e guerra no sertão de Canudos*. (Filme documentário em vídeo - 78 min). Salvador: Portfolium, 1993A.
- OLAVO, Antônio. *Relatos fortes e serenos (documentário)*. In: A Tarde Cultural (Canudos lugar de tragédia e também da utopia). Salvador, 26 jun 1993B, p.3.
- OLAVO, Antônio. *Paixão e guerra no sertão de Canudos (filme documentário em vídeo)*. Salvador: Portfolium, 1993C.
- OLAVO, Antonio. *A história de Canudos. (site na Internet)*. Salvador: Portfolium, 1999.
- OLIVEIRA, Antônio Carlos. *Sermões estavam em uma caixa de madeira*. In: A Crítica, Manaus, 21 set 1997. Especial. p.C6.
- OLIVEIRA, Enoque (Pe.). *Conselheiro do sertão: entre prédicas e conselhos - líder camponês*. Salvador: s/e, 1997A. 52p.
- OLIVEIRA, Enoque (Pe.). *Deixe-me viver (musicografia)*. In: PAES, Fábio. Canudos e cantos do Sertão. Bahia: Portfolium, 1997B. Faixa 2.
- OLIVEIRA, Lourival Gonçalves de. *Canudos: um erro judicial*. In: O Estado de Minas. Belo Horizonte, s/d.

- OLIVEIRA, Ruy Bruno Bacelar de. *Canudos: o assassinato da liberdade*. Bahia: Editora Engeo, 1992. 207p.
- OLIVEIRAA, Frei Hermínio Bezerra de. *A luta do povo de Canudos*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 16 nov 1996. p.6-8.
- OLIVIERI, Antonio Carlos. *Canudos: guerras e revoluções brasileiras*. São Paulo: Editora Ática, 1994. 40p.
- OLIVIERI, Antonio Carlos. *Sermões numa caixa de madeira*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set 1997. Mais!, p.5.
- ORICCHIO, Luiz Zanin. *Obra joga luz sobre o maior genocídio do País*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out 1997. Caderno 2. p.D4.
- OTAVIO, Chico. *Exército reconheça o massacre*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago 1996. p.D3.
- OTAVIO, Chico. *Militares hoje reconhecem os equívocos de Canudos: presidente da Academia de História Militar Terrestre avalia: 'Os soldados foram lá combater uma coisas que não existia'* In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 set 1997. O País. p.10.
- OTTEN, Alexandre H., SVD. *"Só Deus é grande": a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*. Apresentação de Oscar de Figueiredo Lustrosa, O. P. São Paulo: Ed. Loyola, 1990. (Nota: Tese de doutoramento submetida à Universidade Gregoriana, Roma, 1987). 299p.
- PAES, Fábio, OLIVEIRA, Enoque (Pe.). *Salve Canudos* (musicografia). In: PAES, Fábio. *América neblina*, Salvador: Poligram, 1991. Lado 2, Faixa 2.
- PAES, Fábio, SANTO, Raimundo Monte. *Andanças de Conselheiro* (musicografia). In: *PAES, Fábio. Canudos e cantos do sertão*. Bahia: Portfolium, 1997A. Faixa 3.
- PAES, Fábio. *Canto da terra* (musicografia). In: PAES, Fábio. *Canudos e cantos do sertão*. Bahia: Portfolium, 1997B. Faixa 11.
- PAES, Fábio, OLIVEIRA, Enoque (Pe.). *Salve Canudos* (musicografia). In: PAES, Fábio. *Canudos e cantos do sertão*. Bahia: Portfolium, 1997C. Faixa 4.
- PAIVA, Anabela. *Conselheiro ainda menino*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set 1997. Caderno B. p.7.
- PAIVA, Daniela. *Moreira César: de corta-cabeças a anti-herói*. In: *A Tarde Cultural*. Salvador, 23 nov 1996. p.2.
- PALÁCIOS, Maria. *O sábio do fim-do-mundo* (entrevista a José Calasans). In *A Tarde Cultural*. Salvador, 26 jun 1993, p.6.
- PALMEIRA, J. da Costa. *A campanha do Conselheiro*. Rio de Janeiro: Calvino Filho Editor, 1934.
- PARLIM. *A Guerra de Canudos em quadrinhos*. Juazeiro (BA): Traço Studio, 1993.
- PASSARINHO, Jarbas G. (major). *A minha experiência de campanha* (fala à revista o brigadeiro Villela Junior, sobrevivente de Canudos). In: *Revista do Clube Militar*, nº137, p.119-22, mai/jun 1955.
- PAULA, Edeor. *Os sertões* (musicografia). In: *Sambas de enredo das escolas de samba do grupo 1*, Rio de Janeiro: Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ), 1976.
- PAULA, Sergio Goes de. *Canudos: um relato de viagem*. In: *Estudos de história e saúde*, Rio de Janeiro, nº5, p.1-19, 5 jan 1993.

- PEDREIRA, Pedro Thomas, ROCHA, Rubens. "O Monte Santo de frei Apolonio". Salvador: EMTUR/SUDENE, 1983.
- PILETTI, Nelson. *História do Brasil: da Pré-História do Brasil à nova República*. 9ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1989. 240p.
- PINHEIRO, José Carlos da Costa. 1893-1897-O arraial de Belo Monte. In: A Tarde Cultural (Canudos lugar da tragédia e também da utopia), Salvador, p.5, 26 jun 1993.
- PINHEIRO, José Carlos da Costa. Rede de intrigas: falas incendiárias. In: Revista Canudos, Salvador, vol. 2, nº2, p.149-159, out 1997.
- PINHO, Patrícia de Santana. Canudos no imaginário popular. In: A Tarde Cultural (Canudos lugar da tragédia e também da utopia). Salvador, 26 jun 1993, p.4.
- PINHO, Patrícia. 1993- O centenário da fundação de Canudos e suas influências sobre o imaginário popular. In: Revista Canudos, Salvador, vol. 2, nº2, p.123-124, out 1997.
- PINTO, Luiz Fernando. Psicose de messias. In: A Tarde Cultural. Salvador, 5 out 1991, p.4-5.
- PINTO, Luiz Fernando. A personalidade carismática de Antonio Conselheiro - aspectos psicanalíticos. In: Revista da FAEEDBA, Salvador, ano II, nº especial, jan/jun 1993A, p.21-48.
- PINTO, Luiz Fernando. Bom Jesus Conselheiro - fracassos que Freud também explica. In: A Tarde Cultural (Canudos lugar da tragédia e também da utopia) - Bom Jesus Conselheiro. Salvador, 26 jun 1993B. p.7-8.
- PONCIO, Denise dos Santos. Canudos: uma construção oligárquica. In: Canudos: Cadernos do CEAS, Salvador, p.47-53, 1997.
- PONTES, Ipojuca. *Canudos* (versão em videocassete do filme do mesmo nome - 70 min). São Paulo: CICVÍDEO, 1978.
- PRADO, Eduardo. Contra a República. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 nov 1996. Idéias. p.5.
- PROENÇA, Raimundo. A Polícia paraense na Guerra Civil de Canudos. In: PROENÇA, Raimundo. "Pontos de História do Pará". Belém: Papelaria Americana Ed., 1937. p.102-110.
- PROFETA, Oswaldo. *Canudos: libelo de um massacre*. São Paulo: Editora Presbiteriana, 1990. 294p.
- QUADROS, Vasconcelos. Símbolo para os sem-terra. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 jan 1997. Caderno B. p.1.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. D. Sebastião no Brasil, o imaginário em movimentos messiânicos nacionais. In: Revista USP - Dossiê Canudos, São Paulo, nº20, p.28-41, dez/jan/fev 1993-94.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas. *Messianismo e conflito social (a guerra sertaneja do contestado: 1912-1916)*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1981. vol. 23 (ensaios). 323p.
- QUEIROZ, Suely Robles de. *Os radicais da República: Jacobinismo: ideologia e ação*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. 280p.
- REESINK, Edwin. A tomada do coração da aldeia: a participação dos índios de Massacará na Guerra de Canudos. In: Canudos: Cadernos do CEAS, Salvador, p.73-98, 1997.

- REVISTA DA FAEEDBA. *Centenário de Belo Monte (Canudos 1893-1897)*. Salvador: UNEB, 1992.
- REZENDE, Nilza. *Guerra de Canudos: o filme (iconografia)*. São Paulo: SENAC São Paulo, 1997. 157p.
- REZENDE, Sérgio, LEÃO, Mariza. *Guerra de Canudos (iconografia)*. 1997.
- RIBEIRO, Luiz. *Documentário aborda a Guerra de Canudos*. In: *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 dez 1994A. Segunda seção. p.6.
- RIBEIRO, Luiz. *Morte de Conselheiro é contestada*. In: *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 dez 1994B. Segunda seção. p.6.
- RIBEIRO, Luiz. *Registros oficiais são omissos*. In: *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 dez 1994C. Segunda seção. p.6.
- RIBEIRO, Luiz Dalio, PADRÓS, Enrique Serra. *Theotônio explica a verdadeira "teoria da dependência"*. In: *Folha da História*, Porto Alegre, dez 96/jan 97. nº3, ano 1, Brasil. p.6-8.
- RIBEIRO, Marili. *Os sertões sem a bagagem de seus mitos*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jan 1997. Caderno B. p.1.
- RIOS, Audifax. *ABC do conselheiro*. Fortaleza: Editora Oficina, 1997A.
- RIOS, Audifax. *ABC do conselheiro*. 2ª ed. Fortaleza: Editora Oficina, 1997B.
- ROCHA, João Augusto de Lima. *A criação da Escola Politécnica da Bahia e a Guerra de Canudos*. In: *Revista Canudos*, Salvador, vol. 2, nº2, p.160-165, out 1997.
- ROCHA, Salomão da. *Uma página de heroísmo*. In: *Revista do Exército Brasileiro*, vol. 132, p.110-111, 2º trimestre de 1995.
- ROELOFSE-CAMPBELL, Zélia. 'Enlightened' state versus millenarian vision: violence, and repression of the 'people of God'. In: UNISA CENTRE FOR LATIN AMERICAN STUDIES *Latin American Literature: truth or fiction?*, Pretoria, University of South Africa (UNISA), p.55-62, 1995.
- ROELOFSE-CAMPBELL, Zélia. *The Canudos massacre: reinterpreting history after 100 years*. In: *UNISA Latin American Report – UNISA CENTRE FOR LATIN AMERICAN STUDIES*, Pretoria, vol. 13, nº2, p.35-47, 1997.
- ROLAND, Ana Maria. *Os caminhos de Antônio Conselheiro* (documentário em vídeo). Brasília (DF): Pró-Memória Vídeo, 1987.
- ROSA, Gideon. *Guerra sertaneja: paixão e guerra no sertão de Canudos, um filme apaixonado e esteticamente provocador, será lançado hoje, às 18 horas no auditório da UNEB*. In: *A Tarde*, Salvador, 17 dez 1993. Caderno 2. p.3.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 26ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Canudos chega à Alemanha*. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 set 1995. Ponto crítico. p.3.
- RYFF, Luiz Antônio. 'Jovens proclamam a república': livro questiona a liderança de Deodoro e Benjamin Constant no fim da monarquia. In: *A Folha de S. Paulo*, 13 nov 1995. Brasil. p.1-2.
- SALLES, Ricardo. *Nação e genocídio social: Cem anos de Canudos*. In: *Proposta*, s/l, nº60, p.5-9, mar 1994.

- SAMPAIO, Consuelo Novaes. *Repensando Canudos: o jogo das oligarquias*. In: *Revista da FAEEDBA*, Bahia, ano II, nº especial, p.5-20, jan/jun 1993.
- SAMPAIO, Consuelo Novaes. *Canudos: o jogo das oligarquias*. s/l: s/e, s/d. p.241-257.
- SANDRONI, Cicero. *A atualidade de Canudos segundo um brasilianista italiano*. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 mar 1979.
- SANTIAGO, Néelson Almeida. *Crisópolis (na) enciclopédia dos municípios baianos*. Crisópolis (BA): xerografado, 1994. 8p.
- SANTO, Raimundo Monte, PAES, Fábio. *Andanças de Conselheiro*. In: *Canudos: Cadernos do CEAS*, Salvador, p.55-57, 1997.
- SANTOS, Claude. *As imagens do inferno*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 16 nov 1996. p.4-5.
- SANTOS, Claude. *Cenário de templos em ruínas*. In: *A Crítica*, Manaus, 21 set 1997A. Especial. p.C7.
- SANTOS, Claude. *Templos em ruínas*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set 1997B. Mais!. p.10.
- SANTOS, Claude. *Alto do morro ou alto da favela?* In: *Revista Canudos*, Salvador, vol. 2, nº2, p.166-178, out 1997C.
- SANTOS, Claude. *Arte do diabo, documento do santo*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 4 out 1997D. Caderno 4. p.9-10.
- SANTOS, Eurides de Souza. *A música de Canudos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, Fundação Cultural e EGBA, 1998.
- SANTOS, João Felício dos. *João abade*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974. 250p.
- SANTOS NETO, Manoel Antônio e PINHEIRO, Lina. *Crime sem castigo*. In : *A Tarde Cultural* (Canudos lugar da tragédia e também da utopia). Salvador, 26 jun 1993. p.9-10.
- SARA, J. *Meu folclore, história da guerra de Canudos; Euclides da Cunha*. Bendegó: Museu do Arraial, 1969.
- SARNEY, José. *Canudos : visões e revisões*. In: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1 set 1998. p.A17.
- SCHULZ, John. *O exército na política: origens da intervenção militar, 1850-1894*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994.
- SCHULZ, Maria da Luz Marques. *Antonio Conselheiro: "as fezes do ócio" e a reação da sociedade*. Dissertação de mestrado, PUC-RJ, 1990.
- SENA, Davis Ribeiro de. *A guerra das caatingas*. In: *Revista do Exército Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. 127, nº3, p.7-37, jul/set 1990.
- SENA, Davis Ribeiro de. *A guerra das caatingas*. In: *Revista do Clube Militar*, Rio de Janeiro, nº326, p.43-45, mar/abr 1996A.
- SENA, Davis Ribeiro de. *Monte Santo: lenda e realidade do sertão* (separata da revista IHGB, vol.155, nº384). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, jul/set 1996B. p.601-621.
- SENA, Davis Ribeiro de. *Canudos: ficção e realidade*. In: *Revista Canudos*, Salvador, vol. 2, nº2, p.196-202, out 1997.

- SENA, Davis Ribeiro de. *O vendaval republicano: breve dissertação militar*. In: A Defesa Nacional, s/l, p.59-70, s/d.
- SENA, Davis Ribeiro de. *O apelo emocional da saga canudense*. s/l: s/e, s/d.
- SENA, Davis Ribeiro de. *Canudos: o céu exterminador*. s/l: s/e, s/d. 3p.
- SERÁFICO, José. *Canudos*. In: A Crítica, Manaus, 19 ago 1997.
- SILVA, Alberto Martins da (gen. médico). *Médicos militares mortos em Canudos*. In: Revista da FAEEBA, ano II, nº especial, jan /jun 1993, p.111-116.
- SILVA, Alberto Martins da. *Dr. Cúrio, o cirurgião de Canudos*. s/l: inédito, s/d.
- SILVA, José Paulino da. *Conselheiro educador*. In : A Tarde Cultural (Canudos lugar da tragédia e também da utopia). Salvador, 26 jun 1993, p.9.
- SILVA, José Paulino da. *Breve roteiro para se chegar a Canudos*. In: Canudos: Cadernos do CEAS, Salvador, p.27-34, 1997.
- SIMÃO, Marum. *Quixeramobim: recompondo a história*. Fortaleza: Multigraf Editora, 1996. 432p.
- SOARES NETO, Ângelo. *Conheça Canudos*. In: A Tarde, Salvador, 1 ago 1995. Municípios. p.6.
- SOBREIRA, Azarias (padre). *"Vila Nova e Antônio Conselheiro"*. In: Revista do instituto do Ceará, t. LXII, Ano LXII, p.218-30, 1948.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. *A destruição de Canudos*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 jan 1998. Opinião. p.11.
- SOLA, José Antônio. *Canudos: uma utopia no sertão*. São Paulo: Contexto, 1989. 77p.
- SOUZA, Lícia Soares de. *Canudos e o rei do gado: ecos de intertextualidade*. In: Revista Canudos, Salvador, vol. 2, nº2, p.14-32, out 1997.
- SUCKMAN, Hugo. *Canudos reconstruída: a partir dos relatos de Euclides da Cunha o cineasta Sérgio Rezende reergue a cidade com o barro do Sertão*. In: O Globo, Rio de Janeiro, 16 jun 1996. Segundo Caderno. p.1-2.
- SUCKMAN, Hugo. *Sertões feitos de idéias: cineastas consagram o grande cenário brasileiro*. In: O Globo, Rio de Janeiro, 2 mar 1997. Segundo Caderno. p.1-2.
- TALENTO, Baggio. *Livro acumula estudos sobre Canudos*. In : O Estado de São Paulo, São Paulo, 9 jun 1995. Caderno 2. p.d14.
- TAVARES, Odorico. *Série de reportagens*. In: O Cruzeiro, Rio de Janeiro, out 1947.
- TAVARES, Odorico. *"Bahia: imagens da terra e do povo"*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1951.
- TAVARES, Odorico. *Canudos: cinquenta anos depois (1947)*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura/Academia de Letras da Bahia/Fundação Cultural do Estado, 1993.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. *O legado do Conselheiro: cem anos depois, Canudos é ferida, e um emblema do Brasil*. In: Veja, Rio de Janeiro. Ano 30, nº35. p.64-87, 3 set 1997.
- TV EDUCATIVA - BA/ TRUQ VÍDEO. *República de Canudos* (Vídeo - 45 min). Bahia, s/d.

- UNEB/PMC. "Carta de Canudos". Canudos: s/e, 1992.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB) / CENTRO DE ESTUDOS EUCLIDES DA CUNHA (CEEC). *Caatinga - sertão sertanejos*. Rio de Janeiro: Edições Alumbamento, 1994/1995.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB) / CENTRO DE ESTUDOS EUCLIDES DA CUNHA (CEEC). *Arqueologia histórica de Canudos: estudos preliminares*. Salvador: Editora Portfolium, 1996A. 103p.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA / CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA. *Revista Canudos*. Salvador: UNEB, 1996B. 210p.
- UNIVERSITY OF WISCONSIN PRESS. *Luso-Braslian review (special issue: "The world out of wich Canudos came")*. Wisconsin: Winter, 1993. Vol. 30, nº2.
- VALVERDE, Ricardo. *Na rua Canudos, cem anos da tragédia é fato ignorado: moradores dizem que nome é referência a canudo para beber*. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 out 1997. ano lxxiii, nº23.
- VASCONCELOS, Francisco de. *A guerra de Canudos e a imprensa petropolitana*. Petrópolis: Prisma Comunicações, 1997. 84p.
- VASCONCELOS, Levi. *Canudos quer deixar estigma de "fim do mundo"*. In: *A Tarde*, Salvador, 20 set 1997. Local. p.9.
- VEIGA, Cláudio. *Caim no cenário da morte*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 4 out 1997. Caderno 4. p.7-8.
- VEIGA, José J. *A casca da serpente*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994. 155p.
- VENTURA, Mauro et al. *A fuga para o alto do morro: ocupação desordenada das encostas começou em 1897, quando os pobres cansaram de esperar por alojamentos das autoridades*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 mar 1997A. Cidade. p.29.
- VENTURA, Mauro. *Poucos vestígios do passado: primeira favela do rio, o Morro da Providência nasceu como um acampamento dos soldados que vieram da Guerra de Canudos*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 mar 1997B. Cidade. p.30.
- VENTURA, Roberto. *A nossa vendéia: Canudos, o mito da Revolução Francesa e a formação da identidade cultural no Brasil (1897-1902)*. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº31, 1990.
- VENTURA, Roberto. *Três visões de Canudos*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 nov 1995. Discurso Editorial. p.especial-3.
- VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha e a República*. In: *Revista da Bahia: Guerra de Canudos 100 anos de penitência*, Salvador, nº22, p.32-42, nov 1996.
- VENTURA, Roberto. *A revisão de Canudos*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set 1997. Mais!. p.4.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 277p.
- VENTURA, Zuenir. *De Canudos a Eldorado dos Carajás*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 abr 1996. Caderno B. p.10.
- VERIANO, Pedro. *O cinema vê a Guerra de Canudos*. In: *A província do Pará*, Belém, 5 out 1997. TV Província. p.14.
- VIANA FILHO, Luiz. *"Euclides da Cunha - o episódio de Canudos"*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1978.

- VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o campo em chamas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992. 79p.
- VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Editora Ática, 1995. 278p.
- VILLA, Marco Antonio. *O significado de Canudos*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 16 nov 1996. p.10.
- VILLA, Marco Antonio. *A aurora de Belo Monte: o dinheiro afluía a Canudos, mas não permeava as relações sociais e econômicas, que tinham por base o comunitarismo*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set 1997. Mais!. p.6.
- VILARON, André e BARBOSA, Cinara. *Canudos: a guerra que não acabou*. In: *Manchete*, Rio de Janeiro, p.52, 53 e 56, 16 nov 1996.
- WILKER, José. *Canudos, um cenário*. In: *Revista da Bahia: Guerra de Canudos 100 anos de penitência*, Salvador, nº22, p.8-9, nov 1996.
- ZANETTINI, Paulo. *A voz das coisas*. In: *Problemas Brasileiros - Canudos cem anos de uma tragédia*, São Paulo, nº319, p.13, jan 1997A.
- ZANETTINI, Paulo e GONZALVEZ, Érica M. R. *Arqueologia na caatinga: no Parque de Canudos, pesquisas procuram desvendar aspectos da vida da comunidade destruída a cem anos*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set 1997B. Mais!. p.10.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo et al (org.). *Retomada das pesquisas arqueológicas do Parque Estadual de Canudos - Estado da Bahia*. In: *Revista Canudos*, Salvador, vol. 2, nº2, p.179-195, out 1997C.
- ZANETTINI, Paulo. *Arqueologia da guerra*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 4 out 1997D. Caderno 4. p.12.
- ZILLY, Berthold. *A Guerra do Sertão como "evento de mídia" na Europa de 1897*. In: *Anos 90*, Porto Alegre, nº7, p.59-87, jul 1997.

1.3 - Euclidiana

- ABREU, Modesto. *Estilo e personalidade de Euclides da Cunha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, 1988. 88p.
- ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de "Os Sertões"*. São Paulo: Edart, 1960. 331p.
- ANDRADE, Olímpio de Souza (seleção, introdução e vocabulário). *Os Sertões de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ASSIS, Judith Ribeiro de. *Anna de Assis: história de um trágico amor: Judith Ribeiro de Assis em depoimento a Jeferson de Andrade*. Rio de Janeiro: Editora e Distribuidora Irradiação Cultural, 1990. 295p.
- ATHAYDE, Hélio. *Atualidade de Euclides - vida e obra*. Rio de Janeiro: Presença, 1987. 219p.
- BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos - prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (edusp), 1995. 347p.
- BISILLIAT, Maureen. *Sertões: luz & trevas* (seqüência fotográfica de Maureen Bisilliat sobre textos de Euclides da Cunha). São Paulo: Rhodia, 1982. 157p.

- BRANDÃO, Adelino. *Euclides da Cunha e a questão racial no Brasil: a antropologia de "Os Sertões"*. Rio de Janeiro: Presença edições, 1990. (2 exemplares). 172p.
- BRANDÃO, Adelino. *Canudos: A sociologia d'os Sertões*. Rio de Janeiro: Editora Artium, 1996. 194p.
- BRANDÃO, Adelino. *Palestra do Prof. Adelino Brandão - centenário de canudos*. Manaus, 19-23 ago 1997. 3p (resumo).
- CALASANS, José. "Algumas fontes de Os Sertões". In: *Separata Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, nº6, p.37-44, jul/dez 1971.
- CALASANS, José. *O jaguncinho de Euclides da Cunha*. In: *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, nº7, 1972.
- CAMPOS, Augusto de. *Transertões*. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 nov 1996. Poesia, p.4-6.
- CARELLI, Mário, METAME, Anne Marie. *Hautes terres - la guerre de Canudos*. Trad.: Antoine Seel. Paris: Éditions Métailié, 1993.
- CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. 9ª ed. Porto: Lello e irmão Editores, 1907. 300p (1ª ed.).
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. 2ª ed. Porto: Lello e irmão Editores, 1913. 403p.
- CUNHA, Euclides da. *Los sertones - la tragedia del hombre derrotado por el medio*. Trad.: Benjamin de Garay. Buenos Aires: Claridad, 1942. 460p.
- CUNHA, Euclides da. *Rebellion in the backlands*. Introduction and Notes: Samuel Putnam. Chigago: The University of Chigago Press, 1944. 526p.
- CUNHA, Euclides da. "Markerna Brinna". Trad.: TH. Warurton Stockholm: Wahestrom & Widstrand, 1945.
- CUNHA, Euclides da. "Brasile Ignoto (L'assedio di Canudos)". Trad: Cornelio Bisello. Milano: Sperling & Kuper, 1953.
- CUNHA, Euclides da. "De binnenlanden: optand in Canudos". Trad: M. de Jong. Amsterdam: Wereld blio theek, 1954.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. Introdução, nota editorial, cotejo e estabelecimento do texto pelo Prof. Rolando Morel Pinto. São Paulo: Editora Cultrix, 1975A. 229p.
- CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. Rio de Janeiro: Record, 1975B.
- CUNHA, Euclides da. *Canudos e outros temas*. 3ª edição revista e ampliada. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas: Casa de Pernambuco, 1994. 26p.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões de Euclides da Cunha*. Seleção, introdução e vocabulário de Olímpio de Souza Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. 121p.
- EQUIPE DE ARTICULISTAS. "Os Sertões" ganha tradução alemã: o clássico de Euclides da Cunha será lançado em Frankfurt. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 set 1994. Mais! p.5.
- FIGUEIREDO, Cláudio. "Euclides venerava a ciência". In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 nov 1997. Entrevista. p.6.

- FONTES, Oleone. *Euclides, jornalista e escritor*. In: *A Tarde Cultural - Os Sertões*, Salvador, p.9-10, 28 nov 92.
- GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). *Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora Ática, 1984.
- GAMA, Rinaldo. *Vigor e controvérsia* (ensaio discute uso de fontes sem citação em “Os Sertões”, obra que até hoje instiga os estudiosos). In: *Veja – livros*, Rio de Janeiro, p.144-45, 27 set 1995.
- GARCIA, Guilherme Felice. *Brasil, sonho ou pesadelo?* In: *Gazeta do RioPardo*, 9 ago 1996. Semana Euclidiana. p.S7.
- GERRA, Rodolfo José Del. *Pequeno resumo de uma grande vida: Euclides da Cunha*. In: *Gazeta do Rio Pardo-Leitura*, Rio Pardo, p.C2, 9 ago 1996.
- GIRON, Luís Antônio. *Contestação de um clássico: ensaios refutam eficácia de Euclides da Cunha como historiador e repórter de “Os Sertões”*. In: *Folha de São Paulo – livros*, São Paulo, p.5, 8 out 1995.
- HAAG, Carlos. *Livro reúne inéditos de Euclides da Cunha*. In: *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, ago 1996. p.D4.
- HAAG, Carlos. *Escritor denunciou as misérias nacionais: Euclides da Cunha foi pioneiro na descrição dos intensos contrastes sociais brasileiros*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out 1997. caderno 2. p.D3.
- JORGE, Salomão. *Euclides da Cunha e a guerra do fim do mundo*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 mar 1982. Seção Livre.
- LUTTERBACH, Edmo Rodrigues. *A eternidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1988. 79p.
- LUTTERBACH, Edmo Rodrigues. *Euclides da Cunha: exaltação a um gênio*. São Paulo: inédito, 1994. 29p.
- LUTTERBACH, Edmo Rodrigues. *Euclides, enfim, no chão em que nasceu*. Cantagalo: Editora Dinigraf, 1996. 31p.
- MARCOLINI, Adriana. *Livro de Benício é anterior ao de Euclides*. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out 1997. Caderno 2. p.D4.
- MATTOS, Florisvaldo (editor). *Os Sertões: a régua e o compasso de Euclides (da Cunha) no traço dos 90 anos da epopéia brasileira*. In: *A Tarde Cultural*, Salvador, 28 nov 1992.
- MICHAHELLES, Kristina. *“Os Sertões é um monumento”*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 set 1996. Idéias. p.8.
- MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. *“Os Sertões”: 80 anos de publicação*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, s/d. 48p.
- PEREGRINO, Umberto. *Euclides da Cunha e outros estudos*. Rio de Janeiro: Gráfica Récord Editôra, 1968. 269p.
- PEREGRINO, Umberto. *O exército singular da comunicação na vida e na obra de Euclides da Cunha*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.
- RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL (Brasília), 1883. 363p.
- REALE, Miguel. *Face oculta de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

- RIBEIRO, Marili. *Os Sertões sem a bagagem de seus mitos*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 jan 1997. Caderno B. p.1.
- RODRIGUES, Antonio da Gama. *Euclides da Cunha - engenheiro de obras públicas no estado de São Paulo (1896 - 1904)*. São Paulo: Ed. Alves Motta Sobrinho, 1956. 253p.
- SCHILAFMAN, Léo. *Guerra no Sertão: restrições de acadêmico a Euclides mostram vitalidade de sua obra quase 100 anos após Canudos*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 jan 1996. Idéias/livros. p.4.
- SCHILAFMAN, Léo. *O paraíso perdido de Euclides da Cunha*. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 set 1997. Caderno B. p.2.
- SILVA, Célia Mariana Franchi Fernandes da. *Balão-de-ensaio*. In: Gazeta do Rio Pardo, 9 ago 1996. Semana Euclidiana. p.S6-S7.
- TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992. 280p.
- TOSTES, Joel Bicalho. *Águas de amargura: o drama de Euclides da Cunha e Anna*: Joel Bicalho Tostes em depoimento a Adelino Brandão. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1990. 188p.
- VENTURA, Roberto. *Um artífice da linguagem: Augusto e Haroldo de Campos estudaram a poética de 'Os Sertões', de Euclides*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 17 ago 1997. Livros. p.6.
- VENTURA, Roberto. *O remorso de Euclides: o autor de "Os Sertões" fez de seu relato sobre Canudos uma teoria do Brasil e uma longa expiação de seu silêncio cúmplice*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 set 1997. Mais!. p.8.
- ZILLY, Berthold. *O procurador-geral da História*. In: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 4 ago 1996. P.D4.
- ZILLY, Berthold. *Um depoimento brasileiro para a História Universal: Traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha*. In: Humboldt, Bonn, ano 38, nº72, p.8-16, 1996.
- ZILLY, Berthold. *Euclides da Cunha na Alemanha*. Trad.: Marcus V. Mazzari. In: Estudos Avançados, São Paulo, nº26, p.329-350, 1996.
- ZILLY, Berthold. *O parceiro anônimo de Euclides da Cunha: tradutor de "Os Sertões" comenta livro com 69 fotos de Flávio de Barros sobre a Guerra de Canudos*. In: Gazeta Mercantil, São Paulo, 4 e 5 jul 1998. Cultura. p.3.
- ZILLY, Berthold. *A guerra como painel e espetáculo – a história presentificada em Os Sertões de Euclides da Cunha*. Berlim: inédito, 8 mar 1998. 28p.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

- ABRAHAMSSON, Bengt. *The logic of organizations*. London: Sage Publications, 1993. xviii+166p.
- ABRIC, J.C. *Les représentations sociales: aspects théoriques*. In: J. C. ABRIC (Ed) Pratiques sociales et représentations. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. p.11-35.
- ADAMS, Scott. *O princípio Dilbert*. Trad.: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 336p.
- ADDISON, Michael E. *Fundamentos de organização e métodos*. Trad.: Eduardo de Almeida. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. 245p.

- AKTOUF, Osmar. *A administração entre a tradição e a renovação*. Organização, adaptação e revisão da edição brasileira Roberto C. Fachin, Tânia Fischer. São Paulo: Atlas, 1996. 271p.
- ALVESSON, Mats. *Cultural perspectives on organizations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. 137p.
- ARAÚJO, Luis César de. *Organização & métodos: integrando comportamento, estrutura, estratégia e tecnologia*. São Paulo: Atlas, 1983. 265p.
- BANCAL, Jean. *Proudhon: pluralismo e autogestão, os fundamentos*. Trad.: Plínio Augusto Coelho. Brasília (DF): Novos tempos, 1984. 188p.
- BARBIERI, José Carlos. *Produção e transferência de tecnologia*. São Paulo: Ática, 1990. 181p.
- BAREMBLITT, Gregório F. *Compêndio de análise institucional e outras correntes : teoria e prática*. Rio de Janeiro: Ed. Rosas dos Tempos, 1992. 205p.
- BARROS, Betânia Tanure, PRATES, Marco Aurélio Spyer. *O estilo brasileiro de administrar*. São Paulo: Atlas, 1996. 148p.
- BARROS, Betânia Tanure de et al (Orgs). *A arte brasileira de administrar*. S/I: Fundação Dom Cabral, s/d. p.47-70.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad.: Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1964. 120p.
- BERREMAN. *Desvendando máscaras sociais*. Trad.: Alba Zaluar Guimarães. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. 263p.
- BERTERO, Carlos Osmar. *Teoria da organização e sociedades subdesenvolvidas*. In: Revista de Administração em Empresas (RAE), São Paulo, vol. 7, p.107-35, dez/1967.
- BERTERO, Carlos Osmar. *Influências sociológicas em teoria organizacional*. In: Revista de Administração de Empresas (RAE), Rio de Janeiro, vol. 8, p.22-44, dez/1968.
- BERTERO, Carlos Osmar. *A evolução do poder nas organizações*. In: Revista de Administração de Empresas (RAE), São Paulo, vol.15, p.27-37, nov/dez 1975.
- BERTERO, Carlos Osmar. *Tipologias e teoria organizacional*. In: Revista de Administração de Empresas (RAE), Rio de Janeiro, vol. 21, p.31-38, jan/mar1981.
- BERTERO, Carlos Osmar. *Teoria da organização e sociedades subdesenvolvidas*. In: Revista de Administração em Empresas (RAE), São Paulo, vol. 32, p.14-28, jul/ago 1992.
- BERTERO, Carlos Osmar. *A evolução da análise organizacional no Brasil*. In: Revista de Administração de Empresas, São Paulo, vol. 34, nº3, p.81-90, mai/jun 1994.
- BETHLEM, Agrícola de Souza. *Gerência à brasileira*. São Paulo: MacGraw-Hill, 1989. x+322p.
- BILLER, George Rodrigo de Camargo. *Desenvolvimento de sistemas administrativos*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios, 1991. xii+169p.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 3ªed. São Paulo: Cultrix, 1990. 98p.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1991. 96p.

- BOBBIO, Norberto. *Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política*. Trad.: Marco Aurélio Nogueira. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 173p. vol. 69.
- BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder: ensaio de uma eclesiologia militante*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes Ed., 1982. 250p.
- BURELL, Gibson, MORGAN, Gareth. *sociological paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life*. London: Heinemann, 1980. xii+432p.
- CALDEIRA, Clovis. *Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, 222p. (Brasiliense, série 5ª, vol. 289).
- CARVALHO, Nanci Valadares de. *Autogestão: o nascimento das ONGs*. Trad.: Luiz R. S. Malta e Mônica Ceolotto Golati. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 193p.
- CHANDLER, Alfred. *Ensaio para uma teoria histórica da grande empresa*. (Org. Thomas K. MacCraw) Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. 342 p.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Teoria geral da administração*. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1987. xi+488p. 2 vol.
- CLEGG, Stewart R. *Modern organizations: organizations studies in the postmodern world*. London: Sage Publications, 1990. ix+261p.
- COOK et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais: delineamentos de pesquisa*. 2ª ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987A. xv+117p., vol. 1, 3 v (Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais).
- COOK et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais: medidas na pesquisa social*. 2ª ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987B. xv+133p., vol. 2, 3 v (Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais).
- COOK et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais: análise de resultados*. 2ª ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987C. xv+67p., vol. 3, 3 v (Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais).
- CORRÊA, Rossí Augusta Alves. *Desburocratização e comportamento social*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed., 1980. xvii+153p.
- CROZIER, Michel. *O fenômeno burocrático: ensaio sobre as tendências burocráticas dos sistemas de organização modernos e suas relações na França, com o sistema social e cultural*. Trad.: Juan A. Gili Sobrinho. Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1981. 449p., vol. 2 (Coleção Sociedade Moderna).
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. xxvi+839p.
- D'ARAÚJO, A. Luiz. *Princípios de organização*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1974. 97p.
- DURKHEIM, Emile. *Da divisão do trabalho social*. In: J. A. GIANNOTTI (org). Durkheim. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1983.
- ETZIONI, Amitai. *Organizações modernas*. Tradução de Miriam L. Moreira Leite. 6ª ed São Paulo: Pioneira, 1980. 190p
- ENGELS, F. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. 9ª ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1988. 80p.
- ENRIQUEZ, Eugéne. *L'Organisation en analyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. 334p.

- ENRIQUEZ, Eugéne. *A organização em análise*. Trad. : Francisco da Rocha Filho. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997. 302p.
- ETZIONI, Amitai. *Organizações complexas: estudo das organizações em face dos problemas sociais*. Trad.: João Antonio de Castro Medeiros. São Paulo: Atlas, 1981. 466p.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1987. xii+397p. (2 vol.).
- FARIA, A. Nogueira de. *Organização de empresas: organização - estruturas e sistemas*. 7ªed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980. 357p.
- FARIA, José Henrique de. *O autoritarismo nas organizações*. Curitiba (PR): Criar Edições, 1985A. 195p.
- FARIA, José Henrique de. *Relações de poder e formas de gestão*. Curitiba (PR): Criar Edições, 1985B. 87p.
- FAYOL, Henri. *Administração industrial e geral*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1968. 183p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. xviii+1489p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1995. xii+687p.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família Brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 22ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1983. xciv+553+LXXXIXp.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Dicionário de ciências sociais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1987. xx+1421p.
- GREGÓRIO, José (Pe.)(professor José Cerqueira Cappelle). *Contribuição indígena ao Brasil: lendas e tradições – usos e costumes – fauna e flora – língua – raízes – toponímia – vocabulário*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1990. 3v.
- GUILLERM, Alain e BOURDET, Yvon. *Autogestão: uma mudança radical*. Trad.: Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Zahar R. editores, 1976. 229p.
- GUIRAUD, Pierre. *A semiologia*. Trad.: Filipe C. M. Silva. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1926. 147p.
- GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. Trad.: Roberto Gambini. Rio de Janeiro: Achiamé Ed., 1978. 154p.
- HANDY, Charles B. *Como compreender as organizações*. Trad.: Helena Maria C. M. Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 498p.
- HASSARD, John. *Sociology and organizations theory: positivism, paradigms and postmodernity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. xi+168p.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 17ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984. xxv+158p. (Coleção Documentos Brasileiros, vol 1).
- HOSMER, La Rue T. *Strategic management: text and cases on business policy*. New Jersey: Prentice-Hall, 1982. xviii+758p.
- JOHNSTON, Kenneth. *Derrote a burocracia: como vencer o pior inimigo de sua empresa*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Ediouro Ed., 1994. 191p.

- KATZ, Daniel, KAHN, Robert L. *Psicologia social das organizações*. Trad.: Auripebo Simões. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1978. 551p.
- KRAUSZ, Rosa R. *Poder nas organizações*. São Paulo: Nobel Ed., 1988. 71p.
- KRAUSZ, Rosa R. *Compartilhando o poder nas organizações*. São Paulo: Nobel, 1991. 108p.
- LAPASSADE, Georges. *Grupo, organizações e instituições*. Trad.: Henrique Augusto de Araújo Mesquita. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1989. 316p.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1975. xvii+270p. (série 1, vol 2).
- LEBRUN, Gérard. *O que é poder*. Trad.: Renato Janine Ribeiro, Silvia Lara Ribeiro. São Paulo: Abril Cultural e Brasiliense, 1984. 128p.
- LERNER, Walter. *Organização, sistemas e métodos*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1977. 189p.
- LODI, João Bosco. *Lobby & holding: as bases do poder*. São Paulo: Livraria Pioneira de Administração e Negócios Ed., 1973. xi+115p.
- LODI, João Bosco. *Anti-administração*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. 110p.
- LODI, João Bosco. *História da administração*. 7ª ed. São Paulo: Pioneira, 1981. ix+217p.
- LUPORINI, Carlos Eduardo Mori, PINTO, Nelson Martins. *Sistemas administrativos: uma abordagem moderna de O&M*. São Paulo: Atlas, 1985. 239p.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Trad.: Sérgio Magalhães Santeiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Ed., 1986. 330p.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *Participação na gestão: o discurso oficial brasileiro*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Administração Pública, 1987. 225p. (Dissertação de Mestrado).
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Trad.: Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. 579p. 2 vol.
- MARX, Karl. *Miseria de la filosofia: respuesta a la "Filosofia de la Miseria" del señor Proudhon*. URSS: Editorial Progreso, 1981. 200p.
- MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Trad.: José Barata-Moura e Eduardo Chitas. 2ª ed. Lisboa-Moscovo: Edições Avante!, 1982. 161p.
- MARX, Karl. *A burguesia e a contra-revolução*. Trad.: J. Chasin e M. Dolores Prades e Márcia Valéria Martinez de Aguiar (prefácio J. Chasin). São Paulo: Editora Ensaio, 1987. 86p.
- MAXIMINIANO, Antonio Cesar A. *Introdução à administração*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1985. 317p.
- MC LUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação: como extensões do homem*. Trad.: Décio Pignatari. 10ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1992. 407p.
- MEIRELLES, Bolivar Marinho Soares de. *Teoria da administração: um enfoque epistemológico*. In: *Política e Administração*, Rio de Janeiro, vol. 3, nº4, p.57-64, 1998.
- MILLER, Harry. *Organização e métodos*. 5ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1976. 347p.

- MINTZBERG, Henry. *The structuring of organizations: a synthesis of the research*. United States of America: Prentice-Hall International Editions, 1979. xvi+512p.
- MINTZBERG, Henry. *Structure in fives: designing effective organizations*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1993. vii+312p.
- MIRANDA, Geraldo Inácio Mac-Dowell dos Passos. *Organização e métodos*. 5ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 1980. 484p.
- MÖLLER, Renato Cesar. *A representação social do fenômeno participativo em organizações públicas do Rio de Janeiro* (dissertação de mestrado em administração). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 28 dez 1995. 93p.
- MORGAN, Gareth. *Riding the waves of change: developing managerial competencies for a turbulent world*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1988. xvii+213p.
- MORGAN, Gareth. *Creative organization theory: a resourcebook*. London: Sage Publications, 1989A. 369p.
- MORGAN, Gareth. *Images of organization*. London: Sage Publications, 1989B. 423p.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.
- MOTTA, Fernando C. Prestes. *Teoria geral da administração: uma introdução*. 9ª ed. São Paulo: Pioneira, 1981. xi+213p.
- MOTTA, Fernando, C. Prestes. *O que é burocracia*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense ed., 1982. 116p., vol. 21 (coleção primeiros passos).
- MOTTA, Fernando C. Prestes, PEREIRA, Luiz Bresser. *Introdução à organização burocrática*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986A. 310p.
- MOTTA, Fernando C. Prestes. *Organização e poder: empresa, estado e escola*. São Paulo: Atlas, 1986B. 144p.
- MOTTA, Fernando C. Prestes. *Teoria das organizações: evolução e crítica*. São Paulo: Pioneira, 1986C. xi+112p.
- MOTTA, Fernando C. Prestes, CALDAS, Miguel P. *Cultura organizacional e cultura brasileira*. São Paulo: Editora Atlas, 1997. 325p.
- MOTTA, Fernando C. Prestes, ALCADIPANI, Rafael. *Jeitinho brasileiro, controle social e competição*. In: *Revista de Administração de Empresas (RAE)*, São Paulo, vol. 39, nº 1, p.6-12, jan/mar 1999.
- MOTTA, Paulo Roberto. *Planejamento organizacional: dimensões sistêmico-gerenciais*. Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de recursos Humanos, 1979. 248p.
- MOTTA, Paulo Roberto. *Gestão contemporânea: a ciência e a arte de Ser Dirigente*. 6ªed. Rio de Janeiro: Record, 1995. 256p.
- MOTTA, Paulo Roberto. *Transformação organizacional: a teoria e a prática de inovar*. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1998. xxii+224p.
- NADLER, David A. et al. *Arquitetura organizacional: a chave para a mudança empresarial*. Trad. : Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1994. 265p.

- NEWMAN, William H. *Ação administrativa: as técnicas de organização e gerência*. Trad.: Avelino Corrêa. 2ªed. São Paulo: Atlas, 1969. 478p.
- NOBREGA, Clemente. *Em busca da empresa quântica: analogias entre o mundo da ciência e o mundo dos Negócios*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 384p.
- O'SHAUGHNESSY, Jonh. *Organização de empresas*. Trad.: Augusto Reis. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1976. 218p.
- PAGÈS, Max et al (Orgs). *O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. Trad.: Maria Cecília Perreira Tavares, Sônia Simas Favatti. São Paulo: Atlas Ed., 1987. 234p.
- PARKINSON, C. Northcote. *A lei de Parkinson*. Trad.: Silveira Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970. xi+103p.
- PERREIRA, Maria José L. Bretas. *Mudança nas instituições empresa & gerente*. São Paulo: Nobel, 1988. 94p. (vol 3).
- PERROW, Charles B. *Análise organizacional: um enfoque sociológico*. Trad.: Sônia Fernandes Schwartz. São Paulo: Atlas, 1976. 225p.
- PESSOA, Fernando. *Estatização, monopólio, liberdade e outros estudos sobre economia e administração*. São Paulo: Editora Giordano, 1992. xxxviii+18p.
- PÓLVORA, Hélio. *Camudos revisitada: romance ou história?* In: *A Tarde - Cultural*, Salvador, 16 mai 1998. p.7.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976. xiii+229p.
- RAMOS, Alberto Gerreiro. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Trad.: Mary Cardoso. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981. xxi+209p.
- RAMOS, Gerreiro. *administração e contexto brasileiro: esboço de uma teoria geral da administração*. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1983. xii+366p.
- RIBEIRO, Carlos R. M. *Empresa holística*. 2ª ed. São Paulo: Vozes, 1990. 169p.
- RIBEIRO, Darci. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras Ed., 1995. 470p.
- ROSENBERG, Jerry M. *Dictionary business and management*. 2ª ed. New York: John Wiley & Sons, 1983. xv+631p.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Imaginário e dominação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ed., 1978. 114p.
- SAMPSON, Anthony. *O homem da companhia: uma história dos executivos*. Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 411p.
- SEGNINI, Liliana. *A liturgia do poder: trabalho e disciplina*. São Paulo: Editora da PUC (EDUC), 1988. 187p.
- SEGUIER, Jaime de. *Diccionario práctico ilustrado: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro*. Lisboa: Empresa do Dicionário Prático Ilustrado, 1910, viii+1756p.

- SIMERAY, J. P. *A estrutura da empresa: princípios e definições tipos de estruturas e organogramas*. Trad.: Gilberto Luiz J. Heilborn. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. xvii+246p.
- SIMON, Herbert. *Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1979. xvii+277p.
- TAYLOR, Frederic Winslow. *Princípios da administração científica*. Trad.: Arlindo Vieira Ramos. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 1966. 157p.
- TERSARIOL, Alpheu. *Novíssimo dicionário da língua portuguesa ilustrado*. 5ª ed. São Paulo: Libra Empresa Editorial Ltda., 1971. 1001p. 3º vol.
- THOMAZ, Wood Jr. et al (Org). *Mudança organizacional: aprofundando temas atuais em administração de empresas*. São Paulo: Atlas, 1995. 260p.
- TRAGTENBERG, Maurício. *Burocracia e ideologia*. São Paulo, Editora Ática, 1980. 232p. n° 9 (coleção ensaios).
- TRAGTENBERG, Maurício. *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Cortez Ed., 1989. 204p.
- VASCONCELLOS, Eduardo, HEMSLEY, James R. *Estruturas das organizações: estruturas tradicionais, estruturas para inovação, estrutura matricial*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios e Editora da Universidade de São Paulo, 1986. xiii+208p.
- VILAÇA, Marcos Vinicius, ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. *Coronel, coronéis*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense (EDUFF), 1988. 233p.
- WAHRLICH, Beatriz M. de Souza. *Uma análise das teorias de organização*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1977. xxi+175p.
- WOOD, Thomaz Jr. et al.(orgs). *Mudança organizacional: aprofundando temas atuais em administração de empresas*. São Paulo: Atlas ed., 1995. 260 p.
- ZALESNIK, Abraham, DE VRIES, Manfred F. R. Kets . *O poder e a mente empresarial: como líderes e executivos acumulam e usam o poder*. Trad.: Regina Chiquetto e Oswaldo Chiquetto. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973. Xii+226p.

3 - METODOLÓGICA

- ALBERTI, Verena. *História oral: A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora CPDOC, 1989. x+202p.
- BEAUD, Michel. *Arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário*. Trad. : Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 184p.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Hector. *Os métodos da história*. Trad. : João Maia. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 530p.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 143p.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, 508p.

- COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. *Max Weber e a História*. Trad. : Eduardo Biavati Pereira. São Paulo: Brasiliense, 1995. 160p.
- DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1987. 118p.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 1989. 288p.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. xv+170p.
- FERREIRA, Marieta de Moraes et al (Orgs). *Entrevistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994. xi+172p.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. xxv+304p.
- GAY, Peter. *O Estilo na História*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 239p.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. 208p.
- GOFF, Jacques le, NORA, Pierre. Trad. : Henrique Mesquita. *História: Novas Abordagens*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995. 200p.
- GOODE, William J., HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. Trad. : Carolina Martuscelli Bori. 7ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. xi+490p.
- HOBBSBAWM, Eric. *Sobre a história*. Trad. : Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 336p.
- MORGAN, Gareth. *Beyond method: strategies for social research*. United States of America: Sage Publications, 1983. 424p.
- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manuel de recherche en sciences sociales*. Paris: Dunod, 1988. 271p.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Trad. : Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998. 264p.
- WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. Trad. : Augustin Wernet. São Paulo: Cortez Editora e Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992. 2 v.
- ZAJDZNAJDER, Luciano. *Métodos do pensamento ou gerência do pensamento*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1992. iv+27p.

ANEXOS

Anexo i

*Registro de Batismo de Antonio Vicente Mendes Maciel
(fac-símile). Quixeramobim, 22 de maio de 1830*

BATISTÉRIO DE ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL

Cortezia do professor Marum Simão - Quixeramobim (CE)

Aos vinte e dois de Maio de mil oitocentos e trinta baptizei, e pus os Santos
Antônio Oleos, nesta Matriz de Quixeramobim, ao parvulo, Antonio, pardo,
nascido aos treze de Março do mesmo anno supra, filho natural de
Maria Joaquina, ferida. Padrinhos: Gonçalo Nunes Leitão Junior,
e Maria Francisca de Paula, da que para constar, fis este termo
em que me assignei.

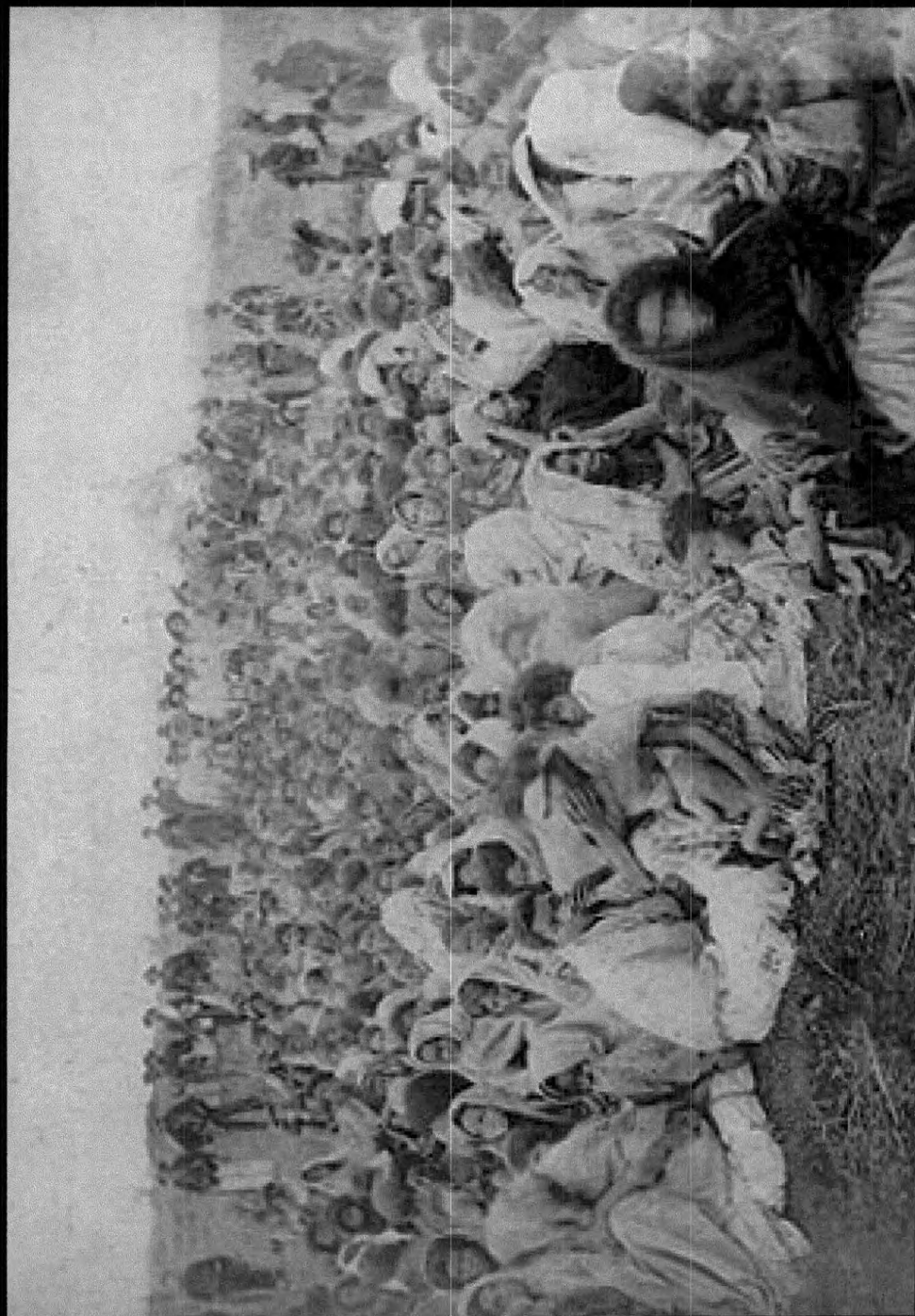
O vigr.º Domingos Alvares Vieira.

"Aos vinte e dois de Maio de mil oitocentos e trinta baptizei e pus os Santos Oleos, nesta matriz de Quixeramobim, ao parvulo, Antonio, pardo, nascido aos treze de Março do mesmo anno supra, filho natural de Maria Joaquina. Forão Padrinhos: Gonçalo Nunes Leitão Junior e Maria Francisca de Paula, do que para constar, fis este termo em que me assigno.

O vigr.º Domingos Alvares Vieira."

Anexo ii

*As prisioneiras. Foto de Flávio de Barros
Canudos, outubro de 1897*



AS PRISIONEIRAS - FLÁVIO DE BARROS, CANUDOS, 1897

Anexo iii

- 'Passaporte' do Comité Patriótico da Bahia:*
iii.1 – *Capa (Jornal de Noticias, Bahia – Lellis Piedade)*
iii.2 – *Contra-capa (foto do Secretário do Comitê)*
Bahia, 12 de janeiro de 1898



Comité Patriótico da Bahia

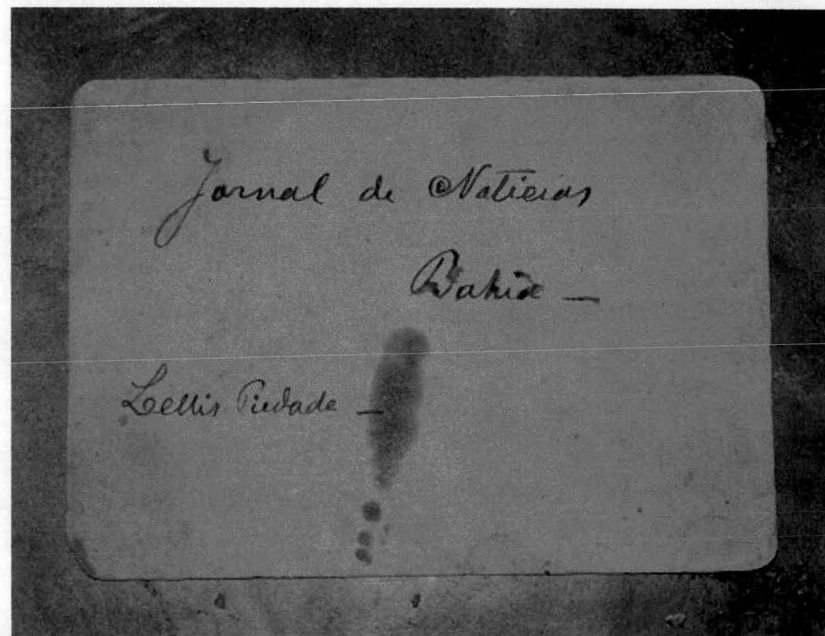
Em 12 de janeiro de 1898

Tendo este 'Comité' resolvido enviar para as suas terras a sra. Josepha Maria de Jesus, em companhia de suas filhas Joana Maria de Jesus e Maria Cardoso de Jesus e Antonia Maria de Jesus, pede as dignas autoridades do Centro do Estado de [protegerem-nas (?)] em qualquer emergencia.

Agradecendo a proteção que por ventura fôr [dispensada (?)...ilegível] meus protestos de consideração.

Leellis Piedade

Secretº. do "Comité P. da Bahia"



Anexo iii.3

*'Passaporte' do Comité Patriótico da Bahia:
Emitido em nome de Josepha Maria de Jesus e filhas (citadas nominalmente)
Bahia, 12 de janeiro de 1898*

Comité Patriótico da Bahia

Em 12 de Janeiro de 1898

Tendo este 'Comité' recebido encargo para
as suas terras a sr. Josepha Maria de Jesus, em
companhia de suas filhas Joana Maria de Jesus,
Maria Cardoso de Jesus e Antônia Maria de Jesus,
pede ás dignas autoridades do Centro da cidade
de proteção em qualquer emergência.

Agradecendo a proteção que porventura for
seus protectores do condidamento

Assinatura
Secret: do 'Comité P. da Bahia'

Anexo iv

*Habitação em Canudos. Foto de Flávio de Barros
Canudos, outubro de 1897*



HABITACÃO DE CANUDOS – FLÁVIO DE BARROS. 1897

Anexo v

Antônio Conselheiro (retratos):

***v.1 – “Fiel retrato de Antonio Conselheiro”
Gazetinha, Porto Alegre, 10 de outubro de 1897***

***v.2 – Biblioteca Nacional, Seção de Manuscrito
(documento: I – 6 – 1 - Nº 74, 34-61)***



Acima: Fiel Retrato do Fanático Antonio Conselheiro. In: *Gazetinha*, Porto Alegre, Anno VII, N° 47, 10 de outubro de 1897.

À direita: Retrato, provavelmente apócrifo, do profeta. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, documento I-6-1-N° 74, 34-61.



Reprodução: Paulo Emílio

Anexo v.3

Cadáver exumado de Antônio Conselheiro
Foto de Flávio de Barros, Canudos, 6 de outubro de 1897

*“ E tremo e choro, pressentindo, forte
vibrar, dentro em meu peito, fervoroso,
esse excesso de vida que é a morte...”*

Euclydes da Cunha
(Soneto, 1890)

